

QUADROS E CHRONICAS



MELL MORAES FILHO

MELLO MORAES FILHO

---

# QUADROS E CHRONICAS

Com um « estudo »

POR

Sylvio ROMÉRO

---

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA-CESAR, 71

E

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS

A  
B869.4

M827

Q 18-?

Ficam reservados todos os direitos de propriedade

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado  
sob número..... 8207  
do ano de ..... 1946



# MELLO MORAES FILHO

## ESTUDO

---

É um dos auctores mais conhecidos da litteratura contemporanea brasileira. É filho do historiador de igual nome.

Por ter sido este a principio um homem de bons haveres, não se julgue ter o filho gozado de larguezas e facilidades para educar-se. Bem pelo contrario.

O velho Mello Moraes decahiu rapidamente de fortuna, por motivos que não vêm ao caso aqui expôr, e o filho teve de lutar com immensos embaraços para instruir-se e abrir caminho na sociedade. Sua juventude foi dura e acabrunhada.

Feitos alguns estudos preliminares, matriculou-se no Seminario de S. José do Rio de Janeiro (1). Chegou a receber todas as ordens menores e a prégar sermões em algumas de nossas igrejas. Justamente como Laurindo Rabello.

Em 1867 obteve cartas demissorias para se ir ordenar na Bahia. Por esse tempo já cultivava a

---

(1) Mello Moraes Filho nasceu na Bahia em 1844 e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1853.

poesia em que tinha sido iniciado por Laurindo, Constantino de Souza e, acima de todos, Bittencourt Sampaio.

Na velha S. Salvador o nosso quasi padre travou relações com Lapa Pinto, Castro Alves, Moniz Barreto, Mendonça e Carvalhal; metteu-se nas *republicas* d'estudantes, na litteratura, e deixou de tomar as ordens de presbytero. Tinha renunciado á sua carreira. Mas era só externamente; elle illudiu-se a si proprio; no fundo, intimamente, continuou a ser, o que ainda hoje é, um verdadeiro padre, mais padre do que muitos dos que ahi andam de batina e dizem missas.

Desfeito o designio de ordenar-se, voltou para o Rio, onde começou esse viver difficultoso, impertinente, nullificante da litteratura e do jornalismo em uma terra onde essas cousas existem desorganizadas, nullificadas quasi, pela insidiosa concurrencia estrangeira.

Mais tarde foi contractado para ir em Londres redigir o *Echo Americano*. A residencia na Europa foi-lhe util; extincto o periodico londrino, o poeta passou-se á Belgica, onde fez o curso medico. As difficuldades vencidas então foram muitas, voltando ao Brasil, onde a litteratura tem sido a sua embriaguez.

A principio limitou-se ao puro jornalismo; nos ultimos decennios tem atirado ao publico livros sobre livros. Todos elles se referem ao Brasil sob qualquer de seus aspectos, porque, como have-



mos brevemente devêr, em tudo que este homem tem escripto ha uma determinada intuição de nacionalismo.

Todos os seus livros podem-se reduzir a tres classes: poesias, contribuições ethnographicas, collectaneas para servirem á historia litteraria. Veremos tudo isto rapidamente.

Comecemos pelas collectaneas, que se reduzem a tres : *Curso de Litteratura Brasileira, Parnaso Brasileiro, o Dr Mello Moraes — homenagens e juizos posthumos*. Sobre este ultimo nada ha a dizer ; é uma simples obra de piedade filial.

O *Parnaso Brasileiro* tem defeitos de gosto e de ordem chronologica ; mas é livro util, porque dá uma idéa bem regular da poesia brasileira nos quatro seculos.

O *Curso de Litteratura Brasileira* é obra ao geito do *Cours de Litterature Française* de Charles André, é proprio para as classes de lingua nacional. O auctor teve o bom senso de excluir completamente os escriptores portuguezes.

A este livro faço duas objecções : — a falta de uma classificação scientifica das materias e a ausencia de um resumo historico de nossa litteratura, ou pelo menos notas bio-bibliographicas dos auctores contemplados. A primeira objecção refere-se aos fragmentos em prosa.

Mello Moraes Filho devia acceitar uma boa classificação das sciencias, a de Spencer, por exemplo, e em todos os ramos escolher um fragmento ade-

quado sobre cada uma. Depois passar á parte puramente litteraria e descriptiva, tudo em ordem chronologica.

Na parte poetica devia inserir os representantes de todas as nossas escolas nos quatro seculos. O seculo XVIII, por exemplo, está mal representado; não se vê acolá o nome de Gonzaga. Não se diga que elle é portuguez; então Anchieta tambem o é.

O nome do missionario leva-me a falar da grande novidade do livro, as poesias do padre, traduzidas do tupy e do hespanhol. Ahi mesmo noto uma lacuna.

Mello Moraes deveria inserir os textos originaes ao lado da traducção do padre Cunha. Ha todos os indicios de que este não interpretou bem o pensamento de Anchieta. Pelo menos lembro-me de ter isto ouvido da boca do mais abalisado conhecedor do tupy, que possuímos, o Dr. Baptista Caetano.

Em todo o caso, Mello Moraes é benemerito das lettras em ter contribuido para uma melhor comprehensão do typo do jesuita canarim. Anchieta não é de certo o creador de nossa litteratura, como pensa o poeta, é o precursor della.

Uma litteratura em massa não tem nunca um creador; tem elementos e tem orgãos. Os *elementos* da nossa são todas as tradições populares provindas das tres raças que constituíram nossa actual população, tradições modificadas pelo meio e pela mestiçagem.

Os *orgãos* são os espiritos autonomicos que hão contribuido para a nossa differenciação nacional.

O Dr. Araripe Junior adduziu algures uma consideração para o estudo do character do padre José, e vem a ser uma certa tendencia *jogralesca* de seu espirito.

O achado não será, talvez, de todo infundado; mas n'este ponto, devemos desconfiar de duas cousas. Primeiramente, é sabido que no tempo de Anchieta a *farça*, a *chacota*, a *satyra* erão generos litterarios em moda, impunham-se até aos espiritos mais serios, ainda que não estivessem em harmonia directa com o character do poeta. Era pouco mais ou menos o mesmo que em sentido opposto vimos no tempo do romantismo decadente, quando a *lamuria affectada* fez-se moda.

Rapazes nedios, sanguineos, sadios, folgazões, desses que, segundo o adagio, *não mandam seu quinhão ao vigario*, choramingavam para ahi, que era uma verdadeira calamidade. Entretanto, tudo falso! Quem nos dirá que as *jogralices* do padre não estejam n'esse caso, não exprimam antes um resultado do systema litterario do tempo do que um temperamento verdadeiramente *terenciano*? Demais, o Dr. Araripe abusá muito d'este genero de explicações. Quasi em tudo elle descobre o *humour*, a *facecia*; os termos *jogral*, *jogralices* vem a miudo ao bico de sua penna. Quando tratou dos nossos romances *sertanejos anonymos*, elle fundou sua theoria na *jogralidade*.

Agora com Anchieta o mesmo ; ainda ha pouco o mesmissimo, explicando a *Guerra dos Mascates* de Alencar. É uma preocupação evidente do critico.

É bem certo que o *Curso de Litteratura* tem lacunas ; mas, em compensação, tem grandes meritos ; é o transumpto de uma bibliotheca inteira. Especialmente a litteratura do segundo reinado está bem representada. Estão ali excerptos de mais de cem escriptores. O *prefacio* é bem escripto e alentado de boas idéas em sua quasi generalidade.

As melhores obras de Mello Moraes Filho são as de contribuição ethnographica e, acima de todas, as de poesia. Os livros de ethnographia são — *Cancioneiro dos Ciganos, Os Ciganos no Brasil, Festas e Tradições Populares do Brasil*. Digamos d'elles rapidamente (1).

Todo e qualquer estudo que contribúa para o esclarecimento das populações nacionaes, todo e qualquer esforço para fazer a luz sobre as origens, os costumes, a psychologia de nossas classes populares, deve ser bem recebido e encorajado.

A despeito de alguns trabalhos emprehendidos por geographos, geologos, ethnologos e linguistas nacionaes, o Brasil ainda não conhece bem o seu territorio, nem sabe as filiações das tribus indias e africanas, que lhe constituíram grandissima parte da população.

---

(1) D'este numero é o actual volume.

As observações e pesquisas directas são entre nós bem poucas, ainda mettendo em conta as levadas a effeito por europeus e anglo-americanos, longa ou limitadamente residentes no paiz.

Tomada a ethnographia como base para os estudos historicos e sociaes, quantos problemas não estão ahí a tentar-nos!

O povo brasileiro é o resultado de muitos factores physica e moralmente.

Que devemos aos portuguezes, aos negros, aos indios?

Seriã necessario responder a estas questões e elucidal-as a fundo, sob todos os aspectos. Seria até preciso subdividir cada um d'aquelles problemas capitaes.

Entre os portuguezes vêr a acção dos ilhéos, dos minhôtos e transmontanos, dos alemtejanos, dos algarvios, suas migrações para o Brasil, as direcções de suas correntes, suas preferencias para estabelecerem-se n'esta ou n'aquella provincia, nos tempos da colonia e ainda hoje.

Praticar o mesmo para com os negros; verificar a acção das diversas tribus africanas, suas modificações no meio americano, suas linguas, sua aptidão intellectual, etc.

Qual a contribuição dos negros da costa oriental e qual a dos negros das costas do occidente? Dos negros do grupo *bantú*, do grupo *felupo*, do grupo *mandé*, etc.? Dever-se-hia responder.

Idêntico processo para os indigenas. Quaes as raças prehistoricas, e os seus representantes actuaes? E quaes os povos invasores em suas diversas raças, e a contribuição de cada uma d'ellas?

Feito isto, estaríamos muito longe de ter esgotado o assumpto. Restaria ainda e sempre investigar o que devemos aos hollandezes, que senho-rearam durante annos quasi todo o norte do Brasil. A estada dos francezes no Maranhão não deixou ali vestigios de qualquer ordem, não modificou de qualquer fórma as populações d'aquella provincia?

Quanto a francezes, que lhe devemos pela acção intellectual de seus livros, de sua litteratura, que imitamos, de seus costumes, de suas modas, que macaqueamos?

A vizinhança dos hespanhóes nas provincias das fronteiras não actúa em qualquer gráo sobre os povos proximos?

Quanto a hespanhóes, a imitação de sua poesia pelos auctores nacionaes no seculo XVII nada influiu? E o tempo em que pertencemos á Hespanha nada produziu?

As colonias allemãs do Rio Grande, de Santa Catharina, Paraná e S. Paulo não exercem acção alguma? E o contingente italiano, que tende a crescer?

É mister determinar tudo isto, e ainda assim não ficarão exauridos os nossos problemas ethnographico-historicos.

O alvo do auctor n'estes estudos foi provar que no corpo da poesia, contos, lendas e tradições populares do Brasil não devemos contar, como eu proprio havia feito, sómente com portuguezes, africanos, indios e mestiços d'estas tres raças; devemos contar tambem com um factor geralmente esquecido, o cigano.

Elle tem razão; creio, porém, que exagerou algum tanto as cousas em certos pontos.

Podemol-o bem apreciar no capitulo consagrado ao estudo das superstições. O auctor dá ahi uma importancia por demais saliente ao contingente *calão*.

É verdade que elle cita uma boa porção de superstições que suppõe produzidas pelos ciganos.

Não sei, nem é possivel saber, se tem razão n'este ponto; porquanto faço esta observação: as referidas superstições nos vieram de Portugal, d'onde tambem vieram os ciganos, de fórma que a questão reduz-se a estes termos: — as superstições, pragas, orações e parlendas, vindas da metropole, foram alli uma obra dos ciganos?

Esta pergunta não poderá ter jámais uma resposta scientifica, porque presuppõe uma questão ainda mais geral, que é esta: a que povo ou a que raça deve-se attribuir a origem das superstições, ainda hoje existentes no meio das populações da Europa? É de boa critica attribuil-as a uma raça primitiva especial? Não serão antes uma collaboração de muitos e variados factores? Mello

Moraes levantou, pois, no Brasil uma questão insolúvel.

Tudo que em nosso paiz se refere a negros só poderá ser proficuamente estudado n'Africa; tudo que se reporta a portuguezes só póde ser bem pesquisado em Portugal.

Ora, os ciganos, que se transportaram para o Brasil, eram portuguezes, o que importa dizer que já vinham desfigurados, complicados ethnographicamente, cheios de idéas e sentimentos extranhos.

A despeito d'estas reduccões que faço, a contribuição ethnographica — *Os Ciganos no Brasil* — e livro que merece ser lido; porque encerra bellas paginas e interessantes informações.

Ainda no terreno da ethnographia falta-me dar uma rapidissima idéa do livro — *Festas e Tradições Populares do Brasil*.

Muitas são as festas descriptas. *A noite de Natal, A vespera de Reis, S. Sebastião, O Entrudo, O carnaval, Quinta-feira Santa, Sexta-feira da Paixão, A festa do Divino, A procissão de S. Jorge, A vespera de S. João, O dois de Julho, O sete de Setembro, O dia de finados* são as principaes.

Por este quadro bem claro se vê que d'estas festas apenas em cinco (*Natal, Reis, S. João, Espirito Santo e Entrudo*) ha folganças de cunho verdadeiramente popular.

As outras são festas de Igreja e festas patrio-



Faltaria, por outro lado, determinar a indole, o character, o impulso das populações mestiçadas, ponto capital da nossa vida de nação.

Todas estas questões constituem um trabalho colossal, que só poderá ser feito aos fragmentos e no decurso de varias gerações.

É o grande estudo da demographia apenas iniciado e no Brasil.

Mello Moraes Filho, poeta cultor do nacionalismo patrio, tem-se dedicado a estes assumptos.

Tomou para objecto de suas pesquisas a raça mais ou menos nomada dos *ciganos*, que são mais abundantes no Brasil do que geralmente se pensa.

Por pouco que tenham os *ciganos* contribuido para o conjuncto da intuição intellectual das classes mais obscuras de nosso povo, ainda assim apresenta um grande interesse o estudo d'essa raça, que constitue no velho mundo um dos problemas mais intrincados da ethnographia.

Especialmente na Hespanha e nos paizes slavos, os *tszganos* existiram desde os mais antigos tempos em numero consideravel. Mais ou menos mesclados, ou mais ou menos puros, no exercicio de certas industrias, na originalidade de seu viver, na singularidade de sua musica, de suas danças, de sua poesia, elles não deixaram de influir sobre o espirito popular dos slavos e hespanhóes, para não falar de outras nações.

Têm sido o objecto de uma litteratura inteira ; sua lingua, seus costumes, crenças, festas, danças,

musica, hão sido o assumpto de muitas publicações interessantes. O ponto mais obscuro é o de sua origem e filiação ethnographica, de suas migrações primitivas.

*O Cancioneiro dos Ciganos* é uma porção de quadrinhas divididas em tres series — *Lyricas, elegiacas, funerarias*. É bem verdade que o collector é amigo de alguns ciganos existentes n'esta cidade e por intermedio d'elles pode relacionar-se com os restos da população d'essa raça existentes no Rio de Janeiro.

O livro offerece, pois, as garantias de uma pesquisa directa e pessoal. As quadrinhas reproduzidas foram ouvidas e collegidas pelo próprio auctor. Aquillo tudo é sincero e de primeira mão. E, todavia, tenho duas objecções a oppôr.

A pequena população cigana aqui da *cidade nova*, já mestiçada, sedentaria, desviada de seus habitos primitivos, será um exemplar ethnologico digno de confiança?

As quadrinhas que repete, feitas em lingua portugueza, serão todas produzidas por ciganos? Não serão muitas aprendidas das populações que os cercam? Limito-me a perguntar.

O livro *Os Ciganos no Brasil* constitue a parte critica da obra do auctor por este lado. Acha-se dividido em quatro partes: — *Actualidade e tradições, Trovas ciganas, Novo cancioneiro, Vocabulario*. A primeira e a ultima são as mais apreciaveis.

deixa-se ver bem claro a direcção geral do seu espirito litterario. Emquanto os actuaes auctores patrios quasi todos se atiram esfaimados á busca de um ideal, ou de uma norma no estrangeiro, Mello Moraes entesou seu arco e arrojou a setta n'uma só direcção, e esta direcção é o corpo d'este paiz, a alma d'este povo, o coração d'esta patria. Amar, estudar, descrever esta terra é o seu ideal de artista. E n'este afan, n'este lutar pelo brasileirismo, o passado, as tradições, o viver extincto das gerações que foram, prendem-se-lhe mais ao coração do que o spectaculo da vida presente. Vamos ainda mais aprecial-o, estudando o poeta.

Por esta face estudado, o auctor dos *Cantos do Equador* e dos *Mythos e Poemas* é de ordinario collocado no grupo dos condoreiristas, como sectario de Castro Alves. Isto não é exacto, ou só é admissivel em diminuta parte.

Quando em 1867 os dois poetas se encontraram na Bahia, já Mello possuia fundamentalmente o systema poetico que até hoje tem conservado.

Este systema encerra dois elementos principais : certa disposição phantasista dos quadros e scenas, determinado aferro a assumptos nacionaes. Aquelle foi aprendido dos romanticos em geral e este em particular de Bittencourt Sampaio.

Segundo confissões do proprio poeta, tal foi o auctor que mais influiu na sua technica artistica.

A acção de Castro Alves, si existiu, é quasi ina-

preciavel. Admittida, confessada aquella outra influencia estranha, na obra poetica de Mello Moraes, ainda lhe ficam elementos proprios, de caracter autonomico e original.

Tem mais força do que Bittencourt Sampaio e mais graciosidade e intuição brasileira do que Castro Alves.

A tendencia para os assumptos nacionaes, a disposição do espirito para reflectir os sentimentos, os affectos, as effusões d'alma nacional, era em nosso poeta uma predisposição nativa.

Foi talvez reforçada com a leitura das *Flores Sylvestres* do lyrista sergipano; mas o que acabou por aferral-o completa e definitivamente ao nacionalismo patrio foi a leitura dos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* do auctor d'estas linhas, publicados na *Revista Brasileira* no correr do anno de 1879.

Estes impulsos externos não crêaram no espirito do poeta, repito, inclinações e attitudes novas; reforçaram apenas tendencias originaes e instinctivas.

De 1880 em diante a producção litteraria de Mello Moraes triplicou e tudo trouxe a côr de suas affeições intimas, que era a côr do céu de sua patria.

Seus dois livros de poesias são os *Cantos do Equador* de 1881 e os *Mythos e Poemas* de 1884.

A critica de taes livros já está implicitamente feita, no que até aqui temos dito do auctor; mas

é preciso insistir, porque a cousa vale bem a pena.

O talento principal de Mello Moraes é o talento de poeta; a nota fundamental de sua arte é o lyrismo nacionalista. Dizer isto é dizer muito; mas este muito é ainda bem pouco para definir a indole d'essa poesia.

Ser *nacionalista* é cousa que se tem dito de muito poeta e litterato, e muitas vezes sem razão. Em nosso auctor o nacionalismo exhibe qualidades especiaes.

Primeiramente, elle é um nativista n'uma época em que esta qualidade, para muitos, parece ser um crime, n'uma época de alheiação quasi completa do character nacional, prostituido, aviltado por um sem numero de imitações e de bajulações a estrangeiros. Litteratos e politicos têm perdido a cabeça atraz do sonho pernicioso do estrangeirismo.

A mania do povoamento a todo transe nos politicos, a molestia de plagiar nos litteratos têm abastardado completamente certa parte de nossos homens publicos n'uma e n'outra esphera. Felizmente ha hoje, como sempre, o grupo dos que protestam e o nosso poeta é d'este numero.

Outra qualidade, e essa fundamental do nacionalismo do auctor, é ser elle consciente, assegurado por um plano perfeitamente organizado e seguido á risca.

D'antes os nossos nacionalistas eram duplamente lacunosos : não abrangiam todos os fa-

ctores da alma brasileira, e, d'aquelles de que tratavam, não passavam das manifestações exteriores.

Em Mello Moraes a critica intelligente vai mostrar que elle escapou a esse duplo motivo de inferioridade.

Antes de tudo, ella notará a existencia completa do quadro dos agentes que constituiram, differenciaram, integraram o nosso povo.

Natureza exterior, indios, negros, colonos e mestiços lá estão. Depois, notará que dos indios, por exemplo, não se poz a descrever usanças meramente secundarias. Reproduziu suas lendas, penetrando-lhes assim na psychologia; quanto aos negros, não declamou sobre o facto da escravidão; observou a vida do captivo e reproduziu-lhe as peripecias principaes.

Entre as poesias que dão conta de scenas de nossa natureza tropical destacam-se: — *Ponte de lianas, A sucuriuba, Tarde tropical, Floresta submergida, Noites do Equador, Tempestade dos tropicos.*

Dentre as que se referem a assumptos indianos avultam: — *O sangue do jaguar, No céu e na terra, A lenda do algodão, A tapéra da lua, A lenda das pedras verdes, A lenda da ab-bora.*

Nas que têm por assumpto o negro, escravo distinguem-se: — *A rêde, A n'pena, A ama de leite, Partida de escravos, Verba testamentaria, O legado da morta, Mãe de criação, A*

*feiticeira, Ingenuos, Escravo fugido, A reza, Cantiga no eito.*

Os assumptos portuguezes apparecem em *Alma penada, Saudação dos mortos, Os Immortaes*. Estes ultimos são dedicados ao centenario de Camões.

Os assumptos de intuição brasiliana particular, intuição mestiça, são os mais abundantes. É bastante referir — *A mulata, A tabarôa, A Caipora, No pouso, O palacio da Mãe d'agua, Bem-te-vi, Trovador do sertão, A sereia do Jaburú, A luz dos afogados, A endemoninhada, A romaria do Bom-Despacho, A vespera de Reis*.

Todos estes assumptos foram tratados com graciosidades e mimos de lyrista.

A fórma é facil e natural; o metro sempre correcto, excepto n'alguns alexandrinos dos muitos que se lêem nos *Cantos do Equador*. Os dos *Mythos e Poemas* são todos correctos.

Falo n'isto porque o poeta foi alvo de violentas criticas, por aquelle motivo, da parte dos nossos *parnasianos*. Para mostrar o exaggerado da censura, basta mostrar que a poesia *Ave-Cesar!* tem noventa e quatro alexandrinos e só um errado! Veja-se, pois, qual a proporção dos erros nas obras do poeta (1).

É já tempo de cital-o sob as suas differentes

---

(1) M. o Moraes prepara uma edição completa de suas poesias, que apparecerão devidamente emendadas.

faces. Comecemos de mais longe, a natureza ;  
eis a *Tarde tropical* :

« É a hora do dia em que das mattas  
Desce a sombra da basta gamelleira,  
E saltando das lapas ás cascatas  
Espadanam das aguas a poeira...  
Em que a onça lambendo as ruivas patas,  
Rente o peito com o chão da cordilheira,  
Encurva o dorso e cerra, ao abandono,  
Os olhos d'ouro, de fadiga e somno...

Em que o indio perdido na savana  
Conta a Tupan seus barbaros segredos...  
E a tarde, bella moça americana,  
Cóa a luz do crepusc'lo em bronzeos dedos !  
Em que as flores vermelhas da liana,  
Da ponte de cipós dos arvoredos,  
Cahindo ao sopro da macia aragem  
S'estendem sob as rêdes do selvagem !...

Hora de amor, de prece, hora de encanto !  
Tu murmuras nos rios transparentes ;  
E tens por voz da guaraponga o canto  
E o ronco das giboias nas vertentes !  
Quando tinges no occaso o claro manto  
E além descambas d'esses céus ardentes,  
Mão de mysterio por velar-te a urna  
Ergue no espaço a lampada nocturna !

É já quasi ao sol posto, quando a terra  
Trescala de selvatica harmonia...  
Que á cascavel que dorme pela serra  
Espanta o silvo da cauan bravia !



E se rugo o jaguár que o fogo aterra,  
Aceso á porta da cabana esguia;  
Retumbam echos nos rochedos fundos,  
— Titans rolando do Equador nos mundos!...

Os cactus em flor, pela clareira,  
S'illuminam de insectos scintillantes;  
E a velha da tribu, a feiticeira,  
Evoca os genios da floresta errantes!  
E se os lumes sinistros da fogueira  
Aos sortilegios lustram mais fumantes,  
As corujas nos ares ululando  
Á face do crescente vão voando!

Hora de amor, de adoração, de crença,  
Ave Maria! — Estrella dos palmares!  
Tu mitigas do escravo a dôr intensa,  
Á santa uncção dos mysticos cantares!  
Quando baixas do céu, a selva immensa  
Manda esperar-te os largos nenuphares...  
E o oceano, na vaga que fluctua,  
Reflecte de teus pés a meia lua!

Nos braços do lethargo, á frouxa luz  
Do sol que morre, — dorme a natureza!  
E as rolas pelas moitas dos bambús  
Arrulam doces cantos de tristeza!  
E o caboclo que leva os filhos nús  
Do Amazonas á rija correnteza,  
Penetrando a floresta, em mudo assombro,  
A um tem pela mão, — traz outro ao hombro!...

Tardes de minha terra! ó prado! ó flores!  
Bosques cheios de sombra e de harmonias!

Valles e serras, magicos vapores,  
 Ninho das garças nas lagôas frias!  
 Vós recordais-me a trilha dos amores,  
 O colmo das deixadas phantasias,  
 Por onde essa illusão que a alma nos cança  
 Pendura as rêdes d'ouro da esperança!

Adeus, ó tarde, adeus! que os horizontes  
 Cobrem do dia morto o corpo algente...  
 Turva neblina róla pelos montes,  
 — Cinzas das azas d'esse sol poente!  
 Ave-Maria! ao céu quando remontes,  
 Da natureza eterna ao hymno ardente,  
 Que a ti subam d'est'harpa os sons finaes  
 Aos enlevos das tardes tropicaes!» (1)

Depois da natureza vem o selvagem e é bom  
 que ouçamos a *Lenda da Abobora* :

« De assalto as sombra, quaes piratas negros,  
 Tomam as matas asperas, bravias...  
 O jaguar como um arco empola o dorso,  
 Se estirando das patas luzidías.

Luzes de estrellas, de macias flammás,  
 Silenciosas brilham pallecentes;  
 Gemem ventos vezanos que aostapuyos  
 São oraculos dos posthumos parentes...

Aos fogos canibaes de cem fogueiras  
 Pendem ramas de trevas cavalgadas;  
 E os caboclos soturnos, nos espetos  
 Viram do morto as regiões tostadas.

---

(1) *Cantos do Equador*, pag. 82.

ticas, queridas do povo, é certo ; mas onde elle é simples espectador.

Mello Moraes tem em alta escala o sentimento nacional ; porém nunca sahiu da cidade da Bahia, onde passou a infancia, e da cidade do Rio de Janeiro, onde reside hoje, dois centros quasi inteiramente improprios para o estudo de tudo quanto se refere ao nosso povo.

Este só pode ser com proveito inquirido e investigado nas villas e aldeias do interior, nas fazendas, nos engenhos, nos *sitios* agricolas, nos sertões, nas praias de pescadores, etc. Mello Moraes tem andado fóra de taes recursos e meios de analyse.

Tudo quanto é possivel colher aqui no Rio entre as classes proletarias, ciganos, negros, velhas pedintes... tem procurado enthesourar. Isto não basta. Parece que elle não viu o povo no seu trabalho, nem no seu folgar no interior do Brasil.

Raramente tem observado um *potirão* para fiagem de algodão, uma *botada* de engenho, umas *partilhas* de rezes em fazendas de criar, um *campear* de vaqueiros, uma *derrubada* de mattas, uma *emenda* de pescaria, uma viagem em *canôas* ao longo de extensos rios, um *safrear* de farinha ou de assucar, um *plantio* e *colhêta* de legumes, emfim um qualquer d'essés muitos afazeres do nosso povo em seus trabalhos, em suas industrias locais.

Tambem pouco terá presenciado o povo a divertir-se ; não viu um *samba* com as suas mil can-

tigas e suas vinte danças diversas, uma festa de casamento na roça, um bando de *Congos* em dia de Reis, um bando de *Tayêras* em dia de Natal e Anno-Bom, um *Bumba-meu-boi* feito em regra, uma festança de *Mouros*, de *Marujos*, um auto do *Cavallo-marinho*, do *Zé-do Valle*, do *Antonio Geraldo*, do *Cégo*, da *Cabrinha*, etc., etc., ainda hoje representados no norte, e em menor escala no sul do Brasil (1).

É pena que o nosso poeta e imaginoso escriptor, com a perspicacia de observação de que é dotado, não haja tido amplos ensejos de estudar as nossas gentes onde ellas se apresentam estremes, puras, originaes, não mescladas ás classes alheiatorias da Capital.

Dispondo apenas dos recursos que póde aqui encontrar, é admiravel que haja conseguido tantas informações, como aquellas que se nos deparam nas *Festas Populares* e nos *Ciganos no Brasil*.

O auctor tem recorrido a velhos do norte, actualmente residentes n'esta cidade, e por via tradicional construiu alguns artigos de seu livro das festas. Por esta fórma descreveu muito bem, por exemplo, o brinquedo dos *Congos* tambem chamados — *Cucumbys*.

Pelo que temos dito até aqui d'este escriptor,

---

(1) Em 1878 em Paraty, na provincia do Rio de Janeiro, e em 1888 na fazenda da *Aratingaúba* (município da Laguna), na provincia de Santa Catharina, vi algumas d'estas folganças populares.

Um rugido no ar... Jacaré torvo  
Da onça o flanco fulvo chicotêa!...  
Partio-lhe a cauda a féra... elle sumio-se,  
Deixando um rastro de sangrenta arêa.

Aos bailos do terreiro, as feiticeiras  
Se encolhem tremulas, atijando as brazas ;  
E grita a *alma perdida* e as aves tontas  
Abrem no espaço rubro as curvas azas.

Em alarido enorme as tribus pavidas  
Enchem de espanto as naturaes paragens ;  
Mutilações de dó... soluços... prantos...  
Nos corpos nús funereas tatuagens !

De Yáia o chefe poderoso, a rêde  
Na cabana lá está — selvagem horto !  
As carpideiras lanham-se, e agachado  
Contempla o chefe Yáia o filho morto.

Não quer vasos de terra ! — as igaçabas  
São a seus olhos miseros sarcophagos ;  
E rincha o *marabá*, e os ritos cumprem-se  
Às dansas funeraes dos anthropophagos.

Guarnecendo a maloca, em altos postes  
As cabeças das victimas fincadas ;  
Os pregoeiros sopram nas buzinas  
P'ra traz vergando as fronteas gateadas.

De quando em quando, em contracções athleticas,  
Um braço armado gira subitaneo ;  
O captivo resiste, e ao resistil-o  
A massa tomba e se estilhaça um craneo!...

Em confusa algazarra os povos incolas  
Na cordilheira buscam tredo acoite ;  
E em torno do defunto os fachos ardem  
De genios mãos' esvasiando a noite.

N'uma abobora desforme  
Abriu-lhe o sepulchro Yáia :  
Foi pertinho da cabana,  
Por baixo da sapueaia:

Sentou-o no seu jazigo,  
Uniu-lhe ao peito os joelhos,  
Com seus colares de dentes,  
Seus diademas vermelhos.

Um bando de pombas bravas  
Mortas ficaram-lhe aos pés;  
A cauan que espanta as cobras,  
Que lucha com as cascaveis.

De flecha e clava e membys  
Cercou a mumia querida :  
Para os combates da morte  
Levava as armas da vida.

E de vêl-o triste, triste,  
Chorando seu filho ahi,  
A rola... as rolas gemiam  
Nas palmas do licury.

Desce o chefe a montanha : a visital-o  
Segue á luz da manhã que além domina ;  
Aqui e alli, mil troncos suarentos  
E o insecto que zumba da matina !

Do rochedo aos degráos sobem vapores,  
— Erma, vasta e fumante escadaria!...  
E o abutre pellado a testa esconde  
Debaixo d'aza voadora e fria!

Yáia prosequio... mas avistando  
A abobora tumular d'esses caminhos,  
Notou que enormes peixes se escapavam  
Da planta cheia de algaças marinhos.

No terror que o agita, o caso infausto  
Leva á óca dos seus, á tribu inteira!...  
E as trompas soam nas quebradas longas  
Suppondo auguros a nação guerreira!

Quatro meninos gemeos que attentavam  
O chefe — partem, sem demora, inquietos,  
Famintos, nús, zebrados, offegantes,  
Á grande pescaria em seus desertos.

Reunem-se os pagés, velhos, mulheres,  
De labio roto e faces taciturnas;  
E enquanto uns trepam no arvoredado excelso,  
Outros se escapam das baixinhas furnas.

Os caboclinhos viram  
A abobora — e sem assombro  
Ergueram-n'a contentes  
Ao pequenino hombro;

Porém do centro o liquido  
Pingando cahe, gotteja,  
E dos milhões de póros  
Mareja, sim, mareja!

E n'isso assoma Yáia  
 Grave, sombrio, quedo;  
 Elles disparam rapidos  
 Com indizível medo,

No chão se abrindo o fructo  
 Que inunda extremos lares...  
 D'est'agua — o mytho barbaro  
 Do Genesis dos mares! » (1)

Depois dos indigenas, os escravos negros e  
 seus soffrimentos.

São d'elles uma copia a *Mãe de criação*; veja  
 mol-a :

« Era já velha a misera pretinha ;  
 Tão extremosa como as mães que o são :  
 Era escrava... porém que amor que tinha  
 Àquelle a quem foi mãe de criação !

Cuidava tanto d'elle... Quando o via  
 Dos estudos chegar, chegar-se a ella,  
 Parece que a ventura se embebia,  
 Como um raio de luz, nos seios della.

Seu filho lhe morrera em tenra infancia...  
 A sorte do captivo é a dos revezes ;  
 Ella o criára, e d'alma n'abundancia  
 O consagrára filho duas vezes.

Quizeram libertal-a ; a liberdade  
 Tomou como uma offensa e não cedeu ;  
 Depois.. « Minha senhora, é caridade  
 Não me apartar do filho que me deu. »

---

(1) *Mythos e Poemas*, pag. 33.



Scismava alegre tanta scisma vaga,  
 Pedia a Deus por elle tanto, tanto,  
 Que só de crêl-o ausente era aziaga  
 A hora que o furtava ao seu encanto...

Mas os tempos passaram ; tudo acaba ;  
 Nem no sonho feliz o foi siquer !  
 Ha filhos-reptís que cospem baba,  
 Lethal veneno a um seio de mulher.

Elle o fizera. Áquella que os vagidos  
 De seu berço acudiu, ó mãis bondosas !...  
 Que velára, acalmando os seus gemidos  
 De criança, nas noites dolorosas,

Levou-lhe ao rosto a mão de matricida !...  
 A pobre velha lá mordêra o chão :  
 — « Com meu sangue de escrava dei-lhe a vida...  
 A seus pés, meu senhor... perdão ! perdão ! » (1)

Além de todos esses, os mestiços occupam largo espaço nas obras do poeta. Não podemos ouvir nada mais além d'*A Mulata* :

« Eu sou mulata vaidosa,  
 Linda, faceira, mimosa,  
 Quaes muitas brancas não são !  
 Tenho requebros mais bellos ;  
 Si a noite são meus cabellos,  
 O dia é meu coração.

(1) *Cantos do Equador*, pag. 125.

Sob a camisa bordada,  
Fina, tão alva, arrendada,  
Treme-me o seio moreno ?  
É como o jambo cheiroso,  
Que pende ao galho frondoso  
Coberto pelo sereno !

Nos bicos da chinellinha,  
Quem vóa mais levesinha,  
Mais levesinha do que eu?...  
Eu sou mulata tafúla ;  
No samba, rompendo a chula.  
Jámais ninguem me venceu

Ao afinar da viola,  
Quando estalo a castanhola,  
Ferve a dança e o desafio ;  
Peneiro n'um molle anceio,  
Vou mansa n'um bambaleio,  
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,  
Sendo de todos captiva,  
Demoro os olhares meus ;  
« Que tentação... que maldieta...  
Bravo ! mulata bonita ! »  
— Adeus, meu yôyô, adeus...

Minhas yáyás da janella  
Me atiram cada olhadella...  
*Ai ! dá-se ?* mortas assim !  
E eu sigo mais orgulhosa,  
Como se a cara raivosa  
Não fosse feita p'ra mim.

Na frente, ainda que baça,  
Me assenta o torço de cassa  
Melhor que c'róa gentil ;  
E eu posso dizer ufana  
Que, qual mulata bahiana,  
Outra não ha no Brasil.

Nos meus pulsos delicados  
Trago coraes engrazados,  
Contas d'ouro e coralinas ;  
Prendo meu panno á cintura,  
Que mais realça á brancura  
Das saias de rendas finas.

Se tenho um desejo agora,  
De meus affectos senhora,  
Sei encontral-o no amor.  
— Ai ! muluta ! ai ! borboleta !  
É tua sina inquieta,  
Tu pousas de flor em flor.

Meus brincos de pedraria  
Tocam, fazendo harmonia  
Com meu cordão reluzente ;  
Na correntinha de prata  
Tem sempre e sempre a mulata  
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,  
Que assim se passa esquecida  
De tudo que é triste e vão !  
Um *dito* bem requebrado,  
Um mimo, um riso, um agrado,  
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha  
 Só a mulata é rainha,  
 Meiga a mostrar-se de novo ;  
 De sua face ao encanto,  
 Vai-se o fervor pelo santo,  
 Pr'a o santo não olha o povo !

Minha existencia é de flores,  
 De sonhos, de luz, de amores,  
 Alegre como um festim !  
 Escrava, na terra um dono,  
 Outro no céu sobre um throno,  
 Que é meu Senhor do Bomfim !

Na frente, ainda que baça,  
 Me assenta o torço de cassa  
 Melhor que c'róa gentil ;  
 E eu posso dizer ufana  
 Que, qual mulata bahiana,  
 Outra não ha no Brasil. » (1)

A parte portugueza é a mais exigua, sem ser a menos elevada. Por brevidade deixo de citar algum trecho comprobativo, o que também faço em relação aos *Nocturnos e Phantasias* que se lêem nos *Cantos do Equador*.

De tudo o que ahí fica expendido é facil concluir que a poesia de Mello Moraes Filho possui uma das qualidades mais preconisadas da poesia contemporanea, a objectividade. E assim é ; em nenhum de seus livros deu elle entrada a pro-

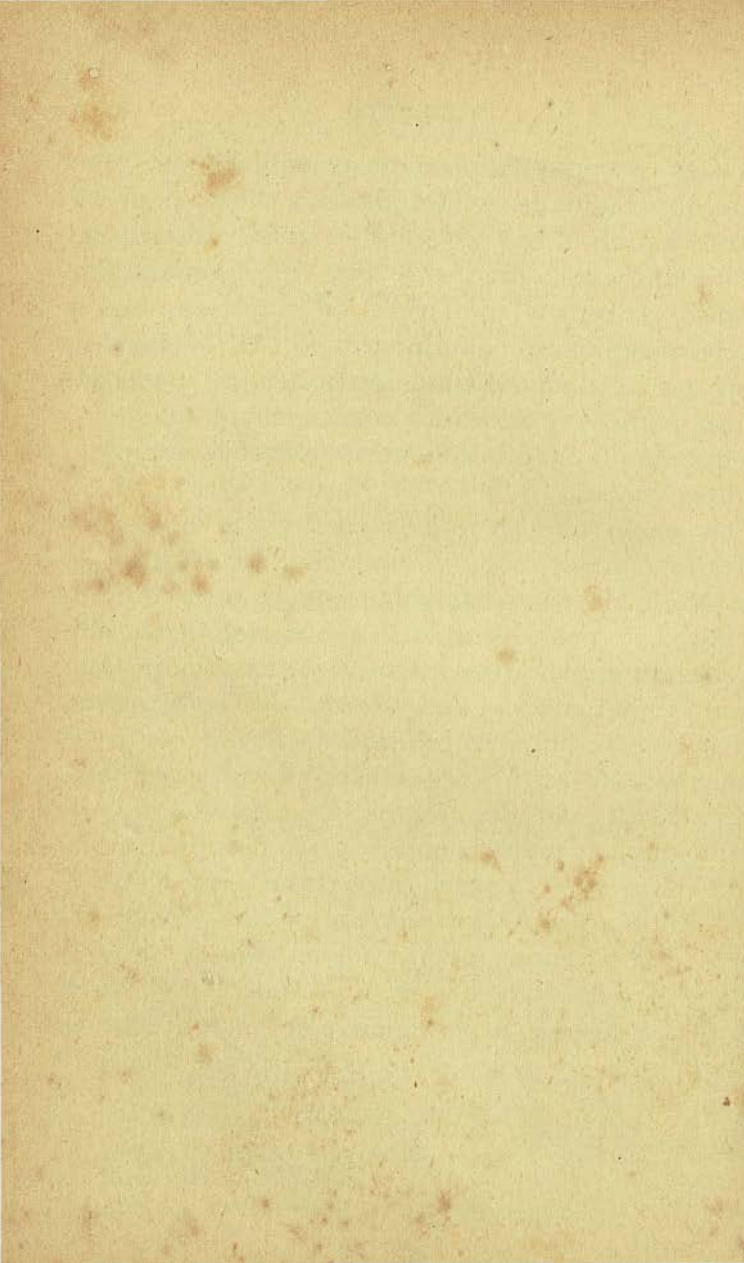
(1) *Cantos do Equador*, pag. 53.

duccões puramente pessoas e subjectivas. Mas essa objectividade é idealizada; d'ella o poeta extrae aquellas tintas, aquelles tons, que mais se coadunam com a indole de sua intelligencia. Em quanto os outros mudaram de rumo em busca do parnasianismo contemporaneo, elle deixou-se ficar no tradicionalismo, embeber de nacionalismo, como um adorador consciante do passado, do que não faz segredo nenhum e deseja antes que todos o saibam.

Ao passo que os nossos escriptores hodiernos atiram-se quasi todos á imitação da Europa, o Dr. Mello Moraes vai imperturbavel o seu caminho, e por isso neste sentido, como nacionalista, elle é actualmente o primeiro, talvez, de nossos poetas. Tem imaginação, delicadezas de sentimento, variedade de tintas, subtilezas de fórma, em summa, aquelle vago, « aquelle ponto imponderavel, impalpavel, aquelle atomo irreductivel, aquelle nada que em todas as cousas deste mundo intitula-se a *inspiração*, a *graça*, ou o *dom*, e que é tudo », repetindo a phrase justa do pintor Fromentin. Sei bem que alguns jovens poetas nossos, que se agremiam em torno de certas pretensões e de certos pretenciosos, não pronunciam o nome do auctor dos *Cantos do Equador* e laboram na doce illusão de o terem feito esquecer como lyrista... Deixal-os em sua fatuidade.

SYLVIO ROMÉRO.

---



PRIMEIRA PARTE

---

QUADROS





# A NOITE DE NATAL

NO RIO DE JANEIRO

---

Foram-se quasi os tempos em que a religião tinha n'esta terra encantos ineffaveis e suas festas os enlevos que douram os horisontes sombrios da vida.

Oh! porque arrancar dos que crêm as suas crenças hereditarias? Porque destruir o thesouro das superstições, quando ellas nos confortam o animo e nos transportam a esperanza?

Despertadas do sentimento individual e da imaginação, ellas planam distantes das contingencias terrenas, embora não se asylem no mais remontado dos céus.

E quantas vezes não nos recordamos d'esse passado que nos correu descuidoso! d'essas tradições que venerámos em dias melhores e cuja lembrança conservamos até a morte!

A noite de Natal no Rio de Janeiro era a festa das crianças e das mãis ; dos venturosos da sorte e do escravo, que já tinha quem lhe recolhesse as lagrimas afflictas e os gemidos sem écho na treva das senzalas.

A familia, preparada para os jubilos da igreja, associava-se pela abstracção ás venturas da Virgem Mãi, no estabulo de Bethlem, quando, embalando o seu Recem-Nascido, recebia as oblações dos pastores em tropa, que acudiam das aldeias visinhas.

N'esta capital e nos suburbios as festas do Natal eram amplas e caracteristicas. É que nem sonhavam de pedir ao estrangeiro — no paiz das florestas — a tola e rachitica *arvore do Natal*, para symbolisar as galas de que se revestira a natureza no nascimento d'Aquelle que vinha em nome de Deus.

O contentamento reinava por toda a parte ; ricos presentes destinavam-se com prodigalidade ; os escravos, de roupa nova, cumpriam alegres tarefas ; os presepes armados, as casas illuminadas no interior, os moveis bem espanados, os vestidos de seda estendidos sobre as camas, annunciavam a proxima festança que começava logo ao escurecer.

A *missa do gallo* punha em revolução casas inteiras : velhas, moças, meninos e rapazes, ninguem dormia, ninguem se occupava com outra cousa qualquer.

Certa parte da população, porém, preferia armar o throno do Menino, passar a noitada entre cantigas e dansas, visitar o presepe do Barros.

Nas freguezias e nos conventos, as pompas religiosas que iriam ter logar faziam sahir fóra dos hábitos regulares as communidades, os vigarios, o pessoal subalterno do culto. As capellas, com uma escadaria de velas de cêra, deviam projectar grande luz no ambiente do altar-mór, todo enfeitado e acceso, em que era de rigor collocar-se o Deus-Menino, deitado e nusinho, em um leito de ouro e de pedras finas...

E uma orchestra de repiques de sinos retinia nos ares feridos pelos gritos das multidões em tumulto, que imitavam nas ruas o canto do gallo, a voz dos animaes, que, segundo a lenda, exultaram de prazer com o nascimento do Messias.

A noite de Natal, que o era tambem de lier-bidade e de innocentes prazeres, teve no Rio de Janeiro uma caracteristica firme, de que conservam memoria pessoas que ainda existem.

---

A partir das oito da noite de 24, quando as estrellas erguiam nas alturas as suas lampadas de diamantes, um rumor vago, indefinido e ás vezes harmonioso, circulava na cidade. Grupos precedidos por tocadores de violão e cantadores

de modinhas seguiam á aventura, isolando-se em pontos variados o som de uma flauta que fazia a parte cantante, de um cavaquinho estridente, de uma guitarra afinada e de plangentes arpejos...

Ao longo das ruas, debruçadas ás janellas abertas das rotulas, muitas pessoas avistavam-se, de espaço a espaço, apreciando as dansas em casas de familias da classe proletaria, ou palmejando no fim das modinhas e lundús, cantados, aqui e além, pelo pardo Anselmo, o Alves, o João Cunha, o Juca Cégo, o Dr. Clarimundo, o Leandro, o crioulo *Trovador*, o Zé Menino, e trinta outros menestreis populares.

Nos intervallos, os convidados iam para dentro, geralmente aos pares, os cavalheiros trocando amabilidades com as suas damas, agitando a luva de pellica, rindo dos incidentes de uma quadrilha.

Lá, a grande ceia estava preparada; e no momento dado o corredor atravancava-se, esvaçando-se de todo, logo que cada um tomava assento ás mesas extensas e por vèzes emendadas.

Na interessante totalidade, as reuniões em casas terreas eram entre gente de casta, isto é, de homens e mulheres de côr, comparecendo um ou outro portuguez, personagem infallivel nos dias risonhos ou nefastos dos brasileiros em quaesquer condições.

E os *hurrahs* ferviam, ás saudes trocavam-se, e o pardo ou o crioulo que presidia a mesa

notava-se de fóra, encasacado e de pé, orando, gesticulando, levantando o braço e suspendendo acima da frente a taça espumante de *cham-pagne*.

N'isso, os magotes de povo, os escravos que obtinham licença para divertir-se, sulcavam os caminhos, amotinados, imitando o cacarejar do capão de terreiro, o canto prolongado do gallo musico.

Na rua de Matacavallos, a capella do Menino Deus agremiava innumeradas familias que, desde as Ave-Marias, a frequentavam.

Emquanto já por cerca das dez ou onze horas essas scenas se passavam, levadas de gente seguiam pelo largo do Rocio, em direitura á rua dos Ciganos, que se ostentava brilhante, atravessada por cordas enfiadas de bandeiras, illuminada, coberta de folhas e flores, e animada pela banda marcial que tocava em um coreto.

Gyrandolas amiudadas subiam ao ar, e o povo, com chapéos e bengalas, desviava as flechas que sibilavam cahindo.

Na rua dos Ciganos, onde são hoje os sobrados de ns. 34 e 36, tinha a sua grande marcenaria o velho portuguez Francisco José de Barros, marcenaria que occupava as cinco portas de sua vasta casa abarracada.

Nas proximidades do Natal, o estabelecimento desaparecia, por isso que o presepe instalava-se na metade anterior da officina.

Durante trinta annos o velho Barros armara o seu tradicional presepe, que attrahia toda a cidade e suburbios.

O espaçoso salão, para o qual se entrava por uma unica porta lateral, era decorado sem elegancias, mas com originalidade ; dos tectos viam-se anjinhos pendurados de barriga para baixo ; a um lado uma especie de tribuna, em que cantavam as filhas do proprietario os versos do Natal e Reis ; o logar destinado á orchestra conhecia-se por uma pequena estante de pinho, sobre a qual havia papeis de musica e velas accesas de carnaúba em rasos castiças de folha de Flandres.

O presépe, que formava o fundo de um lado a outro, e que subia até o tecto, era constituido por peças que se desarticulavam á vontade, sendo as figuras, as casas, os repuxos, as fortalezas, a historia toda, feita pelo Barros, o exclusivo san-teiro, marceneiro, pintor e architecto do seu presépe de variadissimas quinquilharias.

Dizem que o motivo que levara o bom do velho a festejar com a *lapinha* o nascimento do Deus-Menino fôra um voto, uma promessa.

Até ahi não se remontaram as nossas pesquisas. Mas, quanto esplendor ! quanto talento de artista aproveitado n'aquella obra que pasmava as crianças, entretinha devotamente a população inteira, causava assombro aos entendidos no assumpto !...

Nas noites de Natal, Anno Bom e Reis, a rua

dos Ciganos não podia ser mais bella. As pompas exteriores reproduziam-se, as meninas cantavam, a musica tocava, e n'essas noites e aos domingos o presépe ficava exposto ao publico, das cinco horas á meia-noite.

E quem não se lembra dô Barros! d'aquelle velho baixo e cheio de corpo, claro e rosado, de cabellos á escovinha e completamente brancos, de barba rapada e sem gravata, que, vestido de brim alvo e engommado, obsequiava a todos com a mesma meiguice, com o mesmo sorriso feliz e innocente ?...

Eaquelle operario obscuro tinha um ideal; aquelle portuguez de outros tempos amava a este paiz e as suas instituições.

Á excepção das noites em que o seu presépe só recebia a visita de escolhidas familias e do publico, as demais elle reservava a um beneficio, cujo producto entrava para a caixa da Imperial Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberaes, á qual legou por sua morte um valioso predio.

Na vespera de Reis os ranchos iam cantar n'aquelle presépe as suas cantatas, diante do Menino deitado em um berço de palhas, junto á Santa Virgem e S. José, acercado de pastores e dos reis Magos, vindos do Oriente.

E o povo atopetava a rua dos Ciganos, e duas phrases se escutavam soltas, aqui, além, mais longe: — missa do gallo; presépe do Barros.

Subindo as escadas tapetadas dos ricos e nobres, alguma cousa de elevado dominava de boa altura : o throno do Senhor-Menino nos deslumbrantes salões.

Junto a elle as mãis vinham implorar a saude para seu filho a morrer ; uma irmã pedia a Jesus nascido a guia de uma estrella propicia para seu irmão em viagem ; o escravo, ajoelhado, implorava ao Libertador dos captivos o dia da liberdade.

Á mediana social, entretanto, estavã reservada a maior castidade, sob o ponto de vista religioso dos costumes privativos. O pequeno presepe da sala maravilhava a familia ; os visinhos e os amigos achavam-se presentes ; a escravatura, contente de sua sorte, aguardava na porta da rua ou no corredor os seus senhores, para acompanhal-os á igreja.

E um repique de sinos formava um concerto aereo como um cõro de anjos, annunciando a missa da meia-noite...

As sedas farfalhavam ao leve passo das moças bonitas ; o Menino-Deus em sua peanha, com seu cajadinho de ouro, prendendo um carneirinho que pastava no monticulo, avultava de um movel de jacarandá ; e as crianças, as senhoras, as moças, as crias, promptas para a igreja, murmuravam impacientes pela demora dos mais velhos.

Muitas vezes, de repente, sahindo do fundo de uma cama, como se resurgira de um tumulo, um individuo magro, coberto de cans, recalcano no



peito uma tosse hectica, adiantava-se tremulo, abria o abraço, passeiava o olhar por sobre a imagem, e, risonho e feliz, contemplava por instantes a familia reunida, que era ditosa e tinha fé, no maior dia da christandade!

Esse velho era um pai ou um avô, a quem a religião emprestara n'aquelle instante a saude perdida e o vigor dos dias antigos.

E partiam...

Os alaridos acordavam os échos, as aves nocturnas libravam-se ás tontas, tangidas das torres, as familias desfilavam com o seu cortejo de negrinhas e moleques, os adros dos conventos, das parochias, dos somptuosos templos como o Carmo, S. Francisco de Paula, Candelaria e Sacramento, ficavam compactos de fieis, de devotos das missas cantadas.

Na Capella Imperial, apenas batia meia-noite, a multidão quasi que não se podia mexer no corpo da igreja; os musicos appareciam no côro, afinavam os instrumentos; as sentinelas, postadas em determinados logares, descancavam as espingardas, cujas baionetas espelhavam aos jorros da luz.

Então, as ondas do povo afastavam-se á direita e á esquerda, offerecendo passagem ao santo bispo, que ia solemne officiar. Vestido de capa de um tecido de ouro, vergado pelos annos, com a fronte coroadada de mitra, sustendo o baculo, o principe da igreja caminhava lento, precedido

de monsenhores e conegos, de thuriferarios e acolytos, de sacerdotes e diaconos, com cirios accessos e cantando sagrados canticos.

E a missa de Natal celebrava-se magestosa, porque nascera o Senhor, que « seria chamado o Admiravel ».

Nas diversas igrejas, não obstante serem as pompas liturgicas menos grandiosas, não deixava de ser subido o piedoso fervor.

Em outro tempo, quanta autonomia em nossos costumes ! quanta alegria intima não ia no coração d'este povo, que confiava nos seus destinos !

Mas o Rio de Janeiro, como quasi todo o Brasil, têm esquecido as suas tradições e os seus costumes ; a festiva noite de Natal já não é o que foi ; nós nos temos desfeito do nosso passado, como de um objecto inutil.

— Cuidado, barqueiro !

Não vês aquelle ponto negro no horizonte ? É prenuncio de tempestade.

Fujamos !...

---

## II

# A SOCIEDADE SANTA

(CHEVERA KADUSCHA)

---

Para os Israelitas, como para quasi todos os povos primitivos, a morte não é a mudança de existencia, porém a passagem, a ponte suspensa por onde se vae viver no outro mundo.

Dahi as cerimoniaes tradicionaes, os cuidados derradeiros para com aquelle que deixa a vida, á semelhança do forçado que se liberta dos ferros e das prisões.

De harmonia com as crenças religiosas, com o desenvolvimento psychico de cada collectividade humana, os ritos funerarios dominam da altura das tradições nacionaes, nunca esquecidas pelos grandes povos, especialmente por aquelles que outr'ora guiaram a humanidade em busca do ideal de Deus e aos reverberos das civilizações primitivas.

Os Israelitas, açoutados por todos os ventos, pedindo debalde um banco de cedro á porta das nações, errantes como as folhas do deserto, como as areias dos mares, como a estrella do destino; refugiando-se no passado, quaes seus prophetas á sombra das palmeiras; — nas cidades ou nos steppes, nosesconderijos ou nas marmorras, sempre conservaram-se leaes aos seus dogmas e ás suas usanças.

Espoliados na idade média, gemendo nos carceres, queimados nas fogueiras, nem por isso o candieiro biblico de sete braços apagou-se em seus templos dispersos, e o turbante dos patriarchas deixou completamente de cingir-lhes a fronte de sacerdotes e de juizes.

Differentes dos ciganos, que se accommodam aos climas e aos meios, embora não percam a caracteristica, os judeus resistem ao contacto dos demais povos, que não toldam com seu halito a superficie polida de suas crenças.

Abrigados como se ainda fossem nas antigas tendas de Jerusalém, os seus usos e costumes reflectem a castidade daquelles tempos, e animam a todo instante a lettra morta da lei.

A festa da Paschoa, a circumcisão, o culto e os ritos reservados praticados pelo judeus, não importa em que paiz se achem, os distinguem por tal fórma, constituindo-os em povo á parte, que não ha sociedade que os confunda nem governo que os desconheça.

No Rio de Janeiro não se procure o judeu astrologo, o magico, o avarento de barrete enterado até ás sobranceiras, de longa tunica de linho, abrindô, fóra de horas, ao clárão de uma lampada de cobre, a porta aos ricos senhores, a quem adeantam alguns ducados por uma fortuna; não. Este typo do *Mercador de Veneza* e das medallhas antigas jámais o tivemos.

Na physionomia dos judeus do Brasil não se nota o olhar cauteloso e vivaz com que atravessam as legendas, nem as mãos descarnadas da ave de rapina com que a pintura flamenga os apresenta resguardando desconfiados as moedas de ouro da vingança e da usura.

Entregues ao commercio, os nossos Israelitas confundem-se no aspecto com os personagens da *Transfiguração do Thabor*, pela correção das linhas do semblante, a fórmula aquilina do nariz, a barba o mais das vezes bifurcada com que se assemelham ao Nazareno.

Quanto ao culto externo dos seus ritos, nada sabemos de preciso, á excepção de uma sociedade beneficente que aqui existe, tendo por fim enterrar os mortos, segundo seus costumes classicos, suas tradições seculares.

A credulidade popular não engendrou entre nós legendas bizarras sobre este povo. Mesmo a historia do Judeu Errante desapareceu com a maioria das nossas superstições tão poeticas de outr'ora.

A historia da humanidade acha-se repleta de narrações a respeito de povos que, depois de haverem representado o seu papel, de terem illuminado o mundo com o brilho de seu esplendor, declinaram pouco a pouco, acabando por desapparecerem substituidos por novas gerações trazendo consigo novas idéas.

Depois da Babylonia, Thebas e Memphis; depois de Thebas, a civilisação grega; Roma, surgindo após, impõe as suas leis e a sua linguagem.

Os judeus, mais do que os ciganos, apresentam o espectaculo doloroso de um povo que, tendo cumprido o seu destino, sobrevive a si mesmo, rodeando como um phantasma as ruinas de sua nacionalidade e de sua patria.

Do mesmo modo que o Judeu Errante, não podendo viver nem morrer, os seus olhos voltam-se para o passado e para o futuro, caminhando sem descanso, sem rasgar as sandalias, atravez de populações e climas, de paizes e civilisações, sem nada receber delles sinão as maldições e os odios.

Esperando um Messias á sua religião erma de Deus, a Biblia é o seu unico pharol, o escudo impenetravel que os protege na lucha contra os elementos contrarios, que inutilmente os têm querido destruir em todos os pontos do globo.

No Rio de Janeiro a seita que predomina é a dos Thalmudistas, a julgarmos pelo ceremonial funebre empregado por essa colonia.

Como se ainda estivessem na Palestina, o culto

dos mortos para os Israelitas reveste-se de formas singulares e tão estranhas entre nós, que surprehendem, reclamando ao mesmo tempo estudo especial.

Parece, pelo bizarro das manifestações sensíveis, que á excepção dos ciganos, nenhum outro povo que habita o Brasil possui tão completas ceremonias, adaptadas por um symbolismo primitivo ás mais altas concepções religiosas.

A Sociedade Santa (*Chevera Kaduscha*), como dissemos, tem apenas um objectivo, um ideal: preparar a alma do moribundo por meio de orações e formulas lustraes a deixar o mundo, para o que a communhão israelita emprega um ritual proprio e antiquissimo.

Nas cerimonias funebres os Thalmudistas differem tanto de seus antepassados biblicos que, se não persistisse o fundo da tradição historica, difficilmente poder-se-hia filial-os a seus irmãos espalhados aos quatro ventos da sorte adversa que os separa e une, zombando de todas as perseguições e de todas as forças dissolventes.

No Rio de Janeiro, logo que um Israelita entra em agonia, a *Chevera Kaduscha* é avisada, enviando a communhão não menos de dez de seus membros para o ajudarem a bem morrer.

E um spectaculo commovente e lugubre começa, entre o pranto da familia e a reza do Thalmud, entoada segundo estylos invariaveis, uniformes.

Os dez « sem peccados máos » e o patriarcha, todos de pé e de chapéo na cabeça, acercam o leito do moribundo, e principiam as lamentações precursoras da morte, mas em hebraico.

A traducção dessas orações, desses psalmos re-passados de unção e de fé, nos seria impossivel fazel-a com as elegancias merecidas, com o sentimento nativo.

Reunindo palavras trasladadas do original para a nossa lingua, dando-lhes as significações mais adequadas, essas rezas encerram invocações solemnes ao Deus de Israel a favor da alma que remonta ao seu throno.

Participando da gravidade mysteriosa de todos os actos similares, a Sociedade Santa entôa os seus iniciaes clamores de um modo soberanamente religioso e eloquente :

— Deus ! Deus ! Deus ! (repetem sete vezes) é o unico Deus do mundo ! — Deus de Jerusalem ! nós vos recommendamos esta alma peccadora que vae comparecer deante do vosso throno !

Então o silencio é profundo, os velhos cravam os olhos no céu, e a consternação envolve-lhes o rosto melancolico.

O patriarcha, fitando o moribundo em ancias, approxima-se d'elle, como querendo escutar-lhe do peito o estertor ultimo da vida.

E as mulheres da Biblia pranteiam como a irmã de Lazaro, soluçam como Dhehora, entornam sobre a lividez crescente da face do agoni-



sante o fio de suas lagrimas; como a flor da Syria os orvalhos do deserto.

A um momento inesperado o arranco da morte exhala-se, o derradeiro suspiro do enfermo denuncia-lhe o trespasse.

E o patriarcha e os dez velhos, postados deante do leito mortuario, prorompem em côro :

— Vai! e apresenta-te quando Deus chamar o Messias; quando ecoar a trombeta que reunirá os ossos do mundo!

Logo que termina esta exclamação, o encanecido chefe toma de uma penna de ganso, chega-a ao nariz do morto para certificar-se se ainda respira.

Desde esse instante o leito é guarnecido de velas accesas, que illuminam a noite e a morte.

E novo alarido fere os ares lugubres do aposento, transformado como por encanto em camara ardente.

O grupo, que parece representar nesse momento o povo de Israel, brada sete vezes, implorando resignado :

— Deus unico! Deus unico! Deus unico!

O chefe ou o patriarcha, até então na fileira, adeanta-se, isola-se magestoso, e, chegando a uma das velas, apaga-a de um sopro, dizendo :

— Assim seja tua alma apagada do seio dos Israelitas para brilhar no céu!

E gemidos abafados, pranto intercortado de lamentos, vozes supplices, gritos de desolação casam-se na atmospheria do finado, bem como na

derrocada Jerusalém atravez dos cantos propheticos de Daniel.

É então que os preparativos mortuarios commecam, ajustados pela liturgia do Thalmud.

Para fazer a *toilette* do morto, são chamados homens ou mulheres, segundo o sexo do defunto.

Sendo homem, os alfaiates incumbem-se do amortalhamento, talhado em alvissimo linho, e consistindo em uma calça cosida nas extremidades inferiores, uma camisola e uma carapuça; quando mulher, são as costureiras que cortam e apromptam uma saia da mesma fazenda, uma faixa de quatro voltas e uma touca.

Afastado da familia, na sala de jantar habitualmente é que esses vestuarios se fazem, e durante todo o tempo da confecção existem sobre a mesa roscas redondas, ovos duros, sale bebidas, que os operarios comem reverentes, symbolizando cada um dos alimentos um emblema da vida.

Prompto o vestuario, os membros da *Chevera Kaduscha* dão principio á complicada cerimonia que antecede á do enterramento.

Em que consiste ella, tratando-se de um homem, porque no caso contrario só a mulheres é permittido fazer?

Em usos derivados das grandes civilisações do Oriente, que se passaram alguns para certos povos modernos.

Os Isrealitas, leaes depositarios de tradições re-

motissimas, praticam o que outr'ora seus pais, desde que sahiram do Egypto.

Esses estylos, entre os thalmudistas do Rio de Janeiro, abrangem mais ou menos o que vamos descrever, garantindo em absoluto inteira authenticidade.

Retiradas as pessoas de sexo differente, quatro ou mais da Sociedade Santa penetram na alcova mortuaria e despem o cadaver. Os famulos trazem agua quente, escovas, pentes, limpadores de unhas, etc., que collocam ao lado; de dentro conduzem uma taboa amarrada entre dous caibros compridos, na qual é depositado o morto, completamente nú e com os pés para a rua.

Em seguida a suspendem sobre duas cadeiras, lavam e penteiam o defunto, vestem-o com as roupas de que fallámos, accrescendo que aos casados estendem ao longo do corpo um manto de linho a que chamam *thalus*.

Dessa especie de padiola, carregado pelos filhos mais velhos ou parentes mais proximos, se os tem, o cadaver é trasladado para o caixão e levado ao cemiterio pela *Chevera Kaduscha*, parentes e amigos, que vão cobertos de luto cumprir derradeiros deveres e funebres homenagens.

No modo de enterrar os mortos, os povos differenciam-se tanto, que só por isso poder-se-hia restabelecer traços ethnicos extinctos pelo tempo ou pelos meios.

Em nossos cemiterios os ciganos *janham* (ja-

*nhar*, chorar), continuando os velorios; os negros minas tomam o logar dos coveiros, enchendo de terra as sepulturas que recebem os seus; e os Israelitas, povo adeantado e de idéas religiosas affirmadas, desenvolvem usanças millennarias que forçam á meditação e a estudo comparativo.

As formalidades dos judeus baseam-se igualmente no symbolismo liturgico, desde que o corpo transpõe o limiar das necropoles.

As rezas, as invocações, as exterioridades de fundo religioso succedem-se methodicas, causando viva impressão aos assistentes estranhos, que por acaso são espectadores.

Essas scenas, destoantes das nossas em casos identicos, têm sempre logar no cemiterio do Cajú, para onde vão os Israelitas aqui fallecidos.

Os enterramentos dos Thalmudistas são quasi sempre á tarde, ao pôr do sol, nessa hora em que a tristeza do céu é sempre dolorida, e os cyprestes choram, porque não têm flores para a campa dos mortos.

Como uma procissão de sombras taciturnas, a Communhão, seguindo o feretro, sustido por irmãos da seita, se alonga e perde nas avenidas bordadas de mausoléos e arvores funerarias, até ao ponto onde os esperam os coveiros esqualidos e indifferentes.

Dispensados estes de seu feral officio, quatro dos que formam o acompanhamento arreiam o

caixão ao lado da cova, passam aos outros os chapéus e descalçam-se.

Descendo após na sepultura, dois collocam-se á cabeceira e dois aos pés, tomando o feretro que lhes é entregue pelos que ficam em cima.

Nessa occasião um pote novo é despedaçado, caindo de toda a altura de quem o suspende, o caixão é aberto, e tres cacos são depostos por dois de baixo sobre os olhos fechados e a boca do morto, precedendo o acto de sacramentaes palavras :

— Tu és terra, e em terra te has de tornar... Os olhos que viram o mal, que não o vejam mais; a boca que pronunciou a blasphemia, que seja muda...

Quando aquelle descende da tribu de Levy, a *Chevera Kaduscha* deita-lhe a cabeça em um travesseiro cheio de terra, cuja significação não sabemos.

Depois das phrases mysticas ha pouco transcriptas, um galho secco e despido completamente de folhas é posto na mão direita do cadaver; um cadeado, feito em pedaços, é atirado na sepultura, ao mesmo tempo que os échos repetem funebres esta supplica :

— Que assim seja sellada a tua existencia perante Jeovah, Deus dos Israelitas.

E os irmãos da sociedade fecham o caixão, as pás rangem cavas despejando terra, uma taboa é depois collocada sobre a sepultura, coberta afi-

nal pelos membros da *Kaduscha* com cascalho ou pedras miudas, que vão buscar neste ou naquello logar do cemiterio.

O formulario dessas ceremonias funebres de um povo sem patria e sem lar é simples e commovedor; uma vez apenas tivemos a fortuna de observar os judeus dando ao tumulo um cadaver, e a impressão de tristeza que nos ficou jámais se apagará do nosso pensamento.

Mais familiarizados com os ciganos, de quem estudamos usos, costumes, tradição, poesia e linguagem, notamos que pontos de contacto em relação aos cuidados funerarios existem entre os dois povos, especialmente na *toilette* do finado, que ambos executam, e no papel que representam os parentes mais intimos nos actos precursores dos enterramentos.

Os Israelitas, ao que nos consta, excluem os velorios; o que os ciganos — naturezas em extremo sentimentaes e contemplativas, não dispensam, e o que lhes confere uma caracteristica accentuada e interessante.

Confronte-se o que deixamos dito com algumas scenas por nós descriptas nos *Ciganos no Brasil*, e essa verdade resaltarã por si mesma no correr do capitulo destinado ao ceremonial funerario dos nossos estimaveis *Kalons*.

É possivel que os ciganos da Cidade Nova tivessem na primitiva expansões publicas como os Israelitas, porém coordenadas, preceituaes.

Não as conhecemos.

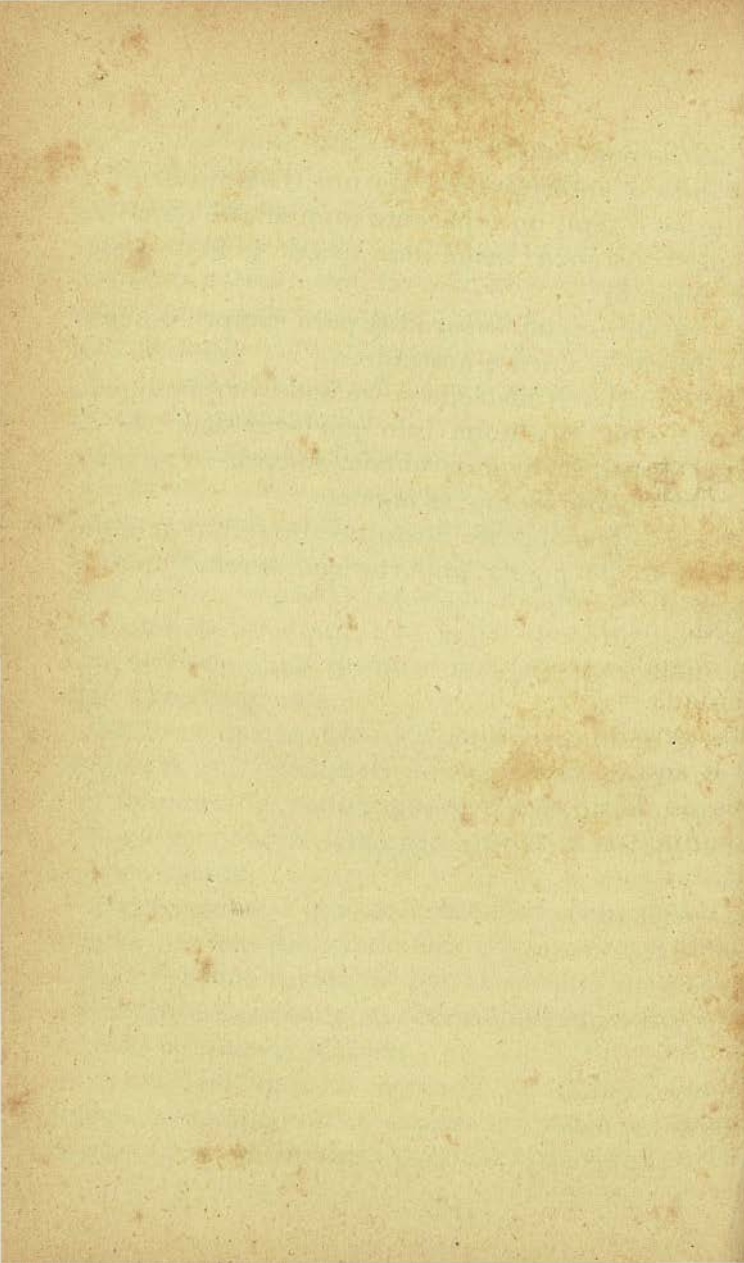
Findo o enterramento de um Thalmudista, o filho, se o tem, ou o parente immediato, demora-se perto da cova, rasga uma tira da gola do paletot, dizendo :

— Assim sejam separados para sempre o nosso parentesco e a nossa amizade.

A *Chevera Kaduscha* reza suas orações pelo morto, a familia toma luto por sete dias, as viúvas deixam crescer as unhas, sentam-se no chão — igualmente como as ciganas.

Esses episodios de costumes Israelitas não nos parecem de pouca importancia serem conhecidos.

---





## SCENAS DE NAUFRAGIO

Na manhã de 15 de Março de 1887, estranha cavalgada, acompanhando um cego e uma cega, sentada em sua rêde, acordava os echos selvagens dos serros do Ceará.

E aquellas duas creaturas não volviam os olhares ao fumo esbranquiçado de suas habitações longinquas, porque uma noite impenetravel condensara-se-lhes em torno.

E todos seguiam a salvo pelas quebradas impassiveis e estradas errantes que vão da Pendencia a Baturité, onde um outro cego e seu guia juntaram-se áquelles, destinando-se á capital fluminense, afim de serem operados pelo Dr Moura Brasil, cujo nome na sua sciencia especial a gloria justamente proclama.

Na jornada silenciosa os trigueiros filhos do sertão caminhavam indifferentes, não podendo

ver a natureza surgindo radiante na matina, ou trajada de luto como uma viuva e chorando estrellas sobre o tumulo fechado do cadaver do dia.

Entretanto a escuridão que os cercava era como uma anteparo á luz que se concentrava toda em sua alma, esclarecendo-lhes os serões deixados da familia.

Então, todas as lembranças lhes accudiam em chusma, todas as saudades moviam-se debaixo de uma fórma tangivel, todos os rumores das mattas bravias faiscavam de pyrilampos o seu isolamento nostalgico.

Nesses momentos, aquelles cégos transformavam-se nas sombras do que foram; — existiam alli, porém viviam no passado.

São da psychologia humana essas crises produzidas por separações difficeis; aggravando-se esse estado se alguma influencia persistentemente depressiva domina os acontecimentos.

E os cégos cearenses, quanto mais se distanciavam de seus lares nativos, mais alto sentiam de lá o soluçar da esposa, dos filhos, dos parentes, que chorariam até que elles voltassem ás suas rêdes que balançavam vasiaas, e aos seus braços estendidos no vacuo.

Presentes em espirito ao derradeiro consêlho de familia, a deliberação geral dos que lhes eram caros avigorava-lhes o animo e a consciencia timida.

Nessas reuniões ao sol posto, nessas conversas

entre os somnos interrompidos, nesses momentos em que uma resolução de bronze póde ser minada e ruir ao filtro de uma lagrima que de outra face nos molha a face, o recobro da vista perdida interpunha-se absoluto. Luctar pela luz, combater por adquiril-a, fôra o plano muitas vezes traçado por agonias antecipadas, nas estancias da felicidade commum.

E as casas dos rudes tabaréos enchiam-se de fé e de gente. A fé erguia flores e votos ás imagens sacrosantas; e a gente convicta, repetia a noticia das curas admiraveis realizadas pelo ophthalmologista illustre, que tivera por berço, como elles, a terra dos *verdes e bravios mares*, a patria lendaria de *Iracema*.

Na estação de Baturité, tomando o trem de ferro, os cégos e seu guia partiram.

Nos compartimentos, quem os visse jubilosos naquella attitude extatica da cegueira, diria que a esperança voava-lhes na tréva e cantava-lhes no coração.

De feito!

No relevo expansivo da molestia havia o artistico da verdade.

Chegados que foram, embarcaram.

Na noite do naufragio, a bordo do *Bahia* cantava-se e tocava-se.

Os passageiros de ré assim dissipavam os enfados da viagem, ora descantando a modinha lan-

guida, ora preludiando as musicas em voga na sua provincia.

O bravo commandante compartilhava, como assistente, do contentamento dos viajantes; e a marinhagem contemplava a profundidade estrelada do céu e as vagas desgrenhadas que batiam palmas, como uma turma de loucas, no costado do navio.

Os cegos Pontes e Francisco Guilherme, inclinados para a frente, nos leitos de seus cubiculos, abanando com as pernas ao longo do chão, rezavam para deitar-se e faziam desfilar seus pensamentos ao som daquellas harmonias melancolicas, como soem ser as que brotam espontaneas entre as populações atrazadas, mas felizes dos nossos ser-tões.

As cantilenas plangem, os instrumentos vibram ás oscilações do vapor e ao marulho das ondas, que lá se vão vestidas de preto e erguendo o dorso anguloso como uma communitade de monges penitentes.

Por volta das dez horas os passageiros retiram-se do salão, entrando em seus beliches.

E a vaga, dividindo-se espumante á prôa do *Bahia*, precedia-o na carreira magestosa e rapida.

Quando quasi todos dormiam, o abalroamento com o *Pirapama* fez-se sentir e o alarma diffundi-se pavoroso, não obstante a coragem prudente do brioso commandante, que dirigia as monobras

dos reparos das avarias causadas pelo choque dos dois monstros marinhos.

O cearense Miranda, o intrepido guarda dos cegos, subiu de um pulo ao tombadilho e desceu precipitado a prevenil-os, ao passo que laminas d'agua alagavam invadindo o navio que se afundava.

Então, eram as intercessões, o horror, os lamentos afflictivos, os alaridos dos passageiros no convez e dos que galgavam as escadas, com agua até as maleolas, até o joelho, até a cintura.

As mãis, com os cabellos revoltos, descalças e estateladas de pavor, suspendiam nos braços nús os filhinhos assombrados; os passageiros, confundidos nas amuradas, pediam soccorro, evocavam o nome de Deus e dos santos, tendo em resposta o estouro da onda, que cuspia-lhes na frente, torcendo-se nos ares; o commandante — e elle chorava — percorria o tombadilho, ordenava que se arriassem os escaleres e, vencido pela desigualdade da lucta, arremessava aos quatro cantos a phrase fatal de — *salve-se quem puder!* não obstante o seu character superior mostrar-se na hora extrema do perigo inquebrantavel á expectativa da morte.

Emquanto se desdobravam a bordo e no mar as scenas proprias dos naufragios; á proporção que uns se abandonavam ás vagas e outros debruçavam-se em gritos ás gargantas do abysmo, a luz de um mastro, como o reflexo de uma estrella,

vinha cahir obliqua sobre o busto trigueiro de um cégo que, de pé e resignado, esperava o convite da onda que o devia levar comsigo.

Este cégo era Guilherme, que, recordando-se de suas idéas piedosas, chamava em seu auxilio S. Francisco das Chagas, de Canindé, o patrono dos cearenses.

A lembrança da familia, de quatro filhos pequenos, de sua terra enfim, mais do que o instincto de conservação, davam-lhe a grande coragem de altear a palma de suas crenças infantís, que sobrenadaria com elle, ainda mesmo sosso-brando o navio.

E o navio submergia-se...

O mar, coalhado dos horrores do naufragio, era uma superficie que gritava, era uma ruina mivediça de troncos de homens e pedaços de mastros; de corpos semi-nús de mulheres e de taboas fluctuantes; de crianças que sugavam a morte na têta das vagas, e de destroços sem conta, embatendo-se ao acaso.

Engolido pelo mar o convéz do *Bahia*, uma vaga possante, agarrando o solitario cégo, mergulhou-o no profundo e foi remoinhar mais longe.

E Guilherme reapareceu...

Consequindo pelo tacto empolgar uma taboa e depois outra, cavalgou a primeira, cruzando diante de si a segunda.

O mar, naquella occasião, retumbava de vozes supplices, de choros e soluços, de ais que não

findavam. Aqui e alli, os naufragos que se encontravam proferiam palavras de salvação; e o nadador recolhia á sua taboa impavido uma mulher ou um homem, a meio corpo n'agua e batidos pelas ondas.

E o infeliz cégo, tendo por unica companhia o santo de sua devoção, comprehendia-se mais forte na sua resistencia heroica.

Horas mais tarde, quando o mar estava deserto, elle escutou uma voz humana, que lhe dizia enfraquecida :

— Se vai por ahi alguem, valha-me, que eu morro.

Ao que elle, amparando com a mão a boca, afim de dirigir o écho, bradou :

— Venha, que poderei salvá-lo, pois tenho duas taboas; se o não vou buscar é porque sou cégo.

E as vagas succediam-se fragorosas, cobrindo-o de novo...

Debaixo de sua mão arrastante, Francisco Guilherme sentiu resvalar um corpo, e ainda outro : eram os de duas crianças. Elle as acolhe junto a si e exulta supersticioso :

— Não vou mal ! Levo comigo dois anjinhos, é que me salvo.

Apalpando-as, porém, não respiravam; estavam mortas!

Em seguida, leve rumor, como de quem alarga com os braços vagarosos circulos n'agua, avi-

sinha-se, e uma cabeça grisalha, rompendo a vidraça de uma onda, apruma-se subita, pestaneja, e, descerrando os labios, deixa rolar pelo plano do mar estas vozes :

— Estimei reencontral-o, porque lhe servirei de guia.

— De bem pouco me valerá isso, respondeu-lhe o cégo; tenho fé em S. Francisco das Chagas, que não morrerei desta vez.

Esse naufrago era o velho marinheiro Marcelino, que embarcara no Maranhão, como passageiro do *Bahia*.

Guilherme, apenas sentiu-lhe o contacto de gelo, levantou-o a seu lado, offerecendo-lhe uma pitada de rapé, no intuito de reanimal-o da prostração em que se achava.

Marcelino acceitou-a e, readquirindo pausadamente as forças, interrogou-o contente e maravilhado :

— Como! onde traz você essa caixa?

— Enrolada na manga da camisa, diz elle ao companheiro.

Não obstante o perigo, alguma cousa de importuno preocupava o naufrago encontrado : na esperança bruxoleante da vida esse pensamento desenhava-se fatal e irreconciliavel com qualquer felicidade..

E os dois boiavam á mercê das correntes e do torvelinho...

Mais ao largo, o velho marinheiro falou n'uma



quantia extraviada com a sua bagagem, esmagado por tal desastre!

— Ora deixe-se disso! retorquiu-lhe o cego, olhe para ver se descobre terra ou alguém que nos socorra.

Ainda uma vez as ondas os envolvem na refrega e os lançam além.

No correr desse drama funesto, em que uma miragem fazia antever o salvamento, o corajoso cearense labutava como um heróe e sonhava com o amanhecer.

Com a percepção luminosa que lhe restava da cegueira, aquella grande alma queria, no meio da immensidade, elevar ás primeiras alvoradas do sol uma prece ao seu patrão, a quem fazia repetidas promessas.

E o dia despontava... Os raios da aurora, encontrando aquella figura colossal no throno das ondas, a metamorphoseam n'um deus de Homero: das gottas d'agua que lhe escorriam da fronte formaram-lhe um diadema de brilhantes liquidos; daquelle todo musculoso e tisonado, uma estatua de ideal grego; daquelles olhos opacos pela molestia, duas opalas feridas pelo fogo.

E o dialogo continuou alentado e original:

— A modo que percebo claridade, murmurou o cego ao seu inesperado guia.

— Nada posso distinguir, nada posso ver, porque tenho a vista escura de fraqueza e cansaço.

— É que o senhor não tem fé; quanto a mim,

acredito que tornarei a ver minha mulher, meus filhos e minha terra.

— É possível, porém eu nada vejo nem verei.

— Porque?

— Porque sou fraco e o mar é forte.

— Não creia; esteja certo de que S. Francisco das Chagas tem mais poder do que todas as aguas deste mar.

— Basta!... o melhor é que o senhor se cale.

— Mas attenda, não lhe parece que o dia está claro?

— Por enquanto nem um signal de vivente.

Seguindo em direcção opposta ás vibrações solares, Guilherme, que nunca frequentara escolas letradas, assim se exprime, dando conta da falta de irritação directa do seu apparelho visual:

— Sr. Marcelino, o sol está *as avessas*, não lhe parece?

— Acolá diviso terra, respondeu-lhe.

— Então toquemos para lá.

E novas refregas os tangem, revirando-os na voragem.

Pelas sete horas o mar estava brando e luminoso; o cearense consolava o seu socio de infortunio, dando-lhe rapé e mitigando-lhe o pranto.

— Não se *avéxe*, dizia elle, tome mais esta pitada, que lhe fará bem.

O marinheiro, que a instantes desfallecia, fez-se por um momento e apontou para o horizonte.

- Uma embarcação ao longe...
- Então, quando chegaremos?
- Ao pôr do sol.
- Não me desanime, homem de Deus, você é uma aza negra.
- Eu morro... eu morro!
- Não faça caso, dirija-nos para onde descobrir vulto.

Francisco Guilherme, impaciente de salvar-se, atirava os ares pedindo socorro; acenou com as mãos, chamou por Nossa Senhora da Palma, pelos seus santos, o que incommodava a Marcelino, que o reprehendia :

- Não grite tanto, cale esta boca!
- Agora é que eu hei de gritar, porque é para os christãos. De noite é que eu gritava para os peixes.
- Mas eu sou mouco e não gente céga.
- Não é minha culpa; vamos adiante... vamos!
- Ora ahi está: o barco que avistei tomou outro rumo. Estamos perdidos.
- Qual perdidos! tenha fé; póde ser que volte.
- Elles nos viram; creia que foi de proposito.
- Talvez volte, já lhe disse, tenha fé.
- Isto por aqui é mesmo assim.
- Homem, você não é filho de Deus.

Marcelino não se havia enganado; o bote que descortinara, reconhecendo-os, mas não dis-

pondo da velocidade e dos recursos precisos para tomal-os, fez-se de vela, vindo depois com a barcaça que os recebeu.

Approximando-se esta, um tripolante, equilibrando-se na prôa, falou para ambos :

— Sabem nadar?

— Não sei e sou cêgo, responde Guilherme; este velho é mouco e coxo.

Os marinheiros desceram cordas, o barco encimou-se de naufragos e de pessoas da equipagem, lançando-se ao mar ageis nadadores a conduzil-os para bordo.

Transportados para o bote e depois para a barcaça, entorpecidos nos movimentos, n'uma agonia inexprimivel, mas libertos dos elementos que os poderiam fazer succumbir, os dois naufragos respiravam mais desafogados.

Guilherme, resplandecente do baptismo do naufragio e possuido de suas santas superstições, tacteava ao redor de si, repetindo ao seu compa-  
nheiro :

— Escapamos por milagre. S. Francisco das Chagas foi quem quiz que não morressemos.

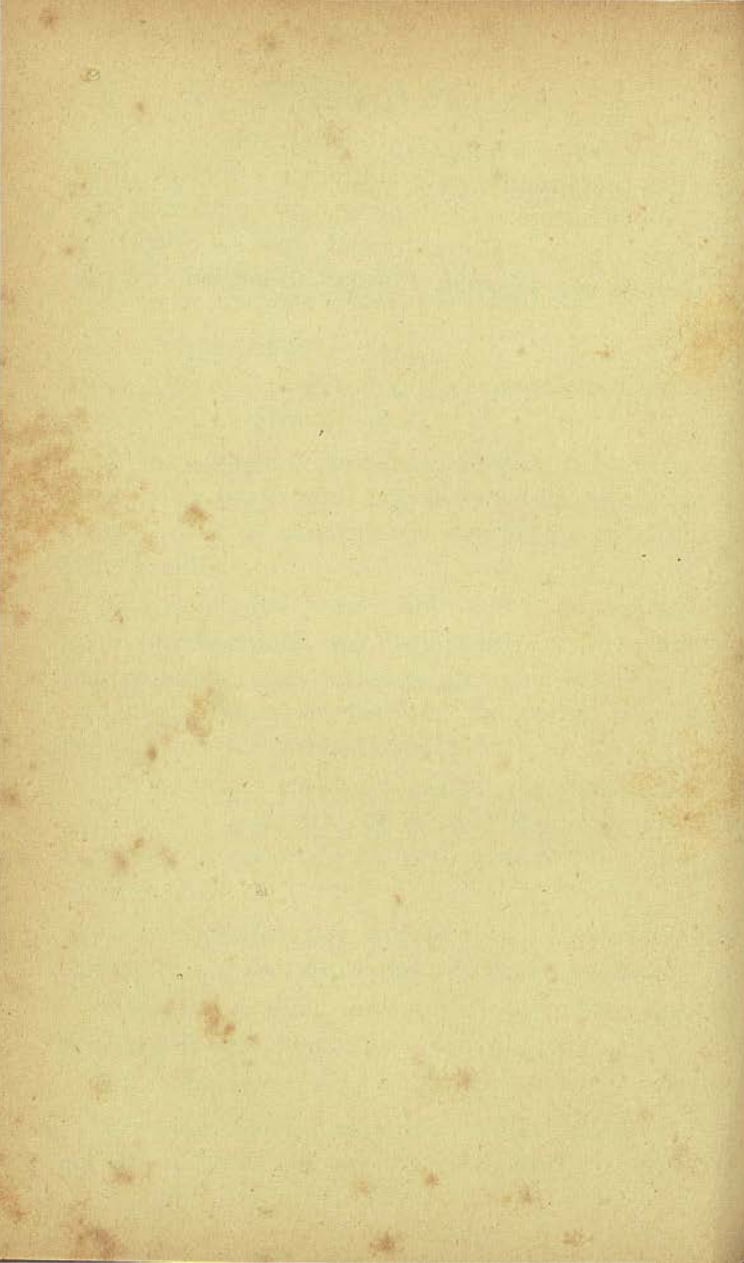
— Salvei a vida, mas perdi os meus quatrocentos mil réis, replicou o marinheiro.

E foram para terra.

No vapor *Pará*, que sahia de Pernambuco com escala, chegaram ao Rio de Janeiro os tres

cégos, victimas da terrivel catastrophe.

Delles recolhemos esta noticia e o curioso dialogo de Francisco Guilherme, no consultorio e em casa do Dr. Moura Brasil, que os hospedou ao fóco de sua sciencia e no lar abençoado de sua familia.



## O BAILE DA LAVADEIRA

(BAHIA)

Desde os paços opulentos dos nobres senhores até o lar sem adornos da pobreza, commemorava-se na velha e classica Bahia o nascimento do Deus Menino, com descantes e thronos armados de flores, com presépes pittorescos e magnificos.

A essas festas tradicionaes, que começavam na noite de Natal e se prolongavam, por vezes, ultrapassando a vespera de Reis, serviam de arautos, nos antigos tempos, encantadoras mulatas e luzidas crioulas, que, de manhã á tarde, acordavam os échos das ruas e das praças com sonancias nativas e trovas incultas. Eram ellas as vendedeiras de figuras para presépes, de ornamentações variadas e proprias, feitas de barro e coloridas com apurado esmero e delicado gosto.

Á semelhança das bayadéras tostadas pelos climas da India, de cintura flexível e requebradas

no andar, farfalhantes de crivos e rendas alvissimas, ornadas de ouro, coraes e pedrarias, lá iam aquellas musas da nossa poesia popular, cadenciando o estalo da chinellinha, amparando com a mão trigueira o leve taboleiro, que assentava sobre o torço de cassa, e suspendendo no ar arrufantes pandeiros.

E umas toadas sonoras e umas vozes plangentes palhetavam o espaço, ouvindo-se aqui e allí suave cantilena :

Bailem, bailem, pastorinhas,  
Bailem com todo o primor,  
Bailem que hoje é nascido  
Nosso grande Salvador.

Das pastoras que aqui vêm,  
Eu sou a que menos tem ;  
Umas dão offertas d'ouro,  
Eu tambem dou meu vintem.

Remoçando os cajueiros,  
De bellos fructos se exornam,  
E seus preciosos mimos  
Nos verdes campos entornam.

Bailem, bailem, etc.

E aquellas mulatas e crioulas escravas sumiam-se por entre harmonias, como essas aves que passam cantando no amanhecer das serras.

A noite de Natal na Bahia foi sempre uma das mais solemnes e festivas do anno: os presepes



preenchiam a tradição do nascimento de Christo, os recintos das igrejas ostentavam-se brilhantes para os ritos sagrados.

Por volta das dez horas, a população da cidade estava em alvoroço; na maioria das casas a alegria manifestava-se pela vozeria, pela confusão das familias que se preparavam para a *missa do gallo*.

Aqui era uma velha que resingava com a cria; alli as yayás que gargalhavam vestindo-se; acolá o *sinhô-velho* que se impacientava com a tardança.

Abundantes e appetitosas ceias, perfumadas mangas e mais fructas da estação encontrava-se por toda a cidade e nos arrabaldes, começando por essa occasião a boiarem nas ondas de povo umas luzes errantes, que se avivavam mais perto e apagavam-se na distancia.

— Eram as flammas das lanternas de folha de Flandres das caixinhas envernizadas, dos taboieiros das quitandeiras bonitas, caracteristicamente trajadas, e que iam tomar logar nas proximidades dos templos mais concorridos á meia noite.

Nos conventos e nas matrizes, o fogo das velas atravessava as vidraças das cellas e golfejava do chão das portarias, principiando desde esse instante o povo a sentar-se nos adros á espera da missa, a cochilar, encostando a cabeça ás portas fechadas, a percorrer tumultuario as ruas da cidade, a Victoria, a Barra, o Rio Vermelho e a Calçada do Bomfim.

De quando em quando, ao lume das estrellas, aos tropeis nas horas mortas, escutava-se o grito de um individuo que imitava o canto do gallo :

— Cô-cô-rô-cô!... Christo nasceu!...

Perguntava um outro, fingindo o mugido do boi.

— Aonde?...

Respondia um terceiro, simulando o balido das ovelhas :

— Em Belém....

E isso reproduzia-se até a entrada da missa de Natal, da solemnidade religiosa, que attrahia ás igrejas a população mais calma e devota da cidade.

O elemento popular, porém, que dominava absoluto de altura tradicional, derivava daquellas cantadeiras ambulantes e tafúlas, por isso que tomava fórma definida nos bailes pastoris em frente aos presepes ou ás lapinhas, architectados segundo as exigencias perfeituaes.

Antecipando-se aos actos da religião, os presepes publicos e particulares eram visitados desde o escurecer, trazendo numa roda-viva as familias, em cujas casas esses scenarios allegoricos resplandeciam interessantes.

Na antiga provincia da Bahia, os presepes elevavam-se com seus frontões de ramagens verdes de pitangueira, guarnecidos de ananazes, mangas, cajús, e outras fructas; apresentavam um fundo de montanhas e horizontes aclarados por

lua transparente; pendiam-lhes dos tectos vegetaes a estrella dos Magos e anjinhos alados, sendo infalliveis nas quebradas das serras fortalezas e moinhos de vento, soldados francezes e Napoleões de papelão, fileiras de sobrados e igrejas de toda especie.

No primeiro plano a vista repousava sobre espelhos formando lagos, repuxos, lampeões de ferro, arvoredos verdejantes, patos, marrecos, cabras, cordeiros, etc.; constituindo o principal grupo o Deus Menino e os reis Magos, Maria Santissima e S. José, acercados de pastores e pastoras, da vaquinha e da jumenta; sendo mais ou menos consideravel o sequito dos tres reis do Oriente.

Illuminados por arandelas, serpentinas e castiças com mangas de vidro, o aspecto dos presepes affagava a imaginação das crianças e das familias que, congregadas nessa noite, assistiam ás representações dos bailes pastoris, para os quaes se expediam convites.

E por volta das nove horas as flautas e os violões, as rabecas e as violas, os pandeiros, as castanholas, os cavaquinhos e um ophcléide davam o signal de entrada dos bailes nas salas repletas de gente e de luzes, de sorrisos e de flores.

As moças e os rapazes afastavam-se em galanteios, as senhoras chamavam para junto de si as crias de estimação, as escravas, felizes e contentes, guarneciam as portas, abrindo apenas

caminho aos convidados, que entravam para ver os presepes e assistir aos bailes.

E a orchestra avultava no salão, precedendo a um bando de meninos e meninas, elegante e caracteristicamente vestidos, e que vinham render festivas homenagens a Jesus, nascido no estabulo de Belém.

A recepção dos infantis actores era ruidosa e prolongada, as moças atiravam-lhes flores, até que, as figuras da musica, desviando-se para um lado, em frente ao presepe os bamboleios da dança executavam-se, e as saudações do estylo enchiam de quasi religiosa harmonia o espaço preparado para o festejo :

Bravo, bravo, bravo,  
Hoje é quem brilha ?  
O Verbo humanado,  
Deus de maravilha!...

Esta quadra, cantada e dansada pelo corpo scenico, servia de ouvertura á generalidade dos bailes, cujos personagens trajavam roupas especiaes, de accôrdo com os papeis e com as rubricas.

Á vista do rudimentar scenario, tendo á esquerda uma cerca e á direita uma fonte de pedras; dos significativos accessorios e das toadas populares, cujos accordes se ouviam, ia ter lugar o *Baile da Lavadeira*, um dos mais apreciados do opulento repertorio.

De pastores e pastoras, de lavadeiras com suas

gamellinhas de roupa, da horteleira Benta, um pescador e comparsas, que fazem cõro e dansam, compõe-se o pessoal dessa representação do Natal, um mimo de graça e de encanto pela originalidade da música.

Aos sons da orchestra, ao tinir dos pandeiros acompanhados de castanholas, aos applausos do final do primeiro canto, a acção começa, de agradável effeito e brando desenvolvimento.

Ensaizadas as meninas e seus pares, a *primeira lavadeira* destaca-se meiga, descança no chão a gamellinha que traz á cabeça e canta lamentosa :

1ª LAVADEIRA

Antes que o sol saia  
Hei de madrugar,  
Nas margens do rio,  
Onde vou lavar.

2ª LAVADEIRA

Eu vou caminhando,  
Que o sol está alto;  
Eu não sei se corro,  
Eu não sei se salto.

Os espectadores delicias-se das vozes que escutam, dos arpejos dos violões, da arte com que as bailadeiras ondulam o corpo, batem compassada-

mente contra a perna os pandeirinhos enfeitados, estalam as castanholas acima da frente.

Este dueto, como todos mais, de caracter religioso e profano ao mesmo tempo, é seguido de dialogos geralmente cantados, de fallas e córos de outras lavadeiras, que vêm occupar a scena, de novos personagens que se adiantam, cada qual com sua vestimenta propria, seus distinctivos, seu presente para o Menino.

Recordando vivamente as origens do theatro na idade média, esses bailes constituem innocentes e elementares dramas, da classe dos *Mysterios*, representados nos claustros por frades e monjas.

O *Baile de Lavadeira* é de entrecho banal, movimentado, sobresahindo como os seus congeneres pelas encantadoras musicas, pelos bailados das pastorinhas e a graça infantil dos figurantes.

Limitados ao seu estreito meio, os personagens executam as suas partes, passeiam na horta de Benta, estendem roupa que tiram das gamellinhas pintadas, entoando suavissimos descantes.

#### PASTORA

Pastorinhas, grande dicta  
Hoje todo o mundo alcança,  
Baixou já dos céus á terra  
Fructo de nossa esperança.

Canta Benta, passeiando na horta, beirando a cerca.

BENTA

Grande pensão, grande lida  
Eu tenho na horta bella,  
De regal-a, de cuidal-a,  
Que não dê o bicho nella.

Aqui o côro das pastoras irrompe, recomeçando os dansados aos rufos dos pandeiros e salvas de castanholas.

CÔRO

Quem quer comprar  
Verduras mimosas,  
Emquanto estão  
Mui cubiçosas?

Depois deste côro harmonioso e ao qual não se regateiam applausos, inicia-se o enredo do *Baile*, que consiste em ir uma das pastoras apanhar um cordeirinho que transpoz a horta de Benta, começando desde logo caloroso dialogo, seguido de cantos e dansas.

BENTA

Pastorinha, como entraste  
Aqui, sem minha licença?  
Olha que esta ousadia  
Já me causa grande offensa.

PASTORA

Ouve me fallar primeiro.

BENTA

Desculpas não tens que dar.

PASTORA

Benta, cá comigo  
 Falle de modo attento,  
 Pois eu não hei de soffrer  
 De qualquer, atrevimento.

BENTA

Atrevimento, Filena?  
 Ignoro esse tratar;  
 Não queiras pois deste modo  
 A minha furia irritar.

E assim por diante corre a infantil contenda, cujo interesse é o ideal da noite e o mimo dos artistas que se incumbem do desempenho da peça.

Quebrando a uniformidade da acção e para concluir o pleito, apparece o *Pescador*, com o cofo-sinho, vestido a character, que apanha o carneirinho, tral-o para frente da scena e falla, fazendo rir ao auditorio, que o victoria com palmas.

PESCADOR

Venha cá, meu carneirinho,  
 Venha para cá, meu amigo,  
 Que me ha de servir de forro  
 Cá dentro de meu umbigo.

Não ha de chegar á porta  
 Nem tão pouco á janella;



Só ha de andar no fogão  
Mettido numa panella.

O peixe é para a noite,  
Você só para o jantar;  
Como é hospede não quero  
Que tenha o peor logar...

Voltando ao mesmo motivo, continúa o auto, exhuberante de *balêtos*, trovas declamadas e cantadas, conservando os interlocutores a caracteristica de seus papeis.

O desenlace do *Baile da Lavadeira*, e de quantos conhecemos, é uma homenagem ao Deus Menino, cujo nascimento projectava jubilos indiziveis no semblante risonho das crianças e no lar jubiloso da familia.

E, adiantando-se festivos para o presepe, os figurantes cantam louvores e tributam offertas.

PESCADOR, *cantando*.

Grande prazer  
Temos na verdade,  
Nasceu Deus Menino  
Por summa bondade.

DUAS LAVADEIRAS

Acceitai, Jesus Menino,  
Nosso coração sincero;  
Acceitai, pois dentro nelle  
Firmemente vos venero.

## DUAS PASTORAS

A hortaliga que trago  
E tambem o carneirinho,  
Acceitai, não desprezeis,  
Perdoai a offerta minha.

PESCADOR, *cantando.*

Este lindo robalinho  
Que vós me déstes na linha,  
Acceitai, não desprezeis  
A humilde offerta minha.

A este esplendido final o enthusiasmo recrudescer, chovem bravos e flores, a ceia acha-se servida, a musica vibra mais estridente e os repiques de sinos annunciam a *missa do gallo*.

Á meia-noite serenava o borborinho nas ruas, e a lua, como a noiva de um santo, tecia um véu de ambar e ouro que cobria os tectos das casas e rolava sobre o frontespicio das igrejas.

---

## A VESPERA DE S. JOÃO

---

Em algumas das antigas provincias do norte, ao amanhecer da vespera de S. João, a gente do povo e especialmente as crianças, ornavam-se de floridas capellas, das quaes duas compridas fitas cahiam-lhes ao longo do dorso, vistas e fluctuantes.

E diante dos oratorios gyravam, dansavam, cantavam :

Capellinha de melão  
 É de S. João,  
 É de cravos, é de rosas,  
 É de mangericão.

O que symbolisava este costume, nunca pudemos saber, sendo porém certo que as pessoas, por tal modo assignaladas, participavam á noite dos habituaes folguedos, constituindo-se figuras infalliveis nos brinquedos tradicionaes.

Anda á roda, candieiro,  
 Anda á roda sem parar,  
 Que aquelle que errar  
 Candieiro ha de ficar.

Candieiro . . . ó . . .  
 Está na mão de yoyó,  
 Candieiro . . . a . . .  
 Está na mão de yayá! . . .

Excepção feita desta usança privativa, a vespera de S. João apresentava character uniforme, notando-se na grande festa popular traços mais ou menos geraes, uma pragmatica commum a todas as localidades.

Desde que se começavam a armar os thronos para as novenas e as ladainhas do divino precursor do Messias, as casas das cidades abasteciam-se do necessario á folia, entrando diariamente pretos carregados de carás, cannas, milho verde, batatas, ovos e uma foguetaria medonha, rompendo daqui e dali, por sobre os cestos enormes, buscápés, pistolas, craveiros, bombas, cartas de bichas, rodinhas e rojões, recebidos com algazarra pelas moças, rapazes e meninos, que chamavam as velhas da familia para verificar as encommendas e dar-lhes destino.

Nisso appareciam na sala as mucamas e alguns molecotes, que ajudavam a arriar os cestos na mesa de jantar, levando as negrinhas os presentes e os sortimentos de fogos, que ficavam desde logo cuidadosamente acondicionados.

Em todas as casas encontrava-se *A roda do Destino*, *Os dados da Fortuna*, *O Cigano* e outros livros de sortes com os competentes dados para a consulta dos oraculos, aos quaes a credu-

lidade popular attribuia por vezes mysteriosas revelações.

Conservando o fundo e a fórmula dessa celebração annual, scintillante de superstições e de espirito religioso, não eram entretanto as capitaes o theatro proprio ás suas expansões admiraveis, á sua maravilhosa encenação, á luz das fogueiras que incendiavam a noite, desdobrando-se em damascos de fogo ao longo das paredes brancas das habitações.

Não obstante, como dissemos, a observancia de preceitos irreductiveis, a soberba festa adquiria o maximo esplendor fóra dos centros adiantados, a partir dos arrabaldes em que os moradores gozavam de liberdade plena no amplo das estradas, e na fartura do indispensavel as comezainas lutas, ao feerico da commemoração.

Nos povoados e principalmente nos engenhos, o throno de S. João attrahia por muitos dias os cuidados das moças, que caprichavam em tornal-os deslumbrantes; as casas de vivenda enchiam-se de parentes e de hospedes; as Maricotas, as Nannas, as Calús e as Pombinhas esperavam os namorados e os primos que deviam chegar da cidade, em quanto carradas de lenha para a fogueira, as cannas, os milhos e o mais eram trazidos pelos escravos, rodeados desde esse instante por chusmas de molequinhos e negrinhas, que os aguardavam nas porteiras ou perfilados á porta de seus senhores.

Limpavam-se e varriam-se de ante-vespera os terreiros e a frente das senzalas, as danças e os cantos solemnisavam o fincamento do mastro encimado pela classica boneca, guarneçido no tópe de fructos, flores e outras offerendas em honra do santo, gastando os senhores de engenho sommas consideraveis com a compra de fogos para a prolongada festa, que iniciava-se na noite de Santo Antonio e findava depois de S. Pedro.

A vespera de S. João, porém, marcava o apogêo dessa folgança brasileira, desse jubilêo das alegrias do anno, em que as familias congregavam-se para o prazer e os risos, os amigos venciam leguas com o fim de se encontrarem sob o mesmo tecto, felizes do convivio e da sorte.

Apenas escurecia, as vivendas do engenho destacavam-se no além como palacios encantados, ao brilho das luzes, ao phantastico dos vultos que tumultuavam, ás cascatas de fogo e de pedrarias liquidas das pistolas e dos craveiros que espadaonavam das janellas lençóes faiscantes, alastrando o chão do mastro e os longes do caminho.

A musica preludiava lá dentro, as violas tiniam na estrada, vibradas pelos tabaréos, rufando a caixa de guerra dos negros da roça, que, roncando nos batuques, fazendo mungangas, cantando suas toadas, acordavam os échos com alaridos barbaros.

E as bombas estouravam, os foguetes de lagrimas desfiavam no ar nocturno diademas e colla-

res de rubins, esmeraldas e crysolitas fundidas, aos gritos de — viva S. João! — dos grupos festivos, em varios pontos do engenho.

Augmentando o bizarro effeito do céu e da terra, os balões nadavam no ether, formando o todo desse espectaculo um mundo sublunar, um dominio verdadeiramente imaginario e encantando.

Nas brazas das fogueiras assavam-se cannas, carás, milhos e batatas, distribuidos em profusão pelos *aggregados* e escravos, que alegravam seus lares com os vivas a S. João, aos sapateados da chula, aos côcos e ás tyrannas, dansados e cantados ao desafio.

Emquanto varios hospedes e pessoas da familia queimavam fogos, ao abrigo das varandas, outros nos salões do sobrado riam ás gargalhadas lançando os dados, consultando *A roda do Destino*, aos disparates dos versos, á estravagancia dos prognosticos.

Os bichos de tal maneira,  
Os pés te porão cambaios,  
Que nas *chancras* desmedidas  
Representem dois balaios.

— Esta não vale, diz o primo, tire outra! . . .  
Seis e dois, 8 — Leia.

Sarna, tinha, boba e lepra  
Terás por divertimento,  
Hemorrhoides e lombrigas  
Causarão o teu tormento.

E o namorado da roça desconfiava da gaita, olhava amarello para a namorada, esgueirava-se por entre os circumstantes, desapparecendo rapido.

Na mesa sempre posta viam-se os manauês, a saborosissima cangica de milho verde, as pamonhas, as pipocas, os carás com melado, as batatas e cannas, os famosos bolos de S. João e varias bebidas, no que consistiam as ceias tradicionaes da noite.

Por volta das dez horas a festança recrudesca, organisando-se nos terreiros verdadeiros combates a buscapés, facheados na mão calçada de luva de couro. Pessoas havia que festejavam com tiros de bacamarte. As moças tocavam pistolas e chuveiros, os rapazes rojões e roqueiras, os meninos e as meninas *bichas corredeiras*, rodinhas e *cartilhas*, fogos que não os arriscavam a imprevistos desastres.

E aqui e ali, pulando fogueiras, varando paineis de clarões, ós pandegos suspendiam-se nos ares, aos gritos de — acorda, João! — secundados pelo côro que os applaudia, palmejando e cantando :

S. João 'sta dormindo  
 Não acorda, não!  
 Dê-lhe cravos e rosas  
 E mangericão! . . .

E as tabarôas, despencadas na chula, arrufando pandeiros, estalando castanholas :



Se S. João soubesse  
Que era hoje o seu dia,  
Descia do céu á terra  
Com prazer e alegria.

A direita e á esquerda, em duas alas afastadas, empenhavam-se os torneios dos rapazes, apreciados pelo velho senhor de engenho, com seu chapéo de palhinha e rodaque branco, sentado na varanda ou á janella de seu palacio rural.

E a rapaziada, accendendo os buscapés, retalhando o ar de listras candentes, — acima, abaixo, em torno, levantava a perna por sob a qual os arremessava bem longe, á repercussão dos échos.

Durante horas esquecidas, que durava a lucta, de espaço a espaço, as mulatas destabocadas, arrepanhando a saia, cuspiam na mão, rabeavam os buscapés, erguiam-os ao alto da fronte, atirando-os á distancia, com desgarrro e valentia.

Naquella atmosphaera rubra os cannaviaes reflectiam, nas largas folhas, labaredas de incendio; as dansas negras semelhavam rondas diabolicas; as montanhas e a coma dos arvoredos excelsos tomavam um colorido de sangue, interrompidas de densas pyramides de fumo engastadas em soccos de chammas das fogueiras esparsas.

Nas soleiras dos paiões e no escuro das palhoças as mãis escravas escorvavam as rodinhas e as candeias atacadas pelos filhinhos, ajustando-lhes

às flechas oscillantes na mão pequenina e negra.

E as violas plangiam, o estampido das bombas e o estouro dos foguetes atordoavam, aos clamores de — viva S. João! — e aos cantos populares do povaréo tumultuario :

— S. João é um?

— Será ou não!

Tatú no mato

Com seu gibão,

Um pé calçado,

Outro no chão.

— Viva S. João! . . . .

De certa hora em diante as superstições abriam seus solares de seres fabulosos, de auguros propícios e funestos, de sinas que tinham por interpretes as sortes, feitas segundo a liturgia, ao pingo da meia noite, e sempre depois de um Padre Nosso e uma Ave Maria, em louvor de S. João.

Em louvor de S. João plantava-se um alho; se amanhecia grelado, obtinha-se o que se desejava.

Deixava-se ao sereno uma bacia d'agua e ia-se, antes do nascer do sol, mirar o rosto; se o individuo não via a sua sombra, era signal que não chegaria ao outro S. João.

Passava-se, em cruz, um copo cheio d'agua por sobre a fogueira, e quebrava-se dentro do liquido um ovo com a clara e a gemma. De manhã, se appareciam os lineamentos de um navio, significava viagem; se a fórma de uma igreja, casamento; se um caixão, enterro.

De um outro copo, que tambem passava-se na fogueira, em louvor de S. João, tomavam as moças solteiras um bochecho, e ficavam atraz da porta da rua, rezando esta oração: « Pedro, confessor de Nossa Senhora: Jesus Christo, Senhor Nosso, vos chamou e disse: — Pedro, tomai estas chaves do céu, são vossas; por ellas vos peço, por ellas vos rogo, se isto tiver de acontecer, (diz-se o que se deseja) tres anjos do céu, tres vezes do mundo, tres vezes digam — sim, sim, sim. Se isto, porém, não tiver de acontecer, digam — não, não, não. »

O primeiro nome de homem que ouvissem pronunciar, seria o daquelle que lhes estava destinado para marido.

Antes de meia-noite, devia-se ir ao quintal ou terreiro onde houvesse plantado um pé de arruda com flores. Estendia-se no chão uma toalha e accendiam-se nas pontas duas velas de cêra.

O fim deste sortilegio era aparar as sementes que cahiriam á meia-noite, sementes estas que ninguem conseguia obter, por isso que o Diabo era quem naquelle momento as recolhia, assombrando o individuo que ousasse disputal-as.

Um dos preconceitos mais arraigados entre o povo era que as brazas da fogueira ficavam bentas; e muitas pessoas as guardavam ou enviavam aos parentes, acreditando que quem as possuísse viveria mais um anno.

Aos primeiros raios do sol — porque depois as

aguas perderiam de sua virtude — tomava-se o banho de S. João, que gozava de propriedades miraculosas. Era depois do banho que as moças iam vêr a sorte do alho e do ovo.

E uma mocinha, beirando uma janella, abaixando o rosto, tomando de um copo e levando-o á altura da testa :

— Chega, minha gente, tão bonito! . . .

— O que é, Pombinha?

— Veja aqui no fundo; — aquillo não é um altar? . . .

— São as velas.

— Olhe daqui, não está vendo a igreja illuminada, o padre, os noivos ajoelhados. . .

— Agora sim, é casamento, é casamento! . . .

E as duas priminhas pulavam de contentes, chegando a vez da outra, a quem sahia sorte identica, o que muitas vezes se realisava.

Dias ou mezes depois, recordando os acontecimentos, uma parelha de bruxas velhas e agoureiras entabolava mais ou menos curto dialogo :

— Já viu, sinhá Sussú, como o Chico da Hora está seccando. . . seccando? . . .

— É verdade, sinhá Milú, de um tempo a esta parte elle tem uma tosse tão feia!

— Credo! não será cousa feita?

— Pois não sabe? tirou um caixão de defunto na sorte de S. João e tem de morrer este anno. . .

Felizmente o vaticinio falhava, não amortecendo o facho sideral das superstições que resplandecia.

## CHRISTO

Mais numerosos que os golfos, que as montanhas, que as estrellas, talvez, os deuses do polytheismo multiplicavam-se, e em cada personificação, em cada allegoria, projectava-se sombra de morte sobre seu culto, suas fabulas e suas praticas absurdas.

Abandonado de uma parte pela philosophia, a qual hostilisava, e da outra pelo progresso das sciencias physicas, que lhe destruiam os mysterios, o succumbir para elle na lucta era uma questão vencida e de desenlace imminente.

A poesia, por seu lado, prophetisando-lhe a quéda nas composições de Eschylo e Euripides, embocava o porta-voz da revolta, e aos quatro cantos dos templos pagãos, um fragmento desabava com o fragor de ruinas.

D'est'arte abalada a arvore da tradição, a razão popular vacillava entre o poder politico e o religioso, e dahi as controvercias que debilitam a fé e profanam a atmospherica mystica das religiões.

Sendo estas as principaes causas de seu gradual aniquilamento, o polytheismo assistia impassivel ao combate das seitas philosophicas que lhe eram adversas, e do qual apenas resultavam interesses para as classes letradas, ao passo que o povo conservava-se incredulo.

Então, a ignorancia popular, sem outro asylo além da descrença, nelle refugiou-se resignada, aguardando melhores dias.

Mas não era nem podia ser esta a ultima palavra. O sentimento religioso tinha necessidade de expandir-se, e não basta que seja abolida a crença para que deixe de existir a necessidade de crer.

No meio dessa conflagração geral do elemento religioso, quando o scepticismo tudo destruia sem nada construir, desenraizando das civilisações a moral e as tradições, appareceu Christo, appareceu o christianismo, trazendo consigo novas aspirações e novas idéas.

Precedido, é certo, em sua marcha, pelo theismo, que de ha muito representava um idéal vago na humanidade, não era, entretanto, a concepção abstracta de um Deus unico, capaz por si só de abrir caminho nas sociedades, cujos interesses urgiam, e diante de opiniões tolerantes e em extremo reflectidas.

Os povos, fatigados do polytheismo, da magia, do fetichismo e das superstições; cançados de crear deuses a seu capricho; avassallados pela corrupção de costumes, constituíam infinito mar onde

se reflectia sobre as vagas a unidade de Deus, porém despida de fórmulas, o que não bastava para satisfazer a alma e engrandecel-a da grandeza de suas crenças.

Nessa época, portanto, para que o universo se agrupasse em torno de uma religião, faltava apenas uma entidade sobrenatural, favorecida por circumstancias extraordinarias e aureolada do prestigio da tradição.

A religião greco-romana, batida por toda a parte, lançada por terra pelas seitas triumphantes, já não era admissivel: cumpria então, errando de altar em altar, surprender o Deus unico, mas revestido de fórmulas religiosas, por isso que se adaptava ás variantes do espirito humano.

Nestas condições o judaismo se manifestava, exuberante de ritos, de ceremonias, de pompas exteriores, conservando o seu dogma fundamental, porém horrivel, implacavel em suas iras, em seus furores.

Não era esta precisamente a religião almejada, mas não podia ser outro o culto preferido.

Por esse tempo, os judeus altamente instruidos, discutiam as suas doutrinas, celebravam os seus ritos admiraveis, subordinados a uma liturgia classica e definida. Mas a voz de bronze de seus prophetas, o assombramento epico de suas tradições, a pena de Talião sancionada na lei, fariam recuar espavorido o mundo moderno, que carecia

do conforto de esperança e das promessas de vida eterna.

Hesitar, portanto, entre um passado que amontoava destroços e um futuro que, em determinadas condições, pudesse erguer-se de accordo com os suffragios das opinões mais esclarecidas, fôra passar de escuridão para maior escuridão, onde a alma universal se debateria na asphixia da vida e da morte.

Firmado então no judaismo e alentado pelo trabalho de outros seculos e outras civilisações, Christo faz a sua entrada no mundo, e sua doutrina attrahe a massa popular, homogenea, quasi sem distincção de classes.

Consubstanciando em seu programma a fórmula mais pura do theismo, a comprehensão obscura, em cultivo mental, não podia ser toda favoravel, e o christianismo teve de soffrer os primeiros golpes.

A proclamação do reino de Deus, feita por Jesus em Jerusalem, era um grito de alarma, uma ameaça ás instituições estabelecidas do sacerdocio e dos poderes publicos... E a revolução começava a operar-se, aos reverberos das prophcias, cuja letra eclipsava-se pelo espirito do Evangelho, que a excedia em perfeição e pureza.

Desde os primeiros passos, porém, a fé em Christo congrassava as multidões absortas e as classes da maior cultura, que encontravam na grandiosa figura do Nazareno, na sua metaphysica, na sua moral, a superioridade de seus destinos e o



necessario para preencher-lhe o insondavel, o enorme vacuo deixado n'alma pela aridez das crenças passadas.

Christo vinha prégar a sua alma; e seu papel messianico e divino garantia-o de um poder absoluto.

Desde a phase inicial de sua vida publica, a sua palavra repercutia por toda a parte, levando a boa nova da salvação aos grandes da terra e aos humildes.

Convocando em sua provincia natal individuos ignorantes e obscuros, sem fortuna, sem poderio, sem valor, pescadores ou operarios como elle, escolheu-os para seus apóstolos.

E os pobres filhos do povo, os doze eleitos, avigorados pelo espirito do Mestre, não o abandonam jámais, tornando-se os pregoeiros do reino do céu; e para que a sua palavra persuadissem aos povos, foi-lhes conferido o dom dos milagres, em nome daquelle que os enviou.

A opposição estabelecida desde logo pelos chefes politicos e das synagogas, pelos homens da lei e pelos phariseus, servia apenas para augmentar-lhe o proselytismo e fazel-o seguido de discipulos e das multidões.

Elle não vinha derrubar as leis de Moysés, vinha confirmal-as; o que a sciencia pagã e a moral haviam previsto, elle vinha demonstrar; no que era simples esboço, as suas mãos tallavam fundo, e acabava.

O bem pelo mal, o perdão das injurias, a liberdade aos captivos, a mansidão e o amor, Christo consagrava em sua doutrina ; e os pequenos, os desherdados da felicidade e da sorte, o ouviam attentos, embevecidos dessa linguagem harmoniosa que lhes cahia na alma como os orvalhos da noite sobre as flores do deserto.

Nas parabolâs do reino de Deus, no sermão da montanha, na resurreição de Lazaro e no perdão de Magdalena, encerram-se as formulas mais bellas de sua moral, o symbolismo de sua doutrina, e o código legislativo christão em sua sublimidade absoluta.

Felizes os que « chorão », os que « soffrem perseguições por amor de justiça », são notas tão penetrantes, tão humanas, que resumem todo o idéal da sciencia da felicidade, da qual cada coração é uma pagina e cada phrase uma prece a Deus!

E Christo seguia seu caminho, ensinando a terra do céu, exalçando a pobreza, o pranto do que chora, a mansidão e a fraqueza, o amor ao proximo, o abandono dos direitos e a doce paz do que crê.

Sempre para seu Pai orientando os seus discipulos, o Divino Mestre, com a frente resplandecente do brilho dos milagres, proseguia em sua missão, ao tropel dos discipulos que cresciam em numero, das mulheres e crianças que o acercavam,

das multidões ; maravillhadas pela brandura da sua palavra e pelo prodigioso de suas obras.

Cada instante de sua vida, no templo e nas praças, no lar privado e na jornada, os milagres reverdiciam a palma da esperança no reino anunciado, accendendo mais os rancores infieis que faziam o drama da redempção tenderá catastrophe.

Os enfermos, os doentes, encontravam nelle a saúde ; os mortos, á sua voz, erguiam-se para viver nova vida ; os desalentados do peccado, os afflictos do coração alcançavam nelle a protecção e o carinho.

Escoltado da caridade, que jámais abandonava os miseros filhinhos, e da fé, que suspendia nas cerrações d'alma seu calix resplandecente, o seu vulto entenebrecia o passado e illuminava de vivos clarões o espaço occupado pelas gerações.

Christo, entretanto, no seu ensino e na sua conducta, commettia para com os seus adversarios o desacato de atacar as tradições apocriphas e arbitrias, introduzidas pelas escolas na lei e nos livros dos prophetas.

E os phariseus não o perdoavam ; levantando contra elle a calumnia popular, as vinganças deicidas, o constrangeram a explicações de que não era um sapador da lei, mas um paladino de sua sublimidade e um proclamador dos vaticinios dos prophetas.

Elle vinha para cumprir a lei, para realizar as prophcias e não para revolucional-as.

E a proposito dos mandamentos, que interpretava exemplificando diante dos apóstolos e discipulos, fulminava o enxerto das tradições erroneas, consagrando a justiça, sempre proscripta pelo egoismo sacerdotal e pela hypocrisia.

Assim levantado o estandarte abatido da consciencia antiga; fundidos os grilhões pesados das culpas pela sua misericordia; confirmados os direitos e igualdade dos homens — o christianismo tornou-se a fórmula unica de uma religião accommodada ao ideal do tempo de suas origens e de todas as idades.

Sem perder de todo o perfume de sua essencia, é possível que de sua dogmatica as revoluções apenas resguardem os symbolos.

Quanto á moral, não! Flexivel, excelsa, indefinida, ella resistirá a todas as correntes dos seculos como um pharol eterno, para guiar os navegantes da vida ás praias de areias scintillantes onde habitam a consolação da terra e a felicidade do céu.

Christo é a religião da poesia, da sciencia e da humanidade!

---

## PARTIDAS DE CIGANOS

---

Nos sertões e florestas virgens do Brasil os ciganos viajam em caravanas, em grossos bandos, temerosos como flagellos, impersistentes como nevoeiros que se dissipam.

Affeitos á voz soturna dos ventos nos arvoredos excelsos, ao écho das cachoeiras que se espadanam em alaridos, ao passo da féra e do gentio nas profundezas barbaras, lá seguem elles contornando cidades e povoados, conservando seus costumes e sua gyria, praticando as suas superstições e seu banditismo tradicional.

Obedecendo aos mesmos instinctos, presididos pelos mesmos fados, os ciganos erram incessantes, formando bandos de dez a duzentos, a cavallo ou a pé.

E vem o crepusculo e os surprehende de archotes accesos no tôpo das serras, como ladrões que quizessem roubar da noite o diadema de estrellas... e vem a alvorada e os encontra á beira

dos rios e dos lagos, illustrando de vultos o tapete mosqueado de luz do labyrintho das selvas.

Elles viajam ao acaso, constituídos em cabildas, congregados em tropas, destacando-se com relevos proprios e costumes singulares.

Ao vel-os, o sertanejo pára nas estradas, os destacamentos em marcha evitam-lhes o contacto, espalhando-se a noticia da approximação das hordas pelas villas e logarejos, cujas autoridades se põem de sobreaviso para impedir-lhes a entrada.

E, porque tanta prevenção, tamanho receio desses homens que pedem aos rios o roteiro de sua jornada, ao obscuro das mattas um panno de sua sombra?...

É que essas tropilhas eternamente vagabundas, sem familia e sem lar, hospedes de todos os perigos e de todas as solidões, ameaçam as propriedades com os assaltos e a pilhagem, a boa fé campesina com escamoteações e embustes.

Ás vezes, quando as flores se despedem do somno da noite e transpõem perfumadas o amanhecer da selva, elles já se acham acampados, como grandes manchas negras, debaixo das arvores gigantescas, de cujos braços as lianas pendem nodosas á semelhança de grosseiros rosarios de monges penitentes.

Ao sabel-o, como dissemos, as autoridades civís e militares das localidades enviam-lhes intimação para que se retirem, para que, sob pena



MULHER DE UM CHEFE CIGANO





de prisão, estanciem a uma legua dos arraiaes, não pernoitando no logar.

Esta medida, sem reluctancia acceita, não impede as costumadas espertezas, os furtos e os roubos, especialmente nas fazendas.

O modo de viajar das partidas é curioso de ver; enão ha quem tenha perlustrado o interior do Brasil que não conte havel-as deparado em transito, á pé ou em cavalgadas.

Perfazendo grupos bizzaros, os bandos que caminham a pé são precedidos dos chefes, que montam lindos cavallos, alongando-se após o sequito de homens e mulheres, de creanças e de alguns cães. Em quasi todos ha rapazes que tocam viola e raparigas que cantam quadras de sentir profundo e de toada monotona.

E elles seguem a aventura... Matronas e moças, descalças ou de alpercatas, carregam a tira-collo trouxas de roupa, levando á cabeça bahús e utensilios diversos; outras, aquellas que são mãis, trazem amarrados nas costas, ao hombro, ou escanchados ao pescoço, os filhos pequenos, morenos como bronzes antigos, nú e espertos como vermes que pulam.

Os homens, geralmente mal vestidos, conduzem objectos de cobre, peças de fazendas e bugi-gangas variadas, com que negociam nas berganhas, illudem os incautos. De permeio atropelam-se os meninos, os arautos da quadrilha, os exploradores do terreno.

Acampados á vasta cópa de seculares ramas, os ciganos sentam-se ou deitam-se em couros que estendem, em redes que armam, descendo os chefes e os mais validos do bando as facas e as pistolas que trazem á cinta.

As mulheres preparam o fogo, tratam da caça, servem a refeição, depois da qual os ciganinhos debandam, ficando mais tarde o acampamento quasi despovoado.

Aqui e além, mulheres trigueiras e formosas, de olhos rasgados e fascinantes, adornadas de ouro e de pedrarias falsas, de patuás, moedas e verónicas, perambulam na redondeza, salientando-se pelas saias de côres vivissimas, pelos lenços de ramagens, encarnados e amarellos, que toucam-lhes os cabellos.

As velhas lá ficam attrahindo os moradores do termo e os passantes que compram-lhes miudezas e santinhos, trocam, com volta em dinheiro, objectos de latão que impingem por ouro, rezam de quebranto, de bucho virado, de espinhela cahida...

Deitando cartas, perscrutando o destino, as horrendas feiticeiras fazem tregeitos, acercando-se dellas os tabaréos com os filhinhos, para que lhes leiam a sina na mão aberta e pequena.

Alguns da tropa mendigam, espionam os engenhos, berganham objectos furtados, entregando-se instinctivamente á espertezas, á rapina.

Industriados os pequenos ciganos em negar os

furtos e os roubos, quando qualquer victima se apresenta reclamando, uma das ciganas chama pelo filho, affirmando préviamente: — Olhe, *ganjão*, nós somos muito pobres, porém meu filho não rouba.

E subito um longo assobio fere os ares e, em seguida, escuta-se :

— Pedro, nega!...

Ao que um rapazinho, tismado e de cabellos crespos, de rosto redondo e olhar obliquo, avulta á distancia, bradando-lhe de novo a cigana, de mão á cintura e com gesto indignado :

— Pedro, nega!..,

— O que é, mãi dos diabos? !...

— Tu roubaste a este *ganjão*?

— Raios te partam pelas costas, de semelhante aleive !

— Vê, *ganjão*? este meu filho é tão bom que eu vou rogar-lhe uma praga : filho, que rios de ouro te corram pelas mãos !...

Nos ranchos comem no chão, em couros ou esteiras que desdobram ; não usam de talheres, mas dos dedos.

Sentados em roda, com as pernas cruzadas, devoram o que encontram, sendo-lhes prato predilecto a carne de porco, geralmente encontrada em suas mesas.

Proximo ao entardecer, depois das refeições nos acampamentos e depredações do estylo, o bando acondiciona as bagagens, o chefe monta

a cavallo, o prestito avia-se, collocando-se na frente os guias com velas de rebentos de carnaúba, com pavios resinosos e archotes que accendem, para esclarecer-lhes a tréva dos caminhos.

E, quando cahe a noite, um cordão de fogo listra a grimpá dos serros e o interior das florestas, escutando-se ao longe uns tinidos de viola e umas cantilenas magoadas e suavissimas :

Como o galé deixa os ferros,  
Quando vai livre viver,  
Assim deixarei meus dias  
Quando tiver de morrer.

A morte, por ser desgraça,  
Não deixa de ser ventura,  
Pois corta pelas raizes  
Males que a vida não cura...

É a partida de ciganos que viaja na escuridão; são os menestreis e as Ruths bohemias que carpem as nostalgias d'alma nas solidões ignoradas de suas tristezas que não findam !...

Emquanto esta cabilda desaparece, como andorinhas de outro verão, nas estradas o trotar de cavallos desperta os échos da noite.

Aos archotes que alagam de luz as barrancas e os despenhadeiros, as aves esbarram tontas nas columnas vegetaes da floresta, os tropeis se alentam e perdem nas horas mortas, até que as estrel-

las desmaiam fatigadas da vigilia e o crepusculo da manhã levanta os horizontes pallidos.

E a partida de ciganos a cavallo demanda a villa que dista de poucas leguas, passando quasi ao pino do sol na primeira fazenda.

Como estructura, como fórma, esse povo é de uma belleza admiravel. As ciganas, quando moças, são de formosura soberana: rosto oval, cabellos negros e corredios, côr bronzeada e fina, labios rubros, olhos que brilham como estrellas polares do amor. A média na estatura é-lhes a regra: são esbeltas e graciosas como as palmeiras da Asia; a voz lhes plange na garganta como uma cavatina nos desertos.

Quando, porém, as flores dos verdes annos se passam, a féaldade reflecte-lhes velhice prematura, a pelle se lhes enruga, os olhares perdem as fascinações ardentes, transformando-se ellas em mumias, mas sem o lençol de perfumes e as faixas dos embalsamentos.

Os homens, altos e tismados, de cabellos cacheados e barbas pontudas, volvem olhos scintillantes, sempre desconfiados e afoutos nas luctas do imprevisto.

E o bando a cavallo assoma vagaroso, caminhando a passo, a dois e tres de fundo; tomando a dianteira, o chefe supremo refreia fegoso ginete ajaezado de prata, estala o rebenque guarnecido de ouro, luzindo-lhe custosas chilenas nos largos tacões das botas de viagem.

Trajados mais ou menos como os nossos fazendeiros e tropeiros, os ciganos em marcha constituem grandes grupos de cavalleiros, acompanhados de mulheres e crianças, terminando o cortejo por notavel quantidade de animaes de carga, levando em canastras, cestas, cassuás, etc, as bagagens e mercadorias necessarias ao bando.

Nessa vida equestre, as ciganás, adornadas as orelhas de pingentes de ouro e de prata, tendo ao pescoço e nos braços ricos collares e pulseiras, vestidas de cassas e de chitas de côres espantadas, bordam viajando, cosem, fazem rendas em almofadas e marcam.

Armados de clavinotes e punhaes, de pistolas e facas de ponta, os ciganos percorrem os sertões, acontecendo darem-se entre elles e forças estranhas verdadeiros combates, consideraveis morticinios.

De ordinario as partidas, quando acampam, permanecem a duas leguas das povoações, indo um ou outro da turma explorar o theatro da acção.

As crianças de collo ficam com as mãis nos acampamentos, sendo aquellas quasitodas do sexo masculino, porquanto o infanticidio das do outro sexo é quasi normal entre essas tribus nomadas.

Uma vez arranchados, os animaes ficam soltos no pasto, as berganhas e o furto estabelecem-se, e os cavallo roubados augmentam a tropa para o commercio em estranhas paragens.

Excellentes peões, habilissimos em corrigir

momentaneamente defeitos e simular andaduras, os ciganos cavalleiros enganam nas trocas os conhecedores mais sagazes, que levantam depois do logro infernal grita contra elles, que por muitos mezes não tornam a apparecer.

Lêr a sina, mendigar, illudir e pilhar, eis a senha desses pariás vagabundos, que completam, de fachos accesos no meio da noite, as magnificencias decorativas da floresta e da natureza.

---





## VIII

# A VESPERA DE REIS

## NO NORTE

---

Durante as festas do Natal as provincias do norte ostentam-se magnificas nos folguedos mais innocentes e antigos. A tradição acatada por aquelle povo alli resplandece com os brilhos de outr'ora, embalando no sentimento mais doce os habitantes das cidades e os incultos tabaréos d'aquelles sertões povoados de seres imaginarios, de amores que carpem ao som da viola, de cantigas sempre ardentes, á sombra das jaqueiras e aos tinidos alegres das campainhas da tropa.

A herança dos velhos costumes ainda avulta como grande cabedal n'aquellas terras, com a differença, porém, propria ao character de cada provincia, e naturalmente de accordo com o predominio exercido n'esta ou n'aquella pelos conquistadores europeus, ou pelas tribus selvagens, indianas ou africanas, que alli se foram assentando

em aldeias, desbravando florestas e estabelecendo-se em varios centros.

Como ponto de partida da civilisação do norte, a Bahia domina de suas montanhas aquelles horizontes sem fim, partindo d'ella para as populações extremes o tom nacionalista que por lá resôa nas noites encantadas do Natal e na vespera de Reis.

Na grande cidade e antiga metropole brasileira, a noite de 5 é quasi e exclusivamente consagrada aos bailes pastorís; no interior e nas demais provincias, o *Bumba-meu-boi*, as *Cheganças* e os *Cócos* delicias as multidões, as familias de todas as classes, que a elles assistem jubilosas, quando a chula ferve, os dansados rodopiam, as cantorias e as representações correm á porfia.

Os presepes e os bailes de pastoras, portanto, são tão especiaes á capital bahiana como o *Bumba-meu-boi* aos seus arrabaldes, aos seus sertões, ao norte em geral.

Na pluralidade das povoações mais adiantadas, os ranchos de Reis, seguindo ás Lapinhas, são communs, variando quasi sempre as cantigas, exclusão feita de algumas coplas tradicionaes e dos estribilhos uniformes.

Tomando a Bahia como a provincia typo d'esses folguedos, é preferivel fazermos n'ella se exhibirem essas scenas, que ainda lá se reproduzem como na primitiva, todos os annos, com maior ou menor esplendor, maior ou menor animação.

Como festa popular, a vespera de Reis é de uma

mobibilidade incrível quanto ás variantes das cantigas, dos autos pastorís, das *Cheganças*, do *Bumba-meu-boi*. Essas variantes accentuam-se cada vez mais, á proporção que taes costumes adiantam-se para o alto norte.

Na impossibilidade de discriminal-os aqui, de levantar-lhes a physionomia local, de seguir elementos multiplos no seu modo de sentir e de exprimir emoções, lancemos mão do primeiro molde, do qual são os outros verdadeiras cópias e accommodações.

Na vespera de Reis a cidade transmuda-se de sua serenidade habitual. Bandos de moças, rapazes, ranchos de mulatas e crioulas, ao fogo dos archotes, á musica de violões, violas, pandeiros, castanholas, etc., enchem as ruas, entornando em sua passagem deliciosa harmonia.

Esses bandos, esses ranchos vestidos de pastoras e pastores, ou demandam a Lapinha, onde um grande presepe, com figuras de tamanho natural, os espera, ou vão a differentes casas, para as quaes receberam convites, *tirar Reis*, banquetear-se, tomar parte nos bailes pastorís, seguindo alguns sem destino, sem rumo certo.

Embora ás casas estejam com as janellas abertas, illuminadas as salas, e as musicas se façam ouvir, nenhuma das que esperam os Reis tem a porta aberta, por isso que as cantatas devem começar fóra. Ás vezes, diante dos lindos presepes, as pastorinhas dialogam, o drama vai em meio, qua-

ando de subito, ao chocalhar dos pandeiros, ao som das flautas, escuta-se da rua apinhada de povo :

O' de casa, nobre gente,  
Escutai e ouvireis,  
Lá das bandas do Oriente  
São chegados os tres Reis.

Gaspar, Melchior, Balthazar  
Vieram lá do Oriente,  
Adorar o Deus Menino,  
A Jesus Omnipotente.

O primeiro trouxe ouro,  
Para o seu throno dourar ;  
O segundo trouxe incenso,  
Para o Menino incensar ;  
O terceiro trouxe mirrha,  
Por saber qu'era immortal....

Abri a porta  
Se quereis abrir,  
Que somos de longe,  
Queremos nos ir.

Os moradores, os convidados, para ouvil-os, não dão pressa a que a porta se abra, motivando a tardança outras quadras :

Acordai, se estais dormindo,  
Deste somno em que estais,  
Pois em noite tão ditosa  
É bom que vós não durmais.

Esta casa é mui bem feita,  
Por dentro, por fóra não :  
Por dentro cravos e rosas,  
Por fóra mangericão.

O' senhor dono da casa,  
Ramo de alecrim maior,  
A sua sombra nos cobre,  
Quer chova, quer faça sol.

O' senhor dono da casa,  
Foi homem que Deus pintou,  
Metta a mão nas algibeiras,  
Pague já quem o louvou.

Ora deem,  
Se têm o que dar,  
Que somos de longe,  
Queremos andar !

E a porta abre-se, os tinidos dos pandeiros fervilham, e os ranchos, olhando para o presepe, para as pastoras que o guarnecem, para o todo da festa, entram tocando, dansando, cantando :

Se eu soubesse  
Que havia funcção,  
Trazia mulatas  
De meu coração...

Para aproveitarem a noite, a demora não é longa, succedendo a um rancho, n'uma casa, muitos outros ranchos.

Os bailes, que não são verdadeiramente bailes, porém autos, occupam interessantes as horas das familias, prolongando-se até de manhã.

N'esses dramas de pastores em adoração a Jesus Nascido, as reminiscencias de seus congeneres da idade média são palpitantes, notando-se n'estes, como n'aquelles, os disparates mais risiveis. N'este numero estão os bailes da *Liberdade*, de *Elmano*, e o de *Cupido*, em que o sagrado caminha de mãos dadas com o profano, como, por exemplo :

Quebrei as settas  
Do deus Cupido,  
Fugiu raivoso  
De mim vencido...

inconciliavel com a seguinte quadra, embebida de suave unção religiosa :

*Gloria in excelsis Deo* —  
Cantamos ao Deus Menino,  
Que por nosso amor se fez  
Humano, sendo divino.

E os ranchos vão á Lapinha, cantam ás portas e nas casas; os presepes delicias com os seus bailes, ao mesmo tempo que as *Cheganças*, os *Cócos*, os *Cucumbys* e o *Bumba-meu-boi*, alcançam triumphos, conquistam applausos em outros circulos.

Sem nexo, como os autos pastorís, sem entrecho, sem enredo que interesse, as *Cheganças* par-

ticipam da fôrma dramatica, perfazem curtas scenas, impressionando mais vivamente o auditorio pelo movimento da acção, mais curta, mais rapida.

Os personagens, vestidos a caracter, como n'aquelles, enthusiasmam o povo, apenas apparecem, apenas o primeiro começa o seu papel.

As *Cheganças* são geralmente executadas ao ar livre, isto é, n'um tablado junto a uma igreja, de preferencia a matriz.

Sendo sempre esses templos em um largo, desde a vespera do Natal o decoram com bandeiras, galhardetes, arcos de folhas verdes, etc.; e na vespera de Reis illuminam exteriormente a igreja com copinhos de côres e lanternas, esclarecendo o ar escuro da praça as chammas das *cabeças de alcatrão*, dos fogaréos que ardem aqui e além.

Diante do referido tablado, do tosco scenario de taboas de pinho com frontão alto de lona pintada, installa-se a orchestra composta de tocadores de ouvido, que arpam as suas guitarras e violas, seu violões e cavaquinhos, fazendo a parte cantante um piston, uma rabeca, uma flauta ou uma clarineta.

Nas povoações mais desenvolvidas relativamente ao seu commercio com a capital e nas freguezias suburbanas, é sempre contratada para essas festas, para esses dias, uma musica de barbeiros, que ainda não desapareceram de todo nas provincias do norte. A musica da Chapada, na Bahia, comprova o expellido.

Por occasião d'esses espectaculos populares, o largo regorgita do que ha de mais escolhido no logar, de tabaréos e tabarôas que vêm de longe para a elles assistir.

Para darmos uma idéa dessas peças, constituídas por poucas scenas, tomemos de emprestimo aos *Cantos populares do Brasil*, do nosso erudito amigo e fecundo escriptor Sylvio Roméro, a *Chegança dos Marujos*.

Por taes versos póde-se bem aquilatar desse producto de poesia bardica, embryonaria é verdade, mas insupprivel por qualquer outra de poeta lettrado. Eis um trecho :

TODOS, *entrando*.

Entremos por esta nobre casa,  
Alegres louvores cantando,  
Louvores á Virgem Pura,  
Graças a Deus Soberano.

CONTRA-MESTRE

Olhem como vem brilhando  
Esta nobre infantaria !  
Saltemos do mar para terra,  
Ai, ai !... festejar este dia...

.....



## CAPITÃO

Sóbe, sóbe, meu gageiro,  
Meu gageirinho real!  
Olha para a estrella do norte,  
Oh tolina!  
Para poder nos guiar.

## CONTRA-MESTRE

Virar, virar, camaradas,  
Virar com grande alegria,  
Para ver se alcançamos  
A cidade da Bahia.

Os versos são cantados, a representação é como nos theatros, ha dansas balançaças fingindo o jogo de bordo, até que o Marujo, o Capitão, o Contra-Mestre, o Piloto e mais interlocutores, retiram-se cantando, entre muitas cantigas, a seguinte :

Quando Deus formou o navio  
Com seu letreiro na pôpa,  
Tambem formou o marujo  
Com seu charuto na boca.

Quando me fôr desta terra  
Tres cousas quero pedir :  
Uma é o mal de amores,  
P'ra quando tornar a vir.

E sahindo aos sons das violas e pandeiros, entram em varias casas, improvisando quadras, cantando, bailando.

Na vespera de Reis os *Côcos* tiram-se e dançam-se em todo o norte. Os matutos e os escravos formavam roda, e sós ou aos pares, batiam palmas certas, com precisão e enthusiasmo, e descantavam. Um tirava o *côco* e os outros respondiam com o estribilho.

## O CANTADOR

Na palma da tua mão  
Dei um beijo certo dia,  
E vim com a bocca cheirando  
A *fulô* de melancia.

## CÔRO

Aniba, aniba, siri-ganguê,  
Cajueiro, cajuá ;  
Aniba, aniba, siri-ganguê,  
Quero vê minha yayá.

## O CANTADOR

Vamos vê plantar vassoura,  
Minha yayá,  
Vassourinha de botão,  
Minha yayá,  
Ao *redó* de sua saia,  
Minha yayá,  
Ao *redó* de seu balão...

Conjunctamente com as demais folias das noites de Reis, o *Bumba-meu-boi*, mascarada burlesca, percorre as ruas, dança nas casas, faz evoluções

nos terreiros, variando, de provincia para provincia, no modo de trajar, nos versos que formam os autos, não obstante conservarem estes os personagens classicos, as figuras capitaes.

Note-se, porém, que parte são de occasião, o que significa um esforço da imaginação popular.

Na Bahia, especialmente na cidade, a *Burrinha*, os *Cucumbys*, a *Caiporinha* e o *Cavallo-Marinho* são mais communs, sendo o *Bumba-meu-boi* divertimento mais em voga nos arrabaldes, nos sertões, no norte todo.

N'aquella capital preferem-se as cantatas ambulantes, os bailes pastorís, os presepes.

---

Estamos nas Alagôas.

A uns vinte e cinco minutos da cidade velha demora a antiga aldeia Taperaguá, que vem banhar as plantas na lagôa plana e transparente. N'esta povoação as casas são baixas, de telha-vã ou de sapé. Os que ahi moram são na generalidade pobres pescadores.

É costume das familias da capital abandonar suas casas e, em companhia de outras, ir passar a festa, desde o dia 25 até 6 de Janeiro, á beira d'essas aguas.

Toda a lagôa Manguaba, que é lindissima, é povoada, e durante esse tempo torna-se encantadora. Desde o trapiche da Barra, Pontal, Remedios, Boca da Caixa, Volta d'Agua, Santa Rita,

etc., vêm-se arcos, bandeiras e barracas pelo caminho ; rapazes e mulheres, crianças e velhos passeiam na lagôa em balsas, ajoujos embandeirados, soltando foguetes e tocando musicas caracteristicas da provincia.

A noite muita gente vai ver o *Bumba-meu-boi* em differentes casas, ruas e largos.

N'aquellas paragens o auto do *Bumba* tem uma quantidade enfadonha de personagens de enxerto, tornando-se por isso mais curioso.

Ao todo existem : o Boi, o Tio Matheus, Catharina, o Doutor, o Toiará (individuo exquisito e vestido de folhas), o Morto-e-Vivo, Zabelinha, o Mané Pequenino, o Perna-de-páu, o Urucury (filho de Matheus), o Capitão do Matto, um Rei Mouro e um Rei Christão.

Este rancho é precedido de tocadores de viola, com seus instrumentos enfeitados de fitas, vestindo cada figurante seus trajes especiaes, de harmonia com os papeis que inculcam desempenhar.

A cantoria rompe na frente, o Boi dá pinotes, a molecada acompanha, até que, parando á porta de uma casa, os foliões cantam :

TODOS

O' de casa, ó de fóra,  
Mangerona é quem está ahi,  
É o cravo, é a rosa,  
É flôr do bogari.

Aqui 'stou em vossa porta  
 Com figura de raposa ;  
 Eu não venho pedir nada,  
 Mas o dar é grande cousa.

E a porta abre-se e o rancho canta de dentro :

TODOS

Entremos nas torres,  
 Jardim de *fulô*,  
 Que o nascimento  
 É do *Redemptô*.

Nós somos soldados,  
 Viemos da guerra ;  
 Costa com costa,  
 Joelhos em terra.

N'esse momento o Boi, conduzido por Matheus, arremette, dá chifradas, espalha a meninada, e canta :

Chegou, chegou,  
 Oh ! chegou meu boi agora ;  
 Se *quize* qu'eu danse, eu danso ;  
 Se não *qué*, eu vou-me embora.

Matheus, que toca na viola, senta-se no chão, depois levanta-se, entôa o primeiro dos versos seguintes, fazendo côro os mais personagens :

Trago, trago o meu boi,  
 Eh ! bumba !  
 O meu boi *fulô*,  
 Eh ! bumba !  
 Este boi é bonito,  
 Eh ! bumba ! etc.

O Perna-de-páu sóbe nas andas, o Morto-e-Vivo endireita uma fôrma de Judas de panno, que traz amarrado na barriga, e o Mané Pequenino, que vem escondido n'uma especie de mortalha, que tambem encobre um bambú ao longo do qual desce e sóbe uma urupema, formando uma cabeça disforme, canta, pondo em acção os seus dizeres:

MANÉ PEQUENINO

O' Mané Pequenino ,  
 O' Mané *grandaião* !  
 Se *quize* que elle cresça,  
 É puxar-lhe os *cordão*...

E essas scenas são seguidas de uma infinidade de outras, findando o auto pelo *ajuda* no Boi, e por este verso, cantado pelo rancho :

TODOS

Bateu aza, cantou o gallo,  
 Quando o Salvador nasceu ;  
 Cantam anjos nas alturas  
*Gloria in excelsis Deo.*

As festas do Natal na Bahia, [nas Alagôas, no norte em geral, divertem o povo, que sente reviver a patria antiga nos dias modernos.

---

## ENTRE OS CIGANOS

---

A vespera de S. João de 1889 passámos em uma casa de ciganos. O dono dessa habitação, cheia de paz e de virtude, é talvez o mais inspirado dos trovadores de sua raça existentes na cidade Nova.

Seus filhos mais velhos, rapazes de quatorze a vinte annos, tocam viola e cantam com um sentimento proprio, derramando sobre seus instrumentos e nos tons pungitivos de suas *modas* toda a su'alma de artistas.

O nosso poeta e excellente amigo acariciava, como a mais fina perola da sua tribu, a uma menina de quinze annos, sua filha unica, uma especie de Ruth a gentia, pelos contornos da cabeça biblica, pela côr tiszadã do semblante e pelo fulgor do olhar ardente e prophético.

No seu lar, acercado das tradições e de sua prole, não conhecemos quem viva mais a seu modo, frequentado pelos melhores de sua raça, cabendos a honra da sua intimidade, que não é concedida a outro qualquer de origem estranha.

A seu especial convite, com elle estivemos na vespera de S. João, e desde a entrada em sua casa foi-nos prodigalisada hospitalidade distincta e franca.

Os convidados achavam-se reunidos na sala de jantar, com o invariavel oratorio, por nós descripto nos *Ciganos no Brasil*, e o violeiro, fazendo vibrar as cordas de sua viola, modulava trova, antigas, estribilhadas de dois em dois versos pelo côro dos circumstantes attentos e quietos.

E os vinhos e licores, os carás, a cangica, as cannas e as batatas eram servidos á discrição, nos intervallos dos cantos e das dansas, que corriam á porfia.

Nas dansas, para nos obsequiarem, os nossos estimaveis amigos procuraram restaurar o que ainda lhes resta de tradicional, e a *serra-baia*, o *anú* e o fandango hespanhol foram maravilhosamente executados pelos dansadores ageis e pelas graciosas *kalins*, morenas, bem feitas e bonitas.

Com seus vestidos brancos ou de côres vivissimas, seus braceletes de ouro e de coraes, com os cabellos ornados de flores nativas ou de laços de fitas, aquellas moças incultas pareciam princezas das legendas arabes no seu reinado de mysterios e de phantasias.

Um momento houve em que a poesia de improvisado devia abrigar suavissima os convivas da noite e sacudir-lhes sobre a fronte a poeira de ouro dos pensamentos sublimes, embora, algu-



mas vezes, as cinzas da morte alentassem o respirar profundo das pungitivas estrophes.

E — cousa singular ! — n'uma noite de festa, n'uma serenata de prazer, a musa do cigano é a Dôr !

O violeiro *kalon* é ao mesmo tempo bardo e menestrel ; toca e canta, secundado pelo côro, ou então sentidos versos, que lhe são dictados pelos repentistas que o interrompem, mergulhado na monotonia de suas sonancias melancolicas.

Naquella noite os trovadores, seguindo os estylos classicos, davam os dois primeiros versos, que o violeiro passava para a musica e para o canto, e logo que o côro repetia a toada final, concluiam a quadra, que tinha como remate o plangente estribilho.

Na vespera de S. João, penhorado pelo acolhimento fidalgo que recebemos sob um tecto amigo, muitas foram as quadras que ouvimos ao rumor dos «bravos», e dentre ellas as que ahi vão, unicas que infelizmente recommendamos á memoria :

Ha um poder contra o qual  
É impossivel lutar :  
É o poder da desgraça  
Quando nos quer castigar.

O sol, que desce aos abysmos,  
Illumina a flôr mimosa,  
Symbolisa o teu olhar  
À minh'alma desditosa.

Segue a desgraça minh'alma  
Como ao corpo segue a sombra;  
De me ver tão infeliz  
De mim mesmo ella se assombra.

Trago o inferno no peito,  
No semblante o paraiso;  
Eu occulto os meus martyrios  
Com meu fingido sorriso.

Tanto tempo, ai! te não vejo  
Flor de minha primavera!  
Depois que desceste á campa  
Minh'alma o que mais espera!

A crença que tive n'alma  
Ha muito que se fanou  
Como o tronco escodeado  
Que a ventania vergou.

Que lucta, meu Deus, horrivel  
Ás vezes tenho comigo,  
P'ra desterrar as lembranças  
Que a morte trazem consigo!...

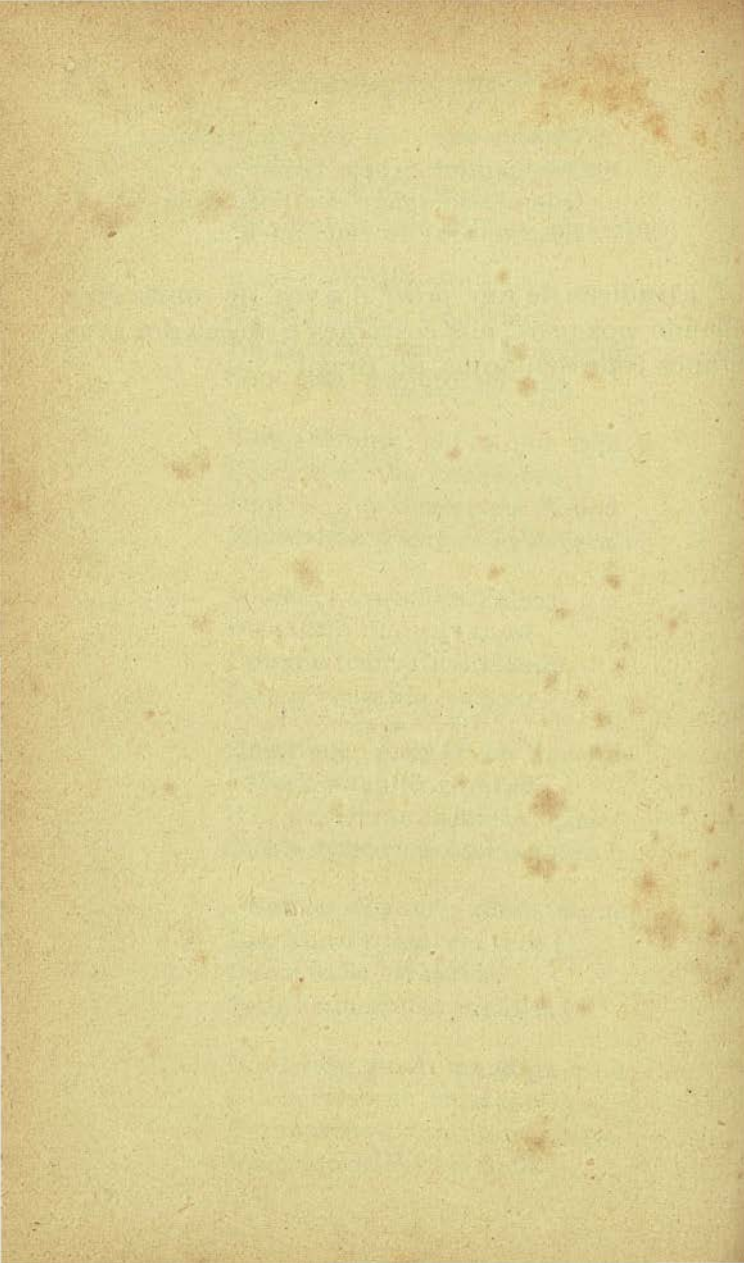
« Ser ou não ser » disse alguém,  
Que phrase fatal foi dita!  
Quem sabe serei feliz  
Tendo uma sorta maldita?!

Infeliz de quem mendiga  
Um sorriso na existencia,  
E que morre á mingua delles  
Descrido da Providencia!

Quanta tréva em meu caminho !...  
Que caminhar sem bonança,  
Quando se apaga em noss'alma  
Esse pharol de esperança !...

É a tradição de um povo, é a voz de uma raça  
fallando nos usos, nos costumes e poesia dos seus  
ultimos representantes no Brasil !

---



## O ENTRUDO

(RIO DE JANEIRO)

Entre o entrudo e o carnaval existe uma differença grande, profunda, consideravel. É que o entrudo é nosso, e o carnaval estrangeiro.

Para descobrirmos as nascentes do entrudo é necessario surprehendermos os antigos navegadores portuguezes nas suas narrativas de viagem da India para os Açores, onde esta festa publica, que celebrava-se annualmente no Pegú, foi introduzida, passando-se d'aquelle archipelago para o Brasil com os primitivos colonos.

O carnaval, porém, cuja origem é commum a todas as civilisações, da mais barbara á mais adiantada, nós só o tivemos de 1855 para cá e no Rio de Janeiro, pois em todo este paiz brincava-se e ainda brinca-se o entrudo, segundo os estylos tradicionaes.

Ha apenas dois annos que as mascaradas foram adoptadas na Bahia, alterando a physionomia

historica do oriental folguedo, que não obstante abusos, muito tinha de local nas suas expansões invariaveis (1).

É certo que o carnaval, como o temos, melhor se harmonisa com o progresso moderno; mas não é menos exacto que o entrudo, excepção feita das grosserias que lhe eram proprias, interessava a maior numero de pessoas e esmaltava-se de um resto de poesia que se irradiava no lar domestico.

Quanto a desastres e consequencias funestas, resultantes de ambos, parece-nos que nenhum d'elles se apresenta como devedor.

O entrudo, entretanto, disseminava a alegria por todas as classes, a intimidade das familias amigas estreitava-se, e não era de admirar vir a saber-se que este ou aquelle *pedido em casamento* tivera como motivo um limão de cheiro, comprimido a furto sobre um collo de neve ou um braço bem feito e macio.

Arraigado por uma persistencia secular em nossos costumes o jogo do entrudo, a observação tem demonstrado que a maioria das nossas populações não o baniu absolutamente, e que mesmo n'esta capital, onde os regulamentos policiaes o prohibem, uma especie de atavismo o faz reaparecer de tempos a tempos, como herança de raça.

Em 1885, particularmente na rua do Ouvidor, a guerra com limões foi tão forte, os esguichos

---

(1) Isto foi escripto em 1886.

em tamanha quantidade, e a agua tão abundante, que nem mesmo os prestitos carnavalescos passavam incolumes.

Ninguem que trouxesse chapéo alto, deixava de tornar-se um alvo ás pontarias dos rapazes e das moças, que, das janellas ou dos cantos das ruas, disparavam os projectís do entrudo, frente á frente, lado a lado, para cima e para baixo, na direcção do transeunte, que enterrava na cabeça a casa-mata da sua cartola.

Como facto anormal, esse acontecimento presumia-se apenas, em razão de alguns annuncios de limões de cheiro que se publicavam nos jornaes, annuncios de ordinario neutralizados para muitos pelo rotineiro edital da policia, que de nada servia.

Antigamente, a cousa fazia-se da maneira a mais solemne, e subordinada a preceitos escrupulosamente seguidos.

Colloquemo-nos no passado e descrevamos a folia, segundo contam os mais velhos.

Na mediana social, raro era o chefe de familia que, de quinze a vinte dias antes do entrudo, não se visse atropellado com os pedidos de cêra que lhe faziam a senhora, uma filha, etc.

Para a confecção dos limões, varios ingredientes tornavam-se precisos, bem como as essencias para aromatisar a agua, o carmim e o anil para coloril-os, tudo isso addicionado de um funilsinho de folha de Flandres, por meio do qual os enchiam.

No referido pedido, por conseguinte, achava-se comprehendido o mais, visto como as fôrmas em uso — laranjas, pencas de bananas, fructos diversos — ficavam á escolha e na alçada da aquisição de qualquer que emprenhava a exploração da pequena industria.

Desde logo, os donos da casa começavam a comprar pães de cêra virgem, a frequentar as sacristias, agradando o mais possível aos zeladores e sacristães, unicamente com o fim de obter d'elles bicos de velas, que carregavam em embrulhos.

Á enorme distancia, apercebido pela filharada á espera, o bom pai fazia tregeitos, negaças, e, approximando-se, apontava com o dedo o pacote sobraçado, sendo recebido com grande motim, riso, choro, ouvindo-se, em altas vozes, sahirem do infantil grupo as seguintes phrases: « É meu ! » « Não é ! » « É ! » « Não é ! »

E uma moça ou a velha, arrebatando no ar a encommenda, tomava para a sala de dentro, succedendo não poucas vezes rasgar-se o envolucro, entornando-se no corredor os tocos das velas bentas, com que as crianças esmurravam-se, escorregavam, davam quédas, para apanhar.

As escravas e as *sinhás moças* entregavam-se todo o tempo ao fabrico dos limões de cheiro, que eram expostos á venda em bandeijas, cestinhas, pratos, etc., que as familias collocavam sobre as janellas de suas casas, sobre bancos e cadeiras das salas terreas, ou em tableiros á porta dos



sobrados, sendo confiada a quitanda a algum moleque ou preta velha, que negociava com os compradores.

Desde a ante-vespera, já um ou outro projectil esborrachava-se no vestuario de algum passante que, sacudindo pacientemente a cera esfolhada no paletot, limpava com o lenço os logares molhados.

No dia, logo pela manhã, viam-se taboleiros, bandejas e mais bandeijas de limões á cabeça de negros e de molecotes, que os apregoavam por toda a parte, havendo freguezes que compravam a mercadoria por atacado, isto é, que se faziam seguir de um ou mais vendedores, entrando pelas casas, molhando e sendo molhados, no meio de grande alarido.

Ninguem lograva escapar ao assalto imprevisto, á menos que não se trancasse nos quartos, á mais leve suspeita despertada por um tropel na escada, á corrida de uma negrinha em gritos, ou cousa semelhante.

Casas havia em que os moradores preveniam-se com gamellas d'agua, cartuchos de polvilho, travando-se luctas, nas quaes os assaltantes e os assaltados ficavam completamente *ensopados*.

As classicas seringas de folha de Flandres occupavam posição saliente na folia, sustidas ao alto com as duas mãos; servindo de ponto de apoio ao grosso cabo de páu a barriga do portador, á pressão gradualmente exercida, o longo esguicho

lançava agua nas pessoas dos sobrados e nos individuos que procuravam fugir.

Das vendas, dos cantos das ruas, de todos os largos e praças da cidade, a negralhada, a chusma dos moleques em fraldas de camisa acudia á approximação de uma negra de quitanda, de pretos velhos que caminhavam rogando pragas, soltando improperios, e os encharcava de novo, barreavallhes de vermelhão e alvaiade os cabellos e a cara, tornando-os risiveis e medonhos.

Os baldes, as cuias, os regadores, as bacias cheias d'agua, os foliões despejavam entre si e sobre a gente de sua igualha que circulava nas ruas.

Na Cidade Nova o pixe tinha a maior extracção; as seringas irrompiam a cada passo, e as fabricas de limões formigavam com seus cartazes pregados nas rotulas, nos quaes se liam os preços, por duzias, da mercadoria, segundo o apuro da confecção e o tamanho.

Os estudantes, os filhos-familias e homens serios por sua idade e collocação social, não resistindo á tentação do brinquedo, percorriam diversos bairros, com os bolsos atopetados de limões, tendo sob o braço esquerdo, de encontro ao seio, caixas de charutos, balaios, cestinhas e caixas de papelão, repletos das mesmas provisões.

E as pontarias faziam-se certeiras, a agua jorrava em diluvios, os chapéos de sol abertos surdiam d'aqui e d'alli, tudo isso ao som das vaias, da

vozeria, das descomposturas, do barulho, do descer e subir escadas, até que anoitecia.

Algumas familias mandavam encher gamellas, que deixavam um pouco para dentro da porta da rua, enquanto ao largo passeavam, de cá para lá, dois ou mais escravos.

Ao signal que dava a senhora-moça, que espiava da janella, o transeunte era agarrado e mettido á força no preparado banho, do qual safava-se esperneando como um enforcado e molhado dos pés á cabeça.

Os tiroteios de vizinho para vizinho entretinham-se sem treguas, não havendo mãos a medir a prodigiosa quantidade de limões de cheiro que se gastavam.

Especialmente nas ruas da Quitanda, Ourives e Ouvidor, os rapazes faziam uma especie de Judas, de tamanho natural, atado á cintura por uma corda, cuja extremidade amarravam ao batedor de uma janella ou a uma sacada. Apenas um individuo passava em baixo, largavam de repente a figura, que cahia-lhe na frente e o assustava, e, para cural-o do susto, empurravam-lhe por cima uma bacia d'agua.

Este gracejo de reprovado gosto, a introdução do vermelhão, dos pós de sapatos e do pixe no jogo do entrudo, deram motivo a conflictos e justas reclamações, do mesmo modo que os caroços cobertos de cêra, com que alguns perversos entendiam divertir-se, occasionando accidentes.

Em razão d'esses desregramentos, das contendas repetidas, do prejuizo resultante á saúde publica, o entrudo foi prohibido, baixando ordem terminante da policia para serem multados os fabricantes de limões, presos os vendedores, inutilisados os taboleiros, recebendo cada pedestre 4 $\text{d}$  de gorgeta, por pretinho negociante que levasse seguro pelo cós da calça.

Os abusos, porém, não desnaturavam a graça do folguedo, o muito que elle tinha em si de attrahente e agradável.

Entre gente fina era de estylo os cavalheiros submetterem-se ás abundantes molhadelas do bello sexo, que se tornava implacavel n'esses dias.

Improvisando casos graves, novidade curiosa, negocio de interesse, as famílias mandavam aviso a parentes e intimos, que não tardavam a correr ao reclamo.

Uma vez na sala de visitas, eram surpreendidos por uma ou mais pessoas da casa, que tomando-lhes a dianteira, os recebiam com uma saraivada de limões, muita algazarra e muita gargalhada.

Do brinquedo do entrudo, influentes existem que ainda se lembram das bellas *pontarias* que fizeram, dos alvos que attingiram, dos deliciosos namoros que entabularam n'aquellas tardes que se foram, e de cujo crepusculo apenas um ou outro raio lhes esclarece a noite sombria da saudade.

---

## FOLK-LORE BRASILEIRO

(CANTOS)

Nas velhas nações a poesia popular era tão generalisada, que a encontramos no periodo mythico da humanidade confundida com as religiões.

Accentuadamente hymnica, revestindo com seu sendal nebuloso as primitivas fórmulas do culto, as variedades symbolicas da divindade embalavam-se na cadencia do rythmo, que fixava o verso pelas harmonias do canto.

Nos periodos mais afastados das civilisações, a poesia popular constituia-se de hymnos sagrados, que na India deram logar aos *Vedas* e aos poemas cyclicos do *Ramayana* e *Mahabarata*, na Grecia antiga aos homerides, na Finlandia ao *Kalevala*, na Arabia aos cantos de *Moalakats*.

Na Scandinavia os *Eddas* consubstanciam a

grande poesia tradicional daquelles povos, a intrincada cosmogonia de sua fabulosa historia.

Na Allemanha o *Nibelungen* representa a assombrosa mythologia do Rheno, a epopéa cyclica dessa raça do Norte.

Entre a raça malaia, emergindo de seu despertar, encontramos o *Maneumaya*, do mesmo modo que entre a celtica o *Mabinogion*, poema de origens anonymas e de estructura admiravel.

O Egypto, a Syria, a Persia e a Babylonia deixaram-nos poemas do genero, como notadamente o *Avesta* dos persas; e entre os hebreus o opulento ritual de hymnos nada mais são do que velhas canções religiosas.

A essa inicial phase da poesia popular, a esse periodo em que as raças possuíam o dom de crear mythologias, podemos associar o *Papol-Vuh* do Mexico pre-columbiano.

Em boa critica a grande poesia popular divide-se em duas phases:—a antiga, entrelaçada com os cultos, com a liturgia e com os mythos; e a de epochas posteriores, que gyra em torno de uma figura, de um heróe, formando as epopéas.

N'este caso destacam-se os cyclos carlovingiano e o arthuriano, constituidos por elementos celticos, e ainda em França as canções de *Gesta* e o poema de *Roland*.

A Hespanha, no seu romanceiro do *Cid*, concorre para mais exemplificar o nosso dizer.

A poesia popular moderna, porém, assume o

caracter lyrico, sendo-lhe quasi completamente estranhos os vãos epicos. Assim os cancioneiros portuguezes de Garret e Theophilo Braga, constituidos por fragmentos lyricos destinados ao canto, representando talvez um poema que ficou por fazer, os *Canti e raconti del popolo italiano* de Compareti e d'Ancona, e o nosso *Cancioneiro dos Ciganos*.

Passando para o Brasil com as primeiras levas colonisadoras, a poesia popular portugueza conservou a mesma physionomia, recebendo mais tarde elementos novos. Pois bem : inventariando todo esse passado, recolhendo da tradição ora o que ella ainda conserva nas populações do norte do Brasil, o eminente historiador e philosopho Sylvio Roméro apresenta-nos os *Cantos populares do Brasil*, uma das obras de maior alcance de que se póde ufanar a litteratura desta parte da America.

Na erudita e alentada *Introdução* á sua obra, diz o illustre critico :

« O que se póde assegurar é que, no primeiro seculo da colonisação, portuguezes, indios e negros achavam-se em frente uns dos outros, e diante de uma natureza esplendida, em lucta, tendo por armas o obuz, a flecha e a enxada e por lenitivo as saudades da terra natal. O portuguez luctava, vencia e escravisava; o indio defendia-se, era vencido, fugia ou ficava captivo; o africano trabalhava, trabalhava..... Todos deviam cantar, porque todos tinham saudades : o portuguez de

seus lares d'além-mar, o indio de suas selvas, que ia perdendo, e o negro de suas palhoças, que nunca mais havia de vêr ».

E neste trecho, em que o notavel escriptor synthetisa a sua obra, está o plano geral que adoptára, deprehendendo-se de sua leitura a boa ordem e a classificação das canções colligidas.

Como factores de nossa poesia popular, compete incontestavelmente ao portuguez o logar de honra, por isso que os seus cantos nacionaes atravessaram com elle o oceano e aqui chegaram com os primeiros navios da descoberta.

Nos romances e xacaras, comprehendidos na primeira serie do livro, a *Dona Infanta*, o *Conde Alberto*, *Iria a Fidalga*, o *Conde de Montalbar*, a *Não Catharineta*, *D. Branca*, a *Céga* e muitos outros isolam-se, formando um grupo á parte, um sentir especial, que não pôde pertencer senão á raça superior, com suas tradições cavalleirescas, com sua historia maritima.

Faz vinte e um annos e um dia  
Que andamos n'ondas do mar,  
Botando solas de molho  
Para de noite jantar.

A sola era tão dura  
Que a não podemos tragar,  
Foi-se vendo pela sorte  
Quem se havia de matar,  
Logo foi cahir a sorte  
No capitão-general.



Sobe, sobe, meu gageiro,  
Meu gageirinho real.  
Vê se vês terra de Hespanha  
Areias de Portugal.

Depois das rhapsodias patrias, que assignalam definidas origens européas, a ampla serie dos cantos nos demonstra o esforço que teve de empregar o conquistador contra a vida exterior e seus agentes, na descoberta de terras, no povoamento dos sertões.

Dessa resistencia poderosa contra elementos verdadeiramente extraordinarios, a poesia culta portugueza se foi pouco a pouco transformando ao contacto das raças inferiores, empenhadas na mesma lucta, representando no mesmo theatro de accção.

Cada um com a sua psychologia especial, com seus usos e costumes singulares, congraçados, porém, pelo mesmo destino, o portuguez, o caboclo e o negro disfarçam as agruras da lucta e plangem as suas saudades em toadas espontaneas, nas quaes estes dous ultimos factores desaparecem, para abrir caminho ao mestiço — elemento de elaboração nova, producto representativo dos idéaes das raças fusionarias.

Se hem poucas cousas existem completamente novas e inspiradas, não nos accusem, pelos antecedentes, da falta de originalidade.

As canções populares de todos os povos assemelham-se, como o balbuciar de todas as crianças.

É sempre a natureza em seu radiante amanhecer de primavera ou em seu silencio de inverno, o amor feliz ou desgraçado, a tristeza da separação ou a alegria da volta, o canto dos passaros e o marulho das correntes, que impressionam os ouvidos primitivos.

Além destas e d'outras causas, que motivam os cantos, a natureza selvagem do paiz proporcionava sensações que se transformavam em emoções, emoções que desabrochavam em melodias.

Dahi o cyclo sertanejo da poesia de vaqueiros, desses nortistas de gibão de couro e perneiras, affrontando as seccas que devastam o gado e o homem.

Nos *Cantos populares do Brasil* esta curiosa parte das nossas canções encontra-se brilhantemente enriquecida com o *Boi Espacio*, a *Vacca do Burel* e *Rabicho da Geralda*, originalissimas composições cantadas pelos nossos vaqueiros nos curraes, durante as vaquejadas, e á frente dos boiades nos altos sertões do norte.

Eu tinha meu Boi-Espacio  
 Que era boi cortelleiro,  
 Que corria em tres sertões,  
 Bebia na Cajazeira,  
 Malhava lá no oiteiro,  
 Descansava em Riachão.

Era de tanta excepção  
 Que afogou a tres vaqueiros,

Todos tres de opinião;  
 Canellas do Boi-Espacio,  
 Dellas se fizera mão  
 Para pisar o milho  
 Da gente lá do sertão.

. . . . .

Do rabo do Boi-Espacio  
 Delle fizeram bastão,  
 Para as velhas lá de cima  
 Andar com elle na mão.

Esparços, na secção das *xacaras e romances*, Sylvio Roméro inclue o *Redondo Sinhá*, *A mula-tinha*, *O sapo cururú*, *chulas*, o *A B C da Moça queimada*, do *Vaqueiro em tempo de secca*, do *Lavrador* e alguns mais, assignalando estes ultimos uma fórma excepcional de nossas canções, não encontrada, que conheçamos, nos cantos populares de outros povos.

A — Agora triste começo  
 A manifestar meu enfado,  
 Os meus grandes *avexames*,  
 A vida de um desgraçado.

B — Bem queria nunca ser  
 Vaqueiro neste sertão,  
 Para fim de não me ver  
 Em tamanha confusão.

C — Com cuidado levo o dia  
 E a noite a maginar,  
 De manhã tirar o leite,  
 Ir ao campo campear, etc.

A esta primeira serie pertencem algumas canções politicas, sendo as principaes *O. Filgueiras*, um dos rebeldes cearenses da revolução de 1824, e que termina deste modo :

« O que tens, José Luiz,  
Que de trajes vens mudado? »  
— « Com o repuxo de Filgueiras  
Sahi todo escangalhado... »

E a conversa politica entre um *corcunda* e um *patriota*, verdadeiro quadro de genero, da politicagem do tempo da Independencia.

P. — Tratemos da *Independencia*.

C. — Isso é um passo muito errante ;  
D. Pedro no Brasil  
Não póde ser imperante.

P. — Porque? Elle não é Bragança?

C. — Se o rei ainda é vivo,  
Não pode haver uma herança.

P. — Já não posso, *seu corcunda*,  
Suas loucuras calar,  
Quer por gosto, quer por força  
Ouça-me agora fallar.  
Diga-me, homem sem brio,  
Amante do captiveiro,  
Somos terras, somos gados  
Que D. Pedro seja herdeiro  
Quando Deus formou o mundo  
Qual foi o rei que deixou?  
Não deixou um só Adão,  
De todos progenitor?

Deste mesmo Adão não fez  
 Deus do céu para o seu mando  
 Uma mulher para elle  
 Produzir o genero humano?  
 Desses pobres camponezes  
 Produziu todas nações;  
 Algum dia elles tiveram  
 Fidalguias e brazões?  
 Onde foi Bragança haver  
 Esse sangue illustrado?  
 Só se foi de outro Adão,  
 Que por Deus não foi deixado.

A segunda serie da divisão do volume abrange *bailes, reisados e cheganças*, isto é, o povo em suas festas, exhibindo typos grotescos e celebres, assimilando scenas de combates e de navegação, em que os heróes são os conquistadores portuguezes.

Neste ultimo caso estão autos e lôas do Natal, os *Mouros e Marujos*, que recordam episodios da historia tragico-maritima de Portugal, e em que a collaboração mestiça torna-se já evidente, como por exemplo no final da *chegança dos Marujos*:

Virar, virar, camaradas,  
 Virar com grande alegria,  
 Para ver se alcançamos  
 A cidade da Bahia.

Completamente desquitados de influencias estranhas, existem os *reisados* e o *Bumba-meu-boi*, produções exclusivas do nosso povo, pois apre-

sentam typos que nos são conhecidos, quadros e personagens da nossa vida campesina.

O burlesco reizado do *Mestre Domingos*, preto velho foliote e dansador, e a scena do faccinora *Zé do Valle* caracterizam costumes proprios, personalidades até o presente não desapparecidas dos nossos centros nortistas.

« Senhor presidente,  
Se dinheiro valle,  
Tome lá dez contos,  
Solte o Zé do Valle.

— Dona, vá se embora,  
Que não solto, não ;  
Que seu filho é máu  
Tem máu coração ;  
Matou muita gente  
Lá nesse sertão ;  
De minha justiça  
Não faz caso, não.

De uma authenticidade notavel, recordam todos elles o nosso meio sertanejo, o viver das povoações atrasadas do interior do norte, entrando francamente por esse motivo na poesia popular cyclica do Brasil. A serie de *versos geraes*, a menos interessante dos *Cantos populares*, é como se deprehe de sua propria denominação, consagrada ás chulas, modinhas e quadras de viola, indispensaveis em nosso *folk-lore*, mas sem o merito das outras composições.

Ampliando a luminosa perspectiva de sua obra,

Sylvio Roméro a conclue com as *orações e parlendas*, de origens portuguezas e do mestiço, e por este, afinal, completamente transformadas.

Para darmos ao leitor uma idéa da classe, para melhor apreciação desse valioso livro cuja poesia tira o melhor dos seus effeitos do canto, da dança e das representações, destaquemos da parte relativa ás rezas esta oração contra o cobreiro :

— Pedro, que tendes?

« Senhor, cobreiro.

— Pedro, curai.

« Senhor, com que?

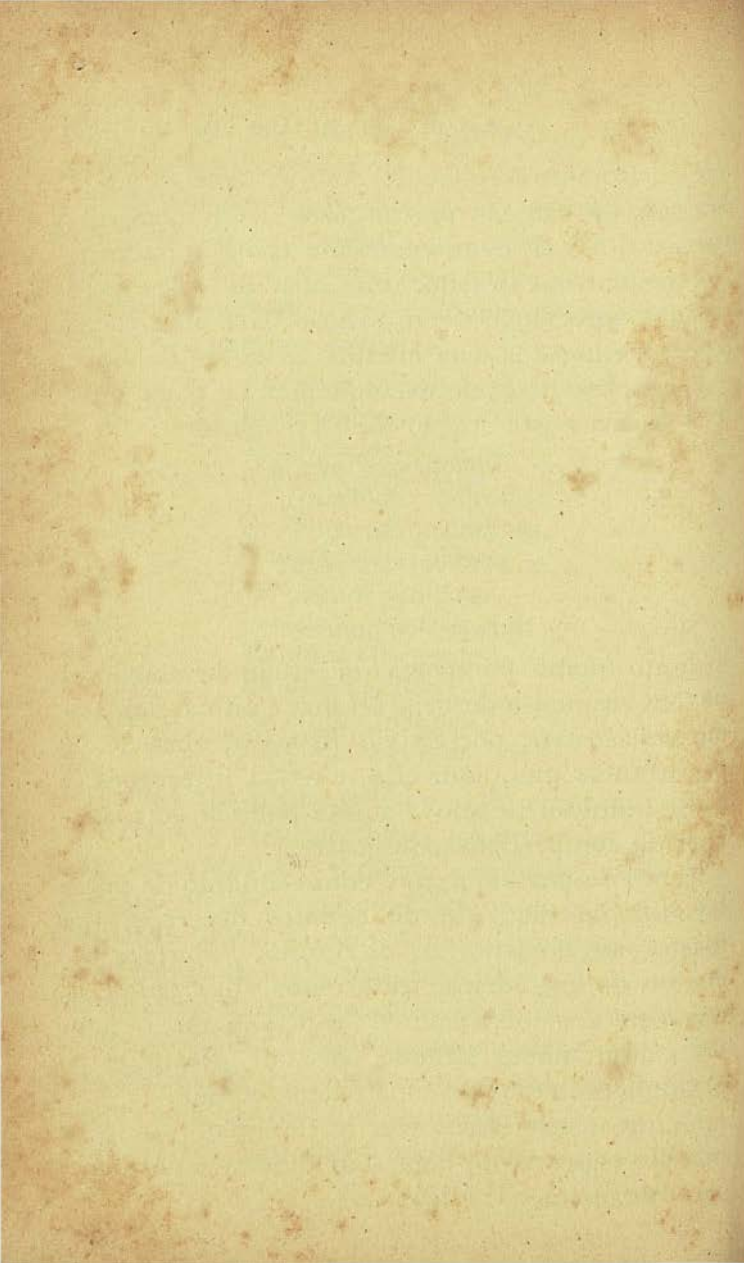
— Agua das fontes,

Hervas dos montes.

Tanto quanto comporta um estudo de momento, eis em resumo a descripção dos *Cantos populares do Brasil*, por Sylvio Roméro, obra de tal importancia que, sem ella, a nossa litteratura, a nossa indole e mesmo a nossa politica se tornariam de comprehensão impossivel.

Ponto de partida para o conhecimento da nossa psychologia derivada de agentes diversos, dos nossos usos e costumes, os *Contos populares do Brasil*, de que adiante trataremos, e os *Cantos*, de que ora nos occupamos, representam o mais bello monumento talhado por um escriptor de genio na rocha viva de sua nacionalidade.

É que estes livros são a imagem do paiz, passado e presente, com seu idioma e natureza, características e tradições.





# FOLK-LORE BRASILEIRO

(CONTOS)

---

No meio das luctas do presente, das aspirações ardentes deste povo em busca de outros destinos, os *Contos Populares do Brasil* reapparecem agora em nova e augmentada edição, recordando-nos o passado, á semelhança desses peregrinos de longes terras que encantavam as noites antigas com as narrativas fabulosas de estranhas paragens.

E é, rasgando a bruma que nos esconde o berço, tacteando a tréva que nos occulta auroras que se dissiparam, que Sylvio Romero, o mais illustre dos nossos homens de lettras da geração actual, concentrou em torno de si os principaes factores de nossa nacionalidade, reproduzindo-lhes a psychologia em separado na producção dos contos populares, obtendo como resultante da approximação desses elementos o conto puramente mestiço, visivelmente brasileiro.

No erudito prefacio de seu admiravel trabalho, o autor discute as altas questões ethnographicas que presidiram ao methodo de sua obra, o seu systema de classificação, dando-nos o criterio seguro para emprehendimentos similares: e elles ali estão por toda a parte á espera de que outros artistas, a exemplo do grande historiador e escolhido ethnographo, prosigam no rumo já descoberto, no caminho accidentado e difficil por elle desbravado.

Neste paiz onde o cultivo da litteratura propria não parece meio honesto de adquirir prestigio e fama, os *Contos Populares do Brasil* terão de lutar para sua collocação definitiva em nossas estantes, embora esse magestoso livro avulte no futuro como um pilar de caracteres hieroglyphicos, onde as gerações que se succedem irão estudar o pensamento alli suspenso das gerações mortas.

Os contos populares dos irmãos Grimm, na Allemanha, e de Compareti d'Ancona e de Imbriani na Italia, de Perroult e Fauriel em França, de Adolpho Coelho, Theophilo Braga e Leite de Vasconcellos em Portugal, assignalam acontecimentos nas litteraturas desses povos, que seriam incompletas sem essas rhapsodias de origens historicas de formações nacionaes, sem esse remontar á infancia das nações, recolhendo-lhes as idéas e quasi as fórmulas de suas manifestações primitivas.

E Sylvio Roméro, como os irmãos Grimm e os autores citados, levou a effeito a esplendorosa

collectanea dos contos brasileiros, com a vantagem sobre este ou aquelle, de não alterar o dizer do povo, de conservar-se fiel ao fundo tradicional.

Posto que esteja solitario em sua grandeza, o escriptor dos *Contos Populares do Brasil* encontrou indicada essa trilha por Celso de Magalhães e Alencar, que publicaram antes alguns artigos com relação á poesia popular, e Couto de Magalhães que colligiu no *Selvagem* alguns contos lendarios dos indios.

Aquelles, como Gaston Paris, Godhoz e mesmo Faurel, não passaram de estudos preparativos, sem nada produzirem que se pareça com uma obra, embora começada.

O livro de Sylvio Roméro, portanto, é singular em nossas lettras, retrata com exactidão as nossas noites da infancia nas provincias do norte, outr'ora, quando em nossos lares a familia se reunia descuidosa, e nos sertões os arvoredos bambolevam as ramas, á orchestra dos ventos, como uma dansa area de gigantes.

Estabelecido o plano geral da obra, os contos de origem européa occupam a primeira parte; nella figurando amplamente o portuguez conquistador em seu circulo de assimilações orientaes e tomadas de emprestimo á raça ariana. Ahi um mundo sobrehumano abre os seus jardins de avenidas longas, povoadas de gigantes barbudos, de animaes monstruosos, de reis e principes encantados intervindo directamente nos destinos de seres obscuros

por meio de talismans e encantações, de uma hospitalidade inesperada em perigosos caminhos, de aparições subitas e opportunas sob as metamorphoses as mais variadas.

E as fadas e a fatalidade conduzem nas narrativas os seus predilectos á descoberta de thesouros, a casas e lagos encantados, a dominios imaginarios onde a credulidade infantil assiste ás nupcias de princezas com portadores do condão magico dos genios, e surprehende-se da maravilha dos reis governando o mundo de esplendores do destino.

Differentes dos contos de Perrault das antigas edições, as historias brasileiras tiveram suas narradoras typicas, seu scenario adequado. Á arte especialmente não será sem interesse essa gravura de costumes, cujo relevo faz resaltar characteristics e condições de raças.

Era ao entardecer quando as lides do dia serenavam nas casas de outr'ora. A felicidade reinava nos penates com os derradeiros adeuses do sol e do dia moribundo. A paz era na terra e mais no céu, e a calma na natureza e mais em tudo.

A mãe de familia, em seu estrado de palhinha, abençoava nas matinas os filhos que se reuniam, e o « louvado seja » dos escravos era um concerto de esperanza, um hymno de resignação e de graça.

E o candieiro accendia-se na varanda espaçosa e singela.

Em volta da mesa as moças riam, marcavam,

bordavam talvez o lenço para a festa das nupcias ou para a primeira communhão.

E as mucamas as acercavam alegres; os meninos e os crioulinhos, as meninas e as negrinhas desenrolavam as esteiras no chão da varanda, esperando a *tia velha* que lhes contava a historia de *João e Maria*, do *Bicho Manjaléo*, do *Pinto pellado*, do *Sargento verde* e tantas outras, que os transportavam aos paraísos encantados e os adormeciam toda a noite.

Dentro em pouco a mulata ou a negra, geralmente escravas, assomava, indulgente e boa; um raminho de arruda contrastava-lhe, atraz da orelha, com os cabellos brancos e penteados, e um lençinho dobrado em ponta ajustava-se-lhe ao pescoço tismado ou de azeviche.

A narradora, sentando-se lenta, cruzava as pernas e dava começo ás historias, que aquelle bando innocente ouvia boqui-aberto e pasmado.

Como conto typico da secção inicial da obra e que não obstante se haver adaptado á nossa gente deriva immediato das origens europeas, o *Rei Andrade* impõe-se incontestavel, tornando-se preciso que o reproduzamos para melhor descripção do livro.

E elle uma pequena historia de fadas, contada em phrase verdadeiramente popular, e que serve para fazer conhecer ao leitor o estylo chão e proprio adoptado por Sylvio Roméro nesse monumento das lettas nacionaes.

Eil-o, tal qual se ouve ainda hoje no norte, da boca do personagem acima descripto, á luz da candeia, no espaço consagrado das antigas varandas :

« Havia um rei de nome Andrade, que tinha tres filhas, e lhes disse que o que sonhassem lhe contassem todos os dias pela manhã. Uma dellas logo no dia seguinte contou ao rei um sonho que foi o seguinte :

« Sonhei que havia mudar de estado nestes poucos dias, e cinco reis haviam de me beijar a mão, e entre elles el-rei meu pai. O rei ficou muito zangado com a filha e lhe ordenou que, se de novo sonhasse aquillo, não lhe contasse mais, senão a mandaria matar. A moça tornou a sonhar cousa semelhante, e pela manhã, apezar de lhe rogarem as irmãs, ella contou o sonho ao pai. Elle mandou matal-a, e cortar-lhe o dedo mindinho, que os matadores lhe deviam trazer.

« Os criados do rei levaram a princeza para um ermo, e tiveram pena de a matar : cortaram-lhe sómente o dedo, que levaram ao rei, deixando a moça nas brenhas. Ella começou a caminhar, e, muito longe, encontrou um buraco, e entrou por elle dentro, e, quanto mais entrava, mais o buraco se alargava até que ella foi dar num rico palacio. Ahi ella tinha o almoço, a janta e a ceia, sem ver ninguem, porque o palacio era encantado.

Apenas ella ouvia, de um quarto que estava fechado, fallar um papagaio. Depois de alguns dias,

appareceu-lhe um lindo moço, que lhe deu a chave do quarto, e disse que o abrisse e respondesse ao papagaio cousa que fizesse sentido ao que elle dissesse. O moço desapareceu. A princeza abriu a camarinha, e o papagaio, que era muito grande e bonito, e das azas douradas, ficou muito alegre, sacudindo-se todo e disse :

« Como vem a filha  
Do rei Andrada,  
Tão bonita,  
Tão formosa,  
E tão ornada! »

— Oh meu papagaio dourado,  
Eu das tuas ricas pennas  
Pretendo fazer um toucado.

« Ahi o papagaio desencantou-se no lindo moço que dantes lhe tinha apparecido, o qual moço mandou logo vir um padre e se casou com a princeza, mandando convidar cinco reis, que no cortejo beijaram a mão da princeza, e, quando chegou a vez do rei Andrade, a nova rainha não lhe quiz dar a mão; pelo que elle ficou muito injuriado, e foi queixar-se ao rei seu amigo, o dono da casa. O noivo, indo perguntar a razão daquillo, a moça lhe contou a sua historia, o que sabendo o rei Andrade, foi pedir perdão a sua filha ».

Da mesma categoria são *O Principe Cornudo*, *a Moura Torta*, *O Pedro Malas-Artes*, *a Cova da Linda Flor*, *A protecção do diabo*, *O Careca*,

*O Rei caçador* e a classe inteira, tomados com uma precisão admiravel quanto á linguagem simples e pittoresca empregada pelo povo.

Os contos de origem africana são bem poucos no correr da obra, justificando isso a limitadissima influencia intellectual do negro no nosso *folk-lore*. *O Macaco e o Moleque de cera*, *o Macaco e o rabo* e raros outros perfazem essa divisão, accentuada no prefacio e não discriminada no indice.

Na segunda secção, afim de facilitar o confronto, serve-se Sylvio Roméro de alguns contos indigenas de Couto de Magalhães, unicos no genero até então colleccionados.

Reservando para o final do volume os contos mestiços, o autor nos offerece ampla colheita dessas producções curiosas, nas quaes se póde estudar a fundo as rapidas assimilações, as transformações das narrativas originarias pelos elementos de formação nova.

Embora o mestiço não seja inventivo, não possua as faculdades de crear, nota-se nessa parte dos *Contos Populares do Brasil* brilhante colorido nas apropriações, alguma novidade que caracteriza o conflicto de raças antagonicas no meio brasileiro.

Dos contos indianos puros, portuguezes e africanos, as nossas populações das cidades e dos sertões desconhecem-lhes os textos, não os repetem jamais sem as accommodações proprias ao seu sentir, á sua indole. Neste caso estão *A folha-*



rada, a Onça e o Boi, A Onça e o Gato e A Caipora, de origem indiana; os africanos citados e outros, que entram francamente no dominio das adaptações mestiças, resentem-se vivamente das fontes de tradição estranhas, restando ao povo brasileiro como producto original e espontaneo os especificados pelo autor em seu prologo de luminosa critica.

Dentre estes notam-se historias de relevo singular e que reflectem o colorido dos nossos costumes, destacando-se nesta ou naquella os prejuizos do tempo com relação ás raças fusionarias, ás classes de nossas populações.

Comprehendido neste numero está *O negro pachola*, que fórma um verdadeiro quadro de genero e que não pode figurar no *folk-lore* de outro qualquer paiz.

Eis o conto :

« Havia uma senhora de engenho casada e sem filhos. Adoecendo o marido e morrendo, ficou em lugar d'elle um preto africano, chamado Pai José. Assim que Pai José ouviu dizer que ia governar o engenho, ficou muito orgulhoso.

« Logo que foi distribuir o serviço com os outros negros, passou ordem a elles que de ora em diante não o tratassem mais por Pai José, e sim por Sinhô Moço Cazuza.

« Os negros obedeceram e quando o viam diziam : « Abença, Sinhô Moço Cazuza ». O negro muito concho, respondia : « Benção de Deus ».

Não ficou só ahi o negro. Quando chegou em

casa, disse para a senhora : « Meu sinhá, quando Sinhô Moço Cazuzza chegava em casa cansado, meu sinhá não mandava logo botar banho para elle? Pois eu tambem quero ». A senhora, coitada, não teve outro remedio senão mandar botar banho para Pai José.

« Não satisfeito ainda, disse o negro : « Meu sinhá, não mandava mulatinha esfregar cósta de meu sinhô? Pois eu tambem quero ».

A senhora mandou a mulatinha esfregar as cóstas de Pai José. Este ainda continuou : « E meu sinhá não dava camisa grossmada para meu sinhô vestir? Pai José, tambem quer ». A pobre moça foi buscar uma camisa engommada, deu a Pai José para vestir e vendo que devia acabar com as pacholices daquelle negro, fallou com dois criados, muniu-se de dois bons chicotes e mandou-os esconderem-se no quarto. Esperou que o negro pedisse mais alguma cousa e não tardou que esse dissesse : « Meu sinhá, quando meu sinhô acabava de tomar banho e de vestir camisa grossmada, ia para o quarto para meu sinhá catar piolho nelle. « Pai José tambem quer ».

« A moça não teve duvida mandou-o entrar para o quarto e deu ordem aos criados que empurrassem o chicote.

« Se ella bem ordenou, melhor executaram os criados.

« Pai José apanhou tanto que escapou de morrer.

« No outro dia bem cêdo foi para a roça ainda

muito magoado das pancadas, e quando os negros o saudaram : « Abença, Sinhô Moço Cazuzza », elle muito zangado respondeu : « Eu não sou Sinhô Moço Cazuzza, não ; eu sou Pai José ». E deu ordem para lhe tratarem pelo seu proprio nome. Os negros ficaram muito admirados, sem saber a causa daquella mudança.

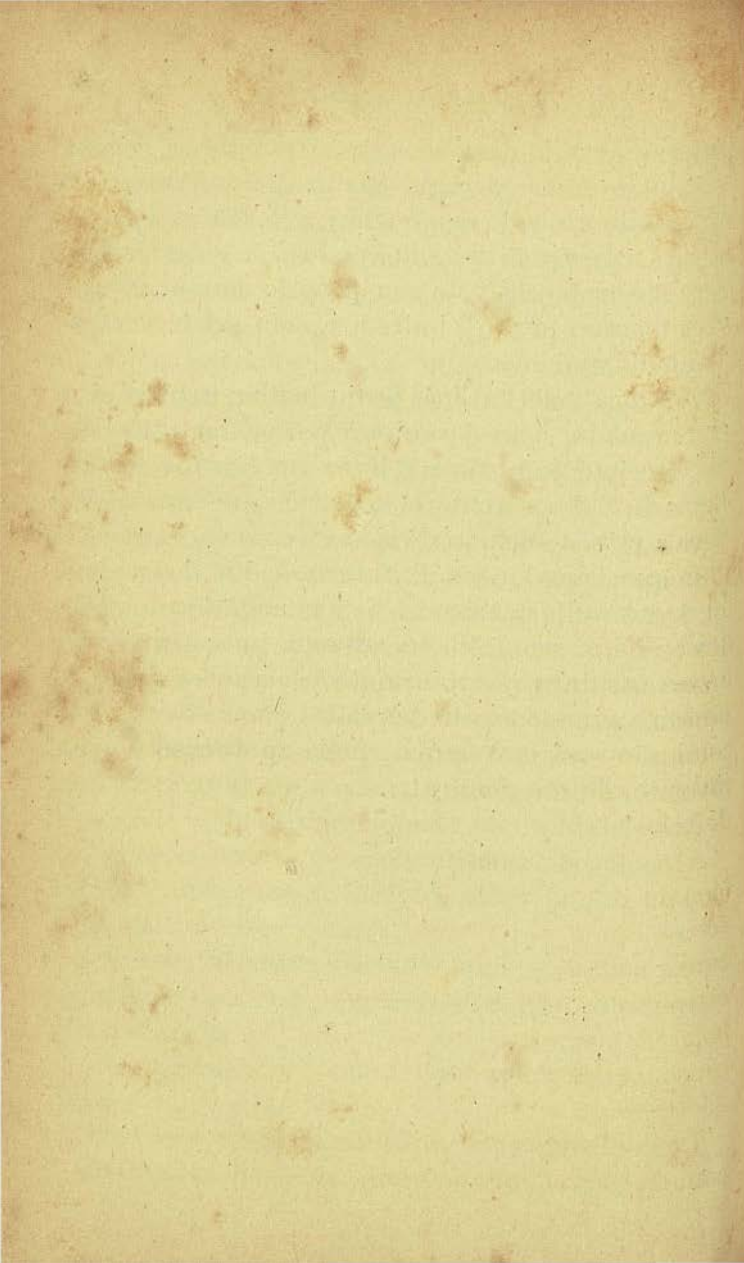
« Nunca mais Pai José pediu banho, nem camisa engommada, nem á senhora para catar piolho ».

Descripto como fica o livro dos *Contos Populares* de Sylvio Roméro, o espaço que nos resta para a critica enche-o de sobra a nossa admiração.

É que, nos longes do futuro, á luz dos nossos horizontes illustrados das fantasmagorias dos crepusculos, o seu vulto se adianta imponente por entre as ruinas, murmurando ás gerações que surgirem a grande poesia daquellas que se foram.

E não será esta a mais bella apothéose de seu talento, de seu genio? !...

---



## TIRADENTES

---

Apenas concluidas as negociações de Paris de 1782 e o tratado de Versailles de 1783, em que foi definitivamente reconhecida a independencia dos Estados Unidos, pondo isso termo á gloriosa lucta que fundou aquella Republica e tão poderosamente influiu no futuro do mundo, o Brasil-colonia sentiu-se alentado pelo sopro ardente da revolução, e os sonhos de liberdade illustraram-lhe de visões a noite densa do captiveiro.

A capitania de Minas Geraes, então brilhante fóco de uma *elite* intellectual, surprehendida por échos triumphaes que vinham de tão longe encantar-lhe os destinos, não podia conservar-se estranha áquelle movimento, e dentro em pouco o ideal democratico proporcionou-lhe um reducto contra as explorações da metropole e os rigores da tyrannia.

Empenhados na cruzada libertadora, que tinha como objectivo formar-se no Brasil uma Republica,

iniciaram-se desde o primeiro instante na conjuração os nomes de mais relevo da capitania, avultando como porta-voz da revolta, como arauto das idéas americanas o alferes do regimento pago Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha — o Tiradentes.

Interprete convencido do sentimento popular que bramava surdo contra o jugo da realleza, espirito revel conflagrado pela usurpação dos governadores e da corôa real, esse homem do povo, para redimir o passado, avassallara de um só olhar o presente.

E que via elle, á luz que, da America do Norte, dourava os serros da verde Minas? — A traição e a desconfiança nolar produzidas pela lei do *quinto*; a apropriação das minas do districto de Diamantina pelo governo de Portugal; o vexame e a miseria do povo com o lançamento da derrama de cem arrobas de ouro, que a junta da Fazenda de Sua Magestade pretendia requerer pelo intendente de Villa Rica.

E desde esse instante o Tiradentes, compenetrado de sua missão, abalançou-se a um commettimento que traria á Patria a liberdade ou a elle a morte : dá os primeiros passos na sua vida publica, proclamando o levante das minas e o regimen da democracia e da Republica.

E nas estradas e nos pousos, nos conciliabulos e nas casernas a sua palavra aviventava a fé, arregimentava combatentes.

Entrados na conjuração o coronel Ignacio José de Alvarenga, o desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o padre Oliveira Rolin, o Dr. Claudio Manoel da Costa, o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o Dr. Alvares Maciel e muitos outros vultos conhecidamente notaveis, a rebelião prometia o successo das partidas ganhas, dos resultados decisivos.

Inspirado na victoria de sua causa pela odiosa e impraticavel cobrança de nove milhões do dizimo aos seus conterraneos, quando essa divida já era uma herança do passado, quando a capitania debatia-se nas angustias mais crueis, Tiradentes espalha por toda a parte os germens da liberdade, allicia adeptos fervorosos, não só em Minas mas ainda no Rio de Janeiro, ao passo que os conjurados machinam na obscuridade os planos da revolução, dispondo o povo e a tropa para o grande dia que não tardaria a amanhecer.

Assim ensaiado o golpe que seria desfechado sobre as violencias e as tyrannias da metropole, como que antecipando-se aos jubilos triumphaes, o alferes Silva Xavier tira de suas proprias forças a força para a empreza, e de seu animo inquebrantavel o alento que retemperava a Inconfidencia.

Mas ao governo do Visconde de Barbacena estava reservado o espectaculo de uma tragedia de cannibalismo, em que uma rainha devia queimar com os reflexos de fogo de seu diadema a gloria de seu reinado, e um governador feroz evocar as

maldições dos seculos para a historia de sua administração.

Uma vez encaminhada a revolta, ao tumulto do proselytismo e das tropas insurgentes, quando dentro em pouco o estandarte da Republica substituiria o da escravidão e no novo codigo Gonzaga escrevia as ultimas leis, sorte desleal annuviou-lhes o existo, projectando sombra de morte nas aspirações dos livres.

Aninhado no segredo da conjuração como a serpente no altar de um santuario, o infame Sylverio dos Reis a denuncia ao Visconde de Barbacena, que, sedento de vingança e de sangue, manda proceder a rigorosa devassa, dando-se immediato começo ao monstruoso processo.

Apprehendidos desde logo os conjurados, preso Tiradentes no Rio de Janeiro, installados os primeiros tribunaes em Villa Rica, a capitania de Minas transformára-se em uma penitenciaria de dôr, n'um carcere medonho a cujas grades os mais illustres de seus filhos viam desfilar lacrimosos o prestito funebre da liberdade morta.

Conduzidos muitos dos inconfidentes aos segredos das prisões da ilha das Cobras e á cadeia da Relação do Rio de Janeiro; sentenciados outros pelos tribunaes da comarca, por ordem de Barbacena, capitão-general da capitania, os sediciosos de 1789, á semelhança do somnambulo correndo a abraçar a visão dos sonhos, esbarram acordados



de encontro ao cadafalso ou acordam chorando no fundo escuro das masmorras.

Em pleno dominio do terror, em vespervas do degredo e da pena ultima, os implicados no levante retrahiam-se apavorados, e os denunciantes e espiões seguiam-lhes á pista com a perseverança das sinas fataes.

É que no regimen das tyrannias momentos ha em que os algozes tornam-se victimas e as victimas tornam-se algozes!

As diligencias feitas em Minas, por ordem do governador, não soffriam treguas, succedendo-se entre este e o Conde de Rezende troca de cartas e officios no intuito de providencias immediatas com relação á captura dos delinquentes e funcionamento dos juizes.

E o panico, paralysando as energias dos patriotas, fazendo-os abjurar seus direitos, dispersava-os na fuga como vagas diante das tempestades.

Não obstante, a justiça da soberana precisava cumprir-se, e os seus fieis servidores apressavam-se no desempenho dos crimes.

Durante dous annos que dūrou o formidavel processo, os réos da Inconfidencia sentiram que o coração lhes desfallecia n'um ambiente de horrores, onde não se podia abrigar a piedade natural para o infortunio.

Condemnados a degredo por toda a vida, para Moçambiquê, Ambaça, Cabo Verde e outras paragens, tinham de para alli seguir os culpados,

cabendo a Tiradentes a sentença de morte na força, nesta capital, para o que foram expedidas ordens ás tropas da guarnição, que deviam formar, levantando-se a cidade e seus habitantes adornados de galas nesse dia de festa.

Quasi ás onze horas da manhã, o padecente, vestido de alva e de barçoço ao pescoço, transpoz o vasto campo de S. Domingos; fitando as multidões, o aspecto da força pareceu-lhe sublime e quasi divino.

E os motejos e os vivas das turbas revoltas, as acclamações da soldadesca e da fidalguia cruzavam-se nos ares, formando uma só voz, como o ruído de duas correntes que se entrechocam espumantes.

Dentro em pouco o padecente lá estava no alto, isolado e imponente como um pensamento que não morre.

Junto delle lóbrigava-se o carrasco, em cuja mão negra reluzia-lhe ao sol a machadinha, como um raio de lua no oceano da meia-noite.

Depois... uma cabeça decepada olhando para o céu, uns labios entre-abertos desprendendo murmúrios solemnes...

— Era Tiradentes que, no altar ensanguentado do patibulo, celebrava a missa nova da Liberdade e da Republica !...

---

## XIV

# A JORNADA DOS MARTYRES

(EPISODIO DA INCONFIDENCIA)

---

Depois de presos e processados os réos da conjuração mineira de 1789, o vice-rei Conde de Rezende expediu a escolta, que os devia conduzir ao Rio de Janeiro.

O D.<sup>o</sup> Claudio Manoel da Costa e Joaquim da Silva Pinto Ribeiro Pontes não os acompanharam, porque o assassinato lhes havia entorpecido os membros na cadeia de Villa-Rica, abrindo-lhes uma sepultura ignorada e sem letreiro.

Desses crimes da tyrannia, desse golpe fatal do destino, talvez possuisse o segredo algum traidor, um mixto de homem e de serpente, que se fundiam, avultando illuminados aos fogos subterraneos da projectada revolução.

Era ao crepusculo da tarde quando a cadeia golfejou nas estradas de Minas Geraes os denunciados da revolta, o grupo solemne dos inconfidentes,

que vinham responder a novos interrogatorios na fortaleza da ilha das Cobras.

Ao avistal-os em viagem, dir-se-ia uma caravana de malfeitores, seguida de tropa municuada e alerta ao mais leve imprevisto.

Na plenitude do céu as estrellas pestanejavam cheias de luz, e na matta virgem os vagalumes erravam, faiscando luzernas azues e phantasticas.

Ao zumbido dos insectos, á fanfarra das rãs nos charcos, ao grito das aves nocturnas fendendo a tréva, o tinir das algemas dos prisioneiros resoava monotonico, marcando o compasso a esses arpejos quentes e barbaros.

E a cavalgada dos presos, caminhando a passo através de montanhas e varzeas, era silenciosa como um raio de lua beijando a face de uma criança ou a superficie de um lago.

Ás vezes, os tropeiros que puchavam os cavallos, cantavam á porfia, secundados pelos violeiros ao relento, á porta de suas cabanas.

Os guias adeante, retalhando o ar com os archotes para avivar-lhes as flammias, transpunham, descalços, os brejaes, galgavam os montes, appareciam como os genios da noite na crista das serras, emquanto os boiadeiros modulavam suas toadas agrestes, e as campainhas da tropa faziam-se escutar nas picadas e nos valles.

Os faiscadores, á beira das excavações, adormecidos em sobresalto com a noticia da derrama, sonhavam talvez com a revolta contra os dizimos,

odiando de morte ao devasso e cruel Marquez de Barbacena.

A conjuração, porém, fôra trahida, e os Inconfidentes, reclamados pelo degredo e a força, tinham de chegar em breve ao Rio de Janeiro.

E a caravana adeantava-se na liberdade das florestas e no meio da noite.

O major José Botelho de Lacerda com seus soldados de cavallaria formava a retaguarda, e os conjurados, com as roupas immundas da prisão, sentiam-se fatigados da vigilia e da jornada.

Ao amanhecer de uma das mais longas noites, um pouso desenhou-se ao longe, com seu tecto de palha e seu alpendre, onde se achavam amarradas bestas de sella, e a caravana dirigiu-se lenta para lá, afim de refazer-se de forças e recobrar alento para a viagem.

O major Botelho, condoído da sorte de tantos homens illustres, não os ouvindo jámais pronunciar uma queixa, tratava-os na altura de sua distincção e do seu infortunio.

Mesmo em caminho, alliviava-os das algemas, attentava com interesse a algumas conversas, lastimando no fundo da alma a missão de que, infelizmente, fôra incumbido (1).

Com receio de seu inimigo, o Conde de Rezende, nem sempre o commandante da escolta podia con-

---

(1) Segundo documentos publicados por meu Pai no *Brasil Historico*.

servar os presos sem os ferros, a que logo os mettia, apenas avizinha-se dos povoados.

E era este o caso, pois naquelle rancho os espiões não faltariam, disseminados como se achavam nas povoações e nas mattas.

Apeando-se no albergue, os camaradas, que dormiam a somno solto, despertaram; o primeiro, depois de saudar o commandante, bateu á porta, que ainda estava fechada, e o rancheiro franqueou-lhe e á comitiva alimento e pousada.

O major Botelho, apenas apeou-se, despachou um pagem com uma carta para D. Maria Dorothéa.

Esta carta era uma lyra escripta em viagem pelo desembargador Thomaz Antonio Gonzaga á sua bella Marilia, e começava assim :

Se lá te chegarem  
Aos ternos ouvidos,  
Uns tristes gemidos:  
Repara, Marilia,  
Verás que são meus.

Ah ! dá-lhes abrigo,  
Marilia, nos peitos;  
Em laços estreitos,  
Ahi os conserva  
Unidos aos teus.

O proprio partiu para Villa-Rica. Os soldados e os guias ficaram sob o puchado; os animaes

soltos na pastagem, ao passo que o major Botelho e os presos penetraram com o albergueiro em uma outra casa, onde se arrancharam.

Alvarenga, Gonzaga e seus companheiros, desde que entraram, sentiram-se melhor, respiraram mais desassombrados.

O major, cauteloso sempre de que qualquer denunciante os apercebesse, fechou as portas, e ordenou ao rancheiro que mandasse vir comida para elle e os seus prisioneiros, aos quaes desembaraçou das algemas, e tratava com a maior amisade e confiança.

Uma hora depois o almoço era servido em commum, a conversação já mais sahia de motivos geraes, sendo extraordinario que chefes de revolução nunca tivessem um momento de expansões, a respeito de resistencias oppostas ao quinto do ouro, ao plano da revolta.

Neste ponto os inconfidentes de Minas não pertenciam á raça dos Canecas, padre Roma, Ratcliffes tantos outros rebeldes do norte, que, a todo o instante, davam exemplos do como se vive e morre, quando se tem a coragem da liberdade e da morte.

A conjuração mineira, composta de homens dos mais illustres do tempo, dos mais adeantados daquella época, era antes contemplativa do que activa.

Tiradentes, o unico, nos parece, comprehendia a questão pelo lado mais pratico e real.

Em todo caso, nota-se no conjuncto da projectada sublevação mineira certo desequilibrio, cabendo aos ideologos implicados na tentativa da sedição um papel completamente á parte, tão despreocupados os encontramos nos lances mais arriscados da Inconfidencia.

Desde que foram retirados da cadeia de Villa Rica, e em marcha pelos sertões, a serenidade e o silencio sellaram-lhes a fronte e os labios, sepultaram-lhes os pensamentos sediciosos no profundo do cerebro, como em uma masmorra.

Segundo revelações da Marqueza de Jacaré-paguá, nobilissima e virtuosa tia do major Botelho, este official, dedicado amigo dos conjurados, isso lhe assegurára, o que não vai de encontro aos depoimentos dos cúmplices no inquisitorial interrogatorio na ilha das Cobras e nas cadeias da Relação.

No soturno dos ranchos fechados, os poetas Gonzaga e Alvarenga fallavam de poesia, recitavam suas composições inspiradas, cantando em suas harpas divinas os desalentos da alma e os encantos da belleza.

Como Anacreonte, fôra sublime de ver-se aquellas fronte coroadas de rosas e jacinthos, e o pulso, que tangia a lyra, roxeado pelos grilhões que tiniam aos pés da tyrannia !

E desta vez, e para sempre, Gonzaga tornou-se sombrio; e só de longe um friso de esperança



trazia-lhe ao seio um lampejo de consolação :

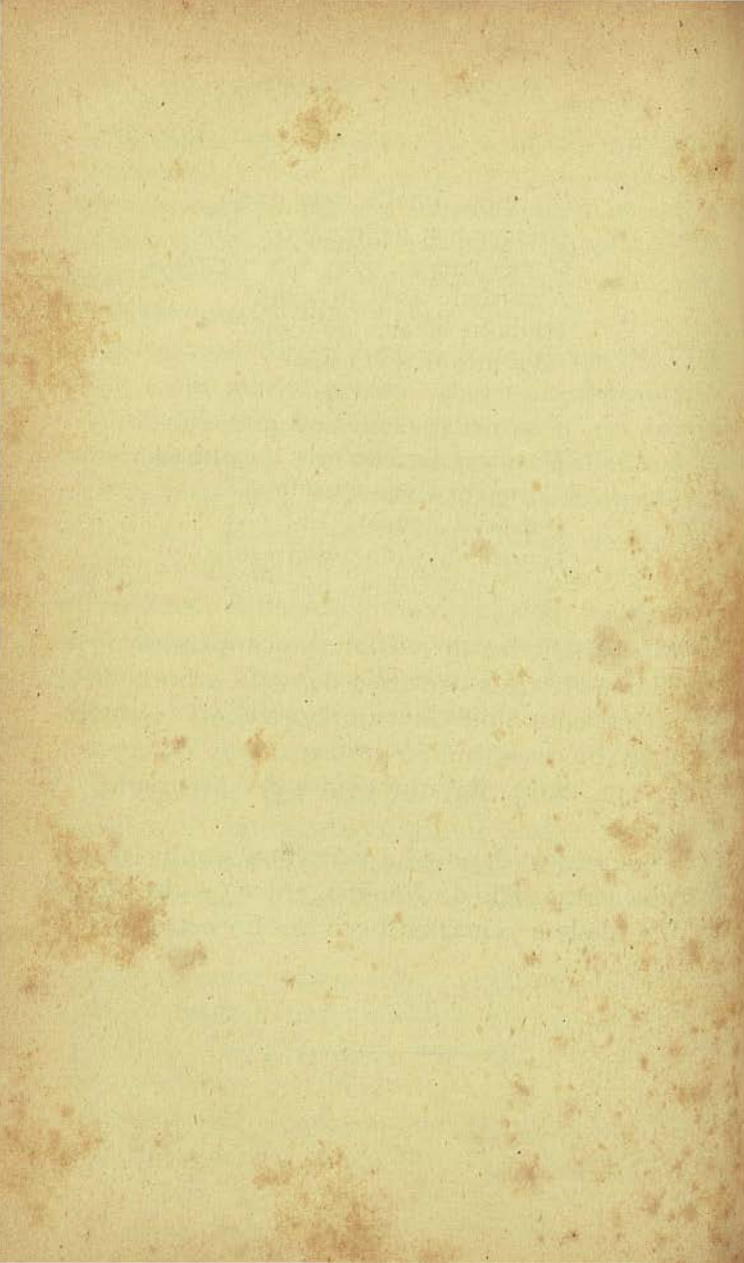
O tempo, ó bella, que gasta  
Os troncos, pedras e o cobre,  
O véu rompe, com que encobre  
À verdade a vil traição :  
Muda-se a sorte de tudo,  
Só a minha sorte não ?

Qual eu sou, verá o mundo ;  
Mais me dará do que eu tinha ;  
Tornarei a ver-te minha ;  
Que feliz consolação !  
Mas ha de tudo mudar-se,  
Só a minha sorte não ?

Nessas noitadas de resignação apparente e de tristezas certas, os cantores da vida e da belleza adoçavam com a poesia a amphora cheia de amargura, mal presentindo o desterro que os aguardava, em troca de um sonho de liberdade da patria.

E momentos depois, a caravana punha-se em marcha para o Rio de Janeiro, entre os devaneios da liberdade e o maravilhoso das florestas.

---



## XV

# O PADRE ROMA

(EPISODIO DA REVOLUÇÃO DE 1817)

---

Por entre as revoluções de Pernambuco, de 1817 e 1824, passa arruidoso e soberbo o carro da Liberdade; e, aos clarões de fogo do archote erguido na mão da deusa, facil fôra antever o Brasil de hoje, como a resurreição de um pensamento morto das gerações igualmente mortas do passado.

É que a historia de cada povo tem cyclos que se enlaçam, representando uma cadeia cujos élos prendem-se fatalmente aos tectos dos solares antigos das grandes idéas nacionaes.

Fatigados das injustiças dos dominadores portuguezes, revoltados pelas parcialidades absurdas de governadores tyrannos, os filhos de Pernambuco soffriam como escravos affrontas inéditas de um despotismo feroz, em nome de um rei que se tornava cumplice de suas autoridades, de principios que outras aspirações repelliam.

Independentes os Estados Unidos, combatendo sem tregoa as colonias hespanholas na esperança de libertar-se, o Brasil sentiu que nova força animava-lhe os musculos para a pugna que ia bem perto travar-se.

E a sementeira de odios crescia, e com ella a seara vingadora das populações do norte.

Inaugurada por taes motivos a revolução de 1817, lugubrememente preludiada pela sedição de 1810, encontrou ella a seu lado os espiritos mais illustres da altiva provincia, caracteres dos mais fortes que teve o paiz naquelle periodo tempestuoso de nossa existencia politica, em que a palavra fallada ou escripta dos patriotas se reflectia como uma mancha de sangue nos muros negros dos carceres ou nos degrãos infamantes do patibulo.

E a Liberdade, suspendendo os braços por entre os quaes se espadanava o rio de ouro dos cabellos, seguia veloz em seu carro, aos alaridos de *Ave Libertas!* daquelles que morriam.

Desse commettimento incontestavelmente arrojado e brilhante, em que a alma da Patria remontava a alturas incommensuraveis, um dos vultos de superior grandeza foi o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, por antonomasia — o padre Roma.

Depois de sanguinolentos recontros e temerosas aventuras, constituido o governo provisório da revolução de 6 de Março, representado por João Ribeiro Pessôa de Mello Montenegro, capitão Domin-

gos Tenorio, Jorge Martins Pessôa, José Luiz de Mendonça, coronel Manoel Corrêa de Araujo e Domingos José Martins, esses patriotas espalharam proclamações, e o sôpro da revolta estendeu-se á Parahyba e Rio Grande do Norte, que, ardendo em civismo, adherem ao movimento do Recife e cream por sua vez governos provisorios.

As sessões secretas do nucleo pernambucano repetiam-se agitatissimas, sendo o ideal supremo da revolta levantar sobre os destroços do throno que nos humilhava, uma republica democratica em todo o Brasil.

Para a realisação desse largo plano, serias medidas acodem ao governo revolucionario pôr em pratica, dependendo o seu exito da coragem e decidida vontade dos cidadãos incumbidos de leval-as a effeito.

E o padre Roma, que fôra um dos eleitores do governo provisorio; que acompanhara o exercito ao forte do Brum; que tinha apôs si um nome e tradições, é escolhido para missionario secreto do movimento na Bahia, do mesmo modo que o padre Alencar, com identicos fins, enviado para o Ceará.

Os insuccessos deste, não obstante triumphos ephemeros, foi como que um prenuncio da sorte fatal reservada ao padre Roma, encarregado especial, por suas aptidões, de missão mais arriscada e difficil.

Individualidade politica de primeiro merito, ousado e entusiasta nas cruzadas do renome, e

mensageiro da nascente republica personalisava o arauto robustecido na fé dos partidos, o sacerdote do povo para os empreendimentos dos livres.

Recebendo desde logo cartas e manifestos destinados aos bahianos e devendo sem demora chegar á Bahia, o padre Roma retardou a viagem, tomando a pé, com seu filho menor, caminho de Alagôas. Levando a essas paragens aviso da insurreição victoriosa, arregimentou adeptos á causa da republica, diffundiu proclamações, e até na igreja de Sirinhaen a sua palavra, do alto do pulpito, tornou-se uma clava de Hercules arremessada contra a monarchia e o rei.

Quando isso alli se dava, já emigrados portuguezes do Recife haviam aportado á Bahia: e a noticia dos acontecimentos de Pernambuco alarmava os compromettidos na revolução, de que houvera immediata sciencia o Conde dos Arcos, então governador da provincia.

Desde esse instante a quadrilha torpe dos espiões infestava a cidade á cata do imprevisto, navios mercantes aprestavam-se para o bloqueio da séde revolucionaria, varias rondas distribuiam-se pelo littoral no encalço dos rebeldes e do padre Roma, denunciado ao governador por um dos fugitivos.

Radiante de sua jornada feliz em Alagôas, mas descuidoso de que essa delonga podesse prejudicar o objectivo de sua missão, volta a Maceió, onde havia estado, reúne cartas de recommendação e

manifestos de que era portador, e dirigiu-se n'uma jangada ao porto do seu destino.

Conhecedor dos planos da revolução, porém procurando inutilisar influencias internas, o astuto governador ameaça de prisão e de morte os conspiradores, que timidos se retrahem.

Nesse estado afflictivo, dominada pelo terror, a Bahia, com a mão na face, alongava um olhar de espanto, como que presentindo na côr turva dos horizontes o ar sombrio da desgraça imminente.

E uma vela se desenha á distancia na manhã de 26 de Março, como um pedaço de nuvem cahido nos mares...

Activa como se achava a policia, vigilante ao mais leve rumor, os cidadãos suspeitos eram cautelosamente seguidos, traiçoeiramente espreitados.

Por toda a parte rumores indiscretos sobresaltavam os animos, gerando a desconfiança mutua em que se apoiam as tyrannias.

Alerta na curva das praias, a soldadesca aguardava os foragidos, não lhe escapando á perspicacia o mais longinquo signal dos navios que entravam.

Em Itapoan, aquella vela, açoutada dos ventos, fluctuava bordejante... Conhecida pela forma ser de balsa pernambucana, ao approximar-se de terra as rondas impacientam-se, não a perdendo um momento de vista.

Depois uns papeis voam nas ondas, a jangada atraca de manso, e os soldados, saltando a bordo,

nella aprisionam os navegantes e com elles o padre Roma.

Confiando ao mar o segredo da correspondencia criminosa, o doutrinador dos livres, conduzido pela escolta, penetra desassombrado no immundo recindo da cadeia.

A justiça do Conde dos Arcos, informada do occorrido, respira amplamente, e a commissão militar por elle presidida funcionaria em breve, implacavel e absoluta, afim de apresentar ao povo o barbaro spectaculo de um crime commettido para salvar a realleza.

Organisado o pavoroso tribunal tres dias mais tarde, a victima compareceu ao julgamento, impassivel e sublime no interrogatorio, indifferente as accusações de um dos emigrados que lhe exhibira a assignatura na lista dos eleitores do governo revolucionario.

E o padre Roma fulminava com o desprezo seus algozes, guardando comsigo o mysterio da mallograda correspondencia e de sua missão.

Mas no quadrante do tempo ia soar para elle a hora da eternidade. Condemnado á morte pela commissão militar, a sentença não tardaria a executar-se.

A noite do carcere tem, para os condemnados á pena ultima, risos diabolicos, agonias peniveis, ou então luares piedosos e encantados, visões supremas e consoladoras. Para o padre Roma era da tréva do tumulto que amanheceria a liberdade.



Esse sonho alentava-o na hora extrema, quando o gallo dos sepulchros já lhe cantava a aurora do derradeiro dia.

Retirado do oratorio com o confessor que lhe velára a insomnia, ladeado de soldados e seguido da turba, o martyr pernambucano encaminhava-se para o campo da Polvora, onde as multidões e a tropa o aguardavam inquietas.

Aos brados do pregoeiro da justiça el-rei, de por entre alas consternadas, aos rufos dos tambores, a figura imponente do padre Roma avultava divinizada, arrastando a alva dos condemnados que lhe era vestidura de neve, apertando, contra o seio a imagem sacrosanta do Crucificado, que lhe reflectia na fronte a corôa de espinhos de que estava adornada.

E o prestito funebre se adianta revoltante, pesado como uma lousa, sinistro como o céu da meia-noite.

De instante a instante, o padecente ao lado do confessor e como que já amparando a pedra da campa, entoava rouco os psalmos do Evangelho, sobranceiro sempre ás perversidades da tyrannia que o roubavam á liberdade e á patria.

E uma atmospheria de tristeza e de soluços abafados prolongava-se em seu trajecto, até que o quadrado da tropa formou-se para a horripilante scena do fuzilamento.

Reconciliado com Deus e rendendo-lhe graças por ser condemnado pela sua cumplicidade na re-

volução de Pernambuco, o padre Roma, isolado no lugar do supplicio, exclama, dirigindo-se aos arcabuzeiros do Conde dos Arcos: —« Camaradas, eu vos perdô a minha morte; lembrai-vos na pontaria que o coração é a fonte da vida; atirai!!!... »

E rapido o seu cadaver rolou por terra, sendo pelos grilhetas transportado ao cemiterio em que foi sepultado.

. . . . .  
Tempo virá em que as gerações que surgirem lhe auscultarão o peito, para sentir bater o coração da Patria.

Da revolução de Pernambuco de 1817 o symbolo popular é o padre Roma.

---

## XVI

# UM GRUPO DE SUPPLICIADOS

(EPISODIO DA REVOLUÇÃO DE 1817)

---

Durante a revolução de 1817, um instante houve em que sibilla fatidica leu-lhe sina funesta.

Escanifrada e hectica, errando solitaria nas praças d'armas das fortificações, aquella figura sinistra tinha como fundo horizontes rubros e aos pés lascas afogueadas de nuvens, que semelhavam cabeças ensanguentadas no chão dos patibulos.

Ella olhava, e seu olhar de relampago retalhava na extrema trévas aereas que se condensavam em prisões, e o rumor leve de seus passos acordava dos labios entreabertos dos decapitados, sons lamentosos, murmurios moribundos.

É que naquelles céus em que se reflectiam sombras de outros crepusculos, exercitos em batalhas, mulheres correndo espavoridas, o saque e a pilhagem das tropas triumphadoras, a horrenda feiticeira fizera resaltar futuras visões, estranhas

allegorias, aos proximos e afflictivos dias da patria.

Capitulando o governo provisorio da revolução diante do marechal Cogominho e de Rodrigo Lobo, enviado do Rio de Janeiro como commandante do bloqueio, as scenas mais revoltantes e tyrannicas desenrolavam-se em toda a provincia de Pernambuco, que prolongava nas salvas das fortalezas o écho de sua rendição ás forças realistas. A primeira nota expedida pelo dictador Domingos Tenorio a Rodrigo Lobo tivera máu exito, e á fatal submissão de alguns chefes revolucionarios ao governo de Sua Magestade Fidelissima exultavam de novo as tropas lusas e os portuguezes do Recife, que festejavam a victoria com acclamações provocadoras e entusiasticas.

Marchando na retaguarda do exercito patriotico, constituido pelas guarnições que, sem motivo vehemente, renderam-se nas fortalezas, lá seguia o general Paula em demanda do Engenho Paulistá, tendo á sua frente Domingos Tenorio, o dictador temorato, que se retirava do Recife com as suas forças, não havendo entretanto recebido resposta á sua segunda missiva.

A cavallo, ladeado de dois ajudantes de campo, via-se elle em marcha com os patriotas humilhados, seguindo logo após o padre João Ribeiro, que levava ás costas um sacco e ao hombro uma espingarda, e Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, os dois unicos membros do dissolvido governo

republicano que não desertaram na hora do perigo.

Era quasi ao sol posto quando essa phalange heroica, batida pela adversidade, aquartelou no referido engenho, que pouco distava de Olinda.

Assim abandonado o Recife pela escolhida guarnição, proclamada a autoridade da realza e arvorada nas Cinco Pontas a bandeira de Portugal, pareceu impossivel a chefes desse grupo de patriotas persistirem na lucta, e, reunindo-se Tenorio a mais officiaes em conselho, deliberaram o fraccionamento das tropas e o disfarce das vestimentas para immediata debandada.

Resolvida a fuga, o padre João Ribeiro, que valente partira com o exercito para o lucro certo dos perigos da guerra, sentiu vacillar-lhe a fé no tumultuario da sessão e, para pôr termo á vergonha de fugitivo, pediu á morte a ultima conciliação com a vida.

E ella entregou-lhe compassiva os élos torturantes do veneno, contra os quaes o desilludido padre viu arrebentar-se-lhe a taça dos dias.

Posta em pratica a assentada evasão, o silencio dos caminhos e o farfalhante das mattas foram despertados pelos cautelosos tropeis de Domingos Tenorio, Barros Lima, Pedroso, Antonio Henriques e padre Tenorio, que em turma se escaparam do Engenho Paulista, esquivando-se ás represalias do governo restaurado.

Ao sabel-o, os soldados amotinam-se nos aloj-

mentos, despedaçam as armas, prorompem em imprecações, vendo-se trahidos, dispersando-se afinal em pequenos bandos pelos povoados proximos e selvas remotas.

Poucos, bem poucos, na desesperança do momento, aguardaram fulminados a sorte que lhes seria distribuida por mãos dos contrarios.

E ella não tardou, á noticia da deserção de que fôra sabedor o marechal Cogominho, que, no dominio absoluto das forças de terra, para alli fizera seguir destacamentos com ordens de aprisionar os vencidos dispersos e os que alli permanecessem á mercê do acaso.

Varejado o engenho, cumprindo o mando do chefe militar, as tropas monarchicas desenterraram da capella o cadaver apodrecido do sacerdote republicano João Ribeiro e, levando-o de rastos pelas ruas do Recife, fincaram-lhe a cabeça de martyr no pelourinho maldito, ao escarneo da multidão estrangeira no requinte de suas paixões sanguinarias.

Ao terror que as autoridades perversas infundiam por toda a parte, as cadeias enchiam-se de patriotas e de suppostos cúmplices, tendo ellas como escoadouros as prisões da Bahia, que davam passagem aos fuzilamentos summarios e apparatusos.

Ás vezes, á meia noite, ás luzes das tochas que feriam como fuis as espadas reluzentes das escoltas, as procissões dos martyres serpeavam nas

ruas, dirigiam-se aos embarques, desapparecendo por fim os bustos lividos e acorrentados do cortejo nos porões abafados e immundos dos navios, que os transportariam a plagas bahianas.

E Antonio Carlos e Frei Caneca, Martins e Pedrozo, o Dr. Caldas, o deão de Olinda e muitos outros, chumbados ás corveta *Carrasco* e da taboas da *Mercurio*, soffrem a sêde, a fome e os horrores na deshumana e dolorosa travessia, que tinha por termo os carceres e a pena ultima.

Mais realistas que o rei, Rodrigo Lobo e Cogominho, sem ordem do governo do Rio de Janeiro, devastavam Pernambuco com os assassinatos e as prisões, com o saque e a violação do lar, tendo por agentes dos nefandos crimes a desenfreada soldadesca lusa e os compatriotas seus, no tripudio cannibalesco de odios covardes.

As levas de patriotas com destino à Bahia alliviavam as prisões do Recife; a capital pernambucana adormecia em sobresaltos de cataleptica: regosijando-se o Conde dos Arcos á vista dos infelizes que chegavam por mando dos generaes realistas, que disputavam entre si a primasia na adulação e no crime.

Tres dias depois do desembarque, o oratorio dos condemnados á morte abria as suas portas; e a commissão militar, installada no palacio do governador geral, não tardaria a decidir da sorte dos patriotas illustres, que isoladamente jaziam nos infernaes segredos dos carceres ou apodre-

ciam devorados da vermina nos infectos cubiculos.

Para mais augmentar o horror daquelles cyclos dantescos, daqui e dalli partiam gritos e gemidos de alguém que se estorcia moribundo... E a luz do candieiro do tecto avivava poças de sangue sobre as quaes arquejavam escravos negros nas torturas das surras.

Funcionando o tribunal, os réos da corveta *Mercurio* lhe são apresentados, correndo os processos com as apparencias legaes, embora o Conde dos Arcos e a commissão já houvessem previamente deliberado a respeito das sentenças.

Esgotados os tramites da accusação e defesa, os presos escoltados voltaram á cadeia, entrando minutos depois o juiz relator, que leu a sentença que condemnava á morte a Domingos José Martins, ao padre mestre Miguel Joaquim de Almeida e Castro e a José Luiz de Mendonça.

Entrados estes no oratorio, a noite afigurou-se-lhes a tampa de um tumulo e a sua consciencia republicana uma elaboração das auroras da liberdade.

E tres frades alentavam-lhes a esperanza do céu, embalando-os no sonho que não finda da vida eterna.

Enlevados nos idéaes supremos da redempção brasileira, esses martyres escutavam imperturbaveis as palavras sacrosantas dos ministros de Deus, mas em suas vigalias de padecentes a Esperança



erguia para elles o seu calix resplandecente nos climas sempre puros da liberdade.

Cedo, porém, a sentinella da cadeia deu signal de soldados á distancia, e o povo, já apinhado nas ruas e praças, nas janellas e nos telhados, attentava o movimento do prestito funebre dos que iam ser executados pela justiça de el-rei.

Dentro em pouco o pregoeiro se adianta a cavallo, numerosa escolta guarnece os penitentes, que, descalços e de barão ao pescoço, descobertos e vestidos de alva, caminham firmes para o local do supplicio.

Ao toque de clarins, ao escarvar dos cavallos dos batedores que abriam alas, ao rumor da população atropellando-se no sequito, aquellas tres frontes sublimes recebiam na face as primeiras flores de luz com que se toucava a manhã.

O campo da Polvora, militarmente occupado, apresentava um aspecto impressionador e estranho...

E a turba ondeava afastando-se, os clarins soavam mais perto, e os condemnados transpunham resolutos o scenario que as tyrannias proporcionam á immortalidade de suas victimas.

Postados em linha, occupando o centro o grande patriota Domingos José Martins, os rebeldes pernambucanos avultam entre os confessores, não sentindo já o peso das algemas que tiniam-lhes nos pulsos.

De repente a voz do commando se fez ouvir, os

soldados executores destacam-se das fileiras, e uma phrase foi começada por Domingos Martins para acabal-a no céu.

— « Morro pela causa da liber... »

Nesse instante uma detonação, como um bando de aves negras que suspendesse o vôo, repercutiu lugubre no espaço, aninhando debaixo de suas azas um grupo tres vezes santo de supplicados!...

E os cadaveres carregados pelos galés das enxovias do rei, foram levados a enterrar no cemiterio aviltante dos escravos.

---

## FREI CANECA

(EPISODIO DA REVOLUÇÃO DE 1824)

---

Depois que a revolução de 1817 illuminou os horizontes pernambucanos de uma luz de sangue e que, por entre o arrendado das nuvens, grossas trévas cahiram sobre a trilha da Liberdade espavorida, poderosa como uma voz de espiritos, patriótica phalange emprenhede em 1824 lucta mais formidavel, á semelhança das grandes tempestades despedaçando montanhas e abysmos.

Magros como espectros pelas torturas dos carceres, deixando após si um rumor de algemas e o écho funebre dos fuzilamentos, alguns houve que tomaram postos nas avançadas libertadoras, esquecidos dos horrores das prisões e como um anathema surgido da paz dos tumulos.

A dissolução da assembléa constituinte por Pedro I, que assim perjurara o pacto civico, revivem passadas oppressões, e a alma da patria no

sobresalto pavoroso de escravidão imminente, pede á conspiração e á revolta a liberdade ou a morte.

Desde esse momento os patriotas pernambucanos sentiram no braço a força de um exercito, e a tyrannia de um despota arregimentou o crime e enfileirou carrascos, que não representavam instrumentos da lei.

Indifferentes a todas as fórmas da morte humana, os amnistiados da revolução de 1817 e os recentes conspiradores reúnem-se em conciliabulos, reagem em grupos dispersos, até que o maldito decreto do imperador, suspendendo garantias e annuciando a invasão de tropas lusas no Brasil, accende-lhes o desespero contra o astucioso plano.

Expedido com presteza um corpo de exercito á altiva e heróica provincia, Manoel de Carvalho Paes de Andrade proclama a Confederação do Equador — bella chuva de luz que tornaria radiante a terra ensanguentada dos dias que se foram.

Bem cedo organizada a resistencia contra a nova especie de tyrannia, apenas apeado do governo Paes de Andrade e substituido, pelo imperador, por Luiz do Rego, o rebate da insurreição estendeu-se do Recife á Parahyba e ao Ceará, que fraternisaram como conterraneos da mesma fé e das mesmas lides.

Abrigados á fluctuante sombra da bandeira

separatista arvorada em 1817, os patriotas de outr'ora e os da confederação aventuraram-se a combates repetidos e triumphos ephemeros, avultando por traz de pyramides de cadaveres da extincta rebellião vultos de collo ainda macerado pelas correntes e gargalheiras da noite das prisões.

Fazendo de suas longas agonias de martyr uma barreira, como que ainda esclarecido pela lampada dos clubs revolucionarios e da Academia do Paraiso, o carmelita Frei Joaquim do Amor Divino Caneca protesta contra as violencias imperiaes e a nomeação de Francisco Paes Barreto para dirigir o governo de Pernambuco, constituindo-se na imprensa o arauto temeroso da liberdade, o publicista assignalado da Confederação do Equador.

Affrontosamente bloqueado o porto do Recife, abatendo-se o exercito do imperador sobre a cidade convulsionada, a democracia, sem um grito na voz, estendia-se moribunda nos degrãos tintos de sangue da tyrannia victoriosa que resfolegava aos alaridos proximos de estranha tempestade.

Entrechocando as suas armas com as do inimigo em varios recontros, os patriotas pernambucanos sentem pouco a pouco o despertar de seu sonho encantado, o anoitecer da esperanza aos gelos da morte nos braços negros do cadafalso.

E o republicano Frei Caneca, chefe de guerrilhas em 1817, á frente dos patriotas nos combates de todos os pontos, prisioneiro nas enxovias da Bahia e reincidente no crime de liberdade, vendo

desertar Paes de Andrade e capitularem as forças diante dos batalhões imperiaes, segue em retirada para o Ceará, indo juntar-se ao exercito que lá aguardava previstas pelepas.

Mas os seus dias, marcados pelo destino, tocavam-se de crepusculos sombrios, reverberando flammias sinistras que se reflectiam no portico sempre tenebroso da vida eterna.

Preso em fuga com um troço de gente armada que seguia para o Ceará a juntar-se com Filgueiras e Tristão Araripe, e conduzido á cadeia do Recife, o illustre revolucionario presente que lhe é chegada a hora em que as almas dos patriotas encarnam em estrellas, que brilham na noite do mundo e nas profundezas da liberdade.

No calabouço a que o fizeram recolher, immundo e obscuro como a escravidão, impregnado do odor infecto das cabeças dos enforcados a que servira de deposito. Frei Caneca, o redactor do *Typhes Pernambucano*, despedia-se da existencia, repassando na memoria as phantasias louras das suas aspirações patrioticas, enviando o poetico e extremo adeus á ignorada socia de suas desventuras.

E aquella dextra, branca como uma hostia, errando por sobre as cordas da lyra açoutada por tufões glaciaes, desfere sons magoados, que voam e se perdem, como rosas espalhadas na frente das virgens mortas.

Entre Marilia e a patria  
Colloquei meu coração;  
A patria roubou-m'o todo;  
Marilia que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo.  
Não deve a morte temer;  
Com a morte não se assusta  
Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura  
Da morte fria e cruel,  
Do rosto só muda a côr  
Da patria ao filho infiel.

Tem fim a vida daquelle  
Que a patria não soube amar;  
Que a vida do patriota  
Não póde o tempo acabar.

O servil acaba inglorio  
Da existencia a curta idade;  
Mas não morre o liberal,  
Vive toda a eternidade.

Conduzido perante a commissão militar que devia julgal-o, o martyr pernambucano fulmina com a palavra os seus algozes, porém a sua sentença de morte proporcionava feroz pasto á tyran-  
nia, devendo por conseguinte lavar-se.

Recebido no oratorio pelo religioso que lhe ministraria o perdão para os peccados, alentando-o com a esperança do reino de Deus, Frei Caneca resignado aguardava a aurora do cadafalso, que

lhe engrinaldaria a fronte de liquidos e esplendores.

E veio a manhã e com ella o juiz que leu-lhe a barbara sentença de morte.

Vestido com os habitos de sua ordem, acompanhado do confessor, seguido da multidão e entre numerosa escolta, lá encaminha-se elle para o pateo do Terço.

Sons de clarins e rufos de tambores, vozes de pregoeiros e murmúrios prolongados enchem o espaço occupado pelo prestito funebre, ouvindo-se a cada passo um grito de dôr, um lamento afflictivo — piedosas nenias nos funeraes excelsos da liberdade!

E ao longo do céu projectava-se a escura sombra daquelle feretro de vivos, que tinha, de quando em quando, como corôas, o silencio e os fios de lagrimas da turba reverente.

Ao approximar-se da igreja do Terço, a cerimonia da exautoração ia ter logar, para o que foram expedidas, pelo bispo do Rio de Janeiro, as ordens exigidas por Pedro I.

O carmelita e sentenciado Frei Caneca approxima-se do templo, que abre suas portas, apparecendo no adro o vigario de S. José que realisaria a degradação.

Ahi, collocada uma credencia coberta com toalha, nella se achavam depositados um calix, o missal, galhetas, varias insignias, etc. e em presença do magistrado, o officiante, tirando as ves-



timentas e ornamentos do réu, a cada expoliação profere :

« A prerrogativa de dignidade que se representava no escapulario te tiramos, pois mal usaste della. » E assim continúa a cerimonia até o final, em que raspa-lhe com uma faca as mãos e a corôa, pronunciando as orações do ritual.

Depois, entregando ao magistrado o réu, diz a oração em latim, cuja traducção é a seguinte : — « Senhor magistrado, com todas as véras d'alma, vos pedimos que pelo amor de Deus não lanceis sobre este infeliz pena de morte ou de mutilação ».

Restituído ao poder civil, vestindo a alva e de barão ao pescoço, o padecente, precedendo a dous carrascos negros, retirados das enxovias dos malfeitores, se encaminha humilhado e sublime para o patibulo que o espera na praça da fortaleza.

Nas tortuosidades das ruas, por entre as alas de numerosa escolta e de povo, o martyr da liberdade se adiantava resplandecente de fé como um raio de luz bipartindo os nevoeiros.

E a força lá estava agachada e pavorosa como um anjo revel, arrastando a aza de escadaria na terra listrada de sombras e abrazada de sol.

Parando defronte, a procissão da morte recúa, a tropa fórma em angulo. Frei Caneca e o confessor destacam-se em meio dos degrãos, mas os executores não sobem...

E profundo silencio prolongou-se depois de rumores tumultuarios.

Em baixo, de mangas arregaçadas, brilhando-lhes o olhar injectado como um punhado de rubis, os dous carrascos, impassiveis e mudos, fitam o juiz e a escolta, recusando-se a sancionar o crime.

Impellidos a couces d'arma, açoutados a sangue nas grades da cadêa, nem mesmo o desprezo e o odio lhes arrancavam uma blasphemia dos labios interdictos.

E mais grilhetas são evocados dos calabouços, e a sua renuncia em presença da victima accelera o tumulto naquella myriade de homens escravizados a todos os rancores da tyrannia.

Sciente da extraordinaria, occurrencia, ordenou verbalmente a commissão militar que Frei Caneca fosse fuzilado, não tardando um instante a executar-se a sentença...

E o sol, como uma aguia de fogo abatida sobre um promontorio, alumiaava aquella scena como uma tocha sepulchral!...

---

## XVIII

# RATCLIFF

### I

A revolução de Pernambuco de 1824 offerencia os seus martyres ás cruezas da tyrannia e ás deslealdades de um rei criminoso.

Em 13 de Março de 1825, João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro vieram presos da fortaleza de Santa Cruz para o oratorio do Aljube, onde deviam ouvir ler sua sentença de morte.

Desde que chegaram da Bahia, em 4 de Setembro de 1824, por mando de Sua Magestade o Imperador procedia-se a summario contra elles, e, em casa do desembargador Picanço, processavam-se por crime de alta traição os apresados no brigue *Constituição ou Morte* e escuna *Maria da Gloria*.

O decreto imperial, terminante e documentado, não admittia tardanças, e as testemunhas arroladas eram uniformes nas accusações.

Desse verdadeiro assassinato á sombra da lei,

a grande individualidade era o portuguez Ratcliff, o bloqueador do exercito do morgado do Cabo, e o aprisionador, em Porto de Pedras, dos navios que conduziam para as tropas contrarias viveres e munições de guerra.

Distribuindo proclamações incendiarias, reduzindo á fome os soldados inimigos, o intrepido revolucionario Ratcliff seguia o ideal que o levára á prisão da Bastilha, pugnando como um heróe pela emancipação dos povos.

Mas a sua hora fatal devia cahir do quadrante do destino, em presença do qual os minutos da vida são contados pelos fados que nos tecem os dias.

Na cadeia do Aljube a noticia se havia derramado, e os presos, desde bem cedo, espiavam pelas grades nodosas para vel-os em seu transitio; o oratorio, de porta aberta, mostrava o Christo entre os dous cirios, que ardiam como a fé dos martyres, e ao lado, a sentinella, destacada da guarda, lá estava perfilada e indifferente no seu posto.

Dentro em pouco, o primeiro e o segundo commandante do brigue *Constituição ou Morte*, e o segundo da escuna *Maria da Gloria* encaminham-se escoltados para a ladeira da Conceição, transpondo a grande porta da entrada principal da cadeia, á esquerda da qual estava o oratorio dos condemnados á pena capital.

Os presos os olhavam automaticamente, con-

tristados, e o carcereiro, descendo do degráu do pequeno altar, adeantou-se por entre as barras de ferro e, escolhendo no mólho de chaves a desse aposento, veiu postar-se cá fóra.

E Ratcliff e os seus companheiros, caminhando imperturbaveis como a consciencia dos livres, entraram sublimes, humilhando ainda mais a fronte achatada e mesquinha dos algozes da lei, que os sacrificavam á vingança imperial.

Apenas o sacerdote inclinou-se em frente do Crucificado, as portas do oratorio rangeram impellidas pelo carcereiro, que as fechou, e seguiu com os soldados e o povo.

Ratcliff, Loureiro e Metrowich começavam a alhear-se deste mundo!

Era isto uma verdade e uma mentira. Até o instante da forca, o perdão para esses rebeldes achava-se sellado com a palavra do imperador á Marqueza de Santos, que, lhes conhecendo o valor que absolve os heróes e que deifica as convicções robustas, os considerava sem crime.

Os tres dias de rezas e meditações, as tres noites de vigalias e de sobresalto tornaram-se para elles calmos e serenos, como as manhãs do céu nos climas sempre amenos da liberdade.

Desde que navegára Tamandaré, Barra Grande e Porto de Pedras, Ratcliff, uma das mais poderosas forças de Manoel de Carvalho, portou-se sem tergiversações, combateu por uma só idéa, um só sentimento.

De animo inquebrantavel, sem as fraquezas de Tiradentes no acto do interrogatorio, o segundo commandante do brigue dos rebeldes renunciou o veneno no carcere, para que sua morte no patibulo fizesse reverdecer a sementeira da vingança contra os tyrannos coroados, e a arvore da liberdade, cujas folhas a monarchia arrojava no pó.

O seu movel não foi o despeito, não soffreu preterições; o Brazil não era a sua patria; mas Ratcliff batia-se pela republica, por amor á republica, e pela rebelião de Pernambuco, por amor á liberdade.

Filho de um polaco, trazia comsigo o peccado original, de que foi victima, a expiação do vicio, de que foi culpado.

Os interrogatorios não podiam ser mais severos nem mais exigentes: o ministro, em obediencia á ordem do imperador, determinára o summario, e as testemunhas eram inquiridas quasi que por fórmula.

O tribunal, achando os réos incursos em rebeldia e traição, capitulou por ultimo:

«... Portanto, condemnam os réos João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro, a que, com barço e prégão pelas ruas publicas, sejam levados ao logar da forca, onde morram de morte natural para sempre... »

E o que importava isso a Ratcliff, quando, de cima do cadafalso dos rebeldes, não via a miseria do presente? Se abaixo de sua cabeça estava a

corôa de um rei boiando em um mar de sangue?

Sobranceiro á morte, superior ao sacrificio, o condemnado não despertava de seus sonhos nas trévas ou nos crepusculos, para elle divinos, do oratorio.

E a sua mão, errando aquecida de fé e de patriotismo, traçava na muralha, como que dedilhando uma harpa encantada, o seguinte:

« O que me faz morrer? A virtude reverdece depois da morte: não a mata a espada de um tyranno. »

E mais abaixo :

A feia morte não me causa damno ;  
A virtude floresce além do tumulo ;  
Nem cede aos golpes de feroz tyranno.

Que mal me faz a morte ? É sonho, é nada ;  
Vive depois dos fados a virtude :  
Nem a póde extinguir a víl e rude  
Do tyranno cruel sangrenta espada.

Como se sentia e pensava naquelle tempo !  
Quanto exemplo não aproveitado em cada gotta  
daquelle sangue !...

Ratcliff não esperava o indulto do imperador :  
desdenhava d'elle como de seu throno, do seu  
throno como do de todos os imperios.

Á luz funebre do oratorio, ás orações piedosas  
dos agonisantes que o religioso pronunciava, o  
seu espirito desatava-se ás claridades sonoras de

um mundo melhor, e acreditava nos destinos livres da humanidade.

Na cadeia do Aljube, o irmão da Misericordia se apresentára para oppôr embargos á sentença, porém a justiça do imperador era mais forte e o pedido da cabeça do martyr devia ser satisfeito.

E dois dias se passaram rapidos para elle, que ia morrer abraçado com o pensamento que jamais o deixou, nem nos subterraneos da Bastilha, nem a bordo do brigue em Porto de Pedras, nem entre as paredes glaciaes e brancas do oratorio, que lhe assemelhavam um bloco de alvoradas para o pedestal da gloria.

Quando veiu a ultima noite, quando o cirio da banqueta avermelhava uma luz tépida na corôa de espinhos do Christo morto, Ratcliff ergueu-se, tacteou por um instante as sombras, viu o padre, viu a sentinella, viu os companheiros que velavam, e ergueu-se.

E aquella cabeça loura, aquelle vulto correcto e magestoso destacava-se de pé, ao longo do muro, como um transfigurado.

As sentinellas da cadeia, calando o signal de alerta, annunciavam a volta da madrugada, as horas do amanhecer.

Na prisão já os grilhetas sacudiam os ferros, descendo das barras, e os libambos apresentavam-se para o trabalho das fortificações.

E aos primeiros raios de luz que entravam pela janella dentro do oratorio dos *enforcados*, um



braço alvo como a lua, suspenso e convulso, traçava ao alto da fronte esta legenda : « Morro innocente pela causa do Brasil e da humanidade ; possa meu sangue ser util a ambos. Oratorio, 17 de Março de 1825. »

Depois... parou um instante. E o seu olhar era como um relampago, e a sua mão como a de um espectro.

Nas paredes do oratorio Ratcliff escreveu :

AO DIA 17 DE MARÇO DE 1825

Das brasilicas praias, viajante,  
 Não temas do sanhudo tigre o dente,  
 Nem de escamosa e giboica serpente  
 Negro extracto que traz mortiferante.

Não temas a maldade desolante  
 Do cafre feroz, bruto, insolente,  
 Nem do negro o rancor á branca gente,  
 Pois nelles ha brandura algum instante.

Não temas vér surgir dos horizontes  
 Do sulfureo vapor prenhes montanhas,  
 Pois de Thetis a vinda avisa ás fontes.

Não temas encontrar visões estranhas ;  
 Teme, sim, este Nero, oh !... este Brontes,  
 Que não se farta de rasgar entranhas !

Terminando, voltou-se imponente, adiantou-se lento, e estacou de subito...

— O sino de Santa Rita tocava a agonia !

## II

Naquelle instante o seu espirito divagava em regiões desconhecidas, pairava em alturas remontadas, como uma aguia que domina a tempestade.

Aquella badalada, fria e sinistra como a folha de um punhal, resoou lugubre no oratorio, e Metrowitch e Loureiro saltaram á frente, como se impellidos já fossem pela mão negra do carrasco.

Ratcliff, porém, vencendo o calefrio que antecede a morte, percebendo-lhe o sopro gelido da aza açoutar-lhe as faces que iam asphyxiar-se ao estrangulamento do laço, derramou um olhar sobre os seus pobres companheiros de pena ultima, que empallideciam ás badaladas do bronze da igreja e á entrada do Viatico no sepulchral aposento.

Mas o portuguez revolucionario, como que amparando com o braço a pedra do tumulo, antes de desaparecer na tréva, queria fulminar o algoz que lhe disputava a vida, o rei perfido que o metamorphoseava em bandido.

E o phantasma cresceu do sepulchro, sacudiu o pó da mortalha, travou ainda um momento da lyra coroada das rosas fanadas da morte, e cantou alguma cousa de horrivel, como a condemnação de uma dynastia:

Elevado ao zenonico transporte,  
Stoico coração, alma sublime,  
Sem que a vista do algoz o desanime,  
Da Parca afouto espera o ferreo córte.

De um genio liberal, de um peito forte,  
A voz e os sentimentos não suprime ;  
Dest'arte grita, alheio á infamia, ao crime :  
« Tyranno, que pezar me causa a morte ?

A virtude, que o peito me guarnece,  
Essa, por mim ha muito idolatrada,  
Depois de negros fados resplandece !

Aos feros golpes de cruenta espada  
Não murcha, não definha, não fenece,  
Antes surge de sóes abrilhantada ! »

O frade e a sentinella, pasmados junto ao altar, pareciam alheios áquella scena jamais vista no oratorio, e os dous commandantes que o observavam comprehendiam-se mais fortes para o transe supremo.

Logo que Ratcliff não cantou mais, isto é, que concluiu a sua maldição de finado, uma larga mancha luminosa, projectando-se da janella, pulverisou de ouro as estrophes estampadas na lutuosa parede, e os tres hospedes da morte sentaram-se mudos, á espera dos carrascos do Aljube e da leitura da sentença.

Desde meia-noite se havia trabalhado no largo da Prainha, trabalhado activamente, para que ao romper da aurora a forca estivesse levantada no logar da execução.

E de feito. Ainda era escuro e duas traves negras sustentavam uma terceira, do centro da qual

um argolão de ferro balançava uma grossa corda de linho, cuja ponta roçava quasi na terra fôfa e cavada de pouco.

Ao lado, uma escada estreita e ingreme completava o apparelho isolado na praça, que semelhava o espectro de um anjo revel surprehendido pelos raios do sol.

Nas ruas povo e mais povo circulava curioso, seguindo direcções varias, rumos differentes.

No largo de Santa Rita e no da Prainha muita gente madrugara para tomar posição mais commoda e assistir ao acto do justicamento e o desfilar do funebre cortejo.

Escravos e crianças, homens e mulheres, individuos de todas as classes apinhavam-se aqui e alli, moviam-se em grupos, encostavam-se ás casas, enfileiravam-se nas calçadas, por isso que o spectaculo da tyrannia imperial não tinha antecedentes de mais pompa, já pelo numero de protogonistas, já pelo rumor em torno dessas victimas innocentes, que seriam immoladas ao capricho de um rei sanguinario e implacavel em seus odios.

O irmão da Misericordia fizera vibrar alta noite a campá dos enforcados; as determinações por parte das autoridades estavam tomadas, e a tropa, que devia comparecer ao triplice assassinato, estava postada no largo de S. Francisco de Paula, avisada de vespera.

« Quartel-general da 1ª brigada, em 16 de Março

de 1825, etc. — Devendo amanhã, 17 do corrente, dar-se execução á sentença da Casa da Supplicação contra os réos João Guilherme Ratcliff, João Metrovich e Joaquim da Silva Loureiro, ordena S. Ex.<sup>a</sup>. o Sr. general que, do 1º batalhão de caçadores da Côrte, se ache, pelas oito horas da manhã, postada no largo de S. Francisco de Paula, uma guarda de capitão, tres subalternos, officiaes superiores, cabos competentes e cem soldados, que receberão as ordens do Sr. coronel commandante da guarda militar de policia, tanto para guarnecerem o logar do patibulo, como para acompanhar os réos uma escolta de cincoenta soldados de cavallaria, commandados por um official ao arbitrio do mesmo Sr. coronel. »

A essa hora, das enxovias da cadeia o forçado Agostinho e o segundo carrasco haviam sido retirados, e dois frades de Santo Antonio subiam a ladeira da Conceição para se encorporarem ao sahimento lugubre dos que iam morrer.

E a maior serenidade de espirito aureolava a cabeça purissima do grande martyr de 24, que parecia naquelle instante uma cabeça divina.

Á derradeira martellada funebre do sino de Santa Rita, ao tropel dos cavallos em que montavam o juiz das execuções e o prégoeiro, o oratorio parecia habitado por sombras, tal era o silencio que alli reinava e o vacuo da vida eterna que principiava a fazer-se ao redor de Ratcliff e dos seus irmãos de rebeldia e de supplicio.

Do imperador, porém, seria infallivel o perdão para os réos, e a Marqueza de Santos o havia assegurado aos amigos dos revolucionarios, que o aguardavam, sem que elles o soubessem.

E a occasião chegára dos preparativos e da *toilette* dos padecentes, visto a escolta se ter approximado da porta do oratorio, e com ella os figurantes da justiça no horripillante cortejo.

Loureiro e Metrowich, á semelhança das victimas dos sacerdotes druidas, prestaram-se sem hesitação a que os vestissem e enrolassem ao collo o baraço dos enforcados.

Uma imagem do Christo na cruz foi deposta entre as mãos atadas de Metrowich, que tornou-se impassivel como uma estatua de mausoléo.

O franciscano, contemplando a resignação dos condemnados, rezava machinalmente as sagradas rezas, que resplandecentes os iriam receber no céu.

Ratcliff, durante todo esse cerimoniaal dos executandos, manteve-se sobranceiro, não ousando adiantar uma phrase sequer.

A alva dos bandidos, porém, devia ser por elle igualmente envergada, e um preso da cadeia desenrolou-a na barra, apresentando-a.

Ratcliff, repellindo irritado a vestidura ignominiosa, aceitou-a afinal, cedendo ao sacerdote que o exhortava, piedoso e bom.

— Vamos ornar a victima: foram suas unicas palavras.

A multidão atropelava-se desenfreada nas ruas festivas ; a irmandade da Misericórdia, de balandrão e vara, de cruz alçada e guarnecida de tocheiros, avizinhou-se do largo de Santa Rita, em cuja igreja a missa não tardava no altar, por alma dos *tres irmãos padecentes*.

Às nove horas precisas ouviram-se toques de clarins, rolar surdo de tambores, murmúrio prolongado das turbas...

Era o carcereiro que caminhava por entre o povo, indo abrir as portas do oratório. Os guardas desembainharam as espadas, e o juiz, o escrivão, o prégoeiro, os dois frades, os meirinhos e os dois carrascos entraram, fizeram alas, a cujo fundo Loureiro, Metrowich e Ratcliff permaneciam imóveis.

Nisso, o escrivão deu um passo á frente, e leu aos réos a sentença fatal.

E o prégoeiro, precedendo o prestito, apregoava de distancia em distancia :

« Justiça que manda fazer o imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, aos réos João Guilherme Ratcliff, João Metrowich e Joaquim da Silva Loureiro, pelos crimes de rebelião e alta traição, commettidos como agentes do infame e perfido Manoel de Carvalho Paes de Andrade, fazendo hostilidades contra as embarcações e subditos do Imperio, e attentando contra a união e integridade do mesmo Imperio ; que com baraço e pregão sejam levados pelas ruas publicas

ao logar da forca, onde morrerão de morte natural para sempre. »

Chegando á igreja de Santa Rita, a procissão fez alto e os padecentes estanciamos em frente.

O sino dobrava pedindo suffragios, e a missa, que de costume se celebrava pelos que iam subir ao cadafalso, entrava naquelle momento.

A um aceno dos frades, Ratcliff Metrowich e Loureiro adeantaram-se lentos, ajoelharam-se á porta do templo, sendo dahi que os condemnados ouviam apenas a primeira parte da religiosa celebração.

Antes de levantar-se a Deus, o negro Agostinho bateu no hombro de Ratcliff, que se ergueu sombrio com os seus dois socios no civismo e na desgraça.

E o cortejo seguia...

Os borbotões de povo, que surdiam a cada canto, engrossavam o sequito; as familias chegavam ás janellas; o largo da Prainha transbordava de curiosos, e a montanha adjacente coroa-se de espectadores ávidos.

O boato do perdão corria com insistencia, embora o imperador se tivesse retirado para a fazenda de Santa Cruz na vespera da execução.

Os delinquentes, como triumphadores em dia de festa, seguiam desassombrados para o supplicio, conscios de que a liberdade lhes era o unico delicto e a corôa de um rei um baraço de algoz.

E o prégoeiro apregoava a sentença, o juiz e



o meirinho agrupavam-se silenciosos, os irmãos da Misericordia abaixavam a fronte pezarosos, e os dois carrascos, segurando na ponta dos baracos, acompanhavam os tres martyres, ladeados dos frades e de irmãos das Almas.

A escolta, que fechava o prestito funebre, marchava acertada, fazendo lampejar ao sol as espadas reluzentes.

Na Prainha o quadrado da tropa desafogava a forca, que se delineava unica, projectando na terra o lucto pesado da sua sombra.

O itinerario da morte, por mais que se afigure aos homens de fé ligeiro e suave, nem sempre é igual e plano.

Aqui e alli medra uma urze, viceja um cardo, em que sangram os pés descalços da victima enlevada na esperanza que resplandece das convicções intimas, dos nevoeiros densos da outra vida.

No ultimo dia, os condemnados á morte podem ser comparados aos agonisantes, tão especial é o seu estado, a psychologia do novo emigrante para o paiz desconhecido, cuja fronteira nenhum viajante repassou ainda.

Tem-se notado que os grandes criminosos, ao ouvirem esta phrase: *Tu vaes morrer!* ajoelham-se, tornam-se lividos, cadavericos, cerram os dentes para que não se partam ao tremor electrico que lhes percorre os membros, e encaram tudo e a todos alvarmente, estupidos, pasmados.

O instrumento do supplicio, elles quasi o não vêem, na atonia do olhar, no desvairamento dos sentidos.

Como regra geral, a caracteristica dos que vão ser justicados é esta, o que traduz uma allucinação terrivel, provocada pelo phantasma do cada-falso, que géla quando sonhado, e aterrora apresentado pelos culpados.

O contraste desta scena apresentaram os sagrados martyres a 17 de Março de 1825, no seu transito de rebeldes para as glorificações da Historia, symbolisadas na forca, que os esperava desde meia-noite.

A cada vez que o escrivão proclamava a sentença, á proporção que o prestito se avançava, Ratcliff redobrava de animo, retemperava forças para o instante final.

Entrado accidentalmente na revolução de Pernambuco, por perseguições que lhe movera a rainha Carlota, em razão de verberar-lhe os desvarios e haver lavrado, em sua qualidade de amanuense de uma das secretarias do Reino, o decreto de banimento, fôra insensatez aguardar um momento a clemencia do Imperador, comprometido ao presente da cabeça do justicado ao odio de raça.

Disse-nos um contemporaneo que Pedro I, na fortaleza de Santa Cruz, proporcionou-lhe a fuga, dando para isso ordens a um dos commandantes da bateria.

Mas não é menos exacto que Sua Magestade, no andamento do processo, dirigiu-se á casa da rua da Lapa n. 71, onde residia um dos juizes, impondo-lhe a condemnação do commandante do brigue *Constituição ou Morte*.

Estudando a monstruosa peça judiciaria, verifica-se que o desembargador Antonio Corrêa Piccanço, corregedor do crime da Côrte e Casa, fez cumprir o decreto imperial, quanto ao sumario, inquiriu as primeiras testemunhas, mas não subscreveu a sentença de morte dos rebeldes.

E quem a assignou? Quem, a 12 de Março de 1825, cedendo, talvez, á vontade do soberano, condemnou ao supplicio da forza os réos da facção de Manoel de Carvalho, e escreveu seus nomes abaixo da immoral sentença?

Já que a historia os publica, não nos assiste o direito de os occultar.

A condemnação de Ratcliff vem assignada pelo regedor Cunha e ainda pelo Dr. Figueiredo, Garcez, Leal, Motta, Campos, e Carneiro de Campos, que desprezaram os embargos, fazendo subsistir o accordão.

E os mordomos dos presos da Santa Casa reincidem no pedido de reforma da sentença, porém o tribunal não encontrou para' isso fundamento.

Não era ainda meio-dia quando os padecentes chegaram ao termo de sua jornada.

Vencendo a angustiosa excursão, a cruz da Misericordia rompia o quadrado de cavallaria e

infanteria, ao mesmo tempo que um dos franciscanos, indiscreto e banal, taxou de rebelde o grande Ratcliff.

E elle olhou-o compadecido, resignado, mas o absolvendo :

— Deus me dê paciencia ; um ministro do altar calumniando-me !

O apparatus para o enforcamento de tres victimas immoladas á perversidade de um throno, sahia das raias vulgares, tanto mais que no acto suppunha-se que a graça imperial obstasse á perpetração de um triplice assassinato juridico.

A força armada, os juizes e padres guardando os pretendidos réos, as multidões impacientes atopotando-se revoltas, a imagem da vida em frente á imagem da morte — tudo imprimia n'essa solemnidade maldita um relevo de lugubres incertezas, que se dissipariam á chegada de um embaixador, ou se tornariam mais horrorosas ao balanço de tres corpos mortos na corda dos enforcados.

Á essa lueta do espirito publico a hora marcada para officio do carrasco devia pôr um termo natural. Não se podendo desconfiar da boa fé do Imperador, as attenções fatigavam-se, reanimando-se após, porque o cumprimento da lei demorava-se em ser satisfeito.

Apenas o sino de S. Francisco da Prainha bateu meio-dia, o commandante da força ordenou as manobras, o povo em prolongado murmurio

preparou-se para assistir á repugnante scena, e os tambores rufaram intermitentes.

Os dois franciscanos, acompanhando os corajosos martyres seguidos dos algozes negros, adeantaram-se de mais alguns passos no meio do largo e estacaram.

De repente, um destes, destacando-se do grupo, mirando por um instante a alva que o cingia, e como que recordando-se da côr de sua innocencia, apertou a dextra leal de seus dois companheiros, dando-lhes o adeus da despedida e do tumulto : « Sinto que sejam arrastados ao supplicio por meu respeito, porque só eu sou o alvo a quem se dirige a tyrannia. »

— Era Ratcliff!...

E subindo firme a escada da força, precedido do franciscano que começava o *Creio em Deus Padre*, parou no setimo degráo, ergueu a fronte sublime de revolucionario, e sacudiu aos quatro ventos e ao futuro as palavras mais incendidas de patriotismo proferidas nesta parte da America : « Brasileiros ! — Eu morro innocente ; morro pela causa da razão, da justiça e da liberdade. Praza ao céu que meu sangue seja o ultimo que se derrame no Brasil e no mundo por motivos politicos... »

E ia proseguir... O padre rogou-lhe que se calasse, mas Ratcliff precisava concluir.

E terminou :

« Eu me resigno e morro pela causa da liberdade! »

E enforcaram Ratcliff, enforcaram Metrowich, enforcaram Loureiro....

E o perdão não veiu!...

### III

Era uma hora da tarde quando as padiolas escoltadas de cavallaria de policia, conduziam á Santa Casa da Misericordia os tres cadaveres dos justicados da lei.

O cemiterio de Santa Luzia tinha de abrir-lhes um seio materno — a elles, a quem a sorte fôra madrasta e uma rainha devassa o peor dos algozes!

E aos derradeiros sons da marcha funebre a multidão debandava taciturna, com a magoa a gemer-lhe no peito e o rancor a apertar-lhe o coração.

Pela rua da Prainha o prestito lugubre voltava humilhado, emquanto que o Imperador planejava a realisacão de seu compromisso á ferocidade cruel de uma hyena coroada.

Á rainha Carlota Joaquina devia ser agradavel o faro do sangue, e a lividez algida de uma cabeça decepada teria para ella os attractivos das rosas que vicejam nas sepulturas antigas.

Naquelle dia fatal a cidade do Rio de Janeiro clamava por todas as bocas exprobando a conducta de Pedro I, que, calcando aos pés a fraternidade

maçonica, mentindo á face do céu e da terra, maculando a castidade eucharistica da toga do magistrados, levára ao patibulo o rebelde Ratcliff sob a garantia de um perdão opportuno.

Por mais que seja forte um espirito, por muito que a consciencia lucte para vencer preconceitos, é incontestavel que acima de nós paira alguma cousa de superior, ás vezes impenetravel como a fatalidade.

Avassallado por um concurso estranho de circumstancias, o homem empallidece deante do acaso que o assoberba, da onda do destino que o arroja no abysmo.

Determinada série de acontecimentos que succedem ás crises produzidas por grandes revoluções moraes, partem de tão alto, que a razão amesquinha-se quando tenta explicar.

A condemnação de Ratcliff arrastou comsigo coincidencias historicas, que seriam legendas se não fossem observadas por personagens authenticos.

A forza ainda não se tinha levantado, o carcereiro ainda não havia aberto as portas do oratorio do Aljube, e o maravilhoso, o extraordinario, o incomprehensivel começava a dominar o scenario homicida, em que o Imperador e a rainha de Portugal, juizes e o guarda-mór nivelaram-se ao executor de alta justiça, ao malfeitor Agostinho nas enxovias do calabouço.

Mas a Providencia, que vela pela innocencia, que

pune na treva o culpado que se refugia, desceu de improviso e desencadeou a morte como precursora de seus designios.

Na mesma tarde em que a Relação, desprezando os embargos, proferiu — morra o réo — um facto deu-se que fez tiritar em um calafrio de suppliciado o corpo desta cidade: a morte subita do desembargador Garcez, juiz na causa, ao chegar em sege fechada, do largo de Santa Rita á rua dos Pescadores, proximo á da Quitanda, onde se achava hospedado em casa do negociante Lopes Gonçalves.

E as cortinas cerradas daquelle carro, transformado em esquife, eram os pannejamentos negros de um coche mortuario!...

Depois, nos dias immediatos ao enforcamento do infeliz, um outro desembargador, ciliciado pelo remorso, enlouqueceu!

Parece que naquella atmospheria as aves do sepulchro voavam torvas, presentindo exhalacões mephiticas no halito empestado dos bandidos da lei.

A penna que assignara a sentença de morte de Ratcliff, atirada á rua pelo guarda-mór, oscillou por instantes encravada na terra, e, traçando uma curva infernal, cahiu e desapareceu.

Em 17 de Março de 1825, desde que as padiolas transpuzeram o limiar do cemiterio de Santa Luzia, o corpo de Metrowich e de Loureiro foram atirados á valla, e o de Ratcliff conduzido a um abarracamento contiguo ao hospital da Santa Casa.



Nesse deposito de cadaveres para estudos anatomicos, o justicado por ordem do imperador, permaneceu até alta noite, sob a vigilancia de empregados fieis e de elevada categoria.

O segredo absoluto tornava-se mister, mesmo porque a impressão publica não podia ser mais desfavoravel quanto á surprehendente conclusão, isto é, ao acto de Pedro I não indultar os réos.

Mas a palavra do rei á sua mãe erguia-se de permeio, e, uma vez consummado o primeiro crime, os outros iriam por si mesmos.

Estendido na taboa do amphitheatro, amortalhado na alva da pena ultima, na fronte marmorea de Ratcliff, rocheada em zonas pela asphyxia da corda, o candieiro acceso ao muro vertia um reflexo de fogo, á semelhança de uma aureola de martyr.

Ao lado do morto, via-se um pequeno barril contendo uma solução concentrada de sal grosso e escuro, que o encarregado do deposito alli collocára ao entardecer.

Os espias dispersos interrogavam o silencio da praia e do mar, esperando alguem.

Ao mais imperceptivel rumor, uma cabeça estirava-se na sombra, um vulto resvalava na escuridão, sumindo-se rapido.

Das covas razas as exhalações subiam em fogachos, apegavam-se á vestidura da noite, que as atirava rutilas no ar orvalhado e humido.

E percebeu-se um tropel...

Em seguida um individuo de côr trigueira, vestido de preto e amparando uma vela, entrou no deposito, acompanhado de dois serventes, descansou a luz, vestiu um avental, passando-lhe um dos criados a faca das amputações.

— Era o Dr. Francisco Julio Xavier.

Um servente levantou a cabeça do morto, o outro collocou-lhe por baixo um descanso de madeira, e o cirurgião, incisando os tecidos molles e desarticulando as vertebraes cervicaes, separou do tronco a cabeça do justicado.

Findo esse trabalho, o Dr. Julio meditou um instante, como que querendo avivar lembranças. Tomou da mão direita do cadaver e amputou-a.

E suspendendo pelos cabellos aquella cabeça ensanguentada, mergulhou-a no liquido do reservatorio que lhe estava destinado, e sobre ella a mão livida e fatal.

E os olhos vidrados do enforcado apagavam-se, afundando no receptaculo cheio como a superficie de um oceano de angustias e de maldições.

Terminada a profanação inaudita, acondicionado o presente real, o Dr. Julio mandou pelo servente lacrar o barril e partiu.

O imperador, tendo sciencia do occorrido pelo medico que foi directamente participar-lhe, respirou a largo pulmão, escreveu á rainha e aguardou a sahida do primeiro navio para Portugal.

A cabeça de Ratcliff, removida desse logar não

sabemos para onde, conservou-se até ultteriores determinações.

Pedro I, impaciente de desembaraçar-se de um morto e de satisfazer ao capricho materno, precisava de alguém para o desempenho do seu compromisso, e José Duarte Galvão, official da sua guarda, compareceu a seu chamado no palacio de S. Christovão.

Apenas o avistou, o imperador previniu-o de que em breve deveria partir para Lisboa, trocou algumas palavras em reservado com o seu confidente, e apartaram-se.

O official não deixou de impressionar-se com a entrevista, mas a disciplina impunha-lhe que obedecesse.

Uma semana depois o mesmo José Duarte Galvão apresentou-se em palacio, recebeu ordens para Lisboa e uma carta para ser entregue á rainha Carlota. A esta carta acompanhava o pequeno barril, fechado e lacrado no necroterio da Misericordia com a cabeça de Ratcliff.

E a galera, levantando a ancora e desfraldando as velas, recortava placida a bahia tranquilla, sob um céu azul e ventos propicios.

Nas alturas de Cabo Verde, porém, a tempestade, galopando desenfreada, partiu-lhe a quilha, desarvorou-a, e agarrando-a pelos mastros, a rodou no abysmo.

O official Galvão, escapo do naufragio, foi arrojado á costa e com elle o presente maldito.

E no meio da noite, no deserto da praia e no desconhecido, o naufrago offegante, com as roupas encharcadas das ondas e enregelado de frio, rolava, atirando no mar aquella encomenda fatidica.

De volta para o Rio de Janeiro apresentou-se ao imperador uma vez, foi residir na Praia Grande e tempos depois morreu louco.

Um filho desse official degolou-se, e uma neta, esposa de um cirurgião illustre desta capital, teve o infortunio de perder seu marido por suicidio!

Casada em segundas nupcias, teve uma filha, que ficou louca!

Mysteriosas coincidencias!...

É da tradição popular que quando Pedro I debatia-se nas garras de ferro do envenenamento, uma sombra, de barão ao pescoço, condensando-se-lhe em frente, descerrou as palpebras inchadas, olhou-o sinistra, e abateu-se nas trevas eternas.

— A cabeça de Ratcliff!

---

## A MORTE

A irritabilidade, a nutrição, a multiplicação, eis a vida; o estado opposto, o inverso dessas propriedades inherentes ás cellulas, eis a morte.

Sendo a condição da existencia das partes a força organica do todo, é necessario que a harmonia resulte dessas funcções, pois onde ella termina a morte começa.

Morrer!... E o que é a morte?...

No dizer das pessoas impressionaveis a morte é o derradeiro somno, o somno eterno; na expressão calma do physiologista e do medico, é a paralysia do systema muscular e nervoso, a abolição definitiva das funcções nutritivas.

Com referencia á séde da vida os autores têm apresentado opiniões controversas: para alguns é na glandula pineal, nas aguas dos ventriculos cerebraes; para outros é no nó vital, etc.

A physiologia moderna, erguendo a lampada refulgente no mundo vão das theorias, como

adianta Goethe, denomina de *atria mortis* o coração, o cerebro, os pulmões. É a theoria de Bichat.

A essas tres ante-camaras Chossat junta mais — o estomago ou os orgãos digestivos, o que é exacto, visto que a morte póde ter por causa a inanição, sem que os outros aparelhos sejam lesados.

E como acompanharmos os passos da morte?

Transpondo a alcova do moribundo; reflectindo ao luar da sciencia, perto daquelle para quem as aves do sepulchro já preludiam as auroras do dia extremo; penetrando esses aposentos transformados em dois limites — o da vida que se afunda e o da eternidade que se levanta!

Expliquemo-nos.

Os phenomenos que caracterisam a agonia não existem ou são déveras incompletos nas mortes subitas, fulminantes.

A physiologia pathologica os analysa, os explica á evidencia, no velho, na criança e no adulto, quando a molestia abre margem a interpretações, quando a morte é gradual.

Na primeira e segunda infancia, nesses organismos em que a natureza parece imprimir os ultimos traços, em que a estatua espera as mais bellas correccões do artista, o combate da morte é lento, renhido, desesperado; na velhice, porém, que gastára todas as forças na longa jornada da vida, o combate não existe ou é rapido, e os fogos

da eternidade desenham-se para ella como para o viajante as velas brancas de um navio nas orlas longinquoas do horizonte.

A criança e o adulto morrem de vez; o velho morre aos poucos, morre aos pedaços.

A agonia é caracterisada por phenomenos manifestos: excitações, convulsões, dores. Dahi o nome de combate, lucta. Os signaes precursores podem falhar: dahi o bem-estar que accusam certos moribundos, especialmente os velhos.

A que é isso devido?

A paralyisia que invade progressivamente os departamentos organicos, ás anesthesias parciaes que interrompem as relações com a vontade.

Entre a morte e o somno ha pontos de contacto: adormece-se pelos olhos, pelos musculos, pelos sentidos. A morte póde tambem entrar pelos olhos. Alguns moribundos accusam, como phenomeno precursor, estarem acercados de trévas, quando muitas vezes mão piedosa lhes enxuga, á luz de um cirio, os suores ultimos. N'outros são os movimentos que primeiro fallecem; em muitos o olfacto, a audição, a palavra.

Nas phrases populares ha sentido scientifico, um quer que seja de profundamente verdadeiro. O povo diz:— « Foi uma prophacia do morto; elle adivinhou a sua hora; as suas palavras realisaram-se... »

E, cousa estranha! em alguns moribundos a intelligencia se apura por tal fórma, que testam

judiciosamente, improvisam poemas, discorrem sobre assumptos ás vezes por elles ignorados.

Nos escriptores, poetas, artistas, nos homens superiores em fim, tem-se notado que o derradeiro instante da vida é o ultimo lampejo do genio: a alma de Bethowen sahiu deste mundo aos crystal-linos accordes de sua *Prece a Deus!*

Ha agonisantes que adivinham.

O que se observa na maxima parte dos casos, segundo os philosophos e physiologistas allemães, é que o olfacto e o gosto, no seu desaparecimento, se anticipam á vista, que se extingue posteriormente.

A irritabilidade tactil, modificando-se mais veloz ou tardia, faz com que a sensação do frio se patentêe. — « Aqueçam-me os pés; cubram-me o corpo que o frio me traspassa, » — dizem alguns; = « tirem-me aquellas flôres, que o aroma me faz mal, » — taes são as palavras que a todo o momento o medico escuta á cabeceira dos agonisantes, phrases muitas vezes uteis, como signaes precursôres, para fazer suspender o uso dos medicamentos, e impedir que um soluço, uma palavra indiscreta vá perturbar o estado todo particular do novo emigrante, que se dirige ao « paiz não descoberto, cuja fronteira nenhum habitante repassou ainda. »

No meio desse tumulto d'alma, vendo o sol de seus dias rolar pelo declive do occaso como uma cabeça de rei pelos degrãos ensanguentados do



patibulo, o moribundo concentra em si os phenomenos da molestia e os da agonia.

As anesthesias, as paralyrias, se existiam, estendem-se; a excitação cresce para dissipar-se lentamente; e a intelligencia, se a indifferença não a envolve cedo, se não se aniquila aos bafejos mais afastados da morte, esváe-se a custo, bem como a luz do candeeiro do sanctuario que o sacerdote apaga ao amanhecer.

Nesse momento supremo, em que as dores fallecem todas, em que o espirito assiste ao terminar da lucta entre as forças organicas, a innervação peripherica desobedece á innervação central; o corpo cobre-se de suor viscoso, a pallidez desdobra-se, a lividez assoma, os olhos encovam-se, o nariz afila-se, o semblante alonga-se, uma lagrima róla e a rigidez começa...

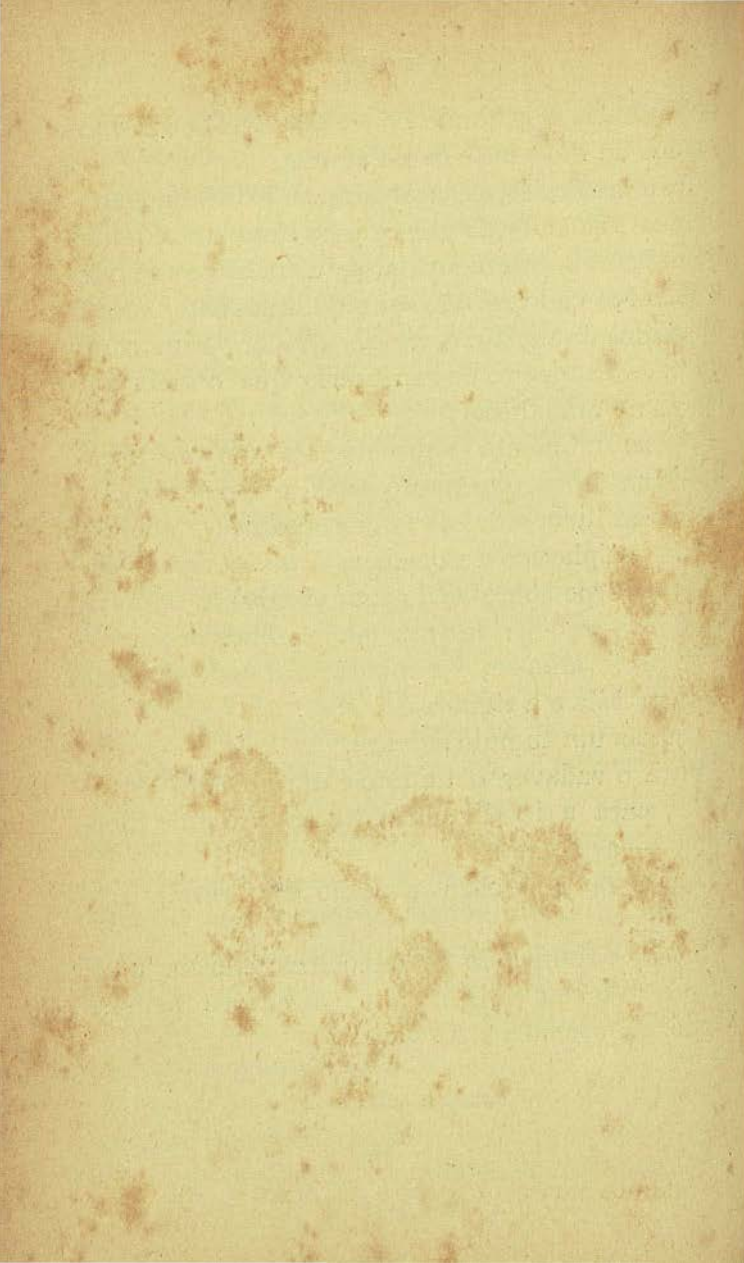
Depois um tumulo se abre.

Para o cadaver o tumulo é um abysmo — devora; para a intelligencia humana é uma mordaca — asphyxia.

Além do sepulchro a razão não respira... é noite!

Apenas rompendo os nevoeiros eternos a Fé suspende o seu calix de ouro á arvore sempre verde da sciencia e da vida.

---



## A MISERIA EM LONDRES

---

Durante o inverno, nas horas calmas da noite, a cidade do Londres descortina-se como um mundo phantastico, como um pesadelo horrivel, que opprime e esmaga.

No ar sombras gigantescas, nevoeiros turvos condensam-se, varados pelas luzes dos lampeões na distancia, afugentados pelos clarões vermelhos que surgem dos respiradouros subterraneos como lavas rubras de tumulos ardentes.

E ao longo das grades de ferro, que os guardam, a neve se funde escorregadia nas calçadas extensas, e o gelo transforma-se em lama na superficie lutulenta das ruas.

No Piccadilly as vivandeiras da desgraça, as Magdalenas louras e de faces afogueadas negociam affectos fingidos, rebatem a promessa de um instante de libertinagem por um copo de *gin*, saudando nos *public-houses*, entre a embriaguez

e os *shillings* da perda, o leito de morte que as espera nos hospitaes, ou o catre da agonia nos bairros miserrimos.

Aqui e alli, nas tavernas e nos caminhos, bandos errantes, mascarados como os negros dos Estados Unidos, tangem as banzas e os pandeiros, cantam suas canções nacionaes, emquanto dos theatros illuminados e no *Argile-rooms* o povo dispersa-se sahindo, á imponencia culminativa do *policeman* que domina a onda, ordenando o transito.

E por todo o Piccadilly as perdas vagam sem conta, o esplendor do vicio acotovela-se com a miseria encanecida e a fealdade hectica, servindo muitas vezes de côro áquelles *intermedios* do infortunio o grito agudo de alguma devassa que, no excesso do alcoolismo, debate-se desvairada nos braços do *delirium tremens*.

Mas os *public-houses* regorgitam de gente que depois escassêa; os largos mostradores de vidros lavrados reflectem opacos claridade baça atravez do nevoeiro que os empana; e os vendedores de *lucifer*, esfarrapados, esfregando as mãos para aquecel-as e tiritando de frio, offerecem a sua mercadoria aos passantes que se afastam.

O estrangeiro que, por essas noites inglezas, seguir de *Trafalgar-square* com destino ao Strand maravilha-se, sem duvida, á vista do que seus olhos presenciaram, tão estranha lhe parecerá a realidade que tem diante...

As trévas cahem, circumdando, como lanternas, os quadrantes accesos das torres do Parlamento; os candelabros de *Charing-cross* velam suspensos como cirios em camaras ardentes; e a abbadia de Westminster levanta-se alvacenta na atmosphaera nocturna como uma alma penitente nas arcarias de claustros extinctos...

E ao longe, no soturno das pontes, myriadas de luzes scintillam timidias como fogos fátuos que se apagam e claream.

Á este espectaculo dir-se-hia que Londres está morta, em um caixão que tem por tampa as trévas profundas, como alças de ouro os quadrantes resplandescentes, como sacerdote o vulto da abbadia, e por acompanhamento um povo mysterioso, cujas tochas são as luzes que se prolongam nas pontes do Tamisa.

E bate meia-noite...

Em frente ao theatro de *Drury-Lane*, por traz do *Strand*, estende-se uma rua cortada por diferentes beccos, que nos disseram sabidos como quarteirão de irlandezes.

Ahi, segundo as affirmativas, achavam-se as casas de dormida de uma parcialidade da miseria de Londres, composta de gatunos e ladrões, de meretrizes da infima classe, de vagabundos de ambos os sexos e de todas as idades, de criminosos natos e occasionaes, sem pão e sem lar.

Para lá nos dirigirmos de improviso; não tendo a protecção da policia, que é infallivel e segura,

desconhecendo aquelle labyrintho, que é quasi inextricavel, fôra uma aventura impossivel, uma temeridade sem exito.

E um *policeman*, a quem fallamos, revelando-lhe o intento da nossa visita áquellas paragens, prestou-se a servir-nos de guia, e internamo-nos no obscuro e tortuoso daquelles cyclos medonhos.

Nessa occasião os sinos do palacio do Parlamento batiam uma hora, a neve rolava tenue e penetrante, e o *fog* peneirava cinzas turvas, dissipando-se lento.

O *policeman* ia na frente. Dirigindo de quando em quando os raios da sua lanterna, no sentido de esclarecer-nos os passos, e occultando em seguida o fóco luminoso, caminhamos por alguns minutos até chegarmos ao ponto do nosso objectivo.

Adiantando-nos mais, conhecemos desde logo que nos achavamos em começo da nossa empreza.

Eramos em *Saint-Andrew-Street*. Fileiras de casas com intersticios de ruelas estendiam-se sombrias, tendo cada uma dessas habitações um aspecto particular, uma apparencia amedrontadora, ou, pelo menos, pouco convidativa.

Apenas a transpuzemos, distinguimos um sobrado em ruinas, ao canto do primeiro becco.

Este sobrado tinha uma janella aberta, sobre a qual um candieiro de petroleo, acceso lá dentro, corria um painel de fogo esbatido pelo novoeiro.

E uma mulher, escutando-nos talvez o tropel, avulta daquella altura, enverga o corpo para traz,

sacode no dorso os cabellos soltos, chega-se para o batente, proferindo blasphemias e maldições, phrases do inferno.

De repente um grito ferio os ares, uma gargalhada hysterica retinio convulsiva e prolongada.

E o candieiro apagou-se.

Nós e o nosso guia proseguíamos vagarosos, não convindo interrompermos o silencio, a quietação que alli reinava, com vozes dialogadas e inoportunas.

O tom mysterioso e triste do bairro accentuava-se progressivamente, já pelo ermo absoluto da rua, já pelo negror daquellas construcções monotonamente alinhadas, de onde, pendendo do alto de algumas portas, viam-se pharoes accesos, lanternas de vidro vermelho, com os titulos dos albergues, os dizeres de annuncios :

*Boas camas a 2 pence.*

Ahi, entretanto, não entendeu o nosso guia que devíamos parar, não julgando por certo que interessariam esses primeiros pousos nocturnos á nossa vista.

Continuamos ainda a nossa excursão, ao frio intenso, desaffrontados, porém, da cerração, por pouco desaparecida.

Entretendo sempre a luz da sua lanterna, voltada para a cinta, o *policeman* fez alto em uma esquina, devassou com o olhar o que lhe estava

em torno, e como que assegurando-se de uma idéa, disse-nos : *goon!*

E tomamos por uma travessa cujas casas eram devéras modestas, uns casebres mesmo, nos quaes os annuncios se achavam escriptos nos vidros das janellas, que lhes serviam de transparentes, e aclarados por velas solitarias que fumavam esbrazeadas e gastas.

Approximando-nos de uma dellas, o nosso guia dirigio-nos a palavra sobre o assumpto, observando-nos que, no caso de sermos interrogados pela proprietaria, evitassemos respostas, nos limitando o mais possivel a dizer-lhe que alli compareciamos como amigo seu, a quem acompanhavamos.

E erguendo a mão ao pequeno martello de ferro do centro da porta, deu tres pancadas, rapidas, fortes, retumbantes.

Questão de um momento, fulva claridade golfeyava da fechadura, e uma voz rouca, vibrante e revelando máu humor, se fez ouvir :

— Quem está ahi ?

— *Policeman.*

E a chave rolou na fechadura, a porta abriu-se de subito, e amparando uma vela, uma mulher de cêrca de quarenta annos, gorda, de face vultuosa e de palpebras somnolentas, retirando-se um pouco, deu-nos passagem, seguindo adiante.

O lugar por onde entravamos era um corredor longo, ennegrecido, exhalava odor infecto, bordado



de uma e outra banda por mulheres que dormiam sentadas, cobertas com o mulambo dos chales, algumas das quaes tinham ao collo crianças recém-nascidas, ou filhos pequenos que agazalhavam.

A proprietaria então, proseguindo no caminho, allumiando-nos a trilha, suspendia a luz, justificando-se da agglomeração pelo excesso da concurrencia, o que de prompto comprehendiamos e observavamos.

Note-se, porém, que esta scena, como a que vamos descrever, era uma especie de pantomima; sendo um dos seus traços o mutismo, tão naturaes se desdobravam ellas naquelles quarteirões do infortunio e da miseria.

Atravessamos um pateo humido e lamacento, e entramos em um salão aquecido pelo fogão acceso, junto ao qual individuos maltrapilhos e suspeitos achavam-se sentados.

Quem eram elles? Reprobos sociaes; salpicos da vasa de Londres nas hospedarias da noite: vagabundos, ladrões, assassinos, réos confessos, na vespéra do imprevisto e das aventuras criminosas.

Trahindo-nos o semblante a estranha impressão que nos assaltava, o nosso guia, como qué querendo alentar-nos o animo, assim se exprimiu, pausado e calmo :

— Estes *gentlemen* vieram aqui pernoitar e seguem ao amanhecer para as corridas do Derby.

O sentido de suas palavras subordinava-se á interpretação facil, de accôrdo com a figura pati-

bular dos personagens embrutecidos pelo vicio e pelo *gin*.

Penduradas nas paredes viam-se algumas roupas esfarrapadas daquella clientella de *pick-pockets*, daquella espuma suja que a onda popular de Londres arroja nos esconderijos de varias ruas da opulentissima cidade.

Silenciosos como sombras perdidas, encaminhamo-nos após a albergueira para um outro pateo. Ao pé de uma escada estreita e ingreme, que deitava para um primeiro andar, ella parou. O *policeman* dirigio para cima o clarão da lanterna, que inundou de reflexos louros a porta da entrada; fez-nos signal para subir e o obedecemos.

Chegando ao topo, bateu apressado as tres pancadas do estylo e annunciou-se : — *policeman* !

E a porta abrio-se a meio : uma cabeça grisalha, emmoldurada de trévas, apanhou na face os reverberos da lanterna, e os olhos pestanejaram deslumbrados... sumiu-se !

O *policeman* ordenou que accendessem a vela, depois do que nos foi franqueado o ingresso no aposento maldito.

Nesse espaçoso compartimento, fetido, nauseante, e recendente dos vapores do alcool e das exalações de corpos immundos, a promiscuidade era revoltante. Crianças e velhos, mulheres e homens, espalhados pela extensão, dormiam a somno solto sobre leitos sem cobertura, ou sobre palhas amontoadas e humidas.

A luz da vela, que se achava collocada na mesa, descobriam-se braços e pernas que saham dos rombos de cobertores ignobeis, dos trapos que resguardavam aquellas pobres creaturas.

Mas a visita do *policeman* estava feita ; e, chamando pela miseravel que nos abrira a porta, disse-lhe que a fechasse e apagasse a vela.

E descemos.

A albergueira, que nos aguardava em baixo, acompanhou-nos até a sahida, que nos despedimos.

Eram quasi tres horas da madrugada e o nosso guia precisava passar a *senha* ao rondante.

Emprazando-o para uma outra excursão, compensamos-lhe a amabilidade e nos separamos.

Não obstante, o que acabavamos de presenciar directamente longe estava do que succedia em outros bairros da orgulhosa Albion.

Lá para as bandas do *West End* a pobreza, a miseria mais digna de commiserção estorciam-se na penuria extrema, victima do destino mais atroz, da fatalidade, contra a qual a impossibilidade da lucta é evidente.

Parece fóra de duvida que ha seres votados ás desgraças como outros existem avultando na escala feliz dos contrastes.

E nem só o homem, porém tudo que vive, tudo que nossa vista alcança, obedece ao traçado de uma sina, cuja penetrabilidade nos escapa, nos desvaira a razão.

Quanto mais a creatura se adianta na vida,

quanto maiores as desillusões que nos fulminam, mais o espirito tende a inclinar-se diante de uma força superior, de uma vontade que fatalmente nos rege.

Dahi talvez a crença popular entre os Israelitas, de que Deus, no dia primeiro de cada anno, distribue os destinos das creaturas : revoga, melhora ou modifica os que já lhes couberam em partilha ; pelo que, dias antes da grande solemnidade do Anno Bom, entregam-se ao fervor das orações, ás rogações prescriptas pelo seu ritual, com o fim do Ser Supremo enveredar-lhes as sinas ao rumo de estrellas mais brilhantes e propicias.

E não vir á isso explicar a sorte escura, tecida pelos fados, de certa classe de proletarios inglezes, habitadores de quartos de dois *shillings* por semana, nos quarteirões de *White Chapel* e *Saint Gilles* ?

Léon Faucher cita um relatorio inglez, do qual resulta que mais de mil familias, na parochia de S. Jorge, moram n'um quarto, e as tres quartas partes reduzidas a dormirem em uma só cama.

Em *Pater street* muitos desses quartos existem em que familias de cinco e seis pessoas partilham do mesmo leito, na promiscuidade e no incesto os mais horripilantes.

E não é verdade que a morte póde alli dormir ao lado da vida, a innocencia ao lado do crime, a virtude ao lado do vicio ?

Entre aquella gente o pedaço vasio de uma

cama é alugado ao desconhecido que passa; paes, mães, filhos, irmãs confundem-se no pavoroso infortunio; e, para fazer serenar as penas profundas, para adormentar os males que não findam, a embriaguez conduz pela mão a loucura, que, com os mesmos andrajos, senta-se á porta daquelles solares da desgraça.

Mas Deus, que é bom, que é infinitamente misericordioso, envia com frequencia o typho, a variola e o cholera áquelles antros de proliferação humana, ceifando-a abundante como a um exercito em batalha.

E os desgraçados bemdizem a Morte...

Mas com a morte deixarão ainda de soffrer ?

---



## O DOMINGO EM LONDRES

Aos domingos a cidade de Londres é de uma insipidez sem termo.

Morre-se de nostalgia, de aborrecimento...

O repouso do dia sanctificado paralyza toda actividade, tornando as ruas silenciosas e sem transito, em perfeito contraste com o borborinho da vespera.

No que respeita ao commercio, apenas os *public-houses* se abrem em horas determinadas pela municipalidade, dando entrada a homens, mulheres e crianças, geralmente de baixa condição, que lhes formam a guarda de honra, levando cada qual um jarro, uma vasilha qualquer, para trazer a competente provisão da legendaria *pale ale* ou da saborosa *porter*.

Não quer isso dizer que fiquem no limbo das prateleiras o *gin*, o *whisky*, o *bitter ale*, o *brandy* e mais bebidas alcoolicas, igualmente apre-

ciadas; se não sahem como succedaneos para *reba-*  
*ter*, motivo é estranho ao paladar.

Os individuos que bebem e se retiram não consti-  
tuem a singular e constante clientela dos *public-*  
*houses*, desde que se abrem até que se fecham.

Muitos demoram-se em libações copiosas e vari-  
adas, havendo pouca *prosa*, como é habitual  
entre os inglezes.

O fumo ondula nos pequenos cachimbos bran-  
cos da ralé, que se recosta de perna traçada á beir-  
rada dos balcões ou ás paredes, emquanto as *bar-*  
*maids* (caixeiras) louras e graciosas, distribuem  
sorrisos e cerveja á freguezia fluctuante.

E o *bird's eye* desfaz-se em azulados vapores ás  
baforadas macias do fumante em extasis, que de  
vez em quando, arriando o copo ou o calix sobre  
a superficie espelhante da *bar* (balcão), diz á rapa-  
riga, estalando os labios e assucaradamente:

— *Some more, please...*

Ao comprido dos parques, contornando o gra-  
dil de um *square*, crescendo na extensão soli-  
taria, a familia ingleza demanda os templos, sobra-  
çando cada um dos seus membros pequenina  
Biblia, com que acompanham o officio divino.

Por tempo variavel, por horas que não se pro-  
longam, ouvem-se das capellas e reboando nas  
arcarias gothicas, sons de orgão, canticos sagra-  
dos, que traduzem o recolhimento da alma christã  
diante da consciencia e de Deus.

Excepção deste ou daquelle omnibus, que roda



com estrondo nas ruas despovoadas, não funcionam os demais vehiculos, quebrando ainda a miudo o religioso preceito barcas a vapor que sulcam o Tamisa, conduzindo passageiros a logares juxtafluviaes, em partidas de prazer.

Em um desses domingos, de cerração diaphana de Londres, entendemos, por desfastio, fazer uma excursão a White Chapel, *Petticoat-Lane*, em cujas proximidades existia o *Cloth exchange* (mercado de vestuarios), justamente celebre como curiosidade no genero.

Residiamos então em *Stanford-street*, tinhamos de atravessar *Waterloo bridge*, deixando antes daquella rua um cemiterio que se estendia do adro de uma capellinha gothica, um pouco para dentro, até á estrada, a ampla rua que finda na ponte, ao lado do Tamisa.

Este cemiterio, como diversos outros que se encontram em Londres, encravados na cidade, achava-se interdicto, desde que os enterramentos foram transferidos para necropoles remotas.

Habitante da localidade, jámais se apagou da nossa lembrança a idéa estravagante de um inglez que mandou abrir em relevo a figura de um porco em uma daquellas lousas tumulares.

Qual a significação do emblema, a expressão do symbolo, nunca pudemos descobrir.

Ao pensamento, porém, do nosso passeio de observação á White Chapel, ao extraordinario bazar dos *pick-pockets* da *City*, associava-se não

só o receio natural do que nos pudesse acontecer, como tambem a precauções com o fim de esquivarmo-nos a curiosidades compromettedoras, ao desafio dos instinctos de rapinagem, peculiares áquella ordem de gente.

Por meio do disfarce, vestindo-nos com o que haviamos de mais usado, nos aventuramos a arriscada empreza, convencidos de que um sobretudo, que deixava apparecer uma camisa de flanela vermelha, uma calça, que, quando muito, representava uma reliquia da prosperidade, umas botinas desaprumadas etc., serviriam de passaporte visado no limitado pedaço da Albion, onde o furto habil e a sorprendente escamotagem constituiam permanente realidade.

Eram dez horas, mais ou menos, da manhã, quando, chegando ao Strand para tomarmos o omnibus, avistamos o *Temple-bar*.

Limite occidental da *City*, esta grande porta formada por arcada pesada e immensa, de caracteres corinthios, occultava em véus de neblina duas estatuas de granito.

E de espaço a espaço, beirando os *public-houses*, marchando compassado, proeminente e de braços inteiriçados avultava um *policeman*, fazendo acto de presença, consubstanciando a vigilancia automatica, autoritaria.

Alguns instantes mais e o omnibus parou.

Entramos...

De um e de outro lado do Strand, de ferros

rompentes das paredes, grupos de tres esferas douradas transpareciam mergulhados no nevoeiro que se adelgaçava.

E o que representavam aquellas gottas de ouro, assim suspensas, que nem cahiam na terra nem subiam ao céu?

— O distinctivo das casas de penhores, a providencial instituição dos *lombardos* na poderosa Inglaterra, as reticencias aereas nas laudas da necessidade e do infortunio.

Espalhadas por toda a cidade, era particularmente nas noites de sabbados que essas espeluncas se atopetavam de povo, na maior parte proletarios famintos que empenhavam a propria camisa para o pão do domingo, enquanto os mais felizes resgatavam deixados penhores com a economia de alguns *pence* aos minguidos *shillings* da semana.

Ainda não haviamos chegado á cathedral de S. Paulo e o sol, como uma cabeça ensanguentada, destoucava-se das neblinas...

E seus raios, cahindo a prumo sobre os nichos do *Temple-bar*, orlavam de ouro e tingiam de purpura os mantos de pedra dos reis alli esculpidos da velha Inglaterra.

Chegados ao nosso destino, interrogando a um dos *policeman* do bairro, enveredamos por uns *beccos*, umas tortuosidades asquerosas, que regorgitavam de individuos sujos, esfarrapados, ignobeis, que caminhavam apressados, aos encontrões.

Empalamadas matronas, raparigas regularmente bellas, meninos e meninas, trajados miseravelmente, entremeavam-se na multidão, em direcções multiplas, conduzindo alguns uma peça de roupa, um objecto qualquer.

De quando em quando uma palavra, uma phrase em portuguez acariciava-nos o ouvido, como a aragem branda e sonora dos nossos climas natalícios.

E a nossa emoção era mais rapida, nosso espanto mais demorado.

Que já estávamos em White Chapel, no afamado e occulto mercado dos judeus, de prompto capitulamos, á vista de typos cuja semelhança iamós encontrar nos personagens dos quadros da *Pasagem do Mar Vermelho* ou da *Transfiguração do Thabor*.

E o incidente da confusão das linguas, que ha pouco nos sorprendêra, desvendou-se como por encanto. — Eram os descendentes judeus dos expulsos de Portugal e Hespanha por Felippe II, que acabavamos de ouvir.

Para melhor definir, *Petticoat Lane* é o congresso dos ladrões, e o mercado do White Chapel o magno bazar da pilhagem, do roubo, do *conto do vigario*, dos miseraveis da ultima camada de Londres.

No dedalo daquella singular feira da metropole britannica, daquelle quarteirão infecto e horripí-

lante, as ruas, as viellas, os largos em fórma de pateos, tomam, ora denominações pomposas e idéaes bem como — côrte dos *Cherubins*, travessa do *Paraiso*, rua do *Sol*; ora esquipaticas e nauseantes, assim — rua da *Tripa*, travessa do *Buraco Sujo*, pateo do *Peixe Podre*...

Por toda a parte o fervilhado de gente é incalculavel; grandes massas de povo se acotovelam, se abalroam, se separam, surdindo daqui ou dalli, apressado, correndo, escapando-se em fuga, um *pick-pocket* com o rosto ensanguentado, perseguido por um ou dous individuos da canalha, apparecendo mais tarde o *policeman*, para *ter noticia* do occorrido.

Na abstenção meditada desses agentes da segurança publica em conflicto de minima importancia, origina-se, precisamente, a sua enorme força moral, o seu admiravel prestigio, o respeito e a confiança de que são depositarios por parte das classes populares.

E, indifferente a quem o prejuizo não affectava, o *pick-pocket* envolvia-se na onda, mergulhava, crescia adeante, salvando do naufragio uma calça velha e remendada, uma corrente falsa, uma bugiganga qualquer, que entrava de novo em circulação no agitado do commercio.

E daqui e de além, partiam gritos ensurdecedores, proclamações dos traficantes, á voz dos quaes, apalermada gente do campo, disciplinados

gatunos, a miseria e a escoria das docas e da *City* apinhavam-se attentos, curiosos :

*Buy! Buy! Buy!* (compre! compre! compre!)

O mercado de White Chapel comprehendia bazares de duas especies: uns ao ar livre, servindo quasi para os mesmos fins, porém mais particularmente destinados a mercadorias de menor preço e a grandes volumes; outros, cobertos, de altura elevada, quadrados ou oblongos, divididos em compartimentos symetricos, que serviam de armazens e depositos de roupa feita, de verdadeiros trapos confeccionados, de todos os matizes e qualidades, ao alcance dos recursos miserrimos da gentalha que os frequentava.

Nestes e naquelles, entregues ao atropelado labor de compras e vendas, achavam-se os Jacobs e os Isaacs, os Josés e seus irmãos, pitorescamente vestidos, com seus turbantes alvissimos, relembrando pela serenidade da physionomia e pela correcção e caracteristica dos traços, os patriarchas de Israel e de Judá. Esses bazares subdividiam-se em numero prodigioso, cada qual expondo ao publico suas mercadorias de uma variedade extrema, offerecidas aqui, apregoadas mais longe pelos mercadores.

*Buy! Buy! Buy!*

E como figura obrigada, passeando ao longo dos mostradores externos, um personagem como

o *Mercador de Veneza*, trajando á moda dos pachás de Chypre, destacava-se entre a turba mal-trapilha, dando original relevo á scena que presenciavamos.

As roupas empilhadas nos vastos armazens, acondicionadas nas prateleiras corridas, disseminadas sobre os balcões e as mesas, attrahiam o enxame de compradores que as revistavam, examinavam, escolhiam, realisando-se as transacções em dialogos breves e concisos.

Imagine-se que, além de vestuarios completos, de roupas e estofos para todos os usos, compartimentos havia, pequenos bazares que negociavam com especialidades, taes como sapatos e botinas velhas, ferragens estragadas, utensilios de arranjo de casa, chapéos, etc., ou em tudo e mais alguma cousa, comprado aos ladrões e ladras da redondeza, ou nos estabelecimentos de penhores, dos quaes o dominical mercado constituia-se natural derivativo.

Bordando o labyrintho, a canalha e a miseria rodeavam os mostradores ambulantes; os pelotiqueiros que preconisavam especificos, drogas maravilhosas, pastilhas que perfumavam a boca.

Nessas agglomerações os ladrões aprendizes e os *pick-pockets* benemeritos, empalmavam uma carteira, um relógio, um objecto comprado pelos circumstantes, que mal se apercebiam da subtileza dos *artistas*.

*Wine! Wine! Wine!* (Vinho! Vinho! Vinho!)

— bradava um mercador na *Côrte do Paraiso*, montado em um barril de quinto, e tendo na mão erguida um copo cheio de uma beberagem escura e espumante.

*Champaign! Champaign! Champaign!* — interrompia um outro que disputava-lhe a freguezia, vendendo naquellas alturas taças de Champagne ao custo de dois pence!

Distanciados, nas ruellas, no amplo das côrtes, no mercado em geral, ao lado das vitrinas, das caixas dos negociantes de falsa bijouteria, de fantasias disparatadas, os vendedores de chicaras de café, de comidas quentes e frias, de batatas fritas; havendo mesmo açougues de improviso, onde cabeças de vitelas, entesteiradas de flores de panno, exhibiam-se ferventadas e lividas, desafiando a voracidade de abutre da multidão estacionada.

*Buy! Buy! Buy!*

Repercutia o écho que se espalhava, partindo de um centro em que um individuo de cabellos ruivos e de mangas arregaçadas, empunhando um boticão, abria e fechava os maxillares a uma caveira, apregoando um elixir de sua invenção, para curar dor de dentes ou extrahil-os, sem dentista e sem dor.

O effeito da *reclame*, com illustração de caveira á frente do annuncio, não podia ser mais



favoravel; em poucos quartos de hora o elixir acabava-se e o nosso tira-dentes desapparecia.

Tudo quanto é imaginavel comprava-se e vendia-se em White Chapel. Um terno de roupa em segundo uso por cinco *shillings*; um pedaço de corda de enforcado, por seis pence; verduras, aves e animaes empalhados, leques de princezas mortas, cartas transparentes com o retrato da rainha Victoria, do Principe de Galles, de Gladstone, de Charles Dickens alli se difundiam a baixo preço, aos olhos indifferentes do *policeman* e á esperteza em acção dos ladrões.

Á entrada de um bazar, apresentando uma pulseira de ouro em uma bolsa com um *shilling* dentro por igual valor, um criterioso Levy fechava o negocio, verificando após o lesado comprador que a pulseira era de casquinha de cobre e o *shilling* de cartão prateado.

*Buy! Buy! Buy!*

E o povo em tropa, vagabundos e miseraveis, proletarios e ciganos, provendo-se do necessario, compravam, pilhavam, vendiam, entrando e sahindo dos armazens, frequentando as exposições ambulantes.

Uma das mais impressionistas curiosidades que alli notamos, foi um velho inglez, gordo e barrigudo, de estatura abaixo da mediana, com grandes oculos enferrujados, andrajoso, com um

chapéo de jornal na cabeça, e que se acercava de immenso povo.

*Buy! Buy! Buy!* — tamborilava elle, apregoando dois caixões de defunto, sobre os quaes, escanchado, espalmava a mão esquerda, suspendendo a testa como um sapo em tóco de brejo.

Mas para fazer compensação, em frente á synagoga de White Chapel, existia na feira um galante kiosque de quinquilharias orientaes, cuja dona era uma judia, que fascinava pelo capricho de seus adornos de sultana e pelo correcto do semblante.

Dir-se-hia uma Ruth gentia á espera de David.

Nunca vimos assim mulher tão fadada de graça e de belleza !

---

## A CHEGANÇA DOS «MARUJOS»

Na antiga provincia de Sergipe, quem vinha de Itapuranga, Simão Dias, Estancia, Riachão ou Itabaianinha, paragens que lá se perdiam de pontos differentes e remotos, lubrigava um planalto que recebia os reverberos crepusculares, como uma salva de prata e de esmeraldas os reflexos de ouro dos candelabros de um festim.

Sobre essa encantadora esplanada a igreja da matriz elevava suas torres alvissimas como dois cysnes que se levantassem do ninho, uma cintura de casinhas brancas alargava-se-lhe em torno, no centro da praça um cruzeiro se erguia impassivel, e parte das ruas da localidade derivavam desse centro, á semelhança de grossos fios de lã escura que se escapassem de entre os dedos do tecelão em trabalho.

E sabeis que logar era aquelle e o que constitue o mais bello florão de sua gloria ?

— Eu vol-o direi : era a villa sertaneja do Lagarto, o berço natalicio de Sylvio Roméro, o homem que illustra com seu nome a sua terra, e exorna de talento e erudição as paginas da historia litteraria de seu paiz.

Durante as festas do Natal, como nas demais povoações de Sergipe, a villa do Lagarto ostentava-se percorrida por *ternos* de Reis, por essas agremiações de rapazes e raparigas do povo, que executavam cheganças e reisados, aqui e alli, encontrando-se ao acaso dois e mais ranchos no mesmo ponto, inesperadamente.

Tomando de preferencia Sergipe para theatro dos *Marujos*, escolhemos o meio termo geographico dos nossos costumes, por isso que o verdadeiro mestiçamento alli transparecia mais nitido, embora ainda em lucta com o elemento europeu, que afinal o vencia em toda a linha.

Em tudo differentes das cantatas de Reis e dos bailes pastoris, composições regulares da poesia culta, os reisados e cheganças exprimem melhor a transformação de genero poetico, de acôrdo com elementos novos, dando-lhes feição verdadeiramente popular.

A chegança dos *Marujos* são pequenos quadros da navegação portugueza do seculo XVI, episodios pitorescos da vida daquelles mareantes, em busca de terras para o rei e de glorias para a patria resaltando logo em começo o espirito religioso do

lusitano intrepido nas aventuras do oceano e das conquistas.

Transplantado para o Brasil este *auto* e o dos *Mouros*, na Bahia e em quasi todo o norte o povo os assimilou, de preferencia nos logares mais atrazados e incultos.

Conservando o fundô da tradição, a fórmula das representações e as variantes dos textos se foram alterando, o que lhes confere em nosso *folk-lore* physionomia original e brasileira.

No Lagarto os *Marujos* figuravam infalliveis nesse periodo de festas religiosas e profanas, de expansões intimas nas habitações campestinas, onde a felicidade e a abundancia reinavam em sua serenidade primitiva e estavel.

Segundo usanças tradicionaes, a praça da Matriz nunca deixou de ser o objectivo dos foliões do Natal, mesmo porque, para acolhel-os, não faltava pessoal entusiasta, desde que os primeiros cordões se annunciavam com rufos de caixas de guerra (chegança dos Mouros), ou trilos de apitos e sons de instrumentos diversos á frente da turma dos *Marujos*.

Até noite adiantada as casas illuminadas conservavam as portas abertas para recebê-l-os, sendo variadissimos os *ternos* que cruzavam em direcções multiplas.

E, precedendo multidão numerosa, erguendo archotes accesos, a marujada avulta com tocatas de violão, flauta, viola, rabeça, etc., encaminhan-

do-se para uma casa abarracada, cujas janellas se apinham de gente que se atropella para vel-a.

No grosso do *terno* um naviosinho, trazido ao hombro por individuos phantasiados á maruja, on-dula o mastro no ar afogueado; um panno de vela, enrolado, divisa-se alvejante e extenso, conduzido por alguns, e os principaes personagens do grupo desenham-se com mais saliencia, parando defronte da casa a que se destinam.

Esclarecido pelos fachos de resina que ardem, o Capitão destaca-se com sua farda agaloada, seguido de uma guarda de soldados; o Gageiro, o Piloto e o Contra-mestre caminham após, fechando o prestito vinte ou trinta rapazes vestidos á marinheira, que fazem côro e executam as manobras da chegada.

Antes de entrarem a musica toca, os marujos collocam o navio sobre dois cavaletes, ao relento, e, transpondo a sala, o Capitão dá um signal de apito, ao que as pessoas da casa abrem espaço para as evoluções das scenas e os figurantes do *auto*.

E, todos em côro, brandindo espadas, sapa-teando, marchando e contra-marchando, cantam, adiantando-se galhardamente :

TODOS

Entremos por esta nobre casa  
Alegres louvores cantando,  
Louvores á Virgem Pura,  
Graças a Deus Soberano.

Variando o tom da musica, o Contra-mestre entoava uma saudação, suspendendo o chapéo de palha, balançando com o corpo, imitando o jogo de bordo.

## CONTRA-MESTRE

Olhem como vem brilhando  
Esta nobre infantaria!  
Saltemos do mar em terra,  
Ai, ai !... festejar este dia.

Emquanto os circumstantes ouvem attentos e alegres este fragmento, os personagens importantes do *auto* occupam o centro do salão ; sentando-se no soalho, a um lado, a tripolação, que desdobra a vela e a cose.

Nesse momento trava-se uma resinga, queixando-se o Contra-mestre ao Piloto de uma diabrura do Gageiro, que perdera a agulha, entabolando-se desde logo um dialogo dansado e cantado, repleto de animação e de effeito scenico.

## PILOTO

Sem mais demora,  
Meu gageiro preso já,  
Para elle me dar conta  
Da agulha de marear.

## GAGEIRO

Senhor piloto,  
Se promette me soltar,  
Eu já lhe darei conta  
Da agulha de marear.

## PILOTO

Sem mais demora  
 Meu gageiro solto já,  
 Que elle já me deu conta  
 Da aguelha de marear.

## GAGEIRO

Graças aos céus  
 De todo meu coração,  
 Que estou livre dos ferros  
 Bailando neste cordão.

Esta scena prosegue calorosa, augmenta de diapasão, ao ultimo verso do Piloto, pondo em acção o seu dizer.

## PILOTO

Esta resinga  
 Não se ha de acabar,  
 Sem no fio desta espada  
 Nos havermos de abraçar.

E as espadas relampeam tinindo, a briga recommença, os instrumentos vibram mais alto, esvaindo-se pouco a pouco a contenda ás primeiras notas da melancolica barcarola dos marujos concertando o panno.

## TODOS

Triste vida é do marujo ;  
 Qual dellas a mais cançada? . . . .  
 Que pela triste soldada  
 Passa tormentos.  
 Passa tormentos. . . .  
 Don don, . . . .



Estabelecida a calma entre os interlocutores, os navegantes simulam seguir mar em fóra, ao tom da deliciosa melopéa dos marujos que trabalham, em busca da Jerusalem brasileira, da metropole das tradições nacionaes, da Bahia, emfim.

Concluida essa canção nautica, lamentosa como os cantos de Alcyão, o Contra-mestre assesta o oculo, devassa os horizontes e canta, dirigindo a manobra.

## CONTRA-MESTRE

Virar, virar, camaradas,  
Virar com grande alegria,  
Para ver se alcançamos  
A cidade da Bahia.

Antes de findar este acto a marinhagem conduz para o salão o navio que ficara lá fóra, colloca-o sobre os cavalletes, devendo esta mutação assignallar a segunda parte da chegada, devéras victoriada no correr precipitado da acção.

Em frente ao navio nas calmarias do mar, o Capitão e o Gageiro, que suppõem-se embarcados, tomam-se de assombro, julgando-se perdidos, aquelle adianta-se, a musica da *Náu Catharineta* (1) faz-se ouvir, ao côro dos personagens da peça e da maruja que enrola o panno e prorompe.

## TODOS

Faz vinte e um annos e um dia  
Que andamos n'ondas do mar,

---

1. Sylvio Roméro, *Cantos populares do Brasil*.

Botando solas de molho,  
 Oh! tolina,  
 Para de noite jantar.

A sola era tão dura  
 Que a não pudemos rilhar.  
 Foi-se vendo pela sorte,  
 Quem se havia de matar,  
 Logo foi cahir a sorte  
 Oh! tolina,  
 No capitão general.

A estas palavras do canto o Capitão inquieta-se, agita-se, chamando o Gageiro, que acode á pressa, obedecendo-lhe ao mando.

CAPITÃO, *cantando*.

Sobe, sobe, meu gageiro,  
 Meu gageirinho real ;  
 Vê se vês terras de Hespanha,  
 Oh! tolina,  
 Areias em Portugal.

O Gageiro, menino agil, galga o mastro, pende o corpo, põe a mão sobre a testa, atirando longe o olhar, e responde, aterrado, num cantar suave e dolorido.

GAGEIRO

Não vejo terras de Hespanha,  
 Areias em Portugal,  
 Vejo sete espadas núas,  
 Oh! tolina,  
 Todas para te matar.

O Capitão, abandonado á sorte, alenta, entre-

tanto, uma esperança pallida ; ordena ao Gageiro que suba mais alto, no verso que segue.

## CAPITÃO

Sobe, sobe, meu gageiro,  
Meu gageirinho real ;  
Olha pr'a estrella do norte,  
Oh ! tolina,  
Para poder nos guiar.

Pendurado no tampo da verga, o Gageiro mostra-se desta vez alegre e radiante de felicidade, descortinando a scena que narra, á toada dessa musica tradicional, que o nosso povo assimilou, dos conquistadores portuguezes.

## GAGEIRO

*Alvistas*, meu capitão,  
*Alvistas*, meu general,  
Avistei terras de Hespanha.  
Oh ! tolina.  
Areias em Portugal.

Tambem avistei tres moças  
Sentadas num parreiral,  
Duas cosendo setim,  
Oh ! tolina,  
Outra calçando dedal.

Ao que o Capitão responde com expansão, levantando o braço, firmando a voz.

## CAPITÃO

Todas tres são minhas filhas,  
 Ai, quem m'as dera abraçar!  
 A mais bonita de todas,  
     Oh! tolina,  
 Para contigo casar.

## GAGEIRO

Eu não quero sua filha  
 Que lhe custou a crear;  
 Quero a *Náu Catharineta*,  
     Oh! tolina,  
 Para nella navegar.

O Capitão, nas abundancias d'alma, na generosidade fidalga, insiste em offertas ao Gageiro, que salva-lhe a vida com a boa nova de terra, ao que este continúa, recusando, em dialogo harmonioso e de expontanea poesia.

## CAPITÃO

Tenho meu cavallo branco,  
 Como não ha outro igual;  
 Dar-tel-o-hei de presente,  
     Oh! tolina,  
 Para nelle passeiar.

## GAGEIRO

Eu não quero seu cavallo  
 Que lhe custou a crear;  
 Quero a *Náu Catharineta*,  
     Oh! tolina,  
 Para nella navegar.

## CAPITÃO

Tenho meu palacio nobre,  
 Como não ha outro assim,  
 Com suas telhas de prata,  
     Oh! tolina,  
 Com seus tectos de marfim.

## GAGEIRO

Eu não quero seu palacio  
 Tão caro de edificar,  
 Quero a *Náu Catharineta*,  
     Oh! tolina,  
 Para nella navegar.

Pondo o remate a este romance de uma belleza admiravel, cuja musica imitativa se dissera um canto de nautas por mares desertos, o Capitão accede ao que lhe pede o Gageiro, que obediente e rapido se arria do mastro.

CAPITÃO, *cantando.*

A *Náu Cath'rineta*, amigo,  
 É d'El-Rei de Portugal,  
 Ou eu não serei quem sou,  
     Oh! tolina,  
 Ou El-Rei te hade dar.

Desce, desce, meu gageiro,  
 Meu gageirinho real,  
 Já viste terras de Hespanha,  
     Oh! tolina,  
 Areias em Portugal.

A este theatral desfecho, as familias, os numerosos espectadores palmejam, applaudem vivamente o tradicional espectáculo; os marujos repetem em côro, como no principio, « Faz vinte e um annos e um dia », suspendem o navio, preparando-se para sahir.

Era esta a catastrophe tragica da chegada dos *Marujos*, que findava com versos geraes de despedida, manejo de espadas, cantos e dansas, tocando após em retirada os foliões ambulantes, a *troupe sertaneja* do Lagarto, que ia mais longe reproduzir o seu apparatuso *auto*.

Ora, adeus, ora, adeus,  
Que me vou a embarcar;  
Se a fortuna permittir  
Algum dia heide voltar.

E um granizo de fogo dos archotes aclarava o ar nocturno das estradas, perdendo-se no além o rancho que cantava, precedido de musica e seguido da multidão.

---

## O CASTRO URSO

Era pouco andarilho, tinha entrada franca em todos os theatros, frequentava restaurantes e cafés, especialmente os do largo do Rocio e rua do Theatro.

Pelo dia adiante, em frente á galeria de ciganos de calça de ganga e cartola branca, de bengalão de canna da Índia e argolinha á orelha, passava elle descendo o saguão do theatro de S. Pedro, vindo do bilheteiro ou de assistir ao ensaio de alguma peça.

João Caetano e os mais actores o debicavam, os caixeiros e a molecada o perseguiram, e, daqui e dali, apenas o avistavam, ouvia-se em todos os tons: — O' Urso! O' Castro Urso!...

Naquelles bons tempos em que a fama do Mal das Vinhas, da Fortelida, do Miguelista, do Picapáo, da Maria Douda, do padre Kelé e de vinte outros typos da rua estava no apogêo, o nosso

Castro sobrepujava a qualquer delles, como arcabouço de vulto, como figura decorativa.

De estatura acima de mediana, giboso, de braços oscillantes e arqueados, zambro e de pés enormes, calçava quarenta e sete e meio, segundo corre em tradição authentica.

Isso, porém, não motivaria o principal reparo, se não fosse a fabulosa cara e o bizarro modelado da cabeça, que o destacavam fortemente como creatura singular.

Formado de um conjuncto de linhas extravagantes e tortuosas, o craneo do Urso terminava numa especie de cupula, coberta no alto e para traz por chapéo de palha ou amassada cartola, victima das continuas encapellações de que conservava os vestigios.

O rosto sem vida dessa celebridade das ruas parecia antes uma carranca de carnaval, sem mobilidade, sem expressão.

No carão largo a testa lhe fugia; os olhos sob as palpebras semi-cerradas simulavam ternura; salientando-se soberano o volumoso nariz, que assentava quasi no espesso labio superior da rasgada boca entre-aberta, mostrando possante a mal aceiada dentadura.

Em posição banzeira e arremettente, aquella carantonha roçava o proximo, desprendendo pequenos roncós, sorvendo o ar...

E dentro em pouco ouvia-se de uma porta, de uma esquina:



— O' Castro ! O' Castro Urso !...

E elle andava, beirava, vestido de grosso sobretudo e de pão na mão, de lenço branco amarrado na golla e offerecendo bilhetes :

— Sorte grande... sorte grande...

Nesse afan e no seu limitado trajecto, os pandegos o interrompiam, tirando galhofeira prova de sua extremada sensibilidade e proverbial gastronomia.

— Escuta, Castro, sabes o que acabo de ver ?

— Que ? ! retorquia elle, sempre monosyllabico.

— Um malvado, chega-se para uma pobre mulher e... dá-lhe uma facada!

— Ui!... estorcia-se o interlocutor, soltando profundo gemido e levando a mão á barriga.

— Mas não foi tudo : conduzida em braços para a rua do Ouvidor, entrou n'uma confeitaria e cahiu n'um prato de doces! . .

— Uhm... fazia elle, após largo sorvo, como que engulindo meia duzia de bons-bocados.

E ao prazer da pilheria o popular cambista juntava quasi sempre o desgosto de um bilhetinho de loteria.

Fumando constantemente charutos de vintem, cuspendo para os lados, não podia passar por um botequim que não entrasse para matar a sede, com alguns copos da carapinhada ou de sorvetes, que virava de uma só vez.

Penetrando no Mangini e mais restaurantes das circumvizinhanças do S. Pedro, o formidavel gas-

tronomo farejava as mesas bem servidas, os balcões adornados de gallinhas assadas, leitões, prùs e outras comidas frias, olhando para todos os pontos, descobrindo alguèm que o convidasse a participar do jantar ou da ceia, o que não era difficil, sendo até certo tempo costume de muitos que admiravam-lhe o appetite de abutre.

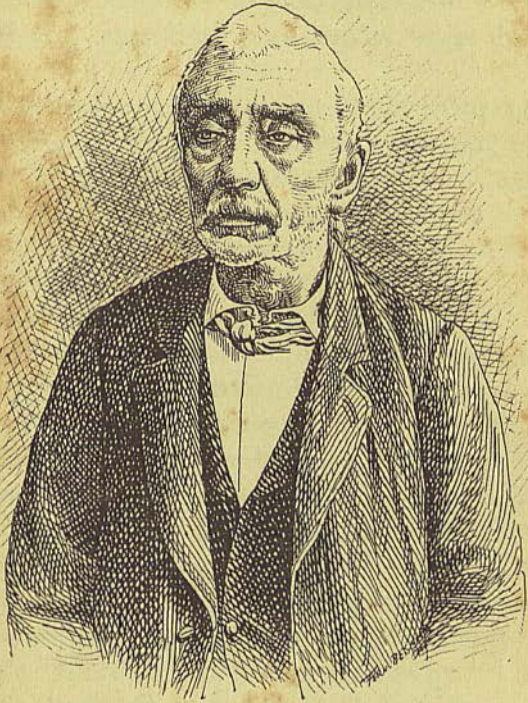
Apenas installado na roda dos apreciadores, conservando o chapéo enterrado na cabeça, encostava á cadeira um cacete que trazia e, resguardando o maço dos vigesimos, aquelle busto disforme gyrava automaticamente, compassando os circumstantes.

Sorvendo o espaço uma e mais vezes, chupando o ar, tomando da lista, chamava o *garçon*, ordenando-lhe que trouxesse quatro ou seis pratos variados, no que era obedecido, entrando afouto em accção.

As provocações, os gracejos, as gargalhadas voavam em torno do original typo, que respondia com os monosyllabos do estylo, roncando a instantes, rindo superficialmente, continuando a entopir-se na impassibilidade habitual.

Repetindo iguarias, cuspindo, bebendo, comendo á tripa forra, tomava, para rebater o jantar, quatro chicaras de café, accendia um charuto, não deixando o alarvatico conviva de passar aos *amigos* algum bilhete da *grande*.

Vivendo a seu modo, rindo talvez comsigo dos que riam delle, e destes arrancando moeda a moe-



O CASTRO URSO



da, conseguia pouco a pouco ajuntar dinheiro, fazer fortuna.

Flanando dia e noite, vendendo bilhetes de loteria e senhas de theatro, banquetear-se á custa do proximo, fazendo-se para isso ás vezes de rogado.

Os litteratos, os poetas do Paula Brito e os empregados do thesouro que frequentavam a celebre *Loja do Canto*, o atanasavam, o irritavam em caminho, tornando-se vulgares uma ou outra encapellação, uma ou outra vaia, mais adiante, ao libertar-se dos grupos.

— O' Urso ! O' Castro ! O' Castro Urso !...

Por volta das seis horas ninguem o avistava no Rocio e nas ruas circumvizinhas ; o seu ponto era a porta dos theatros, particularmente o S. Pedro.

Vendendo camarotes e cadeiras, geraes e senhas, o activo e monstruoso cambista percorria o saguão, procurava sua clientela, até que a orchestra dava o signal da ouverture.

Então, pela pequena e estreita porta que communicava com as cadeiras, via-se, de qualquer ponto do vasto recinto, á luz frouxa do gaz que ia avivar-se, o horrendo Castro, [que entrava olhando, parando, banzando.

Ao subir do panno já elle se achava repimpado em cadeira numerada, e durante a representação e no final de todos os actos prorompia em «bravos» e palmas, compassadamente dadas, nimitaveis, características.

Conta-se que na phase mais gastronomicamente de sua vida a extravagante creatura fizera-se poeta e poeta lyrico.

Lá para a Cidade Nova, no caminho do Aterrado, lubrigou elle formosa deidade, pela qual se apaixonara, manifestando-se os seus ardentes amores sob as fórmulas da arte.

E a primeira poesia que lhe dedicou, foi a seguinte :

A MINHA AMADA DONDON

*Desalento furibundo*

« Mulher, tu és o fantasma dos meus sonhos !

« Eu sinto por ti paixão damnada !

« E lembra-te que tudo neste mundo...

« Ha de acabar em pó, em cinza e nada !...

« Eu sou teu cachorrinho, e tu, minha senhora,

« Não deixes de beijar-me, e dá-me um abraço,

« Senão damnado fico, e tudo está perdido,

« Ferro-te o dente... e então te despedaço !...

« Olha que sou temivel ! Tu és fraca !...

« E não brinques commigo — Castro Urso —

« Não te esqueças de mim ! anda direito.

« Vê que morro e não mudo de meu curso.

« Tu és a borboleta !!! eu sou o cravo !

« Tu és a victima ! eu sou o barro !

« Não me sejas ingrata, vem beijar-me,

« Se não na catacumba já esbarro !...

Foi este, de uma cópia que obtivemos, um dos arrancos da musa do Castro Urso, que jámais o desamparou em seus amorosos devaneios.

Dentre os factos publicos de sua burlesca existencia, um occorreu de grande notoriedade e de colorido proprio.

Uma tarde, estando elle encostado ás grades do S. Pedro, turbulenta malta de capoeiras passava; um delles, assobiando uma vaia, encapellou-o, e o Castro enfureceu-se; voltando-se para todos os lados em procura de algum objecto para aggre-dil-o e não encontrando, abaixou-se, tirou do sapatão, investiu, e desfechou-lhe tão forte pancada que o deitou por terra.

Aproveitado como typo caricato nas folhas illustradas da época, figurante em *carros de idéas* e mascaradas carnavalescas, o impagavel e arripia-do Urso damnava com tal pilheria, mal disfarçando inoportunos desapontamentos.

Pessoas que o conheceram antes, alegre, comilão, palmejador convencido e rijo das scenas de theatro, profunda differença de ha certo tempo lhe notavam, nos modos, no gesto, na vida de relação.

E o que determinara semelhante mudança, tamanho abalo nesse espirito infantil?

É que de um bilhete que lhe encalhara, coubera-lhe a sorte de vinte contos, sufficiente explicativa da inesperada metamorphose.

Desde essa data transformou-se o Castro n'uma ruina abandonada, aspera e triste; n'uma sombra envelhecida do passado fugindo aos destroços.

Mais sobrio, grosseirão, intratavel, foi progres-

sivamente alheando-se á vida social, e concentrando unicamente o seu zelo e o seu amor no asylo resguardado da familia, onde as suas expansões o faziam respirar a atmospherada felicidade.

Tirando partido dos proprios males, reunindo á dadiva da sorte o contingente accumulado do trabalho honesto, anoiteceu-lhe a vida na abundancia que proporcionara aos seus, ao fogo brando das caricias do lar.

Uma occasião, porém, aquelle engeitado da plastica da natureza sahira, e a demora da volta inquietava aos que lhe eram caros...

E veio a tarde e veio a noite...

Quando esta chegou, o pobre Castro Urso, victima de um perverso, entrava em braços para casa, de onde ninguem mais o viu sahir, senão amortalhado, na manhã de 21 de Outubro de 1889, para ser inhumado no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Exercendo no occaso dos dias o bem e a caridade, legando á familia, sem outro abrigo, cerca de setenta contos de réis, falleceu aos sessenta annos de idade, quasi completamente esquecido por este povo, a quem fizera rir durante tanto tempo!...

Mas aquelle cambista guardava comsigo um bilhete da grande loteria, do qual só elle podia receber o premio...

E foi recebê-lo no céu!...



## O PRINCIPE OBA

Foi no tempo da guerra do Paraguay. A Bahia mandava para a porfia sangrenta phalanges de bravos, tornando-se inexcedivel no ardor de seu patriotismo.

Por essa occasião, chegou á capital fluminense, com destino ao sul, uma companhia de zuavos bahianos, da qual fazia parte uma montanha preta, um criouião robusto, chamado Candido da Fonseca Galvão.

Uma vez na guerra, empenhados na lucta, todos se distinguiram pelo valor, salientando-se em Curupaity o zuavo Galvão, que, como recompensa de seus feitos, mereceu as honras de alferes do exercito.

Referem campanheiros seus que a sua fé de officio é limpa e elogiosa, o que bem confirma a justiça praticada para com elle pelo governo de então.

Terminada a campanha e elevado a official, desembarcou no Rio de Janeiro o alferes Galvão, vivendo por algum tempo ignorado, mas entregando-se distanciadamente a excessos alcoolicos.

Desequilibrado por este e outros motivos, a megalomania apoderou-se pouco a pouco de suas faculdades, e o sonho das grandezas jámais o deixou de perseguir, dormindo ou acordado.

Apparelhada a encenação vesanica, comprehendeu-se filho de reis, dando-se a conhecer como o *principe Obá II da Africa*, tendo por vassallos os negros Minas e as quitandeiras do largo da Sé.

Assim identificado com o seu papel, percorria elle as principaes ruas da cidade, comprimendo sem ser cumprimentado, distribuindo corpezias e affabilidades de soberano, atravessando de uma calçada para outra, afim de trocar pâlavras e rapidas phrases com qualquer pessoa distincta que se lhe deparava.

O *principe Obá* era um negro de estatura colossal, usava empinada carapinha, bigode espesso e *cavaignac*. Sua voz era vibrante e harmoniosa, seu olhar dominante e altivo.

Typo da rua — mais de ver do que de descrever —, sua figura tornava-se espectacular, de interesse puramente exterior, por isso que, chato e sem graça no dialogo, nos repentes, a sua psychologia resaltava dos trajés que vestia, dos meneios que lhe eram privativos.

Empavonado em sua insania dynastica, o *principe Obá* considerava as ruas em geral como vastos salões de seus palacios, como prolongamentos pitorescos dos seus Estados.

Em dias communs, nos seus passeios habituaes, envergava comprido *croisé* preto, calça da mesma côr, immensamente larga e afunilada para as botinas, usava de cartola á banda no alto da gaforinha, completando-lhe a *toilette* um *pince-nez* de vidros escuros, luvas de algodão, brancas, guarda-chuva debaixo do braço e bengala.

E aqui, alli, acolá, os moleques, os caixeiros e os vadios o vaiavam :

— *Obá ! ó principe Obá !...*

E o *Obá* seguia, aprumado o tronco, n'um braço cadenciado, no rasgado do andar, assestando um monoculo, disfarçando o contratempo com um comprimento de chapéo, um adeusinho com os dedos, a este ou aquelle passante que testemunhara o occorrido.

Devido á sua regia estirpe, á sua successão ao throno d'Africa, o *principe Obá II* recebia lista civil, o tributo dos seus subditos do largo da Sé, que tomavam-lhe a benção, que se ajoelhavam em sua passagem, exclamando muitos, orgulhosos de sua figura e da sua ufanía :

— Êh ! êh ! Se todos os negros fossem assim !...

Qual a origem da submissão absoluta e espontanea d'essa gente, explicava um documento de successão a um dos thronos africanos que exhibia

o *principe* herdeiro, documento que lhe fizeram chegar ás mãos para certificar-o da mania, além das proclamações e manifestos (com retrato), publicados nas folhas diarias, e lidos por este ou aquelle, nas quitandas ou em familia.

Nos dias de grande gala, o seu transito por entre seus vassallos constituia-se de rigor.

É que estava nos seus habitos não só comparecer nos sabbados ás audiencias do imperador, porém ainda ás recepções solemnes no paço da cidade.

D. Pedro II, que levava em conta talvez os seus serviços á patria e considerava-lhe as honras do posto, ordenava que lhe franqueassem a entrada, apesar dos protestos e do ridiculo que isso provocava.

N'essas occasiões, nos dias de cortejo, o nosso *Obá II* vestia fardão, sacudia as baratas do chapéo armado, uniformisava-se militarmente e a seu modo, sendo um dos primeiros que se apresentavam.

Se acontecia, por engano ou gaiatada, a sentinela bradar as armas ao avistal-o, o *principe*, da culminancia de sua modestia, abrindo e adiantando a mão, fazendo signal de calar, despejava-se quasi do tilbury em que ia, confuso e perturbado.

Ao saltar, porém, no embaraço da emoção, sacava do bolso uma nota de 2\$ ou 5\$, que dava

ao soldado, e subia as escadas do palacio n'um pacholismo admiravel.

E gingava com os braços, compassava o andar, mirava-se todo, retinto, risonho, bonito no seu pacholar!

Instantes mais tarde, apparecia elle nas sacadas, fitava o povo, reconhecia alguem atravez do monoculo enfumaçado e de aro de ouro.

E da multidão, apinhada no largo, ouviam-se murmurios pilhericos, vozes no ar :

— Olha o *Obá!* olha o *principe Obá!*

Jactancioso de sua posição e de seus brazões, sorria radiante para as turbas, affagava as extravagantes plumas de seu chapéo armado, retrahindo-se em breve.

E a familia imperial encaminhava-se para a sala do throno, que se achava repleta dos personagens illustres do cortejo...

O que vamos narrar deu-se ha uns quinze annos, suppomos que n'um 7 de Setembro.

Era da pragmatica da côrte que o ministerio, o corpo diplomatico, a camara e o senado fossem encorporados e por ordem beijar a mão aos imperantes, seguindo-se após outras pessoas de distincção.

D'essa vez, o *principe Obá II d'Africa* alterou o programma, rompendo a marcha á frente do corpo diplomatico.

Vistosamente paramentado, cheio de si, arrastando a espada, inclinou-se reverente diante do

imperador e da imperatriz, e beijou-lhes a mão; chegando-se para a princeza, saudou-a com respeitosa venia; e para o conde d'Eu, que se collocara em plano afastado, acenou um adeusinho, verdadeiramente intimo e cordial.

Retirando-se de costas, de conformidade com os estylos, á proporção que isso fazia, tropeçou na espada, assentando o tacão da botina no pé do internuncio, que, saltando-lhe as lagrimas de quatro em quatro, correu a mão ao longo da perna para soffocar a dôr e proferiu, chiando e de queixos cerrados:

— Sacrrr... mento!!!...

Mas o pachola do *Obá*, fez como que a cousa não fosse comsigo, provocando o facto sensivel hilaridade.

Uma tarde o encontramos e disse-nos elle:

— Doutor e patricio, participo-lhe que casei-me com uma princeza africana, porque não encontrei outra que pudesse casar comigo.

Felicitamol-o pelos regios desposorios e elle continuou seu caminho.

Conta-se que no dia 2 de Dezembro, que seguiu-se á proclamação da Republica, o *principe Obá*, como de costume, dirigiu-se ao paço para cumprimentar o imperador; que, encontrando as portas fechadas, ou sendo despedido, enfureceu-se e prorompeu em « vivas » e disparates.

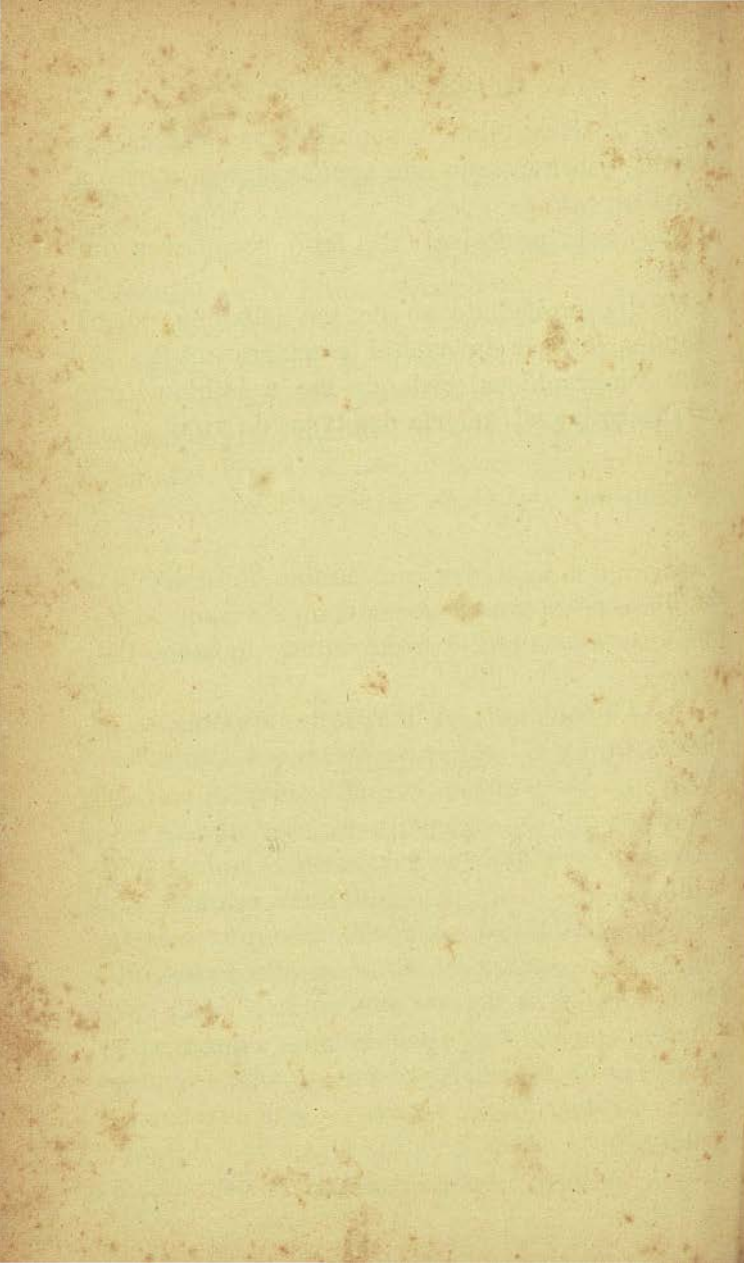
O que n'isso ha de authentico não affirmamos; o que é certo, porém, é que o governo provi-

sorio da Republica cassou-lhe as honras de alferes, sobrevivendo elle apenas alguns mezes a esse desgosto.

Não seria preferivel tel-o feito recolher a um asylo?

No dia immediato ao do seu fallecimento, os grandes jornaes da capital consagraram-lhe artigos biographicos, cedendo-lhe escolhido logar na interminavel galeria dos typos da rua.

---





## O PRINCIPE NATUREZA

Haviam-se inaugurado as conferencias da Gloria, em que muitos oradores conquistaram fulgurante renome entre o selecto auditorio que as frequentava.

A rapaziada folgazã d'aquelle tempo não as tomava ao sério, não se preocupava com ellas, senão no que poderiam ministrar de exploravel para o ridiculo e para a pilheria.

D'esse facto, deveras natural, algumas foram as lembranças do fino espirito, sobresahindo a todas a idéa de outras conferencias que fizessem contraste, e para o que tornava-se preciso um orador adequado.

Aos modernos Diogenes da troça nem foi necessario accenderem a lanterna, pois o encontraram sem o menor esforço, sem a minima difficuldade.

Como é sabido, as vocações geniaes denunciavam-

se cedo, embora empanadas pelo nevoeiro da modestia.

E foi precisamente o que se deu com o *principe Natureza*, o Mirabeau cassange das conferencias do Recreio, no anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1878.

A bem da authenticidade da narrativa, cumpre adiantar que os preliminares do successo e a iniciação do *principe* orador tiveram logar em uma casa á rua da Imperatriz, onde residia uma familia illustre, cujos filhos tomaram a si o encargo de adestral-o na arte da palavra.

Dentre estes, esmeravam-se no intento, um que era official de marinha e outro mais, presentemente fallecido.

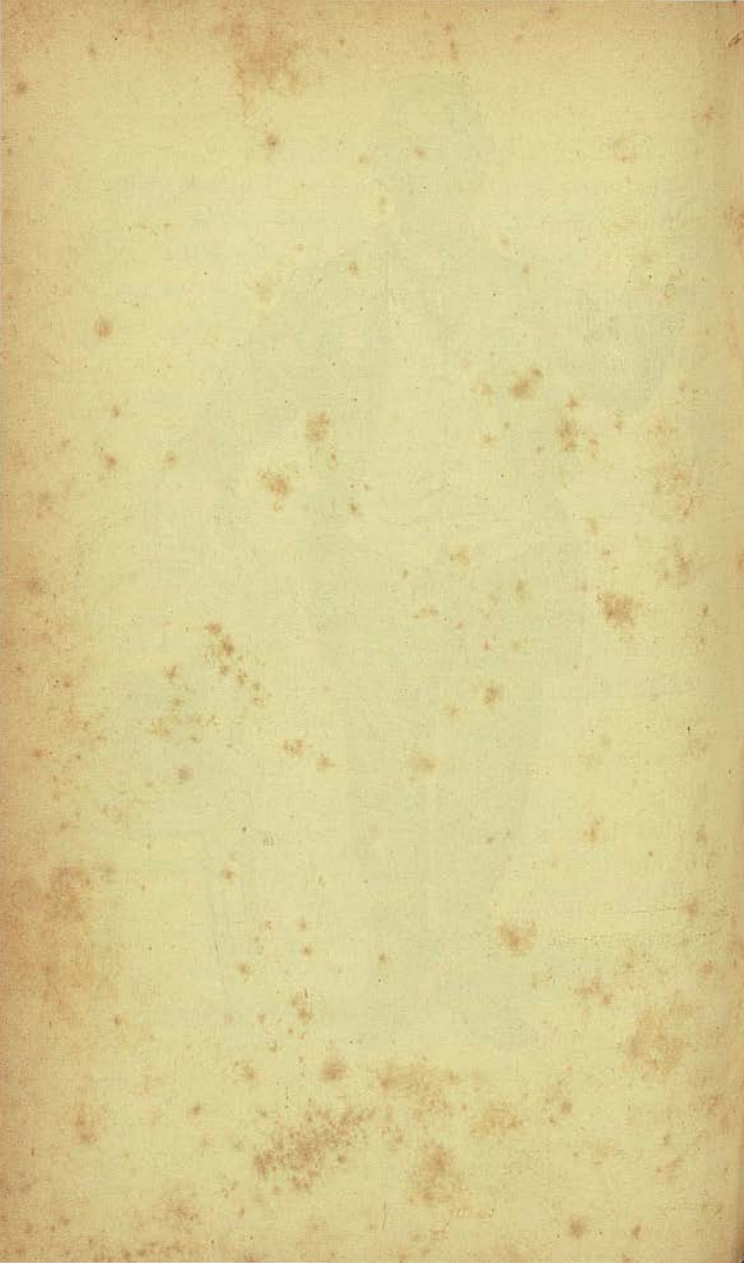
Quem era, porém, esse genio que se antecipava aos laureis do triumpho? Quem esse modelo de assombrosa eloquencia em vespervas de sua apothéose?

Nada mais nem nada menos do que o africano Miguel, outr'ora escravo dos frades de S. Bento, e empregado depois de liberto como servente em uma das repartições da marinha.

Negro de estatura regular, cheio de corpo, maior de quarenta annos, a sua côr fula harmonisava-se com os cabellos pouco carapinhados que guardavam-lhe a testa, separando-se em largas entradas. Usava barba cerrada, tinha as pernas um pouco bambas e arqueadas, e pés chatos, o que é commum nos individuos da sua raça.



O PRINCIPE NATUREZA



O *Principe Natureza*, uma vez empregado na marinha, entregava-se nas horas de lazer ao fabrico de pequenos espanadores de lindissimas pennas, com que presenteava ás senhoras e familias dos officiaes, captando com isso relações e sympathias.

Abundante de expressões, batendo boca por dá cá aquella palha, o *Natureza* dissertava sobre assumptos multiplos, perdendo-se n'uma declamação apaixonada tratando da maçonaria e dos portuguezes, dos quaes constituiu-se inimigo intransigente e irreconciliavel. Da primeira, porque a considerava herege e perseguidora do mosteiro; e dos segundos porque o haviam trazido escravo para o Brasil, privando-o de sua soberania e de seu reinado.

Exaltado por essas razões e impagavel em sua logorrhéa, no momento opportuno eil-o figurando no salão da rua da Imperatriz, em meio de applausos, risadas, de um debique infernal.

Dos tres moços C..., especialmente o official de marinha preparava-lhe os discursos, a encenação tribunicia... A competente mesa, a moringa com agua e o copo lá se achavam, indispensaveis ao orador.

É força dizer que o illustre personagem não seria um desconhecido, porém o portador de um nome titulado e brilhante. Chamava-se elle *Sua Arteza o principe africano D. Miquer Manoer Pereira da Natureza, Sová, Gorá, Vange*; era

do conselho de Sua Magestade Fidelissima, subdito do Sr. D. Pedro II do *Brasir*, condecorado pelo Sr. D. *Miguer I de Portugal*, grão-cruz dos principes de *Marta* do tempo de *Affonso Hanriques*.

E D. *Miguer Manuer* approximava-se da mesa, apoiava as mãos, espichava o pescoço, tossia, compassava o auditorio.

Apenas dizia : — *Meus sinhô!* — a rapaziada que occupava o salão interrompia, ouvindo-se uma voz :

— Beba agua!

E o *principe* bebia alguns goles... Depois recommçava, declamando, observando os reparos dos ensaiadores, que, de quando em quando, para subordinal-o á arte de respirar, repetiam : — beba agua! — acompanhado de estrondosas gargalhadas.

*Sua Arteza*, dobrando lingua, arengando n'uma nagôsada impossivel, tinha de cór os trechos de seu discurso, em que a maçonaria e os portuguezes chupavam constantes sarabandas, resultando do crescente enthusiasmo o esbofamento do tribuno *Vange*, attenuado apenas pela satisfação immediata de sua parte ao insistente reclamo :

— Beba agua!

Assim disciplinado, cuidadosamente revisto para as exhibições publicas, o theatro Recreio abriu de par em par as suas portas ás sonoridades de sua eloquencia, sendo vastissimo d'esta vez

o programma de sua conferencia extraordinaria.

Apezar de *principe*, sua *Arteza* manifestava-se democrata por indole, imprimindo em sua palavra o relevo das grandes idéas.

A sua primeira conferencia, que teve logar em um dos domingos de Maio de 1879, foi um acontecimento dos mais notaveis, um marco de jornada assestado pela oratoria, projectando a sua sombra ao longo dos horizontes da democracia moderna.

Eram onze horas da manhã e já havia enchente no Recreio : os camarotes, as galerias, todos os espaços, finalmente, exuberantes de curiosos, accentuavam o successo das ovações estrondosas, a anciedade com que era esperado o verbo incendiado do novo Cicero de escama preta.

E a musica tocava lá fóra, os rapazes estavam na caixa do theatro, cuja scena aberta representava uma sala, tendo á direita uma cadeira, e á esquerda uma mesa coberta com um panno verde, sobre a qual via-se uma moringa com agua, um copo de vidro e alguns cadernos de papel.

E subito, estrepitosamente aclamado, adianta-se no scenario o democratico *principe*, collocando-se entre a cadeira e a mesa, e assumindo a *pose* das inspirações excelsas.

Com a fronte descoberta, vestido de preto, destacava-se-lhe pendente do cachaco, ao longo do peito, uma cruz de prata, ao mesmo tempo que realçava-lhe á abotoadura da casaca a condecoração de *Marta*.

Trazia collete aberto, sobre o qual reluzia uma outra cruz de prata, calçava luvas brancas de algodão, destoando das botinas largas e acalcanhadas, em lucta sem tregoa com a bainha das calças pisada pelos tacões.

Á impaciencia do auditorio o silencio fizera-se por instantes, e o *Gorá Vange* ergueu os olhos ao céu, suspendeu o braço e a mão enluvada, dando começo aos vastissimos themas de sua conferencia.

Opulentissimo em conhecimentos historicos, descreveu uma entrevista de Pedro V com Affonso Henrique, em que trataram da questão maçonica com os frades de S. Bento, remontando-se n'esse exordio a pujança de sua eloquencia a alturas incommensuraveis, das quaes descambava emocionado ás palmas da multidão e aos gritos dos seus occultos paranympfos :

— Beba agua ! beba agua !

E dos camarotes agitavam-se lenços, a capadogada batia com os pés, os « bravos ! » irrompiam profusos, ouvindo-se tambem de entre o povo a reproducção das vozes de scena :

— Beba agua ! beba agua !

*Sua Arteza*, commovido e obediente, esvasiava copos e mais copos d'agua, com que apagava por instantes o calor incandescente dos labores de seu estylo.

E n'uma opulencia de phrase surprehendente, n'uma gesticulação e accenado singulares, pino-



teava por sobre outros assumptos, até abordar o *choque de pai e mãe*, originalissima concepção do orador *Natureza*, com que terminou a primeira conferencia.

O *choque de pai e mãe* era uma dansa de bunda com bunda, em que a eloquencia acompanhava a accção.

Ahi o theatro vinha abaixo de gargalhadas, de palmas, de « bravos », de bater de pés, de *bis*, ultimando por gritos, que sahiam da caixa do theatro, da platéa, dos camarotes, das galerias :

— Beba<sup>m</sup> agua ! beba agua !

Quando a segunda moringa esvasiou-se e o *principe Natureza* não tinha mais louros a conquistar, fez uma ligeira pausa e nos surtos arrebatados de seu genio deixou rolar este trecho de sublime eloquencia, que molda em uma phrase o sentimento democratico e o estendal de sua linguagem escolhida e vibrante.

O *principe* disse : « Imperadô ; que é imperadô ? não é nada ; a tera come êre. — Nú frigi de carre, si vê gurudura. — Vamos embora ! »

Exemplificando o cumprimento de sua determinação, deixou elle o palco, transpondo a sahida, sendo recebido no largo do Rocio pelo numeroso povo que o ouvira.

Precedido da charanga e acompanhado de proclamante sequito, fez sua entrada triumphal na rua do Ouvidor, indo pessoalmente complimentar as redacções.

O *principe* realisou mais conferencias.

D'esta, as esportulas foram recolhidas pela Sociedade Abolicionista e serviram para a remissão dos captivos.

O retrato que reproduzimos é devido ao notavel caricaturista Bordalo Pinheiro, que consagrou-he brilhante pagina na *Revista Illustrada*.

---

## O MAIA DA PRAIA GRANDE

Não ha por certo vinte annos que, errando pelas ruas e praças, estacionando nas pontes e á mercê do destino, via-se o celebre *Maia*, o mais popular dos typos da rua da vizinha e pitoresca Praia Grande.

Quem elle era e d'onde vinha é um segredo envolvido no espesso sendal das sinas aziagas, na deslealdade de um fado que transparecia adverso.

Que sobre a calma de sua vezania scintillavam phosphorescencias intelligentes, asseguram testemunhas insuspeitas d'aquella existencia agitada, individuos que o observaram nos intervallos em que o visitava a razão.

E todos conheciam o *Maia*, que andava, que parafusava o espaço, gesticulando, resmungando comsigo, monologando e dialogando, de modo estranho e bizarro.

No scenario popular das ruas, avultando no ermo das pontes, constantemente via-se aquella

figura, aquelle maniaco, ora perambulando, ora escoltado de moleques que o perseguiam, jogando-lhe pedras, assobiando, irritando-o.

O *Maia* era um pardo acaboclado, de estatura um tanto elevada, trazia rentes os cabellos e a barba, mostrando ter cincoenta annos de idade.

Inimigo natural dos proprietarios e das pousadas em lar alheio, entendeu morar em casa propria e para isso arranjou um camarote velho de navio, collocado sobre quatro rodas, onde installouse, *puxando* a sua residencia, do largo do Capim para o Campo Sujo e do Campo Sujo para o largo do Capim, segundo lhe dava na veneta ou estava de maré.

De tarde, sentava-se a um lado da entrada de sua habitação ambulante, ahi passando despreoccupadas noites, jámais se esquecendo de fechar a porta por causa dos ladrões.

Dia alto sahia elle, andando pausado, vagaroso, para as labutações da vida, sempre teso, sempre absorvido, externando-se baixinho, desigual, continuado.

O seu trajar era simples e caracteristico. Nú da cintura para cima, cobria-lhe metade do tronco vermelho cobertor, uma colcha, um lençol; usava calças largas e curtas, trazendo á cabeça — no que variava — uma carapuça, um barrete, ou um urinol branco.

Uma ou outra vez que calçava chinellas, tirava-

as dos pés, passando-as para a cabeça, aos primeiros pingos de chuva.

Na mão direita levava bilhetes de loteria, que apregoava, e na esquerda um punhado de capim verde, que arrancava ao acaso.

A caixeirada infrene e a molecada saltitante apenas o percebiam, lá zunia uma pedra desgarrada, um grito com a mão á boca :

— O'Maia!... Fóra o Maia!... Fóra o maluco!...

E elle, imperturbavel ou irritado, adiantava-se, murmurando, fallando, esbravejando, e depois mercava :

— Brancas e branquinhas, mulatas e mulatinhas, crioulas e crioulinhas! — Compre, compre, compre! — Branco! branco como as estrellas!...

O povo gostava, ria, alguns compravam bilhetes, serenando as apupadas, as correrias, os trotes da canzoada.

Sobrevivente da tempestade, o *Maia* dobrava uma esquina, parava n'uma calçada, recomeçando o transito interrompido, apregoando seu commercio, ao diapasão uniforme de seu estribilho :

— Branco!... branco como as estrellas!...

Longe ou perto, se avistava um burro de carroça, uma scena unica começava, que entretinha aos espectadores.

Elle approximava-se, mostrando o capim que levava, e dizia :

— Bom dia, Sr. burro, olhe, se não fosse você,

eu e os outros pobres como eu é que puxavamos carroça; por isso, Sr. burro, lhe somos muito agradecidos, lhe devemos muitos favores: coma, coma este capimzinho, que você bem o merece.

E o *Maia* punha em pratica a palavra, dando o capim ao burro; mas se acontecia passar na occasião alguma pessoa conhecida e de importancia, repetia as ultimas phrases e concluia, fitando o sujeito com malicia:

— Viu? todos comem... todos comem...

Ahi uma ou outra pedrada roncava, o *Maia* seguia, caminhando lento, clamando compassado:

— Brancas e branquinhas, mulatas e mulatinhas, crioulas e crioulinhas! — compre, compre, compre!... Branco! branco como as estrellas!...

Ganho o dia, terminado o negocio, dirigia-se o singular cambista aos seus lares, contava a fêria descansada.

Nas horas perdidas da noite, no silencio da madrugada, escutava-se por vezes um rodar estranho, desenhando-se á claridade dos lampeões um vulto, tirando de uma corda, vergado para frente, arrastando alguma cousa de pesado e informe.

Era o *Maia* que trasladava os seus penates, o seu paraizo artificial, do qual se havia elle constituido senhor, dono absoluto.

E a luz de uma vela bruxuleava lá dentro, depois movia-se, depois apagava-se...

Na desgraça, o pobre louco tinha como felici-

dade a sua casa de improviso, o seu camarote movediço, unico bem que pudera salvar do naufragio da sorte.

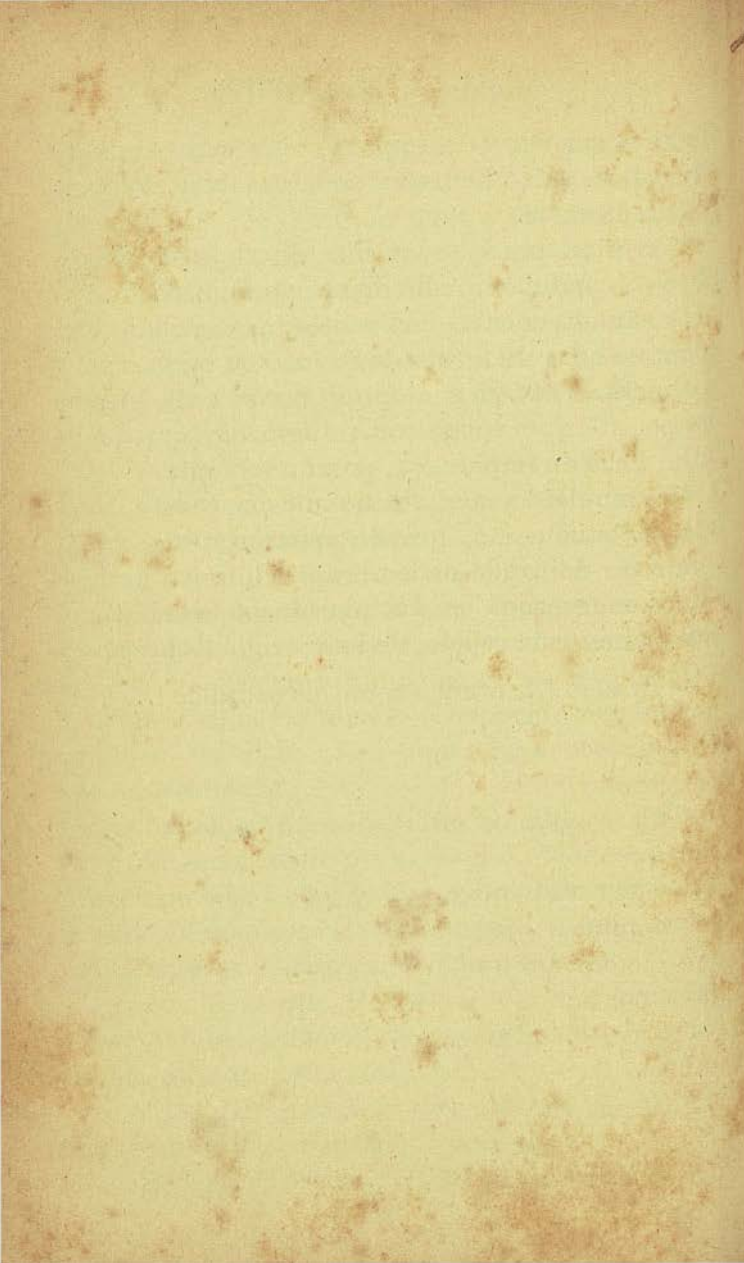
Mas uma ordem superior desalojou-o d'esse abrigo, capitulando elle diante do imprevisto.

Dormindo debaixo das pontes, nas calçadas das ruas, no adro da igreja de S. João ou onde o surprehendia a fadiga e o somno, passou elle algum tempo, até que encontrou refugio em um quartinho á rua do Imperador, proximo á praia.

De manhã começava no mesmo tom a sua lida habitual, até que desapareceu na valla commum, deixando na lembrança do povo os episodios engraçados de sua existencia erradia e o écho, que ainda repete, de seu original pregão :

— Branco !... branco como as estrellas !...

---





## O DR. POMADA

Existe na penitenciaria de Nictheroy um velho sentenciado, cujo nome nos escapa, lembrando-nos apenas do seu numero da matricula (\*).

É elle o 123, conhecido outr'ora, em varias localidades da provincia do Rio de Janeiro, pelo *Dr Pomada*.

De onde lhe proveiu o appellido, que conserva até o presente, é facto que todos por alli ignoram.

É que o 123, quando livre, negociava no fabrico de pomada; valendo-lhe o titulo de *doutor* o exercicio da profissão de medico, a que se entregava por habito e por mania.

O *Dr. Pomada* é um mulato de mais de setenta annos, de estatura mediana, reforçado, de ca-

---

(\*) Os sentenciados, em cumprimento de pena, perdem os nomes, sendo conhecidos pelos numeros.

bellos grisalhos, meio tropego, de falla macia e de uma docilidade infantil.

Segundo informações directas, fez elle parte, na qualidade de pratico de pharmacia, da comitiva que foi a Napoles buscar a imperatriz.

Alma religiosa, homem de outros tempos, na sua volta tornou-se irmão de confrarias, assistindo a todos os actos de igrejas e empregou-se como enfermeiro no hospital da Misericordia.

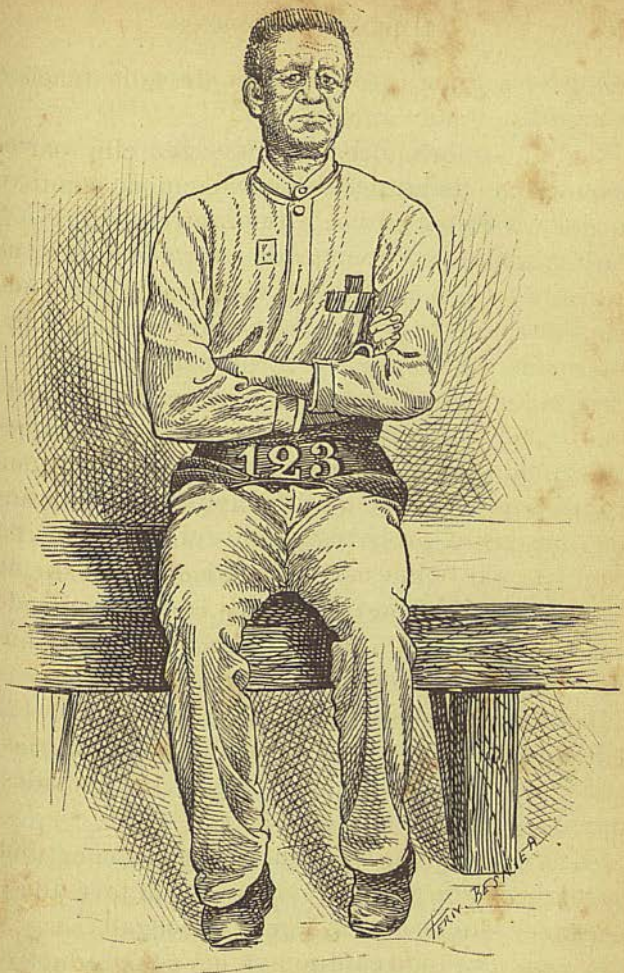
Seguidor obrigado das clinicas de Manoel Feliciano, Christovão e tantos outros cirurgiões e medicos illustres d'aquella epoca, o *Dr. Pomada* comprehendeu-se aproveitado discipulo d'esses grandes mestres e, proporcionando-lhe o acaso, na provincia para onde partira praticava a medicina e a cirurgia, levando a todos os lares a fama de seus *curativos*, que, no seu dizer, foram sem numero e maravilhosos.

Dando expansão á sua actividade, o nosso 123 applicava-se igualmente a pequenas industrias, sendo a ultima a de fazer linguças e pomadas, supponho que em Maricá.

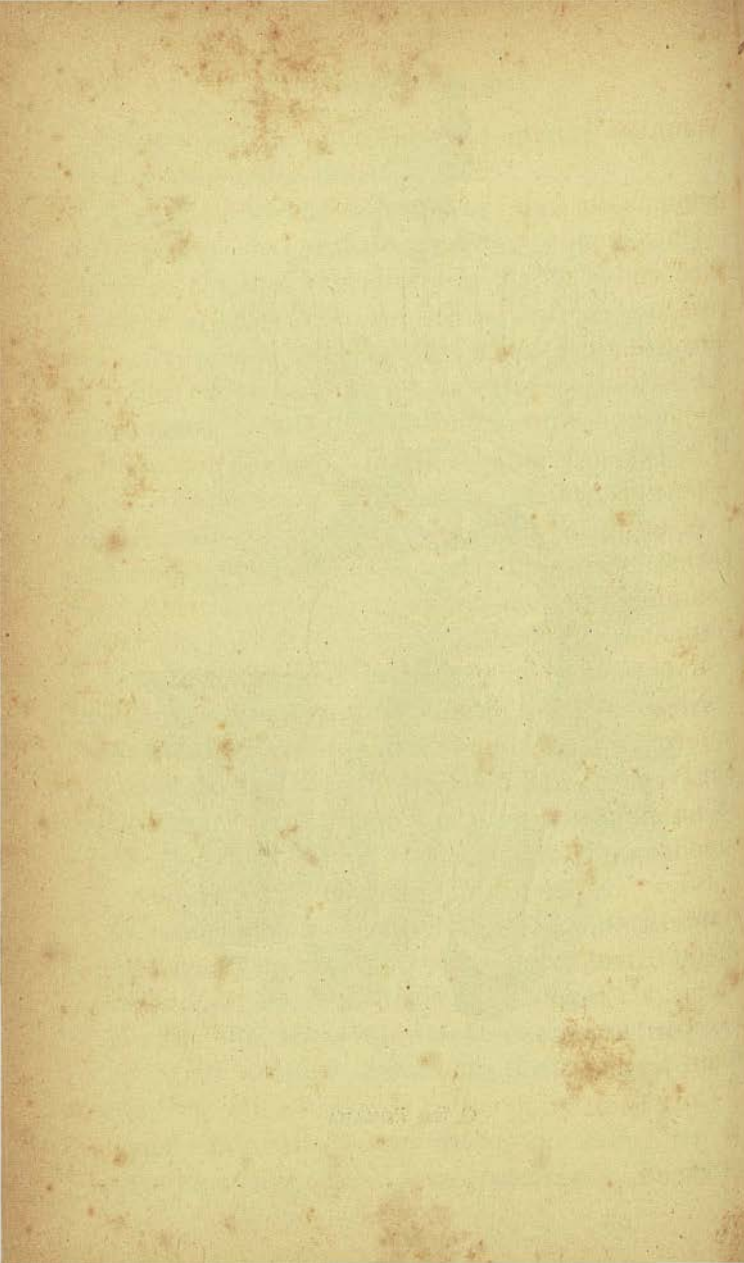
Já tarde, porém, contrahiou nupcias com uma rapariguinha de vinte annos, de quem teve filhos, deslisando-se-lhe a vida serena e socegada.

E o *Dr. Pomada* continuava em seu productivo commercio, accrescentando aos deste os proventos de sua clientela.

Typo authenticos curandeiro da roça, preparava remedios, benzia de quebranto, curava



O DR POMADA



espinhela cahida, buxo virado, sol na cabeça e mais molestias ; não deixando de empregar a pequena cirurgia, se o caso exigisse.

Obedecendo á mania suggestiva, a occasião apresentou-se em que elle, voltando-se para o passado, ruminou uma idéa, concebeu um plano, que tinha pressa de realisar...

Sua mulher, adoentada, dormia... Grávida de sete meses, a proeminencia do ventre tentava-o... E o *Dr. Pomada* reflectiu, depois ergueu-se, depois parou!

A noite ia adiantada, e a luz de uma lamparina; accesa sobre um banco, batia, esbrazeada e tímida, na face trigueira de seu filhinho, que resonava a um lado.

Mais um rumor, e sua mulher despertou...

Nisso o *Dr. Pomada* aproxima-se, consola a enferma e a convence de que morreria sem o recurso que a arte lhe aconselhava; que era urgente submeter-se a uma operação, no que ella, amedrontada, consentiu.

Só, tendo por testemunha seu filho que dormia, o infeliz alienado incizou-lhe com violencia o abdomen, extrahiou a criança, vindo a primeira claridade da manhã encontral-o entre a innocencia que soluçava e dois cadaveres que nem pediam justiça!

Corre na tradição do logar que o *Dr. Pomada* os enterrara ao pé de uma mangueira vizinha, affirmando tambem pessoas da redondeza que as

carnes foram por elle aproveitadas para linguigas.

Preso e processado, o inconsciente velho pareceu estranho ao crime, quando interrogado, confirmando unicamente que fazia as suas curas por meio de hervas e rezas, jamais recorrendo ao auxilio de instrumentos chirurgicos.

Na penitenciaria o *Pomada* é mestre de reza, os sentenciados o reverenciam como entidade sobrenatural, notando-se em seus repentes os reflexos de sua antiga religiosidade, subordinada á influencias persistentes de sua monomania medica.

Como caso suggestivo, o typo é acabado e correcto....

É a hora da nossa consulta e entra o 123 acompanhado de um guarda.

— Bom dia, Exm<sup>o</sup>. Sr., diz o *Dr. Pomada*, desencruzando os braços e lançando a benção, — Deus o abençõe e a toda sua familia.

— Então, meu amigo, como vai com os seus companheiros?

— Ora, Exm<sup>o</sup>. Sr., como hei de ir?

— Diga-me, como passou a noite? Dormiu? encommendou-se aos santos de sua devoção?

— Quando se está velho, Exm<sup>o</sup>., até o somno nos vai abandonando. Quanto ao mais, oro sempre a Deus, porque aceito os poucos dias que me restam como um premio de padecimentos. Até n'isso é elle misericordioso!

— É certo, é muito certo o que me acaba de

dizer ; porém conte-me : ainda se lembra de medicina ?

— Sem duvida, Exm<sup>o</sup>. Sr., se eu sou *scientifico* !... Estudei as *pathologias*, ajudei em operações ao Dr. Manoel Feliciano...

— Devéras ?

— Pois não, fui sempre seu ajudante e do Dr. Christovão, isto ha muitos annos, no hospital da Misericordia.

— Pelo que vejo, é medico ?

— Isso não, não sou, Exm<sup>o</sup>. Sr.; mas sei muitas receitas e rezas ; já tive muita clinica, já tratei de muita gente.

— E quando foi isso ? Ha longo tempo ?

— Antes de ser preso, Exm<sup>o</sup>. Sr.

— Sabe qual o motivo de sua prisão ?

— Inveja... calumnias ! Disseram que eu matei minha mulher e que a enterrei debaixo de uma mangueira. É falso : eu curo com ervas e pomadas.

— Conte-me, 123, por que o chamam de *Dr. Pomada* ?

— Isso, Exm<sup>o</sup>. Sr., porque eu fazia grande negocio em pomadas e era o medico mais procurado.

— E não me affirmou que não era medico ?

— Sim, mas sou *scientifico* e estudei as *pathologias*.

E o *Pomada* dissertava sobre umas theorias suas, dos *quatro calores*, sendo o ultimo o *calor venereo*.

Para concluir, pedia rapé e retirava-se calmo, attencioso e abundante de medidas.

Uma vez, passavamos revista nas prisões, e o *Pomada*, que estava na formatura com os outros presos, chamou-nos, convidando-nos a entrar em sua cellula.

Apenas entramos, correu elle o grosso ferrolho da porta e ficamos a sós.

E diz o *Pomada* :

— Exm<sup>o</sup>. Sr. Eu não nasci para preso, nem V. Ex. para director de penitenciaria. Consiga a minha liberdade e, com alguma cousa que possuo lá fóra, estabeleceremos uma pharmacia, no que faremos fortuna.

E o pobre 123 tinha razão... Elle era um louco, e eu um espirito que a todo o instante se revoltava das injustiças dos homens.

Os criminosos não estavam lá dentro !

---



## OS REISADOS

No amplo quadro da poesia popular dos Nataes no norte do Brasil, os reisados occupavam o primeiro plano, accentuando naquella vasta região producções dignas de estudo, especialmente no que respeita a transformação da arte pelo mestizamento da raça.

Melhor ainda que as cheganças, de assumpto e moldes restrictos, os reisados apresentavam em suas exhibições typos diversos, scenas que surgiam expontaneas do seio do povo em suas actividades, pondo em relevo symbolos de nossa mythologia e de nossa natureza na maravilha das selvas, personagens e episodios de nossa vida de relação.

Nas antigas provincias do norte os reisados eram creações locaes, sendo em limitado numero os verdadeiramente acceitos por todos e representados na integra.

Neste ultimo caso estava o *Bumba-meu-boi*, sce-

na final desses *autos*, sempre burlesco e que feria directamente ao negro, personagem que sobressahia pelo ridiculo de suas condições, como homem e como raça.

Este facto, porém, que deixamos indicado, se encontra em qualquer dos nossos contos ou cantos populares, em que o negro, segundo Sylvio Romero, quando apparece, é para ser ludibriado, maltratado.

Os reisados que conhecemos excedem de vinte, cada qual com musica propria, tornando-se mais populares na Bahia, em Sergipe, Pernambuco, Piauhy, Maranhão e Ceará, o da *Cacheada*, do *Zé do Valle*, do *Maracujá*, da *Caipora*, do *Calangro*, do *Picapão*, do *Mestre Domingos*, do *Seu Antonio Geraldo*, dos *Congos*, das *Tayêras*, do *Cavallo-marinho* e do *Bumba-meu-boi*.

Rèpresentavam-se dois e mais, na mesma occasião, na mesma casa, dominando em todos a figura capital que dava o nome ao reisado, e o Vaqueiro ou Patrão, que servia de contra-regra, fazendo entrar o Boi, dirigindo a scena.

Como composição caracteristica dos tempos coloniaes e da raça branca, o do *Cégo* distancia-se de qualquer outro, devendo ser citado; neste os personagens são condes e fidalgos portuguezes, o rancho vinha a cavallo, e a musica do romance é deliciosa de inspirada harmonia.

Nesses espectaculos que tocavam ao seu apogêo na vespera de Reis, o povo manifestava-se defi-

nido, comparecia tal qual é, como producto da natureza e da historia. As classes e as nuances pigmentarias podiam ser apreciadas com verdade, observadas directamente no meio brasileiro.

Além das figuras obrigadas, os reisados opuléntavam-se de córos, que representavam o elemento popular da acção, o fundo do quadro, a moldura indispensavel ao effeito scenico.

Transportando-nos á antiga villa do Lagarto, em Sergipe, assistamos em espirito ao desempenho de algumas dessas *janeiras* nacionaes, que, tendo por ponto de partida no Brasil as plagas bahianas, lá se foram por todo o norte, espalhando risos e melodias.

A semelhança de plumas macias, sons de musica ao longe perdem-se nos espaços, aclarando a escuridão da noite o fogo dos archotes com suas flammias brilhantes.

E mais e mais os sons se approximam, e com elles um grupo de rapazes e raparigas, vestidas de branco e enfeitadas de fitas se adianta, marchando na frente tocadores de flauta e de violão, de violas e rabecas, de clarineta, piston, etc.

Do terno, meigas tabarôas de face morena, mulatas e creoulas graciosas e lindas e estalam castanholas, avisinhando-se o garrido bando da casa em que deve entrar.

E o tom das cantilenas é mais distincto, as letras mais perceptiveis, e os arrufos dos pandeirinhos, batidos na perna, corridos nos dedos das

trigueiras, annunciam o reisado, que pára a uma porta, acompanhado do povo em tropa que formalle o sequito.

Sacudindo das azas de escomilha e lentejoulas a poeira do transitto, a linda *Borboleta* (1) ensaia na rua os requebros da danza, outras figuras collocam-se por ordem, e o Vaqueiro, fazendo gaiatas evoluções com a vara de aguilhão, adextra o Boi que pinoteia ensaiando chifradas, arrastando no chão a colcha lavrada.

E ligeira serenata preludia; as janellas, até então apinhadas de gente, ficam desertas; os archotes amortecem os lumes, e o rancho invade a sala, cantando, dansando, formando côro geral.

*Côro* : Quando nesta casa entrei,  
Toda cheia de alegria,  
Da cepa nasceu a rama,  
Da rama nasceu a flor,  
E da flor nasceu Maria,  
Mãi do nosso Redemptor.

Finda esta introduccão, o corpo de coristas isola-se a um lado, os circumstantes affastam-se, o Patrão salienta-se, a musica toca, — á cadencia de palmas, ao tinir de pandeiros :

*Côro* : Borboleta bonitinha,  
Saia fóra do rosal,  
Venha cantar doces hymnos,  
Hoje noite de Natal.

(1) Sylvio Roméro. — *Cantos populares do Brasil*, nova edição.

E a Borboleta apparece, ergue os braços morenos, atira-se leve na dansa, arfando, gyrando, cantando.

*Borboleta*: Deus lhe dê mui boas noites,  
Boas noites lhe dê Deus;  
Eu não sou mal ensinada,  
Ensino meu pai me deu.

*Côro*: Borboleta bonitinha, etc.

*Borboleta*: Eu sou uma borboleta,  
Sou linda, sou feiticeira;  
Ando no meio da casa  
Procurando quem me queira.

*Côro*: Borboleta bonitinha, etc.

*Borboleta*: Eu sou uma borboleta,  
Verde da cor da esperança,  
Ando no meio da casa  
Com alegria e bonança.

*Côro*: Borboleta bonitinha, etc.

*Borboleta*: Eu sou uma borboleta,  
Vivo de ar e de luz;  
Ando no meio da casa  
Com minhas azas azues.

*Côro*: Borboleta bonitinha, etc.

*Borboleta*: Adeus, senhores, adeus.  
Que são horas de partir;  
Entre a bonina e a açucena  
Já são horas de dormir.

Estes delicados versos, cantados com langor pela sertaneja morena e formosa, têm o enlevo

das lamentações da brisa nas veigas em flor e faiscam de pyrilampos a noite profunda das nossas saudades.

E o contentamento anima todos os semblantes, as manifestações estrondosas prolongam-se, atirando a Borboleta o lenço a um dos espectadores, para a esportula do reisado.

Depois desta scena, que póde ser considerada comó o primeiro acto da folia, o Vaqueiro, agitando chocalhos e cabaças que traz á cinta do gibão de couro, salta, dirige graças, leva á boca o apito e some-se no corredor.

Eis senão quando, reaparece á frente de um simulacro de tronco de arvore, de dentro do qual surge um galho com alguns passaros; adianta-se, ficando aquelle entre duas figuras que, com duas varinhas enfeitadas de fitas batem no mesmo tronco, marcando a cadencia da musica, e de quatro outras que dansam-lhe em torno.

Estes personagens são geralmente meninos, ornam-se de barretes, golas e punhos vermelhos, calçando sapatinhos de marroquim de igual cor.

Assim disposta a scena, os passarinhos pulam movidos por arames, a musica dá signal, ouvem-se as pancadinhas no tóco da arvore, as dansas e os cantos iniciam-se. O reisado do Picapáo (2) começa.

(2) Sylvio Roméro. — *Cantos Populares do Brasil*, nova edição.

*Meninos* : Penicapáo é marinheiro  
 Ninguém póde duvidar;  
 Com seu barrete vermelho,  
 Sua camisa de zangá.

*Côro* : Sinhá Naninha  
 De Campos de Minas,  
 Sinhô Mané, córta-páo,  
 Berimbáu;  
 Arrivira o páo,  
 Meu penica-páo!  
 Torna a revirar,  
 Que isto não é máu.

*Meninos* : Penicapáo é curioso  
 De um páo fez um tambor,  
 Para tocar a alvorada  
 Na porta do seu amor.

*Côro* : Sinhá Naninha, etc.

*Meninos* : Penicapáo de atrevido  
 Foi ao Rio de Janeiro,  
 Buscar sua malatinha  
 Que custou o seu dinheiro.

*Côro* : Sinhá Naninha, etc.

*Meninos* : Penicapáo, vamos embora,  
 Pede licença ás senhoras,  
 Faz a tua cortezia,  
 Procura o tom da viola.

Repetem todos o côro do *auto*, os meninos atiram o lenço, ha uma especie de chula com que termina o reisado, seguido logo após do grito do Vaqueiro para o *Bumba-meu-boi*.

Para mais nitida comprehensão dessa poesia do norte, sempre intercalada de trechos musicaes e de dansas, na generalidade cantada, assistamos ainda ao desempenho dramatico do reisado inedito do *Mestre Domingos* e de um novo *Bumba-meu-boi*, assim como se executam em Sergipe e em outras paragens dos sertões do Brasil.

Localizados no mesmo tablado das peças antecedentes, aos applausos triumphaes dos apreciadores, o Vaqueiro, offegante da chula, grita para dentro do corredor : — Mestre Domingos ! Mestre Domingos ! ...

A esta voz de commando do chefe dos reisados, a calma se restabelece, entra o Mestre Domingos apoiado em um cacete branco, meio tremulo, resmungando irrequieto.

O mestre Domingos é um preto velho, modestamente abastado, o que se deprehende pelo modo de trajar e pelos ares de bom burguez.

Vem de calça branca, collete listrado, casaco preto; traz chapéo molle, de pello de lebre, e impõe-se como figurão de aldeia.

Errompe o terno, ao compasso da musica, ao estrepito pausado das palmas.

*Côro* : Mestre Domingos,  
Você p'ra onde vai? ...

*M. Domingos* : Eu vou p'ra Itaparica.  
Funcção de rapaz.



*Côro* : Mestre Domingos,  
Que vida é a sua? ...

*M. Domingos* : Bebendo *cotrêa*,  
Cahindo na rua.

*Côro* : Mestre Domingos,  
Que é que você tem? ...

*M. Domingos* : Eu compro, não pago,  
Não devo a ninguem.

*Côro* : Mestre Domingos,  
Qual é o seu emprego? ...

*M. Domingos* : É ir para o mangue  
Tirar caranguejo.

*Côro* : Mestre Domingos,  
Que é de sua *muié*? ...

*M. Domingos* : Está na cosinha  
Torrando café.

*Côro* : Mestre Domingos,  
Como ella se chama? ...

*M. Domingos* : Dona Maria  
De João Carapeba.

Seguem-se mais versos que fazem rir o povo, a orchestra toca uma chula, despejando-se n'um sapateado estrondoso o Mestre Domingos, que se retira da sala suando em bicas, victoriado vivamente.

Enthusiasmado pelo desfecho monumental do reisado, o Vaqueiro bota a cabeça fóra de um dos portaes, e os coristas começam, ao som da musica, o estribilho do Boi.

*Côro* : Eh ! bumba ! . . .

A este canto o Vaqueiro apresenta-se fazendo evoluções, guiando o Boi que dança, que espalha o povo, que arremette em chifradas, rolando depois morto ao agulhão do Vaqueiro, que tenta reanimar-o, chamal-o de novo á vida.

Esta scena de dansas curtas e estacadas, é toda delle, que gyra em torno do Boi, carpindo, apalpando, pondo em acção o dizer de seus versos.

*Vaqueiro* : Eu fui ver o meu boi...

*Córo* : Eh! bumba! ...

— O que é que elle tinha?

— Eh! bumba! ...

— Eu fui ver na cabeça,

— Eh! bumba! ...

— Achei ella bem lêfa ...

— Eh! bumba!

— Eu fui ver lá na ponta,

— Eh! bumba! ...

— Elle de mim não fez conta.

— Eh! bumba! ...

— Eu fui ver no pescoço,

— Eh! bumba! ...

— Achei elle bem torto.

— Eh! bumba! ...

— Eu fui ver nas *apá*,

— Eh! bumba! ...

— Não achei nada lá ...

— Eh! bumba! ...

- Eu fui ver lá na mão,  
— Eh! bumba! ...
- Não achei nada não.  
— Eh! bumba! ...
- Eu fui ver nas costellas,  
— Eh! bumba!
- Não achei nada nellas.  
— Eh! bumba! ...
- Eu fui ver no vasio,  
— Eh! bumba! ...
- Achei o boi bem esguio...  
— Eh! bumba! ...
- Eu fui ver no chambari,  
— Eh! bumba! ...
- Não achei nada ahi! ...  
— Eh! bumba! ...
- Eu fui ver no mocotó,  
— Eh! bumba! ...
- Andei bem ao *redó* ...  
— Eh! bumba! ...
- Eu fui ver na rabada,  
— Eh! bumba! ...
- Não achei lá nada ...  
— Eh! bumba! ...
- Eu fui ver no espinhaço,  
— Eh! bumba! ...
- Achei elle em vergaço...  
— Eh! bumba! ...

Concluida esta melopéa barbara, o Boilevanta-se, esperneia, affasta a gente com os chifres, coroando o *auto* uma chula infernal do Vaqueiro, que recolhe no lenço avultada molhadura, que reparte mais tarde com os companheiros do terno.

Ás vezes ha distribuição do Boi, feita por *Seu Antonio Geraldo*, não sendo porém isso de rigor.

---

## ODIA DE FINADOS

Apenas o ultimo meteoro apagou a sua luz no amanhecer, os altares acharam-se cobertos de pannejamentos negros, dobrando os sinos ao lugubre anniversario.

Para aquelles que se foram d'este mundo, para os exilados da vida, assignalou a igreja o dia de finados, dia em que as grinaldas se renovam nas cruces, e a prece alada desprende dos braços e da coma estrellas e flores na trilha etherea e crystallina por onde remontam-se as almas.

E todos pagam o tributo de amor e de saudade, indo levar em romaria santa á terra do somno o orvalho piedoso de suas lagrimas, essas primogenitas constrictas da dor.

E de preces e flores, de lagrimas e dor são os trophéos ganhos pela morte nas avenidas sombrias das necropoles, entre as quaes as lapidas illuminadas semelham escudos que raiaem, projectando seus reflexos de fogo nos umbraes nebulosos da vida eterna.

Nesse dia em que a fé antiga se avigora, em que o mesmo sentimento reúne o povo inteiro para o jubilêo da saudade, os cemiterios do Rio de Janeiro abrigam as multidões que vão chorar os seus mortos, purificar com as suas orações o espaço de seus tumulos.

No descampado da Morte seres se observam que parecem imagens d'aquelles que existiram, tal o rigor das maguas que lhes annuuiam o semblante na penivel romagem da tristeza.

E o turbilhão luctuoso dos vivos serpenteia e se entorna no labyrintho de cyprestes das quadras funerarias, onde cada sepultura é um pensamento sem vozes e os échos se perdem no céu da meia-noite.

Contrastando na cor com os grupos esparsos, com os visitantes solitarios e de frente pezarosa, com a mulher que ora ajoelhada e a criança cujo olhar indefinido e triste parece perguntar « onde está minha mãe ? » — sumptuosos mausoléos elevam alvissimos as cupolas e as cruces, e um povo aereo de estatuas desce symbolico da altura dos monumentos.

E a vista se espria nas vastidões em que a omnipotencia devastadora da Morte pousou o pé, e as sympathias sagradas d'alma levantaram enganador tributo de consoladora lembrança.

Nos cemiterios do Cajú e de S. João Baptista a idéa de perpetuar nas fórmãs da arte a memoria dos que morreram, opulenta-se maravilhosa, distinguindo-se aqui e além inscripções lapidarias, que impressionam pelo sentimento ou pelos nomes que recordam.

Na primeira d'essas necropoles a architectura em geral é desprovida de grandes ornatos, as construcções são simples e pesadas, excepcionalmente sobresaahindo verdadeiros primores de concepção e de estylo.

Ha epitaphios, porém, que se recommendam pelo perfume de encantadora e mysteriosa poesia, lettreiros que salvam do esquecimento nomes gloriosos de personagens illustres.

Do cemiterio do Cajú, antigo Campo Santo da Misericordia, passemos em revista alguns tumulos e epitaphios de valor e celebres.

Logo á entrada, o monumento mais notavel que se encontra á direita é o de D. Luiza Rosa Avondano Pereira, uma heroina da caridade, um espirito de virtudes resplandecentes. Como trabalho de arte é de estylo romano, tendo na fachada duas estatuetas representando duas crianças núas, e na cupola uma estatua da Caridade.

Na base do monumento lê-se :

Á

Memoria de D. Luiza Rosa  
Avondano Pereira.

Nascida na cidade do  
Porto aos 6 de Janeiro  
de 1779.

Fallecida n'esta capital  
aos 8 de Maio de 1850.

Bemfeitora da Santa  
Casa da Misericordia  
do Rio de Janeiro.

A Irmandade da  
mesma Santa Casa  
em testemunho de  
sua eterna gratidão  
mandou levantar  
a estatua da Caridade  
em 2 de Novembro de  
1859.

Um dos tumulos mais expressivos e de artistica  
belleza d'essa necropole é o do Barão de Alagôas.

Laborado em finissimo marmore branco, des-  
cançando na parte superior da lapida a corôa de  
barão, esse mausoléo é de singular caracteristica.

Á cabeceira, uma estatua de soldado, de ta-  
manho natural e com a espingarda voltada, vela o  
somno que não finda, do grande general e como  
que pedindo aos quatro ventos do céu que não o  
despertem de seu dormir.



A inscripção é de uma eloquencia marcial e sublime :

Parada final  
do  
Conselheiro de Guerra  
Severiano Martins da Fonseca  
Barão de Alagôas  
Marechal de Campo  
Ajudante-general do Exercito  
8—11—25      19—3—89

Homenagem de veneração e saudade  
Dos seus companheiros de  
armas  
(Devidamente auctorisados)  
18—3—90

Irmãos na arte, sonhadores de harmonias divinas, Callado e Viriato chegaram quasi ao mesmo tempo nos solares da Morte e o mesmo tumulo guarda-lhes as cinzas.

Ambos laureados do talento, flautistas a quem o genio lhes marcou o nome por um traço de luz, a admiração publica lhes offertara o extremo pouso, resguardando-lhes os restos do anonymato do destino.

Singelo, mas correcto, é o obelisco consagrado á sua memoria, destacando-se n'elle os perfís em busto dos artistas nas duas faces do monu-

mento, em cuja base ha a seguinte inscripção :

Monumento  
erigido com o producto  
de um concerto  
realizado  
em 17 de Dezembro  
de 1883.

No mesmo genero lá se depara um outro, levantado ao celebre rabequista portuguez Noronha, diverso apenas nas allegorias da arte e n'um mocho esculpido na fachada principal.

A Francisco de Sá Noronha  
os seus  
admiradores.

Semelhante a mimoso ninho de flores de *biscuit* é o jazigo de Ernestina Pires de Almeida ; ficando-lhe perto um outro de fórmias architectonicas, em que o retrato da finada, em porcelana, pende de uma columna de marmore, na base da qual dolorido affecto fizera gravar esta inscripção :

Se teu corpo inanido,  
n'esta campa para  
sempre, Oh! Maria em  
paz repousa,  
Tens no peito de  
mãi inconsolavel  
e de irmão affectuoso  
eterna lousa.

É um monumento de homem de guerra e de personalidade politica o do coronel Senna Madureira. Não obedecendo a estylo empregado em obras congeneres, é todavia de bello effeito e n'elle está gravado o seguinte:

Por iniciativa  
da Escola Militar  
o  
exercito, armada e povo  
ao  
Tenente-coronel  
Senna Madureira.

Deixando, porém, esta ordem de tumulos e antes de passarmos ao quadro dos protestantes, paremos diante de uma cobertura de marmore, em que um botão de rosa, em alto relevo, attrahe as vistas do passante.

Ao approximar-nos d'esse primor symbolico, esperavamos que alguem tivesse feito esculpir-lhe abaixo os versos de Malherbe:

Elle a vécu ce qui vivent les roses :  
L'espace d'un matin.

Enganamo-nos: a inscripção era mais bella, mais inspirada e mais tocante.

Isto apenas:

Assim eras tu, minha filha.

Outra, de uma sepultura de mulher:

Perdão, meu Deus!

No cemiterio do Cajú ha uma quadra funeraria quasi exclusivamente occupada pelos Israelitas.

Ninguem ignora o que é esse povo, perseguido e soberano, guardando por toda a parte as suas tradições como Rachel os idolos do Labão.

Pois bem : nos enterramentos os seus ritos são lealmente observados e a sua parcial necropole apresenta verdadeiro relevo artistico, de acôrdo com a severidade de suas crenças e de seus costumes.

Ao transpol-a, o coração se confrange, uma nuvem de tristeza o envolve de subito e um pensamento religioso, mas que desce do céu, nos domina a alma.

E entramos n'aquella solidão tumular como em um templo consagrado pelas orações de nossos pais... e a nossa mente se desatou da terra absorvida na magestade do céu.

Nessa quadra improfanada pela espuma que se quebra contra os barrancos da vida, a severidade da arte assentou pleno dominio, a esculptura monumental, a estatuaria, um abrigo remansado e seguro.

D'entre os mausoléos e tumulos que lá se nos deparam, simples e rigorosamente adornados, com epithaphios e inscrições em caracteres hebraicos, um monumento cresce de um socco de marmore, da brancura das lagrimas, o mais bello no idealismo da concepção e na grandeza do todo, que temos visto em nossas necropoles.

Imponente e esplendido é esse jazigo, de admiravel cunho esculptural, de proporções avultadas e onde se acham collocadas tres estatuas tambem de custoso marmore, alinhadas no mesmo plano.

As figuras das extremidades são allegorias biblicas, isto é, dois anjos de roçagantes azas, occupando o centro a estatua da morta, que tem pela mão uma criança encostada ao joelho.

Este grupo, cuja figura principal vivamente recorda bellezas da estatuaria antiga pela firmeza do modelado, suavidade dos contornos e enlevadora expressão, tem um encanto indizivel, é de uma harmonia surpreendente.

A estatua da morta, que se acha no centro, de pé, com o olhar levantado para o céu, com a boca entreaberta como que deixando escapar murmurios moribundos, a modo que fluctua santificada na propria luz da sua belleza.

A disposição e accessorios d'esse monumento refulgem na brancura da neve; e, ao lado de um epithaphio em hebraico, lê-se o seguinte:

Aqui jaz em paz  
D. Rosalina Gletti Nee  
Kilian.

Nasceu em 7 de Outubro de 1843,  
no Rio de Janeiro.

Falleceu em 21 de Agosto de 1882  
em Reichenhall.

Saudade eterna de seus  
inconsolaveis marido e filhos.

Não nos permittindo o espaço d'estas paginas ser mais longo nem especificar o que a nostalgia dos mortos, as saudades d'alma espalharam nas materialisações do pensamento e da arte n'esse vastissimo cemiterio, contemplemos alguns monumentos funerarios de S. João Baptista, o *Père Lachaise* do Brasil.

Logo á entrada, isolando-se pela altura n'aquella extensão consagrada, um anjo, embocando uma trombeta, suspende-se de pé sobre turbantes amontoados de nuvens que sobem de um tumulo, tornando-se essa figura aerea de uma originalidade remontada e absoluta.

Na face de um pedestal da columna em que se firmam as nuvens, descobrem-se dois bustos em alto relevo — mãe e filho — e ha abaixo estes dizeres :

M. T. Motta Basto

e

sua familia.

O mausoléo do barão de Cotegipe é de uma riqueza soberana, de uma concepção artistica notavel, de um acabado escrupuloso.

Todo de marmore branco, remata-lhe a cupola, que descança sobre quatro pilastras de capiteis jonicos, uma cruz; é illustrado de brazão na fachada principal, e o busto de bronze d'esse homem celebre, que foi a maior individualidade politica do segundo reinado, repousa sobre uma co-

lumna no centro das pilastras, em frente da qual um anjo ora de joelhos, desdobrando em extasis do céu a ponta nitida de suas azas.

Eis a inscripção :

Aqui jazem os restos mortaes de  
 João Mauricio Wanderley  
 Barão de Cotegipe  
 Nascido na provincia da Bahia  
 em 3 de Outubro de 1815  
 E fallecido no Rio de Janeiro  
 em 16 de Fevereiro de 1889

—  
 Mausoléo levantado por subscripção  
 Nacional  
 Promovida pelo jornal *Novidades*  
 De que é  
 Proprietario Francisco Guilherme  
 dos Santos.

Ao fundo da porta principal, collocada sobre pequena elevação que desce da montanha, está a urna de marmore, rematada por barrete phrygio, em que o cadaver do marechal Floriano Peixoto espera a honra suprema do Pantheon Nacional.

A inscripção limita-se a uma simples nota:

Marechal  
 Floriano Peixoto  
 30 de Abril de 1839  
 29 de Junho de 1895.

O jazigo do distincto poeta portuguez Francisco Xavier de Novaes consiste em uma columna

de marmore cinzento, cujo capitel partido parece que tombara a um lado do pedestal. Ha em medalhão o retrato do morto, de marmore branco, e diversos symbolos da poesia adornam o monumento.

A columna é de alto a baixo circulada de um festão, e na tabella do pedestal está inscripto:

Homenagem á memoria  
do poeta  
Faustino Xavier de Novaes  
Fallecido em 17  
de Agosto do 1869.

N'uma outra sepultura, com cruz de marmore, livro aberto e umâ penna, lê-se nas duas paginas:

A vida  
passa  
como um  
sopro.  
Mas a  
memoria do  
justo será  
eterna.

Na estatuaria, as representações allegoricas nem sempre são de elevado merito.

No genero, uma das mais significativas é um grupo de duas crianças que se beijam no espaço, abraçadas, confundidas, a modo que dormindo e sonhando os sonhos do céu.



Este grupo tem a seguinte legenda, aberta na parte superior da esphera de onde firmam os vãos :

Ambo volasti a Dio.

E n'um escudo, tambem de marmore :

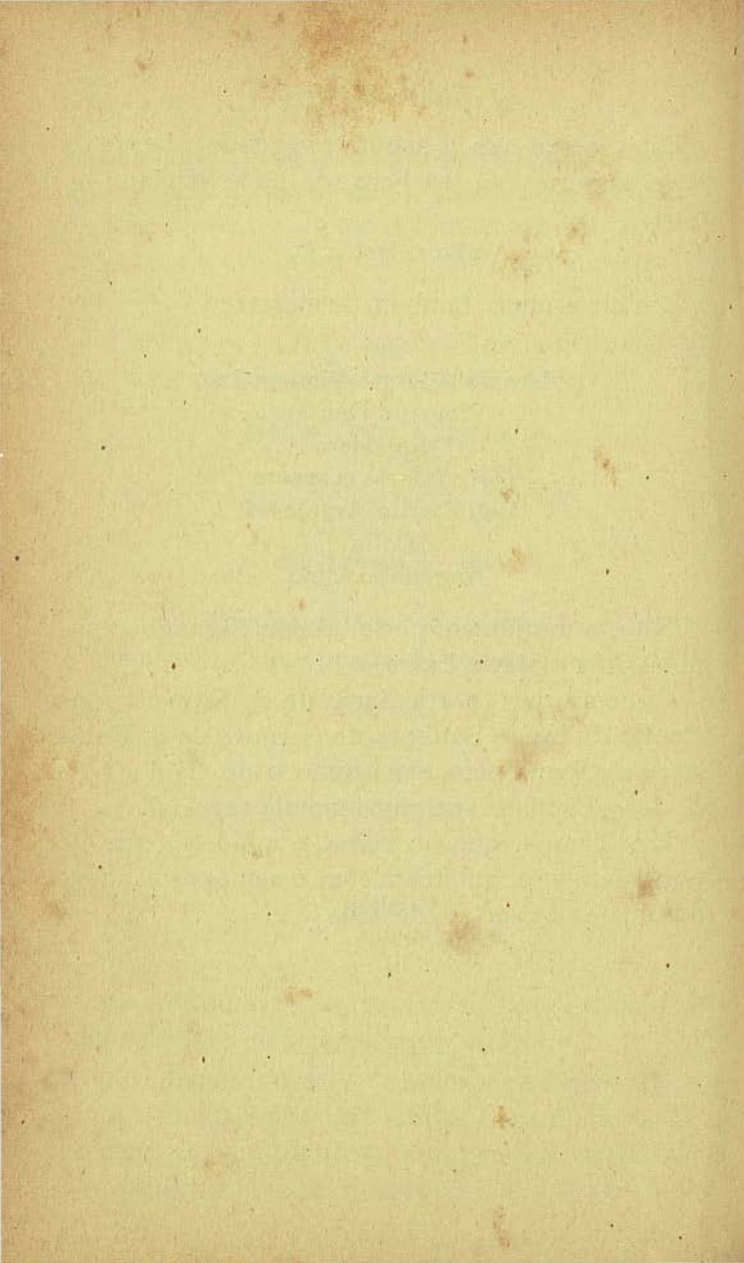
Qui  
Le ossa Adorate Piangendo  
Pietori e Genitori  
Composero  
Qui conforta la speme  
Dell Eterno Amplesso  
Colle  
Angelicho Alme.

Este, o monumento erigido por Zignago a suas filhas Ada e Maria Luiza.

Os cemiterios particulares de S. Francisco de Paula, de Nossa Senhora do Carmo e de S. Francisco da Penitencia, têm, como o do Cajú e o de S. João Baptista, sua physionomia especial.

E o Tempo, que é a ruina, e a Morte, que é o aniquilamento, aplainam com o seu peso as desigualdades da sorte e da vida!...

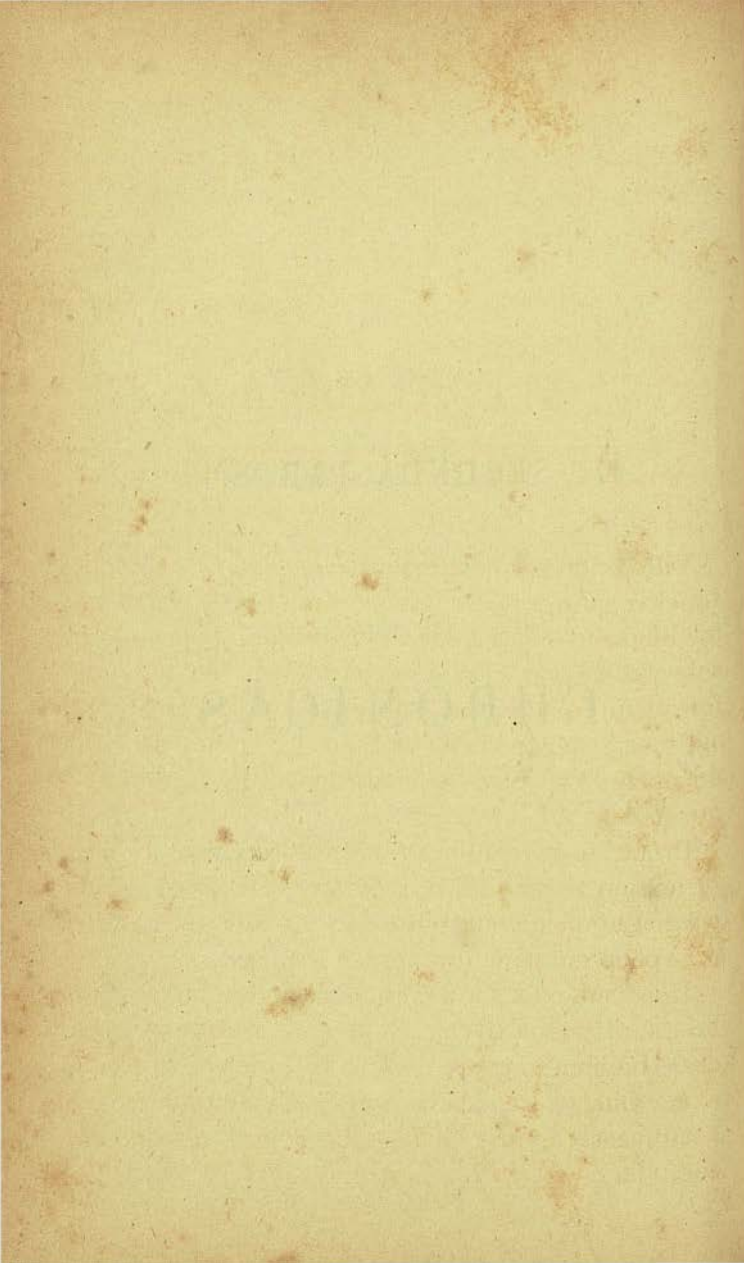
---



SEGUNDA PARTE

---

CHRONICAS



# A FORTALEZA DE VILLEGaignon

Villegaignon, entrando na enseada do Rio de Janeiro com muitos navios e tresentas pessoas, fortificou-se na ilha das Palmeiras, onde levantou, sobre o cabeço do outeiro do lado do sul, um forte a que chamou de Colligny. Foi isso em 1556, ao mesmo tempo que, no topo do outeiro do lado do norte, ordenava a construcção de casas para quarteis.

Procurando fortificar a entrada da barra, onde se acham actualmente a fortaleza de Santa Cruz e a da Lage e o continente da Piassaba, fez montar uma peça em cada um desses logares.

Recebendo D. João III noticia de Anchieta e Nobrega, missionarios em S. Vicente, de que os francezes haviam entrado no Rio de Janeiro, ordenou a D. Duarte da Costa que individualmente se certificasse do que havia e lhe communicasse em seguida.

El-rei falleceu em 11 de Junho de 1557 e lhe succedeu no throno seu neto D. Sebastião, ficando na regencia D. Catharina da Austria, sua avó. Por sua vez mandou esta a Mem de Sá, governador geral, expulsar os francezes do Rio de Janeiro, o que teve logar em 15 de Março de 1560.

Finda a guerra, Mem de Sá fez demolir as fortificações, retirou-se para S. Vicente, e seguiu para a Bahia.

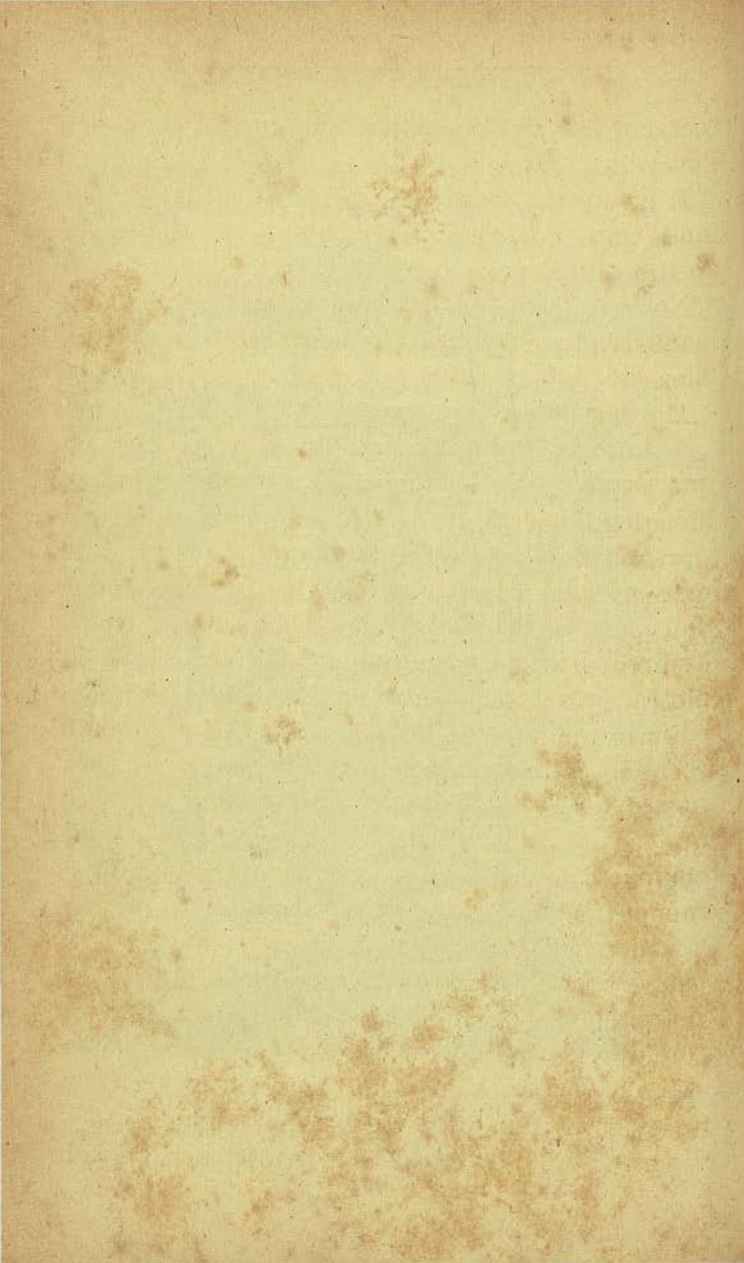
Os francezes, que haviam fugido para as mattas com os indios, voltaram e reconstruíram o forte de Coligny, porque não ficou de guarnição nenhuma tropa portugueza ; e chegando de novo a Lisboa noticia de acharem-se elles, recentemente fortificados entendeu Portugal mandar expellil-os, por ter Anchieta lembrado fundar-se a cidade do Rio de Janeiro.

E Estacio de Sá, o encarregado desta commissão, partiu em 1561, com dous galeões, para a Bahia, reforçou-se de gente e embarcações, recebeu dos jesuitas do Espirito Santo e de S. Vicente mais tropas, desembarcou no Pão de Asucar em Março de 1565, e ahi fundou igreja, casas de palha e quarteis, empenhando-se desde logo nos combates contra a confederação tamoya.

Tardando a conclusão da guerra, chega da Bahia o governador Mem de Sá com Anchieta, que para lá fôra ordenar-se, e com força sufficiente, no dia 20 de Janeiro de 1567, bate os exercitos alliados, toma-lhes as fortificações, sendo nesta



A FORTALEZA DE VILLEGaignON DEPOIS DA REVOLTA  
*De 6 de Setembro de 1893*





ocasião ferido Estacio de Sá, que falleceu em Fevereiro.

E no monte fronteiro á ilha de Villegaignon funda-se a nova e Real Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

No seu *Brésil*, Ferdinand Denis publica um manuscripto portuguez que descreve a ilha e fortaleza de Villegaignon.

É o seguinte :

« A uma legua mais ou menos está a ilha em que os francezes habitavam, que tem sómente meia legua de ambito e é mais comprida que larga.

« Achando-se a referida ilha limitada nas duas extremidades por montanhas, Villegaignon mandou construir sobre cada uma destas uma casinha, assim como sobre um rochedo de 50 a 66 pés de altura, que está no centro da ilha, havia mandado edificar a sua casa. De ambas as partes daquelle rochedo tinham-se aplainado pequenos espaços, nos quaes se haviam construido tanto a sala em que se ajuntavam para fazer preces e comer, como outras habitações em que pouco mais ou menos oitenta pessoas se acolhiam.

« Convem notar que, á excepção da casa que estava sobre o rochedo, na qual havia algum madeiramento e alguns baluartes mal construidos em que estava assentada a artilheria, todas as sobre-ditas habitações não eram mais que choças feitas pelos selvagens, cobertas de hervas e leivas. »

O serro da ilha encobria a maior parte da praia

pela banda da cidade, sendo o aterro levado pelas extremidades.

Na primitiva, portanto, o que existia na ilha de Villegaignon ou *Ilha do Degredo*, era um pequeno e insignificante reducto, que accommodaria quando muito uma guarda.

A verdadeira fortaleza de Villegaignon, grandiosa, correcta, pertencente a differentes arrendatarios e mais palpitante de interesse, pelo laço historico, começou muito depois da relação de Lery e do cosmographo Thevet, como passamos a demonstrar.

O rochedo chamado *Monte das Palmeiras*, que existia no meio da ilha, bem como os dois monticulos das extremidades, foram mandados arrazar por carta régia de 22 Setembro de 1761, ordenandó que se continuasse a bateria em circulo, conforme a planta remettida para Lisboa pelo Conde de Bobadela, cuja obra começou a executar o Conde da Cunha, ultimando-a o Marquez de Lavradio.

Do como a fortaleza de Villegaignon passou ao dominio dos jesuistas, não o sabem os chronistas e escriptores consultados, á excepção do historiador, meu Pai, que assegura que muito antes de 1761 a referida ilha estava arrendada a José Maria, e de 1.º de Janeiro desse anno ao padre Roberto de Campos, reitor do Collegio, por 4,5800 annuaes.

Aprumando nessa direcção o rumo das averiguações, encontra-se que no 1.º de Janeiro de 1754

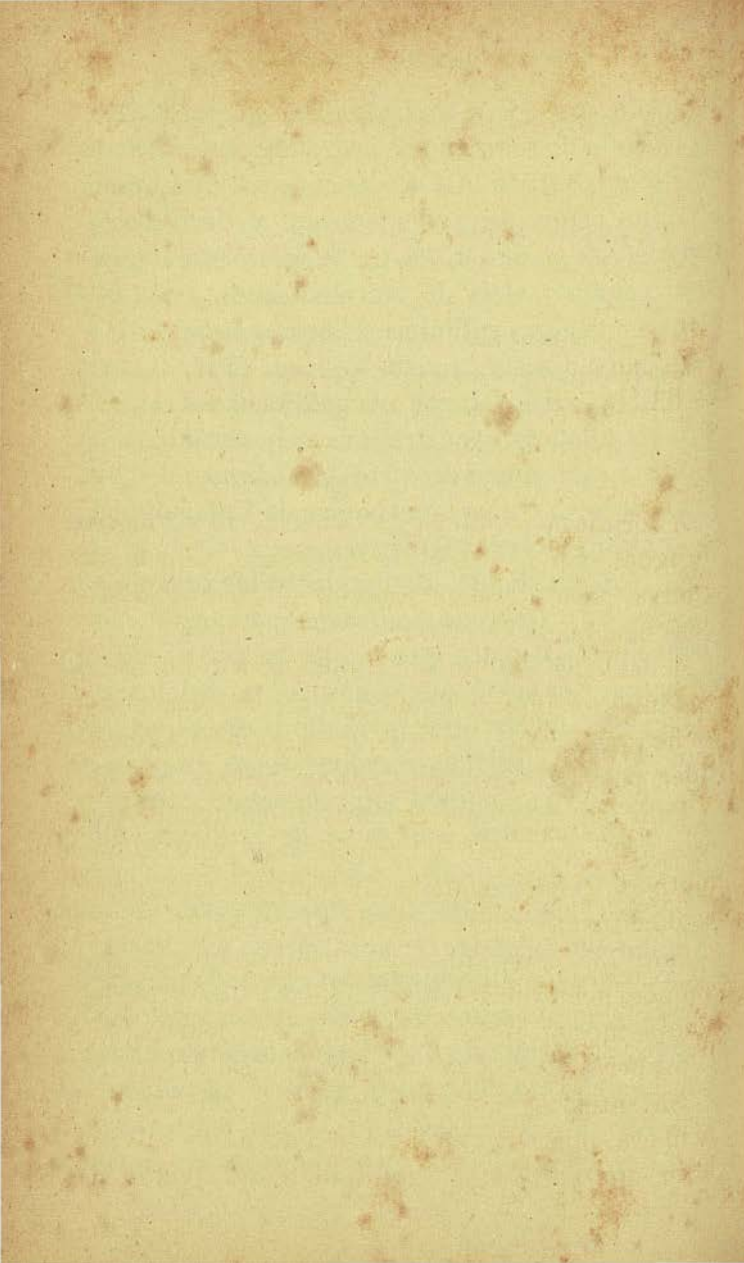
foi a ilha arrendada a Simão da Costa por 3\$200, no periodo do reitorado do padre Marcos de Tavora. Refere o citado historiador, que a 17 de Junho do anno acima foi arrendado um pedaço d'esta propriedade a Simão da Costa, para fazer uma casa, pagando além do convencionado arrendamento mais duas gallinhas. E de um manuscripto que temos á vista, consta que em 1757, Carlos Victoriano arrendou por seis gallinhas cada anno, parte da ilha, onde construiu casa de vivenda.

O primitivo nome de *forte de Coligny*, dado á fortificação, foi uma homenagem de Villegaignon ao almirante francez Coligny.

De 1620 em diante, a ilha de Villegaignon de nominou-se o *Degredo da Bexiga*, por determinar o conselho da camara que ninguem poderia desembarcar dos navios que conduzissem variolosos, sem primeiramente fazer quarentena em Villegaignon, onde fundeavam as embarcações e equipagens, não podendo d'alli sahirem sem o consentimento da camara, sob pena de multa de 20 cruzados.

O governador Martim de Sá, approvando a medida, subscreveu-a.

A fortaleza de Villegaignon tem passado por diversos melhoramentos e reformas, constituindo-se até antes da revolta de 6 de Setembro, uma das mais formidaveis defezas da barra e da cidade.



# A FORTALEZA DA CONCEIÇÃO

A fortaleza da Conceição, construída no morro de igual nome, não é sómente um reducto de guerra, mas um esculpamento glorioso de tradições nacionaes.

A data precisa de sua fundação e o nome do engenheiro sob cujo plano edificou-se, perderam-se no tempo sendo improficuas ao chronista quaesquer pesquisas em busca de primitivas origens.

Pelo que podemos esmerilhar, colligimos que esta fortificação não é anterior a 1715, e que o motivo de sua existencia não podia ser outro senão as duas invasões francezas de 1710 e 1711.

Em 1735, como consta de documentos que possuímos, achavam-se já concluídas todas as obras, e nesse mesmo anno foi nomeado para commandal-a o alferes Manoel da Assumpção e Sá.

Na antiga sala d'armas ha uma almofada de madeira, por cima da janella central, do lado de leste, que parece ter servido de tēla a alguma al-

legoria ou retrato, cujos traços são apenas perceptíveis.

Esta importantissima fortaleza, reedificada em 1765 por ordem do Conde da Cunha, então vice-rei do Brasil, tem todo o interior guarnecido de cabides de armas que se elevam do solo ao tecto, e formam tres naves, que se estendem de cima á outra extremidade do edificio.

Na fortaleza do morro da Conceição estiveram presos, em 1790, os conjurados da rebelião mineira do Tiradentes, padres José da Silva de Oliveira Rolim e José Lopes de Oliveira, o Dr. Domingos Vidal Barbosa, Francisco José de Mello, Antonio de Oliveira Lopes, Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, Victoriano Gonçalves Velloso e o pardo escravo do padre José da Silva.

Ahi tambem esteve detido o coronel de milicias Raphael Tobias de Aguiar, em consequencia dos movimentos revolucionarios de 1842 na provincia de S. Paulo.

---

## A FORTALEZA DE SANTA CRUZ

A fortaleza de Santa Cruz, incontestavelmente a mais importante praça de armas no Brasil, era antigamente chamada de Nossa Senhora da Guia, e teve por origem um pequeno reducto mandado construir por Villegaignon.

Mem de Sá, porém, depois do triumpho alcançado contra os francezes, attendendo á posição excellente em que se achava aquella praça de guerra, aproveitou as peças que lá se achavam, e providenciou a respeito da edificação de um forte, com uma pequena capella dedicada a Nossa Senhora da Guia, de onde lhe veio o primitivo nome.

Não bastando, mais tarde, a fortificação referida, Martim de Sá, por sua vez, mandou levantar fortaleza mais regular, guarnece-la incomparavelmente melhor, denominando-a de fortaleza de Santa Cruz.

Em 15 de Outubro de 1691, juntou-se á construcção total uma casa de vivenda para o governador militar, obra que ficou concluida em 1696 por Antonio Paes, successor de Sebastião de Castro e Caldas no governo ou commando da fortificação.

Ao reparo geral incluiu-se a reconstrucção da capella, sendo nomeado para celebrar os officios divinos um sacerdote, que recebia a congrua de 96,5000 por anno, com a condição de lá residir.

O Conde de Rezende, logo que chegou ao Rio de Janeiro, mandou guarnece-la com um fosso, bordal-a com mais avultado numero de canhões, como a primeira sentinella e a mais poderosa defesa da barra.

A casa-mata, ultimamente feita, merece elogio, pois em nada destôa do grandioso da cidadella.

---



## IV

# A FORTALEZA DA ILHA DAS COBRAS

Entre nossos documentos de balde procuramos algum que designasse o anno em que se construiu na ilha das Cobras um reducto, e qual o governador que o mandou edificar.

O certo é que, em 26 de Janeiro de 1715, o governo de Lisboa determinou que, concluidas as obras das fortalezas de Santa Cruz e da Lage, se ultimassem as do forte da ilha das Cobras, para as quaes foram consignados 40.000 cruzados do dizimo da alfandega, além das verbas anteriormente concedidas.

Não obstante, esta fortaleza continuava pouco importante, quando, por ordem expedida em 1723, o governador Luiz Vahia Monteiro principiou a reformal-a, datando o melhoramento de 1725.

Pelo que podemos deduzir das investigações, seu maior adeantamento deve-se ao brigadeiro José da Silva Paes, que autorisado com a patente de 4 de Janeiro de 1734 a substituir no governo da cidade ao general Gomes Freire de Andrade, tambem teve a seu cargo levantar outras fortificações e accrescentar as antigas.

No cumprimento da honrosa missão, o referido brigadeiro traçou novo plano em 1735, iniciando os trabalhos em Abril de 1738, depois da approvação do rei e da expedição de ordens n'este sentido.

Terminadas as obras, que foram executadas sob as vistas do governador Gomes Freire de Andrade, a recente praça de guerra tomou o nome de fortaleza de Gomes Freire de Andrade.

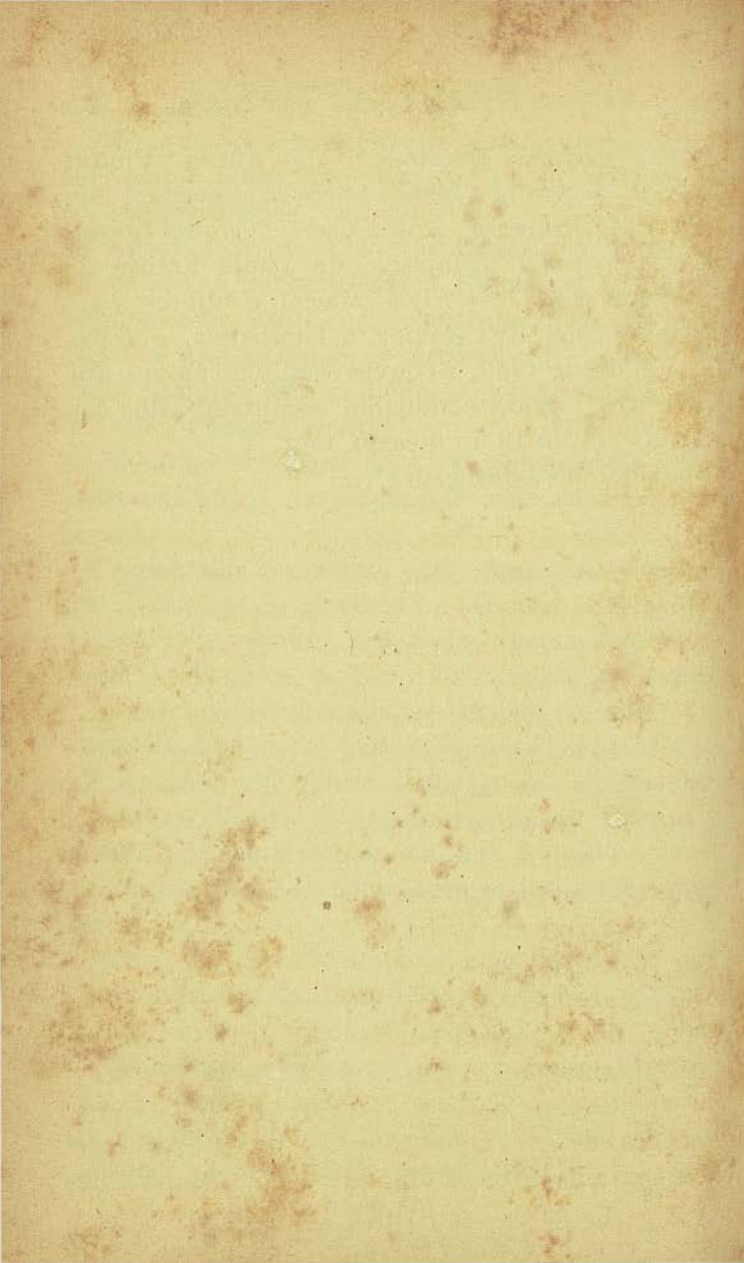
Remontando-nos ainda ao periodo colonial, ao tempo em que neste paiz se tinha fé nas idéas, encontramos a fortaleza da ilha das Cobras ou de Gomes Freire de Andrade consagrada pelo martyrio de grandes homens, que tiveram a loucura de sacrificar-se pela patria e de morrer pela liberdade.

Nella, foram recolhidos, em Dezembro de 1789, os presos da Inconfidencia mineira, vigario Carlos Corrêa de Toledo, coronel Ignacio José de Alvarenga, tenente-coronel Francisco Antonio Rabello, dezembargador Thomaz Antonio Gonzaga, sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Piza, conego Luiz <sup>a</sup> Vieira, tenente Nunes Vidal,

tenente-coronel Domingos de Abreu Vieira, alferes Joaquim José Ferreira, coronel de cavallaria Francisco Antonio de Oliveira Lopes, tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, Dr. José Alves Maciel e alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, que em 6 de Maio de 1789, se havia occultado na rua dos Latoeiros, sendo conduzido escoltado á ilha das Cobras no dia 10 do mesmo mez.

Que tempo e que gente !...

---



## MORROS DA CIDADE

De varias plantas mandadas levantar nos tempos coloniaes e de uma outra executada por ordem do primeiro imperador, é extrahida esta noticia sobre os morros do grande valle da antiga cidade do Rio de Janeiro.

Parecendo quasi sem importancia este trabalho de minerador pertinaz, talvez que o futuro historiador desta capital possa encontrar na excavação o alto interesse que presumimos ter.

Seja como for, o que rezam os manuscritos é que os morros que circulavam a velha capital eram : — o morro de S. Diogo, anteriormente chamado o de Manoel de Pina ; o de Santa Thereza e o do Nheco, hoje morro do Pinto ; o da Providencia, o da Formiga, antigo de Paulo Caieiro ; o do Livramento, o da Gamboa, o da Saude, o da Conceição, o de S. Bento, o do Castello, outr'ora de S. Sebastião ; o do Desterro, que começava na chacara do Sisson ; o de Monte Ale-

gre ou do Fialho, o de Paula Mattos, antigo *Monte da Alagoinha* e o costão de Santa Thereza.

No valle do Catumby:— o morro do Pilotinho, o do padre Simeão, o do Motta, o do Roxo, o do Navarro, o do França, o do Gularte, o de Nossa Senhora dos Navegantes, o de S. Francisco de Paula, o do Barro Vermelho, antigo morro do Castellano e depois de Santos Rodrigues.

No valle do Rio Comprido encontravam-se o morro da Olaria, o do Mendes, que dividia as ruas de D. Alexandrina e da Conciliação; o grande morro da Cova da Onça, a Pedra do Bispo, o morro do Mattosinhos, o morro do Ferreira ou do Vintem, a Serra do Corcovado, as serras da Tijuca e Andarahy, o morro dos Pretos Forros e o do Bom Retiro, que formavam, com o grande morro do Gongá, passagem para o Engenho Novo; o actual morro do Telegrapho, o Pedregulho e os morros de S. Christovão, do Maroim e o do Cajú.

Dentro do valle, os morros de Santo Antonio, antigo monte do Carmo; o de Pedro Dias, depois morro do Senado.

Os montes existentes eram os do cemiterio do Carmo, de S. Francisco Xavier e o do Maxwell.

Além destes, havia o do Macaco, o do Motta Leite, depois da marquezia de Lage e hoje das Irmãs de Caridade; o morro da Cruz, do Engenho Velho, e mais alguns que augmentavam de muito o pitoresco desta encantada cidade.

---

## VI

# LAGÔAS DA CIDADE E ILHAS PROXIMAS

A começar da Gavea e estendendo-se até ao Engenho Novo, esta cidade era abundante de valles, de terrenos pantanosos, comprehendendo aqui e alli determinadas lagôas, com suas baixadas de areia ou de pedra, formando restingas.

Respigando alguns manuscriptos pertencentes outr'ora ao senado da camara, colligimos estes apontamentos para a futura historia da cidade do Rio de Janeiro, se é que um dia valha a pena entregar-se alguém ao estudo improbo das cousas cá da terra.

Pela ordem topographica, a primeira dessas lagôas chamava-se lagôa de Sacopenapan, nome que conservou de 1589 a 1606, e que foi substituido pelo de lagôa de Rodrigo de Freitas, que ainda persiste.

Entre as actuaes ruas Marquez de Olinda e de D. Carlota, existia a lagôa de Botafogo, que foi completamente aterrada. A mesma sorte tiveram a lagôa

da Carioca, que é hoje o largo do Machado, e a do Boqueirão ou das Mangueiras, que chegava até ao Passeio Publico.

Onde presentemente alonga-se a rua do Arcos, havia em outro tempo a lagôa do Desterro, situada entre os morros de Santo Antonio e Santa Thereza, que foi aterrada em 1643, dando-se principio nessa época á edificação das primeiras casas daquella rua.

A lagôa de Santo Antonio, aterrada para um vastissimo cortuine, abrangia a grande área da rua da Guarda Velha e largo da Carioca.

A estas seguiam-se as da Cidade Nova, que eram a lagôa da Sentinella, que espraiava-se da rua do Conde, em Catumby, á rua do Senado, e a lagôa de S. Christovão, que em 1611 foi aforada por Belchior Fernandes ao sapateiro Diogo Dias, que a aterrou, transformando-a em um estabelecimento de curtir pelles.

---

As ilhas proximas á cidade, mencionadas em documento inedito, eram: — a ilha de Villegaignon ou ilha das Palmeiras; a ilha das Cobras; a ilha dos Ratos; a ilha das Enxadas; a ilha das Moças, que no tempo dos jesuitas chamava-se ilha dos Cães; a ilha de João Damasceno, antiga ilha dos Melões, e a ilha de Santa Barbara, chamada anteriormente ilha da Pombeba.

O hospital dos Lazaros denominava-se Quinta dos Reverendos Padres da Companhia.

---



## VII

# PRAIAS

As praias da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, são : — a do Anil e a dos Caniços, na lagôa de Rodrigo de Freitas, e a do Arpoador, em Copacabana.

Antes de 1735, a lagôa de Rodrigo de Freitas e a praia de Copacabana chamavam-se lagôa e praia de Sacopenapan. Na lagôa achavam-se comprehendidas a praia da Fonte da Saudade e a praia de Fóra, que dava passagem ao transbordamento das aguas.

Na Gavea, a praia da Gavea e a da Restinga e, ainda na Lagôa, a praia do Pinto, no fim da rua do Sapé.

A praia Vermelha, antes da praia de Martin Affonso — praia de Santa Cecilia — praia de Christovão Colombo.

Rezam as chronicas que até 1580 a praia de Botafogo denominava-se praia de Francisco Velho,

e que de 1641 em diante, indo ahi residir um tal João de Souza Botafogo, ella foi denominada praia de Botafogo.

A praia da Carioca, de 1558 a 1612, tomou o nome do navegador e chronista francez Lery, e o povó a chamava praia do *Lerype*. Mais tarde esta denominação foi substituida pela de praia do Sapateiro Sebastião Gonçalves, e em data ainda mais recente, em consequencia de serem ahi batidos alguns Hollandezes, recebeu o nome de praia do Flamengo.

Temos mais a praia da Lapa ou da Gloria, e a de Santa Luzia.

Nesta o governador Vasqueanes mandou construir uma muralha que começava no forte de Santiago e estendia-se até á igreja de Santa Luzia. Demolida pelo mar, o citado governador pensou em fazer levantar uma outra muralha que, partindo da Prainha, terminasse no morro da Viuva ou do Lerype.

O seu plano não foi realisado.

A praia das Marinhas era outr'ora a dos Mineiros ou de Braz de Pina.

Em 1721, onde é hoje a praça da Prainha era a praia da Saude e depois ponte do Vallongo.

A praia do Chichorro foi assim chamada por nella residir o conselheiro Antonio Pinto Chichorro da Gama.

A praia do Sacco do Alferes, deveu o seu nome

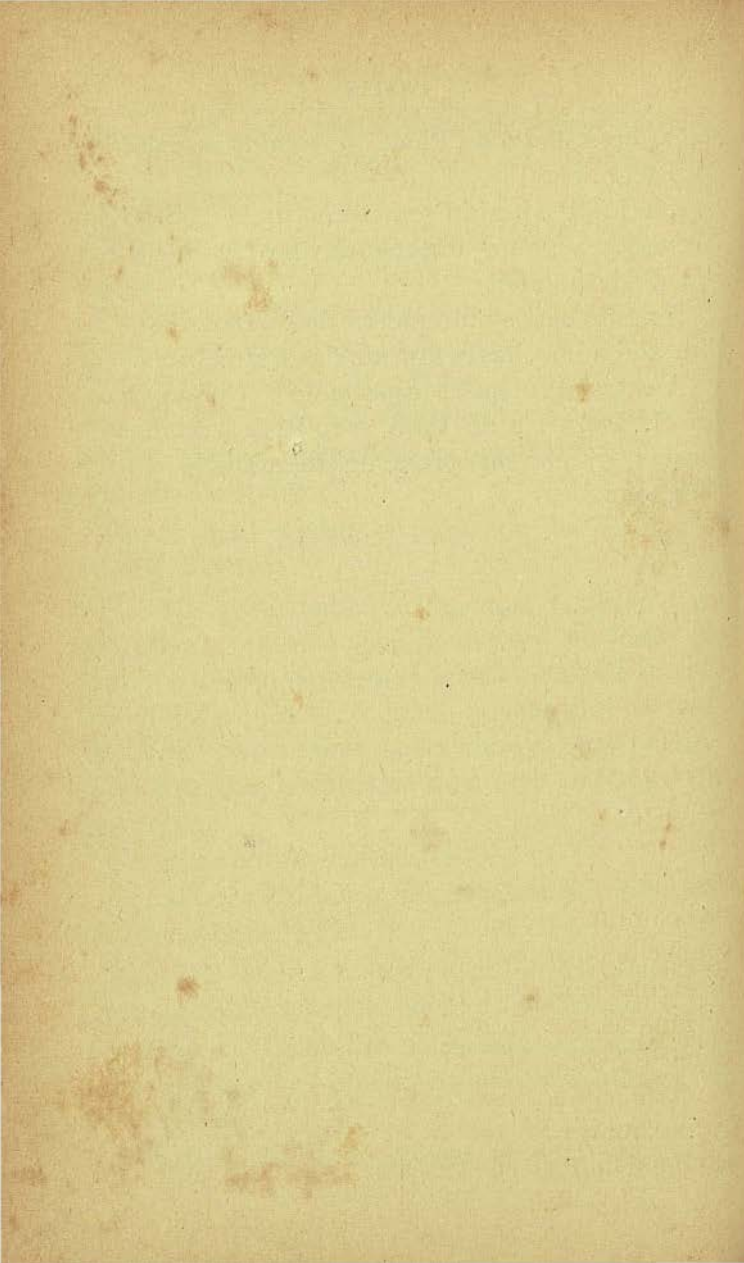
ao alferes Diogo de Pina, que fundou a capella de S. Diogo.

Até 1769, a praia Formosa ou praia de S. Diogo servia para plantação de cannaviaes, sendo na totalidade deshabitada.

Ao lado opposto do morro de S. Diogo, que era um alagadiço, havia a praia das Palmeiras.

A estas seguiam-se a praia de S. Christovão ou de S. Pedro, a do Cajú, a do Retiro Saudoso, a praia Grande ou praia de Inhaúma e a praia Pequena.

---



## VIII

# RIOS

### I

Esta cidade não é sómente o tumulo de raças extinctas, mas o de muitos rios que sulcavam-lhe o grande valle.

Sem letreiro que distinga a terra que lhes cobre quasi derradeiros vestigios, iremos pedir ao nosso archivo a noticia de sua existencia, tanto mais obscura quanto a deslealdade dos tempos vai pouco a pouco apagando o relevo sagrado da tradição, e encaminhando as gerações que surgem ao desconhecido, cada vez mais denso e impenetravel, de alguns factos da nossa historia.

O immenso valle da primitiva cidade do Rio de Janeiro era cortado de rios, que derivavam das montanhas e serras da Tijuca e do Andarahy.

Nas margens de S. Diogo, com as aguas do pantanal de Pedro Dias, ia lançar-se a torrente de

Matacavallos, sahida de um grotão do Andarahy, sua nascente conhecida.

Do grotão dos Dois Irmãos e proximo ao morro do França, rolava o rio Catumby, depois dos Coqueiros, vindo igualmente desembocar nas margens de S. Diogo.

Em antiquissimas medições, a camara denominou de Iguassú o rio de Catumby, confundindo-o com o verdadeiro Iguassú, posteriormente Rio-Comprido, em cuja foz existia a *Bica dos Marinheiros*, e onde o padre jesuita Thomaz de Souza, procurador do collegio, apresentou ao ouvidor Manoel Dias Raposo os seus protestos contra a usurpação da camara, exhibindo na occasião titulo de propriedade por parte da Companhia.

Esse titulo consistia n'uma carta de sesmaria concedida por Estacio de Sá aos mesmos padres, referendada por el-rei D. Sebastião.

O rio Iguassú, que, como dissemos, tomou a denominação de Rio-Comprido, nascia no Corcovado, atravessava a rua do Engenho-Velho e a de S. Christovão, por baixo da *ponte de pedra*, e entrava no mar em frente a S. Diogo.

Navegavam o Iguassú lanchas e canôas.

Da *Bica dos Marinheiros* foram desalojados os francezes do morro do Pina ou de S. Diogo, sendo o heróe desta jornada o capitão Bento do Amaral, que com 150 homens, em 1711, impediu-lhes a aventureira entrada no sertão.

Em épocas successivas e que não podemos pre-

cisar, tudo se foi mais ou menos aterrando, modificando, substituindo, até o baptismo de « rua do Rio-Comprido » — rua que dava o nome a um bairro — pelo chrisma sacrilego de *rua Malvino Reis*.

## II

Em um grotão do morro do Corcovado, recebendo desde logo alguns afluentes, nascia o rio S. Francisco Xavier; em todo seu curso luxuosa vegetação ensombrava-lhe as aguas limpidas e abundantes.

No lugar da fazenda dos jesuitas chamado Trapicheiro, tomou elle, depois da extincção da ordem, a denominação de Trapicheiro, denominação simples, adequada e natural.

Mais abaixo, opulentado pelos mananciaes havidos da Fabrica das Chitas, seguia vistoso ladeando o morro da Babylonia, onde se achava situada a celebre fabrica de assucar dos padres jesuitas chamada *Engenho Velho*.

Justamente nesse ponto era o extenso rio conhecido pelo nome de S. Francisco Xavier, segundo affirma a tradição e referem chronicas ineditas.

Junto a ponte do Engenho Velho, porém, este rio da cidade recebia o corrego da Segunda-Feira, constituido pelas aguas do morro e dos pantanos da actual chacara do Vintem, atravessava a rua de S. Christovão, por baixo da *ponte de pedra*,

lançando-se após no *Sacco de S. Diogo* e no mar.

Não nos occupando com os corregos que, a semelhança do Maroim, descendo das montanhas, entravam a pouca distancia no salgado, vejamos o que referem nossos documentos a respeito dos dois rios Maracanáns, de acôrdo com o mappa topographico do Rio de Janeiro mandado levantar em 1767 pelo Conde da Cunha, e com outro do engenheiro-mór Vieira Leão, datado de 1807.

### III

O rio Maracanan, chamado tambem Andarahy, e originario da Tijuca, recebia, no tempo dos jesuitas, mananciaes provindos do Andarahy; seguia serpeando os valles do Andarahy Pequeno e Andarahy Grande e entrava no mar da praia Formosa.

A medida, porém, que aquelles padres foram dividindo os terrenos do Andarahy, grande e pequeno, e os aformoseando, mandaram abrir vallas de esgoto nos sitios palustres e nas restingas, fizeram-lhe largos córtes, desviaram-lhe as aguas para suas fazendas, diminuindo-lhe assim o avultado cabedal.

O mappa topographico do Rio de Janeiro que, por ordem do Conde da Cunha, levantou, em 1767, o sargento-mór de engenheiros e commandante da fortaleza do Castello, apresenta dois



rios *Maracanáns*, nascendo o primeiro na serra da Tijuca. Este, bifurcando-se, alongava o braço direito até entrar no mar, e o esquerdo, demandando o norte, passava nas immediações da igreja de S. Christovão.

O outro, derivado da serra do Andarahy, juntava-se com o rio *Farinha* ou *Faria* e entrava no mar na praia da Olaria ou praia de Inhaúma, perto da olaria que ahi existe.

O mappa do major de engenheiros M. Vieira Leão, levantado em 1807, apresenta os rios S. Francisco Xavier e Maracanáns unidos acima do Engenho Velho, bifurcando-se muito adiante da estrada de S. Christovão.

Para o conducto das aguas do actual rio da Joanna (antigamente chamado Maracanáns) pelos constantes desvios artificiaes do rio Pituba, fizeram-se canaes, mais tarde obstruidos.

Esses mappas, cumpre dizer, não estão de acôrdo com o *Tombo* dos jesuitas, que não menciona rio Maracanáns no Engenho Velho; notando-se mais que os referidos engenheiros não fallam no rio Pituba, hoje dos *Cachorros*, que, nascendo na serra do Andarahy, seguia seu curso e, antes da Quinta Imperial, tomava os nomes de rio S. Pedro, S. Christovão e tambem de Maracanáns, depois de 1761, segundo se verifica pelas escripturas de compra e venda, de que temos apontamentos e copias.

Em 1800, perdeu o rio Pituba os antigos

nomes, ficando com o de *rio da Joanna*, por ser a ultima arrematante do terreno por onde elle passava, uma velha Joanna, senhora nobre e de grandes haveres.

Nesse ponto justamente, na vastidão dessa chacara, servia de divisa ás terras dos Lazaros, indo lançar-se mais longe no Sacco da praia Formosa.

Em 1810, visto a chacara da Joanna achar-se encravada nas terras da Quinta, o principe Regente comprou-a, não sabemos por quanto.

O rio Pituba, Maracanan, S. Christovão, actual rio da Joanna, soffreu desvios em 1811, em razão das aguas do monte inundarem a Quinta da Bôa Vista, que, vendida por D. João VI ao Estado, quando retirou-se do Brasil, ficou sendo um proprio nacional.

---

# O COVENTO DE SANTO ANTONIO E A SANTA SÉ

Referem as chronicas que, em 1592, Salvador Correia de Sá e a camara doaram a fr. Antonio dos Martyres e a fr. Antonio das Chagas, como representantes da Custodia no Brasil, a ermida de Santa Luzia e terrenos proximos, para nesse logar edificar-se um convento de Santo Antonio.

Por motivos de divergencias com os jesuitas do Castello, a offerta não foi acceita, indo aquelles frades residir na Misericordia e depois na ermida de N. S. da Ajuda.

Em 1608, porém, fr. Leonardo de Jesus, fr. Vicente do Salvador, fr. Custodio e fr. Estevão dos Anjos fundaram o convento de Santo Antonio

no monte do Carmo, munidos de uma carta de doação assignada por Martim de Sá e a camara, em data de 9 de Abril do mesmo anno.

Não podendo as ordens mendicantes possuir bens, segundo disposições canonicas, achar-se-hiam em serios embarços os franciscanos, mesmo no uso-fructo da propriedade, pelo que a citada doação foi acompanhada das seguintes e formaes palavras :

« Porque os religiosos de S. Francisco haviam elogiado o sitio e logar que se acha no outeiro do Carmo defronte da vargem abaixo de Nossa Senhora e sobre a lagôa de Santo Antonio ; e porque os mesmos religiosos *não eram pelo intuito capazes de propriedade e dominio, se fazia esta doação ao Papa e á Igreja Romana.* »

---

## A CADEIA DO ALJUBE

## I

Em 1824 a cidade do Rio de Janeiro apresentava um aspecto que horrorisava a quem fosse pouco habituado aos acontecimentos anormaes das épocas revolucionarias, ao desdobramento desses periodos da historia dos povos, em que até os elementos de desordem são aproveitados como armas de peleja.

Quando descia a noite sobre aquelles dias agitados, quando a tréva envolvia o corpo leproso desta cidade, no meio da noite, na densidade da tréva, o facho das conspirações derretia, incendiado, resinas suffocantes e, á essa luz, a escravidão e o crime arrastavam-se traiçoeiros, infestando com o seu halito as habitações e o ar.

Os bandidos europeus e a canalha de todas as condições engrossavam quadrilhas de salteadores, exerciam a rapina e o assassinato de embos-

cada, entregavam-se á embriaguez e ao jogo, sendo necessario, para reprimir delictos, uma severidade medonha, uma crueza de algoz.

As tabernas, que congregavam, a deshoras, as fezes sociaes, os malfeitores e os escravos, que negociavam o roubo e entregavam-se ás libertinagens, achavam-se com mais vigilancia sob a observação directa da policia, que não era bastante numerosa para reprezar os crimes que deveriam ser punidos.

Comprehende-se que este estado de cousas dependia do estado geral do paiz, anarchisado pelos partidos politicos que se conflagravam, assombrado pelos movimentos revolucionarios da capital e das provincias, victimas de todas as ambições e de todas as tyrannias.

Naquelle tempo, quem não andasse armado, mais facilmente cederia ás aggressões brutaes da canalha e do negro novo, fossem ou não instrumentos de vontades estranhas e que tudo podiam.

« Depois das dez horas da noite, no verão, e das nove no inverno, até á alvorada, ninguem será isento de ser apalpado e corrido pelas patrulhas de policia, e ainda antes desta hora, havendo suspeita, para assim se descobrir o uso de armas defesas, ou instrumentos de abrir portas e roubar casas...

« Ás patrulhas se hão de dar as precisas instrucções, para que se não abuse desta medida,

nem se a adopte para com as pessoas notoriamente conhecidas de probidade.» (\*)

E a Intendencia Geral da Policia mandava affixar editaes, espalhava agentes secretos, soccorria-se de todos os meios para conter essas ondas subterraneas, que succediam-se sinistras, batendo de encontro ás prisões, e rolavam rubras do alto das forcas.

Roubava-se nas ruas e nas estradas, assaltavam-se os domicilios e os transeuntes, assassina-va-se na sombra e ás claras, vivendo a população escolhida e pacifica exposta aos grandes flagellos que a sitiavam.

Ás vezes, lá nas alturas, como uma estrella, ou no profundo dos subterraneos, como uma exhalação de paúl, alguma cousa resplandecia, porém tarde... muito tarde...

Era a candeia do jogo que bruxuleava ; era a vela de carnaúba nas furnas, que avivava e amortecia o lume, deante do vulto do moedeiro falso que delapidava o Estado.

E aquellas noites gemiam, choravam, agonisavam a ouvir-se bem alto : eram as torturas do escravo no tronco e na surra, no supplicio dos *anjinhos* e nos carceres privados.

E nem só choravam e gemiam aquellas noites ! dansavam e cantavam nas nostalgias do Vallon-

---

(\*) Edital da policia de 5 de Janeiro de 1825.

go, nas immundicies dos *depositos* e nos *can-donblés* ignobeis...

Por mais activa e intransigente que fosse a policia, fôra-lhe um impossivel generalisar ordens, nivelar culpados.

A dissolução da Constituinte abriira uma garganta enorme, que ameaçâra sorver a instituição monarchica, e dahi uma sahida franca aos tumultos, ás perseguições, e ás guerras que se prolongaram até muito depois da Regencia.

Os carregamentos de escravos que desembarcavam dos brigues negreiros, cobertos de sarna e de vermes, magros como esqueletos e famintos como abutres, augmentavam ainda o horrendo do quadro desta capital que, além da peste moral que a corroía, tornava-se insalubre e infecta, pela immigração esqualida da Costa d'Africa que lhe chegava sem conta.

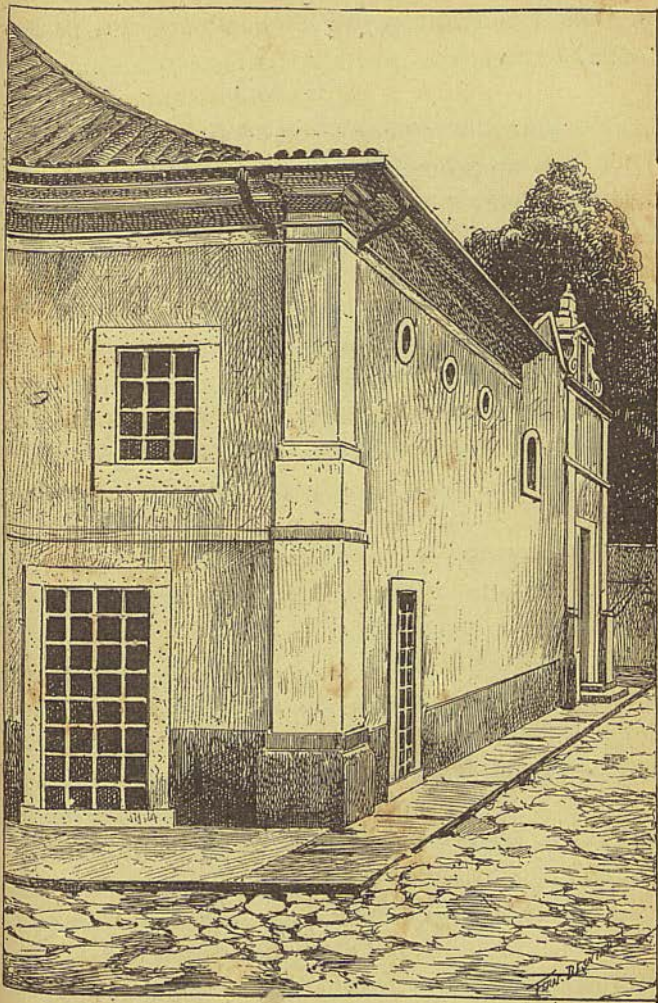
Isto por um lado.

Por outro, o que se via ?

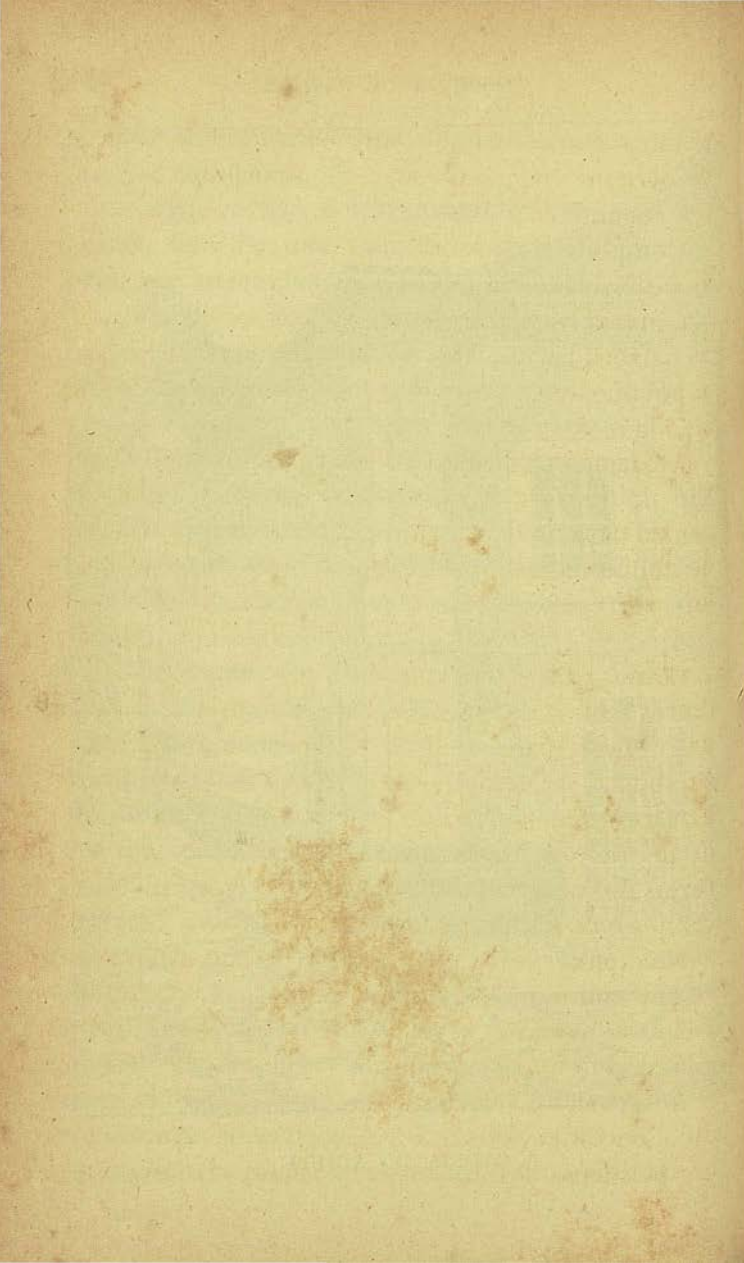
— Os facciosos forjando motins, movimentos de tropa no sul e no norte, reuniões clandestinas dos patriotas perseguidos, novos planos de governo e novas sedições ; -- tudo emfim que antecede ou precede a independencia de um povo, feita á beira de um riacho onde não correu uma gotta de sangue, e testemunhada por um estado-maior que não desembainhara uma espada, nem vira disparar uma peça.

A esta curta phase de nossa existencia social e





A CADEIA DO ALJUBE



politica, o que deixamos dito formava uma especie de cõro de tragedia grega, que no theatro das luctas secundava a accção.

Completo disequilibrio notava-se a cada passo, as desordens publicas não encontravam resistencia invencivel, girando em esphera mais elevada as paixões partidarias, de cuja tocha eram faiscas o poviléo revoltante que ondulava torvo nesta cidade incandescente.

A cadeia do Aljube, mais que qualquer outra prisão do Estado, constituiu-se, naquella época, o centro para onde convergiam as differentes classes de delinquentes que seguiam, após a sentença dos corregedores do crime, o destino ordenado por lei.

Como succedaneos, havia a prisão para as mulheres na ilha de Santa Barbara, a fortaleza da ilha das Cobras, o Arsenal de Marinha, a Ribeira, o calabouço do Castello, a fortaleza de Santa Cruz e outros pontos mais, onde se cumpriam as penas de degredo por toda a vida, de reclusão temporaria, de agoutes, etc., segundo a categoria dos crimes e dos criminosos.

Nas enxovias do Aljube os presos achavam-se em commum : forçados, ladrões, vagabundos, viciosos, assassinos, reincidentes, escravos, iniciados e veteranos em todos os crimes.

Acotovelando-se com estes, mas não se confundido, encontravam-se alli conspiradores, jornalistas politicos, revolucionarios celebres, communi-

caveis ou incommunicaveis na sala livre ou em outros aposentos, geralmente os separando da lama das prisões o carcereiro Silvino, que não deixava de acompanhá-los nas suas idéas politicas e de os tratar com a distincção merecida.

A apparencia da cadeia não podia ser mais singular. Edificio pesado e monstruoso, o lado que deitava para a rua da Prainha era guarnecido de janellas gradeadas de ferro no pavimento terreo, havia uma larga porta com sentinela e guardas, e subindo a ladeira da Conceição, via-se ao alto do muro a pequena janella em fórma de nicho, do oratorio dos supplicandos, á esquerda do portão que dava entrada para a sala livre e carceres especiaes.

De corrente ao pescoço, velhos forçados, ás mais das vezes negros, pediam esmola aos passantes, vendendo, os que estavam por dentro da grade dupla, a escravos e ao povo miudo, varios objectos de chifre por elles fabricados, taes como caixas de rapé, isqueiros, pentes, figas, etc.

As permutas, compras e vendas entre os sentenciados, as quitandeiras e a gente baixa faziam-se vulgarmente, não sendo esse commercio interrompido, porém vigiado em seu exercicio.

De continuo os *libambos* com as gargalheiras de ferro entravam e saham do Aljube, acompanhados de escolta, conduzindo agua em barris afunilados para os presos, ou indo buscal-a na Carioca para as obras publicas e fortificações.

Não era raro ver-se as padiolas e rêdes transportando os açoutados nos pelourinhos, ou os réos politicos seguidos de escolta e povo, os salteadores, de cabeça a premio, capturados pelos espiões, e os soldados recolhendo-se a todas as horas áquelle edificio impassivel e sinistro como o despertar do patibulo.

Á semelhança do chacal que excava o chão profundo dos cadaveres, aquella prisão descia aos subterraneos onde se asyavam a humidade e a prodridão, o machinismo esgarrado da forza e as victimas que a *justiça* supprimia.

Como medida de segurança publica preventiva contra as commoções facciosas que se reproduziam, naquelles carceres immundos, naquelles antros pestilentos innumerados foram os recolhidos.

A liberdade do sul e a liberdade do norte faziam echoar nas abobadas lugubres do Aljube o tinido das correntes que a tyrannia lhes forjara.

Para ellas, aquella prisão era um mar de sangue a atravessar, a estrada onde ao patriota succedia o carrasco, que não representava neste caso um instrumento da lei.

O oratorio dos condemnados á pena capital jámais estava deserto; e a luz daquelle recinto, golfejando pela janella aberta na muralha do sombrio portico, era a lanterna da morte suspensa nas arcarias do mysterio e nas ante-camaras da eternidade.

E que povo tumultúa !...

Quantos bandidos e quantos martyres !...

De onde vêm e para onde vão ?

— Do crime para o patibulo, ou do patibulo para a gloria !

E uma onda quasi secular e espumante de sangue desenrola-se em torno daquella prisão...

Mas a historia é uma ponte. Caminhemos por ella, ao sopro ardente das revoluções e do abysmo !...

## II

Imagine-se que aquelle pharol, ora extincto, que aquella luzerna dos enforcados projecta no passado um clarão resplandecente como a lamina de um cutelo fazendo rolar uma cabeça livida, ou descreve uma ellipse de fogo na atmospherá nocturna daquelles carceres.

E o que vemos entulhando os subterrânos, estendido sobre as barras de ferro, gemendo e sonhando nas horas da provança ou das despedidas da vida ?

Negros de fronte deprimida e de semblante bestial, scelerados de olhar frio e penetrante, vagabundos de physionomia suspeita, e valdevinos dispostos a todos os attentados e a todos os deboches.

Inimigos irreconciliaveis da sociedade, braço armado aos odios e ás revoltas contra a propriedade e o individuo, a sua biographia estava es-

cripta nas notas das matriculas, nos registros da cadeia.

Formando grupos, resvalando nas trévas como phantasmas exparsos aqui e alli, expiam crimes ou cumprem penas, aguardam a sentença do tribunal ou voltam dos açoutes.

Os salteadores de profissão, os bandidos de alta categoria criminal phantasiam o momento do supplicio, o apparatus da forca, o cortejo que os tem de seguir na hora da execução.

Neste numero não entravam os escravos, mas os livres : os malfeitores celebres, os facinoras por indole, que se preparavam para dar exemplos de coragem, de impassibilidade diante da morte, ao lado do carrasco e no centro do quadrado do povo.

Até no crime ha estimulos, e no modo de morrer desejos do sobresahir !

Na historia da prisão do Aljube encontram-se casos do perverso admirar a outro mais perverso, e do justicado da vespera ser propositalmente excedido na sobranceria do momento extremo pelo justicado do dia.

Mas deixemos esse ninho de aves de rapina, de abutres de serras homicidas, de escravos e vagabundos, affeitos a todos os crimes da condição e da raça.

Aproveitando as flechas de fogo que se alongam em zig-zags na noite mais remota desta prisão, comecemos a distinguir as phalanges laureadas

dos martyres da liberdade, que desde 1817 desfilaram resignados e cheios de fé por baixo daquellas arcadas, obscuras como os seus tumulos, mas sempre de pé como a sua memoria.

Para abordarmos o assumpto, para pormos de parte esse exercito de facinorosos opulentado diariamente pelos bandidos que para alli remetia Portugal com destino á Costa d'Africa, é necessario adiantarmos que a rebelião de Pernambuco de 1817 forneceu os primeiros martyres.

Nas praças do Recife já não bastavam as forcas onde justicavam os patriotas, e os postes nas ruas, onde lhes expunham a cabeça e os membros fincados á voragem dos corvos e ao terror da população.

Dos engenhos e do reconcavo eram innumeradas as procissões sacrilegas, formadas pelas tropas legaes, que a mando de Cogominho entravam na cidade com os despojos dos soldados patriotas que encontravam ao acaso.

Desenterravam-se mortos, cuspiam-lhes nas faces; os cadaveres dos republicanos, mutilados, decapitados, eram apresentados por ordem de Rodrigo Lobo á multidão monarchica que exultava de jubilo com a profanação da sepultura do padre João Ribeiro, que foi violada para retirarem-lhe o corpo, reduzil-o a pedaços e ser levado em triumpho na capital barbarizada.

Os ultrajes e as traições constituíam a palavra de ordem, companheiros do assassinato indepen-



dente de fórmulas, do accumululo de victimas que desapareciam entaipadas nos muros do calabouço, ou extravasavam das prisões repletas da provincia nas fortalezas da côrte e no Aljube.

E os tribunaes constituíam-se no Rio de Janeiro, ao passo que a Confederação do Equador enrolava vencida, mas gloriosa, a sua bandeira.

Na lucta pernambucana com os portuguezes, lucta que teve como ideal o prolongamento da guerra dos Mascates e a proclamação da republica, achavam-se envolvidos a maçonaria e a tropa, os senhores de engenho e os padres, a magistratura e os homens de sciencia — tudo quanto a sociedade possuia de elevado e selecto.

Da legião dos martyres, que, coroados de louros e espinhos, passaram sob os arcos da cadeia como por baixo de palmas triumphaes, quem destacamos ao luar do fóco scintillante que brilhará para sempre nos tectos daquella masmorra?

Como se chamavam esses patriotas antigos, para quem a alva do condemnado era uma tunica de neve, e a amnistia o desgosto de viver?

Abramos aquellas portas cerradas e silenciosas, colloquemo-nos á beira daquelles esconderijos e subterraneos, que em 1817, e depois em 1824, foram consagrados pelas vigalias e o supplicio dos martyres das maiores revoluções do Brasil.

Mas a campa dos enforcados sôa á distancia, os rufos de tambores succedem-se perdidos e abafados, e os emissarios do rei approximam-se activos..

E os primeiros avultam, subindo do ventre escuro e mephitico do Aljube.

Quaes os seus nomes e que destino os leva?

Interrogue-se a historia, revolvam-se os archivos, e cada uma d'essas sombras vos contará a lenda de sua fé, transpondo a hora de meia-noite das suas esperanças.

E nos pontos revoltados, onde mais forte as armas dos revolucionarios entrechocavam-se com as do inimigo, a tyrannia fazia espalhar aos quatro ventos o écho desta monstruosa proclamação :

« Habitantes de Pernambuco! Marcham para a comarca das Alagôas bandeiras portuguezas e soldados para as içarem em toda a extensão desta capitania. Todo o habitante de Pernambuco que as não seguir rapidamente, será fusilado. As forças navaes, ora á vista em bloqueio do porto, têm ordem para arrasar a cidade e passar tudo á espada, se immediatamente não forem instauradas as leis de Sua Magestade Fidelissima El-Rei Nosso Senhor. Nenhuma negociação será attendida sem que preceda, como preliminar, a entrega dos chefes da revolta a bordo, ou a certeza de sua morte, ficando na intelligencia de que a todos é licito atirar-lhes á espingarda, como a bandidos. »

### III

Sem distincção de classes, sem differenciação possivel, ao lado do malfeitor estava o réo politico.

Na tarima commum, na barra dos scelerados,

muitas vezes a pata esmagadora dos pesadelos inquietava, atordoando o somno do perverso, o sonhar calmo e estrellado dos martyres da liberdade.

Era um horror a noite naquellas prisões, naquella cloaca em que as exalações pestilentas dos chifres podres, que serviam para o trabalho dos forçados, misturavam-se com o fumo dos morrões de azeite de peixe e com o odor da gangrena que corroía as nadegas dos escravos, em consequencia das surras.

A sala livre e os aposentos dos incommunicaveis tornavam-se insufficientes para as grandes levas que recebia o Aljube, que em Novembro de 1817, continha 326 presos, entre galés e detentos.

Os que iam morrer de morte natural no patibulo, na generalidade ladrões e escravos, achavam-se aos quatro e cinco no oratorio, exhortados por um franciscano que lhes fallava de arrependimento e da misericordia de Deus.

Renovadas de continuo aquellas ondas torvas, illuminadas pelo clarão de uma lampada immortal as fronte dos revolucionarios, o portão e as enxovias da cadeia franqueavam-se de novo, com fome e sêde de vingança.

E o monstro, de gargalheira ao pescoço, de flanco arreado, qual uma esphinge, em baixo da ladeira da Conceição, era uma garganta escancarada ao animo soluto dos patriotas, devendo

ser apenas um estomago para digerir as podridões sociaes.

Com os olhos de lampeões vermelhos e baços, a cadeia do Aljube, como em um lençol de sombras, via projectar-se em suas muralhas sinistras as scenas horripilantes e funebres que tinham por theatro os porões immundos do brigade *Mercurio*, depois da bacchanal de odios dos realistas que escarneciam dos martyres nas ruas do Recife.

Primeiramente, levantando o olhar vesgo, o monstro descobria ao longo dos muros exteriores os vultos de Caneca e de seus companheiros, com as cabeças descobertas, acorrentados, escoltados, precedidos de bandas de musica militar, desfilando em procissão pelas principaes ruas da cidade pernambucana.

Em seguida, ás ondulações indecisas de ligeiras velas, as enxovias de bordo, as prisões do *Mercurio* que os asylavam, e onde, de machos aos pés, de ferro ao pescoço e chumbados ás taboas alcatroadas do pavimento, soffriam as affrontas e a sêde, a chibata das sentinelas, á mingua de rações.

E o monstro lambia as patas fulvas, meneava a cauda, estirava-se de contente e rugia, farejando a presa.

Mas a presa escapou-lhe da garra de abutre, da maxilla de ferro que tinia...

Dessa época a 1825, ha um intermedio historico do qual o contra-regra é o carcereiro.

Os personagens que nelle figuram definem pre-

cisamente a physionomia, a condição dos individuos e do meio, contribuindo com largueza para o estudo da criminalidade em certo e determinado periodo de nossa concretisação social e transformação politica.

Nas matriculas da cadeia, o que de prompto resalta é que, de 1819 a 1824, os que mais avultavam na estatistica das prisões eram assassinos, presos sem declaração de crime e escravos.

Depois destes havia os detentos por ordem de Sua Magestade o imperador, que entravam e sahiam das penitenciarias sem nota de culpa.

Desde que assumiu a Intendencia Geral de Policia o conselheiro Antonio Luiz Pereira da Cunha, em Fevereiro de 1821, até occupar o mesmo cargo Antonio Correia Picanço, em 1825, é o que se nota, revelando esse facto, um estado todo particular desta população, que vivia á mercê do despotismo, dos malfeitores e da pressão, ás mais das vezes injusta, do infeliz escravo.

Não obstante, um ou outro nome distincto apparecia na pauta negra dos desclassificados, o que nos faz crer na rectidão por parte dos magistrados incumbidos da guarda da lei.

E os delinquentes em turma, esses miseraveis que travavam incessante duello com a justiça, povoavam os compartimentos mais desaffrontados, ou desapareciam ás vistas, nas profundezas obscuras, nos esconderijos, nos subterraneos onde, acorados em fileiras, esgueirando-se tremulos,

deitados na terra, eram roídos aos poucos pelos bichos da sarna, os vermes das enxovias e as moscas.

De corrente e ferro ao pescoço, ligados uns aos outros, os forçados caminhavam suspendendo a segunda corrente, que lhes descia da cinta ao pé descalço, constituindo-se em *libambos*.

As prisões do Aljube chegavam de varios pontos do Brasil réos de todos os crimes. Até 1821, com certesa, ahi recolhiam-se igualmente os degradados do Reino, com destino a Moçambique e Angola.

Prendia-se á ordem do imperador, dos ministros, do general, dos corregedores do crime, de muitas outras autoridades, e as penas cumpriam-se ahi, nas fortalezas, no Arsenal de Marinha, em Santa Barbara e mais presidios.

Os condemnados a galés perpetuas seguiam especialmente para o Arsenal de Marinha; os de pena ultima permaneciam na cadeia, indo em seguida para o oratorio; e os que soffriam castigos corporaes ou penas insignificantes não eram enviados para as demais prisões.

As negras, accusadas de assassinato e julgadas pelos tribunaes, cumpriam sentença em Santa Barbara ou na Ribeira, bem como a crioula Brigida, escrava de Silvino Delgado, que, vindo presa de Rezende, recolheu-se após a decisão dos juizes áquelle presidio, com a pena de degredo por toda a vida.

A cadeia do Aljube era uma prisão civil e militar; ás vezes encontravam-se no oratorio paisanos e soldados, sendo entregues estes, depois dos tres dias de condemnado, aos commandantes de corpos, para se executarem militarmente as sentenças.

Ao numero elevadissimo dos presos que regorgitavam nos carceres juntavam-se os ciganos, que, no livro das matriculas, estavam especificados.

Em 16 de Janeiro de 1823, por exemplo, á ordem do corregedor do crime, foram recolhidos ao Aljube quarenta e tres ciganos, chegados de Campos, dos quaes dez foram cumprir sentença no Arsenal de Marinha, e os outros soltos por alvará de 10 de Maio seguinte.

Sem mais explicações, consta dos livros que Sua Magestade o imperador, por intermedio da Intendencia de policia, fazia embarcar para Lisboa muitos presos, entre os quaes um Francisco de Azevedo Faria, em 3 de Fevereiro de 1823.

Este preso, Manoel José Rodrigues, e em geral os que se recebiam com a declaração acima, traziam á margem das matriculas a nota — incomunicavel — o que convida sériamente a pensar.

De seu destino não encontramos a mais rapida noticia, nem mesmo a causa ou o motivo de tal violencia.

Com a nota de — fugiu da cadeia, fugiu da corrente — o que dá idéa de suppressão, havia muitissimos presos, livres e escravos, criminosos e sem

designação de crime, em todos os tempos dessa tradicional masmorra.

Sobre o caudilho argentino André Ortigas, derrotado em S. Borja pelo Barão do Serro Largo, existe esta nota, que reproduzimos do registro: « Veiu preso á ordem do general das armas em 14 de Novembro de 1819, chegado de Porto Alegre, André Ortigas, no bergantim *Catharina*, de que é mestre Antonio Joaquim Pinto ; recommendado a segredo por ordem do dito senhor, dada pelo major do dia, e conduzido pelo tenente de cavallaria Feliciano Pires de Almeida. Foi entregue em 15 de Novembro ao forriell Luiz Antonio Correia, na fórmula do officio da mesna data, no que se passou recibo. »

. . . . .

Mas os tempos caminham ; a luz fatidica dos enforcados golfeja á meia-noute um rasto de sangue ; a sentinela da cadeia brada : « quem vem lá ? » ao mais leve tropel ; e no oratorio do Aljube acham-se nas derradeiras modorras os seguintes condemnados, que a forza reclama :

José Maria da Silva, homem branco, removido da fortaleza da ilha das Cobras ; Manoel Maria, preto, escravo de J. Caldeira ; José Fernandes, soldado da guarda de policia, que ia ser arcabuzado ; Manoel Rebolo, Domingos Cabundá e José Moçambique, escravos do padre Antonio Valentim. »



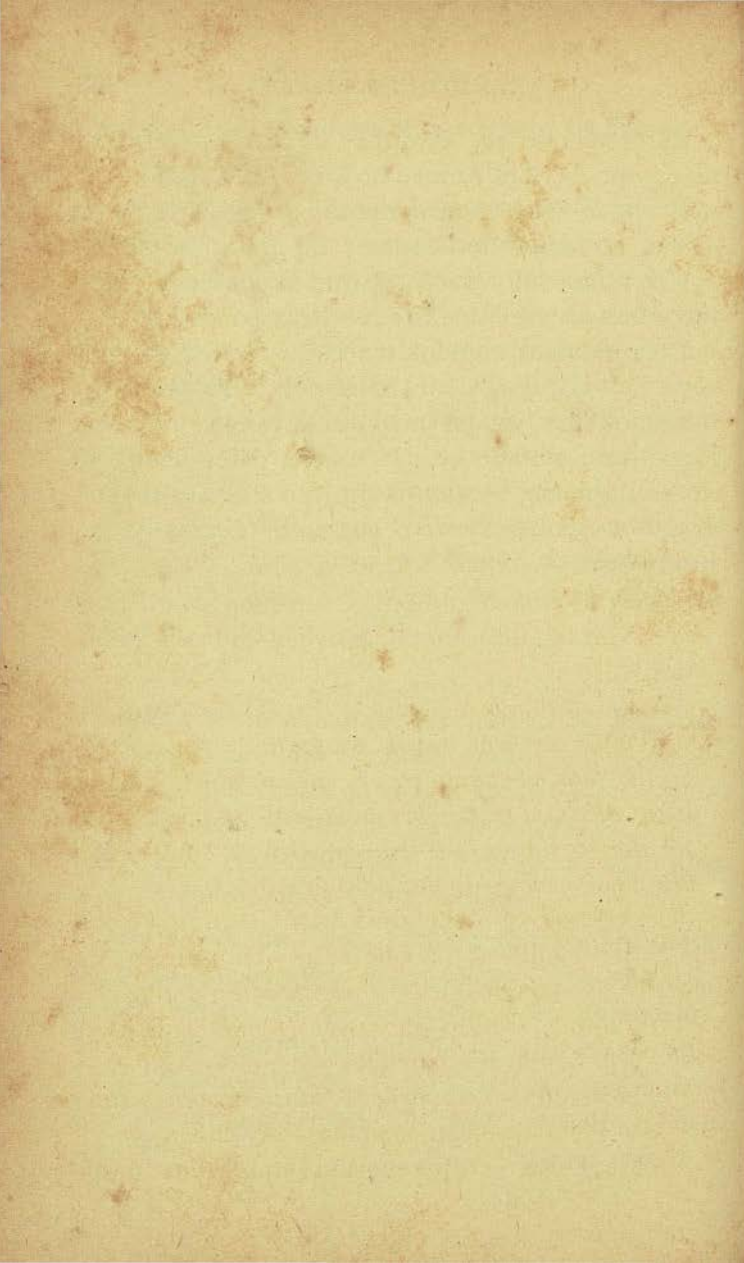
Enforcava-se na Prainha, no largo de Moura, no campo de Sant'Anna e no largo do Capim.

Fusilava-se, ordinariamente, na praia de Santa Luzia, no largo de Moura e na praia Vermelha.

Não temos informação de que as sentenças militares fossem executadas em outras paragens.

Depois desses rapidos traços historicos das prisões do Aljube, e de fallarmos a respeito dos bandidos que jaziam nos subterraneos ou eram levados ao matadouro das praças pelos sacrificadores publicos, corramos um véo sobre os mysterios dos esconderijos e o horrendo dessas jaulas humanas.

---



## XI

# O SETE DE ABRIL

O Natal de 1830 affirmou para o Brasil um periodo de acontecimentos funestos, que deram em resultado uma conclusão planejada em longas vigílias.

A grandeza heroica de Pedro I, na altura das aspirações de dois povos, agigantava-se ás vistas dos liberaes portuguezes e hespanhoes, que sonhavam com a união dos dois estados, para o que o primeiró imperador lhes parecia a individualidade necessaria talhada pelo destino.

Em meiado de Dezembro daquelle anno, achando-se em Londres o conselheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, José da Silva Carvalho o convidou para uma reunião secreta em sua casa, onde haviam sido lançadas as bases da convenção com o imperador, afim de que abandonasse o Brasil e seguisse para Portugal.

Nessa noite compareceram emigrados hespa-

nhoes e portuguezes, sendo um delles o padre Marcos.

José da Silva Carvalho, amigo de Drummond desde 1824, quando ambos emigraram para Londres e depois para Pariz, communicou-lhe o negocio, dizendo que, em presença das occurrencias de Portugal, subjugado em sua liberdade pelo despotismo, convinha a todo o transe pôr á frente dos negocios publicos D. Pedro I, rei capaz de de manejar imperios e de governar poderoso a sorte de uma revolução.

Proseguindo, adiantou que contavam com o apoio dos liberaes brasileiros, que se achavam em correspondencia com o imperador por intermedio de Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto, exhibindo nesse momento uma carta de D. Pedro escripta ao Chalaça sobre o assumpto, carta vacillante, mas que foi rebatida pelas considerações dirigidas de Londres, que envolviam a garantia para elle do throno da Peninsula.

Francisco Gomes da Silva e João da Rocha Pinto, acceitando na integra o projecto, luctaram ainda contra um resto de escrupulo do imperador em desgostar aos brasileiros.

Moço e entusiasta, alma sedenta de ambições e de glorias cavalheirescas, D. Pedro escreveu de novo para a Inglaterra, declarando finalmente que só deixaria o Brasil se alguma demonstração violenta a isso o levasse.

De Pariz, Drummond expediu uma carta a José

Bonifacio contando-lhe o que se havia passado, porém infelizmente essa communicação chegou depois do dia 7 de Abril.

Na sessão da camara dos deputados, que teve lugar após a abdicção (1), o illustre paulista a ella se referiu, demonstrando que os falsos amigos de

(1) Nos *Annaes do Parlamento Brasileiro*, Sessão em 10 de Setembro de 1831, lê-se :

« O. Sr. ANDRADA E SILVA disse que nas actuaes  
« circumstancias em que se achava o nosso paiz, jul-  
« gava ser uma das cousas mais importantes para a  
« sua tranquillidade e prosperidade, que a repartição  
« dos negocios estrangeiros tivesse homens abalisados  
« em algumas partes da Europa, que entrettenham  
« relações, ainda que sejam officiaes, com pessoas  
« residentes em outros pontos, afim de saberem das  
« disposições da Europa sobre cousas que nos pudessem  
« dizer respeito, principalmente depois da abdicção  
« do ex-imperador e de sua chegada á França e Ingla-  
« terra, pois constava ao nobre orador que de longo  
« tempo existia na Europa um club debaixo da deno-  
« minação de — Hispano-Luzo — o qual ha longo tempo  
« tambem trabalhava por arrancar daqui o ex-impe-  
« rador e destruir a tranquillidade interna e a ordem  
« deste paiz; e que com o fim de levar D. Pedro de Al-  
« cantara a qualquer parte que fosse fóra do Brasil,  
« tinha figurado que convinha a seus planos politicos,  
« que D. Pedro de Alcantara fosse servir de cabeça de  
« páo para se pôr á testa da peninsula, afim de recon-  
« quistar depois a America Hespanhola e o Brasil,  
« vistas tão gigantescas que faziam rir, mas nem  
« tudo o que causa riso convinha que fosse desprezado.  
« Acrescentou que lhe constava pela Allemanha,  
« que havia plano de fazer reunir as coróas de Por-  
« tugal e Hespanha na cabeça do ex-imperador, para  
« que as forças reunidas destas duas nações pudessem  
« subministrar meios sufficientes para reduzir outra  
« vez ao estado de colonia as nossas provincias e os  
« estados americanos, nossos visinhos, plano que con-  
« stava ao nobre orador por mais de uma via, e como

Pedro I o fizeram praticar um acto de precipitação inaudita e de grande damno para o paiz.

« amante de sua patria não podia deixar de fazer todas  
« estas declarações para arredar taes calamidades do  
« seu paiz.

« Continuou, que lhe constava que á testa deste  
« pártido — Hispano-Luzo — se achavam homens per-  
« versos, que em outro tempo haviam machinado a  
« nossa desgraça, e que, finalmente, poderiam arrastar  
« o ex-imperador para que entrasse em suas vistas,  
« attenta a facilidade com que o ex-imperador podia  
« ser movido, o sêr inexperto e falto de constancia  
« como era por todos reconhecido ; que, sendo assim,  
« era facil que alguma das nossas provincias viesse a  
« ser presa, ou ao menos nos dêsse alguma inquiete-  
« tação, e para a prevenir era necessario que se sou-  
« besse este negocio a fundo quanto antes, sendo isto  
« objecto capital que elle orador pedia ao Sr. ministro  
« que tivesse em vista, para que tenhamos em Londres,  
« em França e no norte da Allemanha homens que nos  
« indicassem o que por lá se passava, pois muitas  
« vezes em uma pequena côrte se sabia mais do que  
« nas grandes, por ser do interesse daquellas o pôrem-  
« se a salvo de qualquer surpresa destas, porquanto  
« disso dependia a sua conservação; por essa razão  
« acontecia muitas vezes que os agentes das pequenas  
« côrtes da Europa sabiam mais da politica tenebrosa  
« das grandes potencias, principalmente de uma sobre  
« a qual convinha ter olho muito vivo, porque a sua  
« tão proclamada — não intervenção — não passava  
« de uma chimera, pois talvez quizesse fazer desgra-  
« çado o nosso bello paiz, excitando nelle commoções  
« e desordens internas para seus fins occultos; por-  
« quanto, se todos os homens de probidade preferiam  
« a boa fé ao interesse, não succedia assim aos gabi-  
« netes que eram sómente movidos pelo interesse;  
« seguindo-se daqui que todo o diplomata que partir  
« de principios baseados na fé das nações se havia de  
« achar illudido.

« Declarou que podia estar enganado, mas diria  
« francamente que lhe constava mais que se urdia uma  
« liga entre Corrientes, Entre-Rios e a nova Republica

E desde a correspondencia de Carvalho e dos emigrados até á chegada ao Rio de Janeiro do embaixador portuguez Barreto Feio, incumbido de occulta missão, o imperador D. Pedro transformou-se, provocando acintosamente a revolta nacional.

Os acontecimentos de 13, 14 e 15 de Março, portanto, cabem de tal modo nas dimensões deste quadro, que deixam bastante espaço ás consequências dos luctuosos dias dos conflictos publicos que seguiram direito ao 7 de Abril.

« do Uruguay, para corromper o espirito dos habitantes  
« do Rio Grande do Sul, afim de se reunir a provincia  
« áquelles Estados, e constava mais ao nobre orador  
« que esta liga ia muito adiantada, razão por que lem-  
« brava ao Sr. ministro a necessidade de termos homens  
« capazes em Montevidéo e Buenos-Ayres.

« Tambem julgou necessario que tivessemos um  
« diplomata habil na America do Norte, e concordando  
« com o Sr. Montezuma na parte de seu discurso em  
« que affirmara que o gabinete dos Estados-Unidos  
« era o mais astucioso e interesseiro do mundo,  
« avançou que era innegavel possuir diplomatas da  
« maior capacidade, principalmente para a politica  
« da Europa.

« Outro ponto em que considerava tambem neces-  
« saria a residencia de um emissario nosso habil, era  
« o de Bolivia, podendo esse homem ter relações no  
« Perú, pois convinha muito vigiar a importantissima  
« provincia de Matto-Grosso, para que não houvesse  
« de reunir-se á Bolivia, como elle orador receiava á  
« vista de noticias que tinha.

« Concluiu pedindo ao Sr. ministro que puzesse  
« todo o cuidado, sobretudo nas circumstancias actuaes,  
« na politica da Europa, America do Sul e Estados-  
« Unidos, a este respeito, e fazendo ver que não era  
« com economias pueris que o Brasil seria grande; que  
« verdade era que o Brasil se achava em commoções,

Em 17 de Março, alguns deputados expondo ao imperador os insultos feitos ao povo pelo partido lusitano, occasionaram a demissão de quatro ministros, ficando constituido o gabinete unicamente por nacionaes.

Os brasileiros, porém, que não podiam mais tolerar o partido recolonizador, tudo esperavam da camara temporaria, que se conservou tumultuaria, enquanto que os patriotas unidos convocavam assembléas, enfeitavam-se com os laços das cores nacionaes, o que significava adhesão e resistencia contra os portuguezes.

Depois do baile de 4 de Abril, em que o ministerio fez ostentação da força armada com que podia contar, aggravando ainda mais as circumstancias melindrosas do momento, o imperador, convocando os seus intimos, resolveu apelar o ministerio, ficando substituido por outro composto de individuos a quem a opinião publica indigitava como restauradores intransigentes.

Logico comsigo mesmo, de acôrdo com a resolução tomada, D. Pedro dominava o extraordinario dos successos, fazendo crescer a semen-

« mas querendo Deus em pouco tempo acabariam, tudo  
« tornaria ao estado de tranquillidade e o Brasil cheio  
« de recursos, grande e poderoso não teria que invejar  
« nação alguma do mundo, sendo este o motivo por  
« que em negocio de tanto momento não podia votar  
« por economias que podiam comprometter a segurança  
« da nação, estando certo o nobre orador, que quem  
« tivesse alma tão acanhada que assim obrasse, não  
« podia ter coração brasileiro. »



teira de odios, que fariam vigorosamente realizar os seus projectos.

Circulando na manhã de 6 a noticia da organização do novo gabinete, o povo amotinou-se, declarando-lhe guerra sem refugio e sem treguas.

Desde esse dia o imperador, apprehensivo e receioso, fizera cercar de tropa o palacio de S. Christovão, por isso que o povo, suppondo-se ludibriado, não tardaria talvez a pedir-lhe contas da dissolução da camara, da suppressão de garantias — factos de data recente — e por ultimo o golpe de estado, o menos que tinha d'elle a esperar.

Os fluminenses então, sahindo de sua habitual tolerancia, prepararam-se para a lucta, correndo ás armas, a fim de salvar o Brasil de um abysmo mais que provavel.

O povo armado correu aos quarteis do largo de Moura e do campo de Sant' Anna, de onde á tarde começou a desfilar com os batalhões.

Apezar da exaltação dos animos, nenhum accidente lamentavel perturbou a serenidade resoluta da tropa e do povo, que enviou a palacio os seus juizes de paz, pedindo, exigindo mesmo a demissão do ministerio recente e a convocação do anteriormente demittido.

O exercito, de mãos dadas com os patriotas, mandou tambem o seu general entender-se com D. Pedro I, que o recebeu mal, dizendo-lhe que se fosse unir aos seus companheiros de armas.

Apparentemente vencido, no seu palacio e com

os seus conselheiros, abrindo uma valvula á sua sahida, demittiu o ministerio como pedia o povo e a tropa, e ás duas horas da madrugada de 7 de Abril lavrou, sobre uma pequena mesa redonda da ante-sala, e ao lado do Marquez de Inhambupe, o seguinte decreto :

« Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu muito amado e prezado filho o Sr. D. Pedro II.

« Boa-Vista, 7 de Abril de 1831, 10.º da Independencia e do Imperio. — *Pedro.* »

O imperador, ás 7 horas da manhã, já se achava com as suas bagagens á bordo do navio inglez *Warspit*. Acompanhavam-o a imperatriz e sua filha D. Maria da Gloria.

As tres horas da madrugada de 7 de Abril de 1831 o decreto selemne foi proclamado no campo de Sant'Anna entre vivas calorosos das multidões que se libertavam do despotismo.

No paço do senado achando-se ás dez horas reunidos os representantes da nação, procedeu-se á nomeação de uma regencia provisoria, que não se ajustava ao artigo da Constituição por não haver ministerio.

Foram escolhidos o Marquez de Caravellas, o Brigadeiro Francisco de Lima e Silva e Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro.

Fomentando as intrigas, os designios politicos e as ambições na Europa, a Inglaterra intervinha

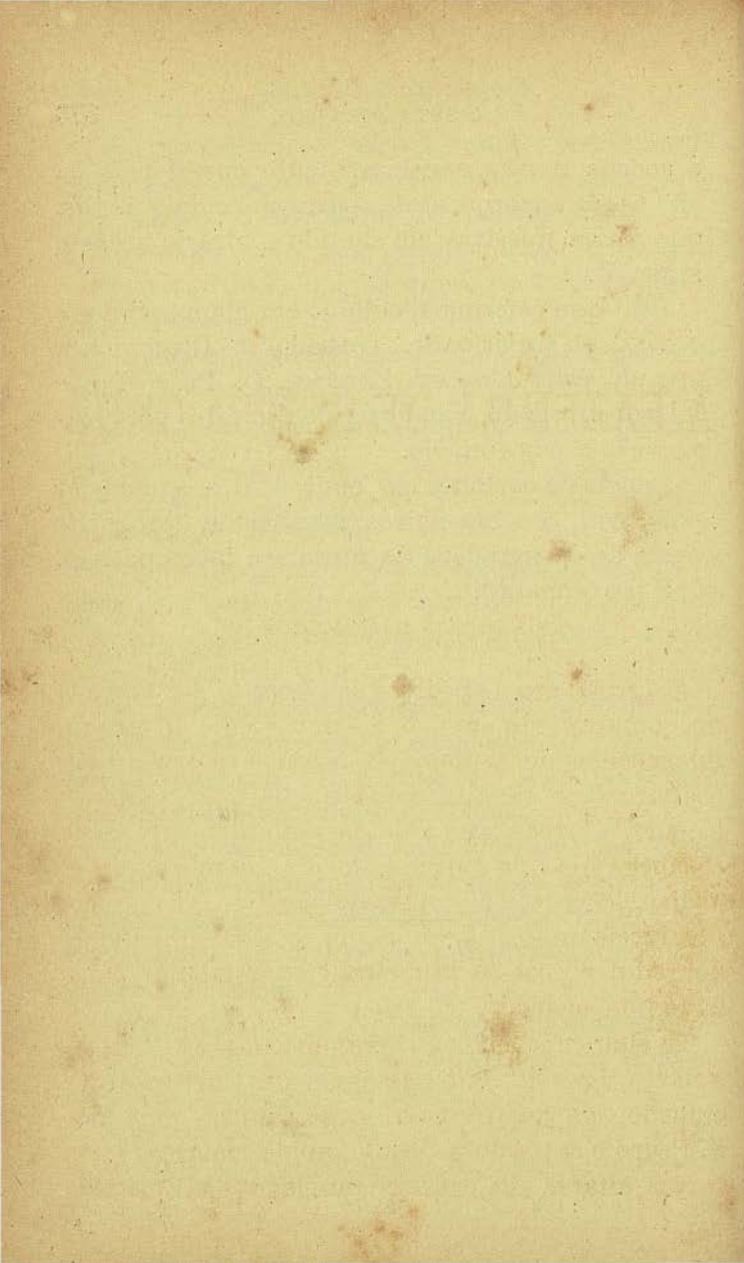
á socapa nesses negocios, tanto que depois da abdicção ancorou nesta barra um navio inglez que trazia missivas em sentido contrario ao acto imperial.

Pelo que referimos, colhido em manuscriptos e ouvido do proprio Sr. conselheiro Drummond, quando estivemos em Londres, D. Pedro I não foi constringido a abdicar, porém fel-o por provocação e por vontade.

Depois de certo tempo, em todo o seu proceder para com os brasileiros manifestou proposito firme de desagradar, de tornar-se incompativel.

E isso conseguiu.

---



## XII

# A FAZENDA DE SANTA CRUZ

### I

#### A IGREJA DA FAZENDA

A Igreja era de pedra e cal, com 11 1/2 braças de comprimento em toda a extensão e 4 de largo, guarnecidas de azulejos as paredes internas até á altura de 8 palmos, com capella-mór, pulpito e côro, e tres grades de jacarandá torneadas; a saber : uma na entrada da capella-mór, outra abaixo do cruzeiro e outra no côro.

A igreja tinha altar-mór com retabulo pintado e dourado, e dois no cruzeiro, com retabulos pintados, de ebano.

No altar-mór havia um grande painel de Christo e Santo Ignacio, uma imagem de Christo crucificado, de quatro palmos de altura, uma de S. Pedro e outra de S. Paulo, ainda maiores.

Nos altares do cruzeiro, ao lado da Epistola

e do Evangelho, existiam differentes imagens de tamanho natural ou menores.

Doze paineis, dos doze Apostolos, guarneciam o corpo da igreja, com molduras de páo pintadas de encarnado, alguns já estragados ou rotos.

A sacristia por traz da capella-mór era ampla, circulada de azulejos, e adornada de imagens e mais objectos pertencentes ao culto, porém de nenhum valor historico.

A custodia, os calices, as ambulas, os thuribulos e tudo que servia nos officios divinos, eram de ouro ou prata, inclusive quatro varas que os escravos da fazenda mandaram fazer para o uso dos juizes de suas irmandades.

O arrolamento das alfaias, da prataria, das pedras preciosas e do ouro occupa dez paginas.

O bronze, o cobre e outros metaes vêm logo após, enchendo duas laudas do soberbo documento.

## II

### A CASA DE VIVENDA

Os jesuitas, na fazenda de Santa Cruz, habitavam uma casa em fórma de convento.

Construcção de pedra e cal até ao vigamento do sobrado e, d'ahi para cima com portaes de tijolo; no centro do pavimento terreo abria-se o claustro coroado por uma extensa varanda assentada sobre arcos e de estylo caracteristico.

Ao fundo dessa galeria aerea achavam-se officinas montadas, interrompendo de espaço a espaço a muralha branca, negras e pequenas portas, ao alto das quaes destacavam-se suspensas cruces de madeira, pintadas de preto — as cellas dos padres.

O inventario dos moveis e objectos encontrados nesses cubiculos constitue o catalogo de um museu de raridades, sob o ponto de vista artistico e archeologico.

Cadeiras de couro, commodas, leitos, mesas e estantes, tudo de madeiras nacionaes ou de cunho antiquissimo, distribuiam-se com profusão, sendo numerosas as imagens de ouro, prata e marfim dos oratorios, os relicarios de ouro esmaltado e outros repositorios de reliquias, encontrados em alguns aposentos.

Bussolas de missionario, paramentos de cores vivissimas e livros de sciencia e religião occupavam moveis especiaes, o que vem com a maior ordem especificado, arrolado.

### III

#### HOSPITAL E BOTICA

Em uma casa de pilares e frontaes de tijolo, coberta de telhas, com 15 braças de comprimento e 4 de largo, achava-se estabelecido o hospital dos escravos.

Uma separação ao meio dividia da enfermaria dos homens a das mulheres.

Para a casa immediata, occupada pela cozinha e a botica, praticava-se por um corredor ; havendo mais além uma terceira casa de 8 1/2 braças de longo e 3 de largo, telhada, que em caso de necessidade servia tambem para hospital.

Esta, pelo que se collige do inventario da fazenda, era situada entre a casa de vivenda dos jesuitas e o grande hospital acima referido.

Essa especie de ambulancia intermediaria tinha 46 leitos de madeira commum, sendo dez de lastro de couro e os mais de tabuas.

Nas enfermarias encontravam-se bancos compridos e pequenas mesas, armarios e bancos portateis, cujo numero variava.

O arsenal cirurgico e os preparados pharmaceuticos reunidos na botica, avultavam em profusão, sendo para a chronica de interesse nullo.

#### IV

##### A CASA DE FARINHA

Reedificada sobre as ruinas da antiga, a nova casa de farinha começava a levantar-se com pilares de pedra e cal, já com algumas portas e robusto vigamento, na epoca em que foram supprimidos os jesuitas.



Como pertenças indica o inventario dois engenhos de madeira com quatro rodas chapeadas de cobre, duas rodas de mão chapeadas e promptas, duas prensas de lagar, cochos de madeira para o serviço da fabrica, seis fornos de cozer farinha e bacias de cobre pesando quatro arrobas e vinte libras.

Os engenhos eram movidos por animaes adestrados, o que não se tornava indifferente á cifra da avaliação.

## V

## OFFICINAS, CARCERE E VIVENDA

Em uma casa de adobes, coberta de telhas, com 4 braças escassas de frente e de fundo consistia o edificio da ferraria, no qual existiam bigornas, martellos e muitissimos outros objectos apresentados.

De distancia em distancia, nas immediações, havia mais outras casas, d'entre ellas uma de pedra e cal, um pouco arruinada, que servia de prisão ou carcere para escravos, e nas proximidades a pitoresca habitação, igualmente de adobes, do administrador da fazenda.

Este lance terminava por um alpendre coberto de telhas, aberto pelos lados, com 6 braças de comprimento e 3 1/2 de largo — a carpintaria.

## VI

## SENZALAS E CURRAL

No denominado *bairro da Pacotiba*, ao lado direito da casa de vivenda dos reverendos padres, alinhavam-se 126 senzalas de escravos.

Para mais clareza do publico instrumento, delle consta que 70 eram de adobes, 35 de páo a pique, accrescentando-se a essas habitações, de tectos de palha, parte de duas casas no mesmo correr.

No *bairro da Limeira*, que demorava á esquerda, existiam 106 senzalas, sendo 70 de adobes e 36 de páo a pique.

O curral da fazenda não ficava distante ; construcção do mesmo genero, differia das outras por ser coberta de telhas.

Ahi contava-se o gado, e no telheiro contiguo beneficiavam-se os couros, que eram em seguida arrumados no armazem.

## VII

## A OLARIA E O ARMAZEM

A olaria era uma vastissima casa de pilares e frontaes de tijolo, em fórma de cruz latina, telhava, medindo 37 braças de comprimento e 103 palmos de largura.

O que consta do inventario é que nessa immensa fabrica existiam e foram arrolados 8 grades de

fazer telhas, 5 rodas de fazer louça, 8 bancos de diversos tamanhos em que se preparavam telhas, 4 fôrmas de lançar telhas, 32 grades de fabricar tijolos de diferentes bitolas, 18 ditas, quadradas, 10 fôrmas de adobes e 5 de fazer louça.

Entre as senzalas de baixo, chamadas da *Limeira*, levantava-se uma outra edificação um tanto arruinada, o armazem.

De dimensões embora consideraveis, deixamos não obstante de reproduzil-as, porque em nada adeantam a orientação da chronica.

Muito ainda nos restando a dizer, aproveitemos o tempo, passemos adiante.

## VIII

### MAIS OFFICINAS E VARIAS FERRAMENTAS

Os opulentos e primitivos fazendeiros de Santa Cruz aproveitavam todas as aptidões, todas as forças, a bem de sua ordem ; dahi o grande prestigio, a riqueza, o dominio absoluto da Companhia de Jesus durante perto de tres seculos.

No Brasil, como em todo o mundo, este preceito de sua *Monita* constituia um dogma, um ponto de fé, sempre servido por obediencia inquebrantavel.

E o nosso dizer é confirmado mais uma vez pelo inventario da fazenda de Santa Cruz, do qual se depreheende que aquella meia duzia de padres valia por gerações de nossos retrogradados fazen-

deiros, que nunca utilisaram os negros senão brutalmente, na plantação exclusiva da canna e do café, sacrificando-os nos serões, nas surras e no eito.

Este costume, geralmente seguido, não partiu dos jesuitas, que cultivavam as vocações de seus escravos, consultavam-lhes disposições pessoais, applicando-os não sómente á agricultura, mas ás artes e officios.

Assim, na lista que temos presente, inventariaram-se ferramentas de canteiro, pedreiro, cavouqueiro, torneiro, etc., que representavam outras tantas officinas regulares e convenientemente montadas.

A enumeração desses utensilios é tamanha que não nos animamos a reproduzir.

## IX

### OS ESCRAVOS

Não sabemos se por motivo de cruzamento de raças ou de desmedida ambição, costumavam os jesuitas a fazer casamentos de indios com africanas em suas propriedades ruraes.

Nas fazendas de Santa Cruz e S. Christovão, esses factos eram communs, resultando-lhes disso o indio sujeito e a prole escrava.

Deste modo vinculado o indigena á negra da Costa d'Africa, as familias formavam-se, arregi-

mentavam-se em suas lavouras, progredindo com ellas a escravidão.

Assim constituida a servidão da gleba para com o indio, era este um escravo dos senhores das terras.

Bastantes provas disso resaltam do inventario, o que não nos fez especie.

Entre as 430 familias de que se compunha a escravatura de Santa Cruz, havia poucos viuvos e alguns solteiros, mas que deviam casar, como, por exemplo, a familia n. 3, que comprehendia os seguintes membros :Manoel da Paixão, casado, com 67 annos, feitor; Cecilia Vieira, com 60 annos; José Divino, filho, *desertor*; Francisca Martins, filha, 24 annos; Joaquina Ferreira, filha, 21 annos; Marianna Teixeira, filha, 18 annos; José da Cruz, 26 annos, *desertor*; Domingos Gonçalves, neto, 3 annos; Bernardina de Jesus, neta, 3 annos e sete mezes; Ignacia Maria, neta, 2 annos.

Dest'arte agrupadas, admiravelmente disciplinadas, as familias avultavam pelo crecido de individuos de que se compunham, bem como a 103, que tinha dez pessoas; a 241, nove; a 308, quinze, etc., havendo nellas praticantes de cirurgia, ourives, musicos e santeiros, que trabalhavam igualmente para o engrandecimento da ordem.

Que differença da administração dos padres da Companhia para o que se dava em nossas fazendas até antes da lei de 13 de Maio!

Os escravos existentes em Santa Cruz e todos

os mais que se achavam fóra, no serviço dos esquadrões, do Trem e das fortificações, excediam de 1,518, unicos lançados no registro geral do inventario, que não contemplava os fugidos.

## X

## CURRAES DE GADO

Os curraes eram multiplos.

Cada um tinha o nome de um santo, e, por excepção, outros.

A casa de páo a pique dos vaqueiros existia em todos, vindo á margem da indicação nominal o numero de cabeças de gado pertencente a cada curral.

Achamos curiosas as denominações, em perfeita harmonia com a profissão religiosa dos proprietarios.

Chamavam-se os curraes : — de Santa Cruz, da Conceição, de S. José, de S. Luiz, de S. Paulo, de S. Marcos, de Santa Luzia, de Santo Agostinho, de S. Francisco Xavier, de S. João Baptista, de Santo Antonio, da Trindade, de Todos os Santos, e de S. Miguel; e os de nomes profanos, o da Pombeba, o do Capão d'Aldeia e o do Campo de Mayança.

A somma total do gado, por elles distribuido, montava a 4.054 cabeças, não incluindo crias e bois de carro.

## XI

## FABRICA DE FARINHA

Esta fabrica, de 28 braças de comprimento e 6 de largo, coberta de telhas, e com paredes de páo a pique, tinha como dependencia um armazem de igual construcção, soalhado de madeira.

Para ralar mandioca, assentava-se na fabrica um engenho de madeira, com as ferragens indispensaveis, bolandeiras, rodas chapeadas de cobre, e o rodete que as punha em movimento.

A julgar-se pelos accessorios dados a inventario, a farinha que ahi se fazia era em quantidade elevadissima.

## XII

## FABRICA DE ASSUCAR EM PIAHY

Este edificio, ainda não concluido, era todo de pedra e cal, com excellentes madeiras, tinha 47 palmos de longo e de largo.

A casa de vivenda estava quasi prompta, bem como a de purgar assucar, a do encaixe, e a da distillação de aguardente.

## XIII

## CASA DA AGUARDENTE E LABORATORIO

Destes dois estabelecimentos o inventario especifica machinas, utensis de engenho, instrumentos de lavoura, alambiques, dornas, etc., sem valor historico.

## XIV

## CORTUME

Uma casa de paredes de pedra e cal, um tanto arruinada, servia de cortume.

Suas dimensões não iam além de 6 braças de comprimento sobre 5 de largura.

Completava-a um puchado de páo a pique, ou antes um telheiro, dentro do qual foram encontrados 6 tanques de tijolo para curtir couros, 6 *cutelos* para raspagens, 4 ganchos de ferro, 2 tanques de tijolo descobertos e duas mós de pedra, de seis palmos de diametro.

## XV

## ENGENHO DE ASSUCAR DE ITAGUAHY

Quando a ordem foi extincta, estava em andamento a construcção dessa fabrica.

Toda de pedra e cal, a extensão que se lhe destinou era de treze braças de comprimento e de largo, sendo o vigamento de excellentes madeiras.

Além dos pilares, mencionados na pauta do inventario, outros havia dispostos pela maneira seguinte; a saber: mais 3 de grande diametro e altura na continuação da casa e 14 menores, que serviam de apoio ás vigas da casa de purgar e do seu accrescimo.

Encontraram 2 engenhos de moer canna, 2 bolandeiras de 48 palmos de circumferencia, que



moviam os engenhos e trabalhavam horizontalmente, sustentadas cada uma, do alto do eixo para a parte inferior, por 8 linhas de ferro, um rodete horizontal de 8 1/2 palmos de diametro e 2 cubos de tabuado por onde se conduzia a agua para uma roda.

O instrumento da confiscação dos bens dos jesuitas menciona ainda uma olaria, o gado lanigero e cavallar, muitos utensis de engenho e profusa ferraria, na occasião arrolados.

Na feitoria da serra existiam tres casas cobertas de telhas, das quaes uma servia de paiól e as outras para moradia dos feitores.

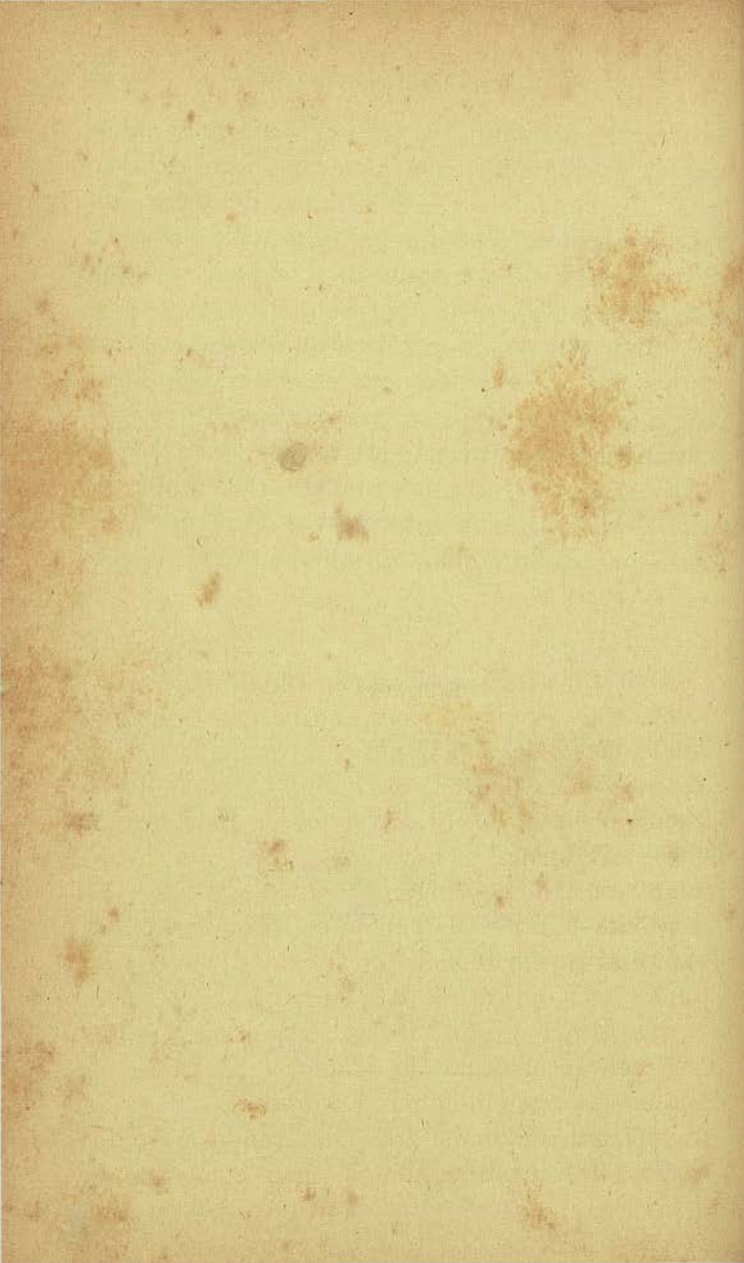
## XVI

### CONCLUSÕES

O magno inventario da fazenda de SantaCruz — depois proprio nacional — termina com a fastidiosa enumeração dos rendeiros e a nota dos generos armazenados.

Como appenso, encontramos a immensa lista dos escravos nascidos e mortos, que escapam á alçada desta chronica.

---



## XIII

# OS ARCHIVOS DA POLICIA

## I

De 1821 a 1825, a cidade do Rio de Janeiro tinha pontos de contacto com alguns dos quarteirões mais perigosos de Londres, principalmente com os de *White-Chapel* e *Drury-Lane*, que se esconde por traz do *Strand* ás vistas mais discretas.

Se excluirmos os escravos, que no Brasil forneciam avultado contingente aos vícios e aos crimes, a *White-Chapel* e a cidade do Rio cotejavam-se na quasi uniformidade dos delictos, isto é, na rapina e no roubo á mão armada.

O que na capital ingleza caminhava com a serenidade habitual de tradição, aqui, devido a elementos completamente diversos, dava aos factos character mais grave, alterando de todo as fórmas dos acontecimentos, mas conservando o

fundo commum desquitado de preceitos, de formulas estabelecidas.

Em *Petticoat-Lane* a população de judeus, maior que a população nacional, encontrava a sua correspondente no Brasil em estrangeiros residentes e immigrados, que naquelles tempos tumultuarios perturbavam por todos os meios a paz interna, já abalada pelas commoções dos partidos.

De ladrões e vagabundos, de celebridades nos *contos do vigario*, e de meretrizes de ultima ralé, guarnecia-se o bairro inglez, do mesmo modo que, disseminadamente, esta capital, accrescendo aqui os escravos e salteadores, para os quaes a policia não poupava vigilancia e rigores.

Admittidas as differenças dos meios, das raças e das condições politicas, observemos, á luz sinistra da mesma lanterna, o Rio de Janeiro de 1825, pelo lado que nos offerecem ao estudo os documentos que temos á vista.

E por elles o que vemos? A perspicacia dos magistrados na repressão dos crimes; a severidade levada ao excesso nas penas dos editaes; as medidas de alta disciplina para garantir o cidadão e o lar.

Roubava-se nos templos, nas praças, nas ruas; o commercio de escravos, que já era pirataria e roubo, augmentava com a mercadoria negra a estatistica dos calabouços, as fezes repellentes das enxovias dos arsenaes e da ilha das Cobras.

A marinhagem depravada e ébria, nos lupana-

res e nas tabernas, soltava baforadas acidas e alcoolicas no rosto lanhado das africanas lubricas, que negociavam nos balcões immundos os furtos de prata e de ouro, que se repetiam sem termo no lar dos incautos senhores.

Dahi o poder discricionario da Intendencia Geral da Policia, a cuja frente, em epochas diversas, acharam-se magistrados da estatura moral do desembargador João Ignacio da Cunha, Paulo Fernandes Vianna e Francisco Alberto Teixeira de Aragão, dos quaes se podem estudar a criteriosa energia e singular atilamento, compulsando os *in-folios* do archivo, que constituem a base profunda e ampla de sua administração.

E, de todos os seus actos, a segurança publica resaltava como objectivo; a tranquillidade externa e privada como premio á paciente conquista sobre elementos impuros e revoltos.

Para que a cidade pudesse dormir, era necessario que a policia velasse; e ella velava a descoberto ou incognita, no esconderijo do moedeiro falso e nos *candoblés* e dansas negras, nos quilombos do mórro de Santa Thereza e nas proximidades dos antros das quadrilhas que assaltavam os domicilios e os viandantes, redobrando a actividade dos agentes no cumprimento dos editaes que preveniam crimes e avigoravam castigos.

« Faço publico que de hoje em diante, até segunda ordem, a nenhum marujo é permittido andar na cidade, ao depois das Ave-Marias, de-

baixo de pena de ser preso e punido severamente, como perturbador do socego publico. »

Este edital de 1822, do desembargador da Casa de Supplicação, João Ignacio da Cunha, intendente geral de policia, estava de acôrdo com o quadro do tempo, em que as apprehensões sobre as garantias individuaes e collectivas encontravam sua razão de ser nas occurrencias temerosas do imprevisto.

Por ordem de sua Magestade o imperador, qualquer individuo pertencente ou não á policia, recebia, em 1825, o premio de quatro mil réis pela apprehensão de um ladrão, e de vinte mil réis pela de um salteador. Em taes casos, a simples denuncia era retribuida depois da captura do denunciado ou da respectiva pronuncia.

O transito na cidade, das nove horas da noite até a madrugada, desafiando suspeitas, era de lei não recusar-se qualquer pessoa ao exame policial, com o fim de se descobrirem occultas armas defesas, instrumentos para abrir portas e roubar casas.

Mil vezes mais assustadora que *White-Chapel* e *Drury-Lane*, que visitamos em Londres, esta cidade apresentava o espectáculo repugnante de todos o crimes, a julgarmos pelos documentos da policia de então, cujos originaes percorremos nesta rapida descripção.

Aos escravos, tornava-se illicito o uso de armas, quaesquer que fossem, ainda mesmo que

não passassem de leves e pequenos páos; não se podia estar parado á noite nas ruas e praças, assoviar, dar qualquer signal, estendendo-se especialmente esta medida aos negrós e homens de cor, que, desde o toque de recolher, deviam achar-se em suas casas ou na de seus senhores.

E os roubos multiplicavam-se, os assassinatos reproduziam-se sem conta, offerecendo ensejo a lendas e tradições curiosas, das quaes vamos narrar duas.

Indo-se de Mataporcos (hoje Estacio de Sá) para S. Christovão, via-se um pequeno arco, que dava passagem ás aguas de um correjo das immedições.

Nesse logar havia tres pontes.

A primeira era conhecida com a denominação de *Aperta a guela*; e recebeu do povo este nome, porque os malfeitores, que assaltavam as lavadeiras e os escravos, que por alli transitavam com cargas, apertavam-lhes as guelas.

A segunda era chamada *Cala a boca*; porque, quando os salteadores atacavam os viandantes, faziam-lhes signal de *calara bocca*, de não gritar.

A esta succedia-se a terceira, a *Não te importes*, originando-lhe a denominação o facto de que, quando os mesmos ladrões seguiam por ella, com os objectos roubados, diziam para quem os olhava : *Não te importes*.

As tres pontes de Mataporcos, de alvenaria e

lagedo, foram mandadas construir pelo rico senhor de engenho Manoel Caetano Pinto.

Não menos interessante que esta tradição é a da *Segunda-feira*, lenda que deu o nome á antiga ponte, e actualmente ao conhecido largo de igual denominação.

Em 13 de Janeiro de 1762, o portuguez Manoel Luiz Vieira arrematou por 7.200,000 os canaviaes do Engenho Velho, que comprehendiam os terrenos das immedições do morro da Babylonia, ao lado de S. Christovão.

Opulentissima fazenda dos jesuitas, nessa immensa propriedade da Companhia elevava-se, ampla e magnifica, uma casa de engenho; havia muitos e valiosos pertences indispensaveis ao fabrico do assucar, animaes e escravos utilizados nos trabalhos da plantação, da limpa e da moagem.

Junto á ponte, depois chamada *Segunda-feira* em tempos remotos, assassinaram um homem, e nesse logar o enterram.

Como ainda se usa, em casos identicos, nos nossos sertões, collocaram-lhe sobre a sepultura uma cruz encravada entre duas pedras, uma caixinha das Almas e, á noite, acendiam uma lanterna.

Essa cruz foi conservada até ha poucos annos, dando disso testemunho pessoas que a alcançaram.

Diante della o viandante que passava desco-



bria-se reverente, rezava um *Padre-Nosso* pelo morto, e depositava o seu obulo para lhe ser applicado em missas e outros suffragios.

É da tradição que, tendo sido o crime perpetrado em *segunda-feira*, e o assassinado enterrado no mesmo dia e logar, o povo, para perpetuar a memoria do terrivel acontecimento, deu ao sitio a denominação de *Segunda-feira*.

Como curiosidade archeologica, convem accrescentar que as casas velhas que alli existem são do tempo do jesuitas, que as mandaram construir para residencia dos principaes *moratores* do seu *engenho-velho*, de fabricar e purgar assucar.

Descriconaria e forte, formulando regulamentos que surgiam espontaneos como corollarios das necessidades publicas, a Intendencia Geral da Policia dilatava a sua autoridade por todo o campo de acção, fascinando com olhar seguro o malfeitor nas furnas e nas estradas, os delinquentes ao pino do sol e aos tinidos da meia-noite.

A vadiagem e a embriaguez á porta das tabernas, a compra a escravos de objectos furtados, importava aos vendilhões a multa de quatro mil réis e a interdicção dos estabelecimentos, e aos pretos a pena de surras nos calabouços.

Para corrigir o criminoso vezo dos taberneiros que, a pretexto de ignorancia da hora prescripta, abriam as vendas muito antes do alvorecer, afim de negociar com bandidos e comprar furtos levados por escravos, o intendente de policia Teixeira

de Aragão, de acôrdo com o ministro da guerra, fez com que, pela primeira vez nesta cidade, se ouvisse o tiro de peça ás cinco horas da madrugada.

Eis o edital que a este respeito encontramos :

« Constando-me que alguns vendeiros e taberneiros desta cidade e seus suburbios têm pretendido illudir a disposição do artigo 7º, do edital de 3 de Janeiro passado, abrindo as suas vendas e tabernas muito antes de amanhecer, pretextando a falta de declaração da hora a que devem abrir-se ; declaro, para evitar futuras duvidosas interpretações, que a hora para se abrirem aquellas casas se entende a de alvorada, que se annuncie pelo tiro de peça, ficando por consequencia, incursos na pena do mencionado artigo os que antes disso as abrirem, por ser esta a intelligencia que merece aquelle artigo, combinado com o 3º, do mesmo edital. Registre-se esta, e se publique como convier.

Rio de Janeiro, 12 de abril de 1825. — *Aragão.* »

Do mesmo magistrado, cujo nome se tornou popular ás vozes metallicas de um sino, é o seguinte artigo do celebre edital de 3 de Janeiro de 1825, de que igualmente possuímos o autographo :

« Depois das dez horas da noite, no verão, e das nove no inverno, até a alvorada, ninguem será isento de ser apalpado e corrido pelas patrulhas de policia, e ainda antes dessa hora, havendo suspeitã; e, para que todos saibam serem dez

horas da noite, no verão, e nove, no inverno, o sino da igreja de S. Francisco de Paula e o do convento de S. Bento dobrarão por espaço de meia hora, sem interrupção, para não se allegar ignorancia.

As patrulhas se hão de dar as precisas instrucções, para que não se abuse desta medida, nem se adopte para com as pessoas notoriamente conhecidas e de probidade. »

E dahi em diante chamou-se o sino de S. Francisco de Paula, que tocava a recolher — *o sino do Aragão*.

## I I .

Do mesmo modo que o silvado da acauã espanta as serpentes e as tarantulas no lodo dos brejaes, os acontecimentos da Independencia revolviam mais impetuosos os elementos perversos e perturbadores da cidade, coagindo a policia a lançar mão de recursos extremos contra revoltas latentes e criminosos de todas as classes.

A cadeia do Aljube, as enxovias dos arsenaes e os calabouços pareciam estreitos para essa vegetação humana que lastrava temerosa, espalhando o sobresalto e as depredações entre a população honesta, tranquillã e laboriosa, que tinha tudo a temer, a receiar.

A Intendencia Geral da Policia, activa e vigilante, seguia no encalço dos delinquentes, não

sendo absolutamente estranha as causas da criminalidade crescente, ao conhecimento quasi directo dos individuos e das camadas que constituiam o numeroso exercito do mal.

As dissensões politicas, a conflagração dos partidos, a anarchia geral, que tinha por séde o Rio de Janeiro, encontravam no escravo e no bandido os instrumentos mais afiados aos seus golpes traiçoeiros, desviados em parte pelas denunciaes á Intendencia, cujas providencias accentuavam-se, muitas das quaes por ordem superior.

Como nota do tempo, como preludio de acontecimento um mez mais tarde a realisar-se, eis um documento que concorre para caracterisar uma época agitada, em que as paixões politicas exploravam os instinctos irresponsaveis da escravidão, para mostrar-lhe o berço vasio da liberdade.

« Manda S. A. o principe regente, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, remetter ao intendente geral da policia a representação inclusa de Eugenia Maria da Incarnação, em que expõe a necessidade de tomar o governo medidas rigorosas contra os que pretendiam perturbar á tranquillidade publica, seduzindo para isso os escravos com promessas de liberdade. Palacio do Rio de Janeiro, em 5 de Agosto de 1822. — *José Bonifacio de Andrada e Silva,* »

Sitiada em todos os pontos, como ficou demonstrado no precedente capitulo, pelo turbilhão revolto dos crimes e da canalha, a Intendencia da

policia, desde o primeiro instante da Independencia teve de lutar contra um inimigo occulto que tentava solapar as novas instituições, e para salvar a segurança publica tornou-se mister a imposição de violentos alvitres, lançar mão de outras armas, com o fim de soprehendel-o de emboscada.

Emquanto as estalagens davam guarida aos scelerados e viciosos; as *mulheres de mantilha* partejavam, rezavam de quebranto e de máo olhado, semeando a superstição, alcovitando e levando a intriga ao seio das familias; as quadri-lhas arregimentadas e os ladrões dispersos punham em risco o cidadão e a cidade: a policia desper-sava forças na captura dos réos, naquelle instante avultados em quantidade pelos estrangeiros adversos ao imperio que acabava de ser fundado.

Para os perturbadores da ordem social, para os machinadores anonymos, refractarios á liberdade brasileira, a attenção policial volvia-se incessante e energica, dando-nos disso conta os editaes e portarias, cujos originaes compulsámos, restaurando dest'arte uma quadra historica, a physionomia do Rio de Janeiro de 1821 á 1825, periodo a que limitamos as nossas investigações

« Sendo preciso, em circumstancias extraordinarias, dar tambem providencias extraordinarias; tendo-se deliberado hoje em conselho, por unanime parecer dos ministros de Estado, que era de absoluta necessidade o fazer sahir, quanto antes,

desta capital algumas pessoas muito suspeitas na opinião publica, como contrarias á causa do Brasil e fomentadoras de partidos, de que ellas mesmas eram victimas : Manda S. A. R. o principe regente, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, que o desembargador do paço, intendente geral da policia, mande logo pôr em custodia, na fortaleza de Santa Cruz, a João Antonio Barroso, Domingos Alves Loureiro, João Baptista da Silva, escrivão da mesa grande da Intendencia da marinha, Antonio Joaquim de Azevedo Feio, intituado morgado de Assentis, João Antonio de Siqueira, cirurgião, João Pereira Ramos, conhecido pelo nome de *Cavaquinho*, Domingos José de Freitas e José Maria de Lacerda : ficando elles na intelligencia de que devem dalli embarcar para a Europa nas primeiras embarcações que sahirem deste porto. Palacio do Rio de Janeiro, em 10 de Setembro de 1822. — *Caetano Pinto de Miranda Montenegro.* »

E nem só a individuos de baixa condição, a desclassificados, estendia a possante garra a policia da Intendencia ; conscia de suas responsabilidades e dirigida por um soberano de vontade tenaz e de qualidades de homem de governo, a justiça e a lei irmanavam-se em suas applicações variadas, deixando por terra tibiezas de acção, considerações pessoaes para com os transgressores delinquentes.

As medidas de salvação publica e os interesses

patrios, acima de sentimentalidades culposas e glorias ephemeras, dominavam nessa phase anormal de nossa vida independente, constituindo esse proceder um exemplo administrativo, proprio dos governos fortes e subidamente patrioticos.

E não eram illustres obscuros o traductor da *Eneida* de Virgilio e seu companheiro, lançados para fóra do Brasil depois de permanecerem no segredo das fortalezas, como consta da seguinte portaria, registrada nos archivos da policia :

« Constando a S. M. imperial que Bernardo Pires da Silva e Antonio José de Lima Leitão, chegados a esta côrte nos dias 16 e 20 do corrente mez, a bordo da galera *Flor de Cintra* e do navio *Principe Regente*, vindos de Moçambique, como deputados pela India portugueza ás côrtes de Lisboa, além de serem geralmente havidos por inimigos do Brasil, são geralmente conhecidos por anarchistas e revolucionarios : Manda o mesmo augusto senhor, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, que o desembargador do paço, intendente geral da policia, os faça pôr, sem perda de tempo, em custodia, numa das fortalezas deste porto. Palacio do Rio de Janeiro, em 23 Janeiro de 1822. — José Bonifacio de Andrada e Silva. »

Naquelles dias sombrios, naquella atmospherá quasi irrespiravel de perversidades e de odios, a vigilancia da autoridade correccional desarmava por vezes o braço do assassino, fazendo recuar até as enxovias infectas os malfeitores e escravos, que

aproveitavam os agrupamentos das tabernas e as trévas dos caminhos, para a expansão ensanguentada de designios ferozes.

Por outro lado, muitos dos que haviam trabalhado pela Independencia bandeavam-se em partidos, em pequenos conciliabulos, revolvendo o fundo negro dos sentimentos máus e perturbadores, desencadeando, mais do que nunca, a anarchia que ameaçava abalar o throno, sobre o qual arderia isolado o facho da revolução, cujas faiscas ateariam de prompto o incendio no sul e no norte.

A esses manejos assustadores alliavam-se, com outros intuitos, os portuguezes, despeitados por lhes ter escapado a preza da colonia, a posse de um Eldorado de riquezas faceis, de grandezas jámais sonhadas em sua terra natal.

Não obstante, porém, este quadro colorido dos reflexos vivos dos documentos, a Intendencia pairava por sobre os acontecimentos, calma e insuspeita, tendo para moderar-lhe os comprometedores zelos, a autoridade do imperador, que responsabilisava-se impenitente por suas faltas, mas não endossava as alheias.

Para comprovar a asserção, eis o que a respeito se lê no *Registro da Intendencia Geral da Policia* :

« O Dr. Estevão Ribeiro de Rezende. Faço saber a todos os habitantes desta capital, que os nossos inimigos internos, procurando por todos os meios perturbar de dia em dia a paz e tranquillidade



publica, com o sinistro fim de atacar o throno e o governo estabelecido, e de promover a anarchia, para ter logar o roubo, a rapina, a vingança e todos os horrores inseparaveis da falta de obediencia e respeito á lei, ao monarcha e ás autoridades constituidas; e convindo, a bem da segurança publica, fazer desaparecer a suggestão que os perversos intentam incutir nos animos dos incautos cidadãos por incendiarias e vagas proclamações que occultamente espalham por esta cidade e seus suburbios : declaro que qualquer pessoa que, na minha presença, vier denunciar quem são os autores das ditas proclamações, e os agentes que as espalham, receberá immediatamente o premio de 400\$, comtanto que se verifique a denuncia, na certeza que esta ficará em segredo e que o seu nome não será publicado. E para que chegue a noticia a todos, mandei affixar o presente edital. Rio de Janeiro, aos 20 de Novembro de 1823. — *Estevão Ribeiro de Rezende.* »

Tendo sciencia deste edital, que poderia na occasião transformar-se em espada de dois gumes, D. Pedro I., dando a mais bella mostra de caracter, retira da Intendencia Estevão Ribeiro de Rezende, neutralizando-lhe a imprevidencia e falta de criterio com a seguinte portaria, que consubstancia altos principios de administração e de justiça :

« Chegando a noticia á S. M. o imperador que, em alguns logares publicos desta capital, se acham

affixados editaes, nos quaes o conselheiro intendente geral da policia fazia constar que recebia denuncias secretas contra os autores e publicadores de proclamações incendiarias e desorganizadoras, e desejando o mesmo augusto senhor que todos gozem dos beneficios dos liberaes principios do systema constitucional que tem adoptado: Manda pela Secretaria de Estado dos Negocios da Justica, desaprovar mui positivamente aquella medida, que, abrindo uma porta franca ao resentimento de falsos denunciantes, perversos e calumniadores, faz vacillante a segurança e tranquillidade dos cidadãos, que o mesmo augusto senhor deseja fervorosamente conservar e manter neste imperio, e que tanto tem recommendado a todas as autoridades e empregados publicos. Palacio do Rio de Janeiro, em 26 Novembro de 1823. — *Clemente Ferreira Fança.* »

E as prisões effectuavam-se innumeradas, a maré dos crimes transbordava na cidade, e as deportações de portuguezes, não adhesistas á causa do Brasil, serviam de lastro ás embarcações que partiam deste porto em demanda da Europa e da America.

Apezar de tantas medidas de rigor, estrangeiros e brasileiros conspiravam resolutos, os crimes multiplicavam-se, contornados pela onda negra da escravidão, que arrebentava, ensanguentada e moribunda, contra os pelourinhos e o horrendo supplicio das cadeias.

## III

Na vasta collaboração dos crimes, no torvelinho dos delictos em que se debatia esta cidade, a acção penal da Intendencia da Policiaurgia que se manifestasse, corrigindo males que se tornariam insuperaveis a repressões tardias.

Assim como não se póde impedir que os seculos tenham cem annos e as andorinhas emigrem ás approximações do inverno, os crimes do toda a especie commettem-se fatalmente, importando apenas saber se a lei os previne e a justiça publica cumpre o dever de punir, segundo a culpabilidade dos individuos e o interesse social.

A vagabundagem estrangeira, que infestava a cidade, tornava-se, nos calamitosos tempos da Independencia um flagello a debellar, desafiando a Intendencia Geral da Policia a exercer suprema vigilancia sobre ella, que, além de servir de combustivel á vezania politica, avigorava a rapina e o roubo, o assassinato e a libertinagem, que se disseminavam por toda a parte em proporções assustadoras.

Mistura de raças, a população desta capital constituia-se de caracteres disparatados, produzindo, no conjuncto ou separadamente, delictos e crimes, alguns dos quaes ignorados entre outros povos.

Neste caso estavam o de vender pessoas livres,

o furto de escravos, as associações de negros fugidos, formando quilombos, e a capoeiragem, exclusivos do Brasil, e que eram factos vulgarissimos no Rio de Janeiro, como vemos consignados na historia, na legislação e nos archivos da policia.

Na categoria dos delictos que ameaçavam a segurança publica, o da vagabundagem encontrava na policia uma muralha ao seu reprovado exercicio, sendo desde o primeiro instante attingido em seus effectos pelo ataque directo ás causas determinantes.

As portarias, os regulamentos e os editaes a respeito succediam-se, emanados quasi todos da Intendencia, que tendo sob sua tutella a paz social, figurava em muitos-casos como autoridade administrativa, judiciaria e municipal.

Como o fim de proteger a ordem publica e para punir os attentados á sua conservação, é curioso de lêr-se o edital em seguida, que não só demonstra distincta energia, mas ainda a valiosa protecção inicial que anima o trabalho.

« Todas as pessoas, portuguezas ou de qualquer outra nação, que a este porto chegarem sem meios de subsidios e quizerem entregar-se a trabalhos uteis, ou formar algum estabelecimento em qualquer parte da provincia, compareçam na Intendencia Geral da Policia, para ahi se lhes dar applicação necessaria e que mais lhes convier, prestando-se-lhes igualmente os auxilios que para isso forem precisos. E todo aquelle que assim o não fizer e

for encontrado sem modo de vida honesto e decente, será reputado vadio e como tal processado, na forma da lei. E para que a noticia chegue a todos, mandei passar o presente edital. Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1822. — *João Ignacio da Cunha.* »

Não obstante a intervenção benefica e represora da autoridade, a onda montante dos crimes avoluma-se latente como o ruido surdo de um terremoto, motivando denunciaes que alvoroçavam os agentes na captura dos réos, acoutados em verdadeiros antros de conspirações perversas e de criminalidade inaudita.

Organisadas como a *Camorra*, as quadrilhas de ladrões refugiavam-se nas estalagens e em casas habitadas por muitos moradores, de onde, espreitando o silencio da noite, sahiam á cata do imprevisto e dos assaltos a horas mortas.

« Manda S. A. R. o principe regente, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, que o desembargador do paço, intendente geral da policia, faça prender todos os individuos que forem achados em umas lojas por baixo de um sobrado n. 85, na rua da Misericordia, afim de se indagar da sua conducta e emprego, porquanto ha desconfiança de que é uma quadrilha de ladrões. E caso encontre entre os ditos individuos algum soldado, o deverá remetter logo ao corpo a que pertencer, onde será conservado preso, até que se decida dos outros. Palacio do Rio de Janeiro, 7 de Setembro

de 1822. — *Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho.* »

Fazendo côro com o que aqui se passava, illustrando uma galeria criminal completamente á parte e brasileira, os capoeiras abriam lucta franca com a policia, a quem davam combate, na vertigem dos ferimentos e assassinatos praticados á luz do sol, entre si, constituidos em maltas, ou em aggressões gratuitas ao tropel das correrias.

Esta classe de malfeitores, quasi sempre escravos, exercitava-se em seu jogo de agilidade incrivel nas torres das igrejas, em terrenos devolutos e em alguns dos morros da cidade, de onde, como um temporal, abatiam-se em diversas maltas, levando diante de si multidões e policiaes, que difficilmente os empolgavam, não sendo raros os que morriam.

Como na antiga jurisprudencia criminal, as penas estabelecidas pela policia eram simples e logicas em suas atrocidades, e os meios empregados correspondiam ao fim, que era intimidar e fazer soffrer.

Sobre o assumpto, e como subsidio á nossa historia do direito, é digna de leitura esta representação da Commissão Militar, mandada pôr em vigor pelo principe regente, por portaria do ministerio da Guerra, de 5 de Dezembro de 1821.

« Illm. Exm. Sr. — Tendo a Commissão Militar, que exerce o governo das armas desta côrte e provincia, reconhecido a necessidade urgente de serem castigados publica e peremptoriamente os

negros capoeiras presos pelas escoltas militares em desordens, e reprovado inteiramente o systema seguido pelo intendente geral da policia, de os mandar soltar, uma vez que não tenham culpa formada em juizo, do qual resulta damno a seus senhores, que são obrigados a pagarem as despezas da cadeia, e uma perturbação continua á tranquillidade e socego publico, e até á segurança da propriedade dos cidadãos ; visto que pela falta do castigo de açoutes, unico que os aemoriza e aterra, se estão perpetrando mortes e ferimentos, como tem acontecido ha poucos dias, que se tem feito seis mortes pelos referidos capoeiras, e muitos ferimentos de facadas : e havendo a mesma commissão militar tomado todas as medidas, que estão da sua parte, não é possivel que se preencham os fins a que attende sem que se tome a que fica apontada, como unica que pode concorrer para o bom resultado que convem ; como porém o referido intendente, ou por falta de energia, ou por não estar bem ao alcance das perigosas consequencias, que devem esperar-se de tratar por meios de brandura a aquella qualidade de individuos : Lembra a commissão militar a V. Ex<sup>a</sup>. que, quando seja do agrado de S. A. R., pode commetter-se a disposição daquelles castigos ao coronel commandante da guarda real da policia afim de effectuarem logo que os pretos forem presos em desordem, ou com alguma faca, ou instrumento suspeito, porque com tal medida apparece o exemplo publico, e aos senhores dos

escravos a vantagem de não pagarem as despezas da cadeia, que nada concorre para a emenda dos escravos, que não attendem a este prejuizo, por lhes não ser sensivel. S. A. R. porém á vista do exposto determinará o que julgar mais justo, e em beneficio do bem publico — Deus guarde a V. Ex<sup>a</sup>. — Quartel General da Guarda Velha, 29 de Novembro de 1821 Ill<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup>. Sr. Carlos Frederico de Paula. — Jorge de Avillez Zuzarte de Souza Tavares, Verissimo Antonio Cardoso, Francisco Saraiva da Costa Refoios, Simeão Estellita Gomes da Fonseca. »

Esses echos de barbaria resultavam de entrechocar das conchas da balança em que a Justiça do tempo pesava o bem e o mal, proclamando um direito terrivel mas necessario para proteger a ordem social.

Punindo inexoravel os escravizadores de gente livre, perseguindo os ciganos errantes e sedentarios no caminho dos delictos e do crime, foram ainda actos opportunamente realizados pela *Intendencia*, cujos registros encontrámos nos *in-folios* da policia.

Subordinados á categoria de criminosos locaes, de delinquentes sem similares fora do paiz, os escravos fugidos, nos reductos dos quilombos, apavoravam a cidade, reclamando das autoridades especiaes concisas providencias, para impedir-lhes a permanencia e aprisionar os grupos.

E cada montanha da cidade, coroada dessas



associações de malfeitores negros, que espalhavam nas redondezas a pilhagem e o roubo, tomava, á noite, o aspecto sinistro de um povoado de sombras salpicadas de raros clarões de achas de fogo, furtivamente accesas no mais recondito da brenha.

Datada de 19 de Setembro de 1823, encontra-se nos archivos da policia uma curiosa portaria do ministerio da Guerra, ordenando ao general das armas a prestar ao brigadeiro commandante da policia, Miguel Nunes Vidigal, auxilio de tropa de caçadores, por elle requerida, para o fim de fazer destruir um quilombo, existente nas visinhanças da cidade, recommendando-se-lhe na diligencia o maior segredo.

No dia seguinte, mais de duzentos negros, entre mulheres, homens e crianças, alguns quasi nus e outros vestidos de pennas, buzios e missangas, desciam escoltados do morro de Santa Thereza, acompanhando-os jactancioso em seu cavallo, o famoso Vidigal, o celebre Javert das chronicas do tempo, immortalizado por Manoel de Almeida nas *Memorias de um sargento de milicias*.

E nos calabouços, e nos pelourinhos prolongava-se o supplicio das surras, o martyrologio da escravidão.

---



# CORRIGENDA

---

PAG.	LIN.	ERRO	EMENDA
IX	8	e no	no
XXII	17	as sombra	as sombras
55	16	as comezainas	ás comezainas
89	21	seu	seus
94	6	A noite	A' noite
113	13	ora	oral
127	26	E elle	E' elle
145	21	tantos	e tantos
154	16	as accusações	ás accusações
155	9	el-rei, de	de el-rei.
161	7	ás corveta <i>Carrasco</i> e da taboas da <i>Mercurio</i>	ás taboas da corveta <i>Carrasco</i> e da <i>Mer-</i> <i>curio</i>
165	14	A dissolução	A' dissolução
209	22	vista.	visita.
213	1	A luz	A' luz
268	6	consagrou-he	consagrou lhe
272	19	descansada.	descançado.
276	29	curandeiro	de curandeiro
283	16	verdeiramente	verdadeiramente
356	19	imediatamente	imediatamente
395	12	<i>moratores</i>	moradores
401	30	as enxovias	ás enxovias
410	13	de entrechocar	do entrechocar

CONFIDENTIAL

67-R-05



